

Experiência espiritual
de
Henrique de Ossó

Gloria Rodríguez, s.t.j.

Silvia M^a.Casado, s.t.j.

EDICIÇÕES STJ

ABREVIATURAS

DOS ESCRITOS DE SANTO HENRIQUE DE OSSÓ

AMS	APONTAMENTOS DAS MISERICÓRDIAS DO SENHOR
C	CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS
CH	QUARTO DE HORA DE ORAÇÃO
DJ	DEVOTO JOSEFINO
D15	DIA 15 DE CADA MES
EE	EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS SEGUNDO SANTO INÁCIO
GC	GUIA PRÁTICO DO CATEQUISTA
LT	ESCOLA DE SANTA TERESA DE JESUS
MCJ	UM MÊS NA ESCOLA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
MM	MARIA AO CORAÇÃO DOS SEUS FILHOS
NES	NOVENA AO ESPÍRITO SANTO
NMI	NOVENA À IMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA
PE	PLANO DE ESTUDOS DA COMPANHIA
RHM	REGULAMENTO PARA A ARQUICONFRARIA TERESIANA
RR	REGULAMENTO PARA O REBANHITO DEL MENINO JESUS
RT	REVISTA TERESIANA
RT-EE	REVISTA TERESIANA: ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO E ENSINO
RT-O	REVISTA TERESIANA: ARTIGOS SOBRE A ORAÇÃO
RT-STJ	REVISTA TERESIANA: ARTIGOS SOBRE A COMPANHIA
TF	TRES FLORINHAS À VIRGEM MARIA DE MONTSERRAT
TFS	TRIBUTO AMOROSO (A S. FRANCISCO DE SALES)
TJ	TESOURO DA JUVENTUDE
TN	TESOURO DA INFÂNCIA
VJ	VIVA JESUS!

OUTRAS ABREVIATURAS

AGSTJ	ARQUIVO GERAL DA COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS
E	ESCRITOS DE HENRIQUE DE OSSÓ
MO	MÃO DE OURO. HENRIQUE DE OSSÓ, SACERDOTE E TERESIANISTA
PAT	PROCESSOS APOSTÓLICOS DE TORTOSA
PIB	PROCESSO INFORMATIVO DE BARCELONA
PIT	PROCESSO INFORMATIVO DE TORTOSA

ÍNDICE

ABREVIATURAS	7
INTRODUÇÃO	13

I. EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL DA INFÂNCIA À ORDENAÇÃO SACERDOTAL

1. EXPERIÊNCIA DE FÉ

1. Ambiente religioso	19
1.1 Clima de piedade	19
1.2 Cultura cristã.....	20
2. Ambiente familiar.....	21
2.1 "Filho da Igreja"	21
2.2 "O meu avô materno era santo"	22
2.3 "Coube-me em sorte uma piedosa mãe"	23
2.4 "Pais religiosos ensinaram-me o temor de Deus"	24
2.5 "Dotado de alma boa"	25
3. Primeiras decisões	25
3.1 "Adora a Deus, meu filho"	25
3.2 "Pensai nas coisas eternas"	26
3.3 "Morra o pecado!"	27
3.4 Um coração contrito	28
3.5 Morar em Deus	28
3.6 "Afunde-se o mundo antes que ofender a Deus"	29

2. EXPERIÊNCIA VOCACIONAL

1. Chamamento	31
1.1 Um projecto e três alternativas.....	31
1.2 "Também eu o quero"	32
2. Discernimento	33
2.1 Onde poderá descansar o coração?	33
2.2 "Movem-no a glória e o serviço de Deus".....	34
2.3 "Parto, não temais"	35
2.4 "Desapegai o coração e o encontrareis"	35
3. Em busca da identidade.....	36
3.1 "Ermitão ou missionário?"	37
3.2 "Em Montserrat descobri a vocação"	37
3.3 Apóstolo mariano em "oferenda de gratidão"	38

3. EXPERIÊNCIA FORMATIVA

1. Seminarista.....	41
2. Programa formativo.....	42
3. Como Jesus	44
4. Em clave evangélica.....	44
4.1 “Vida oculta”	45
4.2 Critérios de Nazaré	46
5. Como obedeceu	46
5.1 Entrega de fé.....	47
5.2 Deixar-se acompanhar.....	47
5.3 Discernimento contínuo	48
6. Como trabalhou	49
6.1 Estudos académicos.....	49
6.2 "Com todo o afinco"	52
6.3 Afeições literárias	53
6.4 "Todo o caudal ao serviço"	55
7. Como orou	56
7.1 Vida de piedade	57
7.1.1 Oração mental.....	57
7.1.2 Leitura espiritual.....	58
7.1.3 Rosário.....	59
7.1.4 Exames de consciência e retiros.....	60
7.1.5 Exercícios espirituais	62
7.2 Devoções	63
7.2.1 Santíssima Trindade.....	64
7.2.2 Coração de Jesus	64
7.2.3 Jesus Menino	65
7.2.4 Maria Imaculada.....	65
7.2.5 S. José	66
7.2.6 Santos.....	67
7.2.7 Anjo da Guarda.....	68
7.3 Vida sacramental	69
7.3.1 Graça baptismal	69
7.3.2 Sacramento da misericórdia	69
7.3.3 Amor eucarístico	70
– Missa.....	70
– Comunhão.....	71
– Visitas ao Santíssimo	72
7.4 Amizade com Jesus Cristo	72
7.4.1 Experiência de amizade.....	72
7.4.2 Trato com Jesus	74
7.5 Zelo pelos interesses de Jesus	76
7.5.1 “Fogo vim trazer à terra”.....	76
7.5.2 Contemplação e compaixão	78
7.5.3“Quero que se acenda e arda”.....	78

4. EXPERIÊNCIA DE CONSAGRAÇÃO E MISSÃO

1. Ordens menores e subdiaconado.....	81
1.1 S. José, guia e modelo	82
2. Exercícios espirituais.....	82
2.1 Ser como Jesus no coração.....	83
2.2 Refletir Jesus em tudo.....	83
2.3 “Templo e Ministro”	84
3. De subdiácono a sacerdote	86
3.1 Professor no seminário	86
3.2 Comerciante.....	87
3.3 Diácono	87
4. Sacerdote para sempre.....	88
4.1 “Consagremos tudo a Jesus pelas mãos de Maria”	89

II. EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL E APOSTÓLICA DOS PRIMEIROS ANOS DE SACERDÓCIO

5. EXPERIÊNCIA APOSTÓLICA E PROFÉTICA

1. Desmorona o edifício social.....	93
1.1 Revolução anticlerical	93
1.2 “Os males da Espanha”	94
2. Reconstruir a sociedade para Cristo.....	96
2.1 Visão de fé	96
2.1.1 Contemplar e amar a realidade.....	96
2.1.2 Denunciar a injustiça e anunciar o Reino	99
2.1.3 Interceder e organizar	100
2.2 Resposta eficaz	101
2.2.1 Catequista com as crianças.....	102
2.2.2 Missionário com os jovens e necessitados.....	104
2.2.3 Mestre e pastor com as massas	106

6. EXPERIÊNCIA ECLESIAL

1. “Eu vi o Papa”	109
2. Época de restauração	111
2.1 Verdade e liberdade.....	111
2.2 Autoridade e poder.....	113
2.3 Infallibilidade e adesão.....	114
2.4 Apoio incondicional	115
3. “Sou filho da Igreja”	117
3.1 Amar a Igreja.....	118
3.2 Crer na Igreja	119
3.3 Defender a Igreja	120
3.4 Obedecer à Igreja.....	121
3.5 Trabalhar pela Igreja.....	122
3.6 Honrar a Igreja.....	123
4. Maria, Mãe e Rainha	124

7. EXPERIÊNCIA TERESIANA

1. A graça teresiana	127
1.1 Preparação para o encontro	128
1.2 O lugar do encontro	129
1.3 Que sucedeu em 1872?.....	130
1.3.1 Antes, um trato de amizade.....	131
1.3.2 “O amor é uma seta”	132
1.3.3 "Roubaste-me o coração"	133
1.3.4 "Converti-me com teus escritos..."	133
1.3.5 "Enamorei-me ao ver o teu coração..."	135
1.3.6 O coração dilata-se	137
1.4 Amor para que nasçam obras	138
1.4.1 “Poucas palavras e muitas obras”	139
1.4.2 Obras como “dívida de gratidão”.....	140
1.5 “A maior honra de Teresa de Jesus”	140
1.5.1 “Irei venerar o coração da minha Amada”	141
1.5.2 Todos cabem no coração de Santa Teresa.....	142
1.5.3 Dar-lhe muitos corações.....	142
1.6 Amor a toda a prova	143
1.6.1 O amor só descansa na união	144
2. O coração de Santa Teresa	144
2.1 Jesus e Teresa, um só coração	145
2.1.1 Amor e sacrifício	145
2.2 “Dá-me um coração semelhante ao teu”	146
2.2.1 “Viver e morrer de amor”	146
2.2.2. “Fogo vim a trazer ao mundo”	147
2.2.3 “O amor não é amado”	147
2.2.4 “Morrer ou padecer”	148
2.3 Caminho de imitação.....	148
2.4 Quem pudesse ser transverberado!	149
3. Teresianismo	150
3.1 Com o espírito de Teresa.....	150
3.2 Quem é Teresa de Jesus?.....	151
3.2.1 A Santa de coração grande.....	151
3.2.2 A Santa da atracção	153
3.2.3 As afeições de Teresa de Jesus	154
3.2.4 Fortaleza e grandeza de ideais	154
3.3 Espírito de oração e zelo	155
3.4 Sentido do teresianismo	156
3.4.1 Dimensão pessoal.....	157
3.4.2 Dimensão social	157
4. A Companhia de Santa Teresa de Jesus.....	158

III. DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL DO FUNDADOR AO CARISMA DA FAMÍLIA TERESIANA

8. A NOSSA EXPERIÊNCIA

1. Uma releitura do carisma	163
1.1 Caminho espiritual de Henrique de Ossó	164
1.1.1 "Conformar a vida com a de Cristo"	164
1.1.2 "Com Teresa de Jesus"	165
1.1.3 "Este, é o meu estilo de orar"	166
1.1.4 "Conhecer e amar Jesus Cristo"	166
1.1.5 "Para o fazer conhecer e amar"	166
1.1.6 "Meu único desejo: servir e louvar"	167
1.1.7 Determinado a "vencer ou morrer"	168
1.1.8 Fiado da tua Palavra.	168
1.1.9 Com Maria e José	168
1.1.10 Como Jesus	169
2. Fidelidade criadora	169
2.1 Horizontes culturais	171
2.1.1 Compreender	172
2.2 Memória do passado e escuta do presente	173
2.2.1 Contextualizar e dialogar	174
2.3 As fontes e a Fonte	175
2.3.1 Recriar	175
 BIBLIOGRAFIA	 176

A espiritualidade de uma família religiosa brota da experiência do seu fundador, como de uma fonte.

Por *experiência* entendemos essa realidade complexa, que abrange toda a pessoa. Compreende tendências, desejos e valores, que se tornam *experiência* ao serem conscientemente vividos, numa dada situação histórica. O qualificativo *espiritual* acentua a perspectiva deste estudo, isto é, o encontro entre a pessoa e Deus.

A pretensão de nos aproximarmos da *experiência espiritual de Henrique de Ossó* significa querer assomar-nos às mediações, através das quais se foi dando o diálogo vital entre Deus e ele. Não foi somente um trabalho intelectual, mas um percurso onde predominou a escuta. Aproximámo-nos dos seus escritos com atitude filial e fomos vislumbrando algumas luzes. Iluminaram-nos para olhar como as pessoas e os acontecimentos se dispunham ao amor divino, na trama da própria vida. As pistas descobertas ajudaram-nos a compreender melhor, em Henrique, o sentido da vida apostólica, nascida de profundas convicções e arvorada em obediência ao Espírito.

Julgamos que esta aproximação foi uma experiência de vida, cujo resultado oferecemos como mais uma releitura deste tesouro espiritual, dom para a Igreja e, especialmente, para a família teresiana.

No **capítulo primeiro**, examinamos os *dados familiares e ambientais* da infância de Henrique de Ossó, em relação à sua fé e religiosidade. Uma vez mais constatamos a importância da primeira idade e das influências recebidas, nela, para o desenvolvimento de uma vocação. As experiências infantis deixam uma profunda marca e são o substrato com que se constrói a personalidade, em todos os aspectos, e também no religioso. Do tesouro desta experiência, Henrique irá descobrir a força da mulher como educadora da família e da sociedade cristã.

No **segundo capítulo**, destacamos a decisão determinante de optar por Deus: "*Desmorone-se o mundo antes que ofender o meu Deus, porque devo mais a Ele que a ninguém*". Com a força da expressão teresiana, que Henrique adota, declara a determinação de entrar pelo caminho do seguimento de Jesus Cristo. É uma opção vital que marca o fim de uma adolescência, rápida e intensa. Na base, está uma experiência de discernimento sobre as falsas promessas de felicidade que oferece uma vida dedicada à busca de prazer e acumulação de riquezas. As acções que se seguem falam de uma firmeza inquebrantável. Henrique oferece-se a Jesus, na obscuridade da fé, com um

desprendimento total. No caminho da *conversão*, Maria foi a estrela que iluminou a sua *vocação*. É a Mãe Imaculada, protectora e mediadora, a porta da sua espiritualidade.

O **terceiro capítulo** é o mais amplo. Nele acompanhamos a resposta ao dom da vocação. Deus chama Henrique e faz-lhe saber que o quer para Si: será seu sacerdote. Ele responde, empenhando-se na sua formação, com toda a responsabilidade e alegria, nas circunstâncias mais adversas. Forma-se, para ser consagrado, no *silêncio e humildade*, a exemplo de *Jesus, Maria e José*, na *vida oculta*. *Ser todo de Jesus* é a perspectiva que unifica as distintas acções realizadas, enquanto seminarista, em obediência à vontade de Deus. A oração e o estudo são meios privilegiados no seu processo de cristificação. Será um sacerdote *santo e sábio*. À luz da amizade, busca o encontro diário com o Amigo e responde-lhe com as obras, que vai realizando por Ele. Desenvolve uma vida de piedade, tal como era usual no seu tempo, à base de práticas devocionais e obras de zelo. As actividades apostólicas já evidenciam os rasgos que hão-de sobressair: a compaixão pela infância, os pobres e as pessoas mais débeis; serve-os, através da educação, como forma de concretizar o seu amor. Começa a despontar o seu carácter prático e realista, sensível às necessidades sociais, marcado por um grande sentido de pertença à Igreja. Movido pelo amor e *zelo pela glória de Deus*, foi forjando a sua identidade de *mestre e apóstolo de oração*.

O **capítulo quarto** é o vértice do anterior. A consagração à ordem sacerdotal aparece como meta do período formativo. Em torno dela, destacam-se os *exercícios espirituais do subdiaconado*, onde experimentou a confirmação da vontade de Deus. Neles recebe, como graça, o matiz do seu cristocentrismo: “*Aprende de Mim, que sou manso e humilde de coração*”. Da experiência na consagração sacerdotal não restaram palavras escritas: fala o silêncio, fala a fé e manifesta-se na alegria dos acontecimentos. Com a ordenação, fecha-se uma etapa longamente preparada. Quando recorda esta vivência, encontra a força da presença materna. Com ele, estão Micaela e Maria, a Mãe do céu.

O **capítulo quinto** tem como centro o início do seu sacerdócio. Com Maria, dispõe-se para lutar contra o ambiente de impiedade e descristianização, em convulsão, na sociedade. Os cinco primeiros anos de sacerdócio representam o amadurecimento de uma *visão da situação social, política e religiosa*, onde se vai revelando como *pastor*. Henrique irá encontrar o meio de ser professor, não somente na cátedra de Física e Matemática, mas da sociedade inteira, e assim, irá entrar no campo do jornalismo, tornando-se escritor. A sua *vocação profética* culminará com *O Solitário* que gritará, qual outro Jeremias, denunciando a gravidade dos males, e apontando esperançosamente que o remédio está na oração.

O **capítulo sexto** fala do seu compromisso com a Igreja, realidade que para ele une céu e terra: espiritualidade de encarnação. A primeira viagem a Roma é expressão do traço mais marcante da sua pessoa: *a paixão pela Igreja*. É assim por múltiplas razões. Se é enamorado de Cristo, deve-o à Igreja que lhe deu a fé, pelo que ama, de coração agradecido, o seu Vigário. Se aprendeu a orar e a conhecer Cristo, fê-lo pela mão dos mestres da Igreja: *Teresa de Jesus*, S. Francisco de Sales, Santo Inácio, S. Tomás e tantos outros... A sua identidade sacerdotal só se compreende na Igreja; a sua compaixão pelos males da sociedade e do mundo brotam do homem da Igreja e a partir dela. É *filho da Igreja* e entrega-se à tarefa de a *restaurar*, porque assim o compreendeu, *na Espanha do século XIX*.

O capítulo sétimo trata do que chamamos a *graça teresiana*. É uma graça para a qual Deus o foi preparando desde a adolescência. Respiando testemunhos e, sobretudo, perante a maravilha dos seus efeitos, entrevemos a magnitude do dom que Henrique de Ossó recebeu por *Teresa de Jesus*. Deus dá-lhe o presente de Teresa de Jesus com o qual complementou a sua personalidade humana e espiritual. Teresa de Jesus irrompe na sua vida como *carisma* e como *missão ao serviço da Igreja*, num momento de vigor e plenitude do seu sacerdócio. Com esta experiência, Henrique levanta voo, elevando todos os que estabelecem contacto com ele. O *teresianismo* foi primeiro uma experiência pessoal, associada a uma segunda conversão. Depois, foi aprofundada com reflexões teológico-espirituais, que o levaram a aproximar o coração transverberado de Teresa ao Coração trespassado de Jesus. Posteriormente, iniciará a comunicação desta experiência. A *Revista Santa Teresa* será o veículo por onde Henrique difundirá o *contínuo aprofundamento que foi realizando durante toda a vida* da pessoa e doutrina de Teresa de Jesus, Mãe e Mestra, intercessora ou "protectora", em ordem à *crisificação do ambiente*, em especial, a renovação da Igreja, em Espanha. No presente capítulo, apenas abordamos o início dessa comunicação. O teresianismo de Henrique vai marcá-lo toda a vida, com a mesma dinâmica de oração, resposta pela actividade e reflexão, sobre a experiência vivida.

O capítulo oitavo, que encerra o trabalho, quer ser ponte entre a reflexão que apresentamos, mais sugestiva do que acabada, e a necessidade de continuar a releitura da nossa experiência carismática. Através de uma visão crítica, expomos o relato da nossa experiência, como contributo no diálogo que a família teresiana vai travando, como impulso desse desejo de voltar às fontes para beber da Fonte.

~

Experiência espiritual da infância à ordenação sacerdotal

*Nesta parte do nosso estudo, seguimos a ordem cronológica,
para delinear como se foi dando a experiência espiritual de Henrique de Ossó,
desde a infância até à ordenação sacerdotal,
entendendo que tal experiência será a chave de leitura
do seu magistério espiritual.*

Neste capítulo, pretendemos apresentar as raízes da fé e a religiosidade próprias do meio familiar e social em que nasceu e cresceu Henrique de Ossó. Um ambiente são, de costumes cristãos, unido a uma rica herança familiar, foram sementes de uma fé desenvolvida, naturalmente e em processo de personalização crescente.

1. AMBIENTE RELIGIOSO

Descrever, mesmo que seja em poucas pinceladas, o quadro da religiosidade do povo espanhol na primeira metade do século XIX, ajudará à compreensão da espiritualidade de Henrique de Ossó, porque é o cenário de referência ambiental onde alimentou e desenvolveu a sua fé.

Em termos gerais, para a sociedade e a Igreja espanholas, o século XIX foi de profundas transformações, em todos os aspectos. Não tentaremos entrar nos dinamismos que poderiam ajudar-nos a compreender a complexidade do processo. Unicamente nos situamos como observadores, dentro daquela figura popular, ao lado da classe média, à qual pertenceu Henrique de Ossó.

Queremos situar-nos na década anterior à metade do século, em que prevalece a identificação com a cultura cristã, que se manifesta na vida de piedade¹.

1.1. Clima de piedade

O povo espanhol era herdeiro de um clima "saturado de fé e de tradições cristãs"². Dentro da ordem social, o elemento religioso aglutinava o ritmo dos tempos. Imaginemos os sinos das igrejas a assinalar a distribuição dos afazeres do dia. Existia o toque de recolher, os toques das almas³ e era

¹ Remetemos para GARCÍA Villoslada, *Historia de la Iglesia en España*, vol. V, VICENTE CÁRCEL ORTÍ, dir. *La España contemporánea (1808-1875)*. Madrid, BAC, 1979.

² JIMÉNEZ DUQUE, B., *Espiritualidad y Apostolado*, em: GARCÍA VILLOSLADA, dir., *Historia de la Iglesia en España*, vol. V, *La España contemporánea (1908-1975)*, BAC, Madrid 1979, p. 410.

³ Facto citado por Henrique em *Tesoro de la Juventud (TJ)*, no vol. I, p. 679 dos *Escritos de Don Enrique de Ossó y Cervelló, Fundador de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*, 4 vol., Barcelona, 1977 (EEO I, EEO II, EEO III), Barcelona, 1993 (EEO IV).

também o sino da igreja o sinal das festas e dos perigos iminentes. A diferenciação entre o calendário civil e religioso era ainda impensável.

A piedade e as suas manifestações eram expressão da vida familiar e social. Abundavam as práticas religiosas: tríduos, novenas, rosários, tudo sinais do fervor popular. A assistência às funções religiosas era geral: missa dominical, recepção dos sacramentos, cumprimento do preceito pascal, observância de jejuns e abstinências. Destacavam-se o culto à Eucaristia, ao Sagrado Coração de Jesus, a Maria, aos Santos, aos Anjos e às almas do purgatório.

Atendendo ao aspecto teológico, o conteúdo das práticas era pobre e moralista. Era compensado com as sínteses doutrinárias dos catecismos. Na pregação e nos livros de piedade, os novíssimos eram uma das temáticas predominantes. A ênfase punha-se na brevidade da vida ou na vaidade das coisas temporais. Outra matéria comum, na época, era o pecado e as suas consequências, alternando com a explicação dos mandamentos e a iniciação sacramental. Era corrente dar uma orientação mais negativa que positiva, centrada no castigo e na culpa.

O enfoque da piedade era individualista, com prioridade para a própria salvação, entendida como negócio. As obras de misericórdia tinham como pano de fundo este lucro, como é ilustrado pelas indulgências. Tudo isto matizava particularmente a liturgia e o culto, carentes de sentido comunitário.

A formação bíblica era nula, dado que só o clero tinha acesso exíguo às primeiras traduções da Escritura. Em contrapartida, existia um grande interesse pela oração de intercessão. As petições orientavam-se a suplicar pela conversão dos hereges e dos infiéis. Rogava-se pelas necessidades da Igreja, do Estado, pela perseverança dos justos e pelas almas do Purgatório.

A identificação de doutrina e costumes era um referencial que fortalecia a autoridade da Igreja. Os pregadores sentiam segurança em exortar para uma ordem socialmente aceite. Em consequência da pobreza doutrinária e do talante religioso da cultura, entrou, nas formas piedosas, algo do estilo próprio do romantismo: afectivo e lamechas. “Escreve-se e prega-se para comover”⁴.

No conjunto, o ambiente religioso da época pode caracterizar-se por uma pacífica posse da fé, enriquecida e sobrecarregada de práticas e vivências religiosas, sem distinção entre o histórico e o mítico. No fundo, uma religiosidade menos esclarecida e mais vital.

1.2. Cultura cristã

O povo espanhol do século XIX mantinha forte adesão às suas crenças, com um sentimento religioso aparentemente unânime. A alta percentagem de analfabetismo⁵ contribuía para preservar a piedade, de influências doutrinárias alheias. A Igreja e o Estado, como instituições dirigentes, exerciam uma protecção sobre os costumes religiosos. Assim se impediu a entrada de manifestações culturais, provenientes dos modernos movimentos que transformavam a Europa, as quais poderiam afectar a índole da religião. Espanha defendia-se agora das novas correntes, do mesmo modo que, desde o século XVI, se tinha mantido católica, sustentando a ancestral peleja contra os muçulmanos, luteranos, iluminados e ilustrados. Os representantes da ordem estabelecida consideravam tudo o que não fosse católico, como um atentado à unidade nacional e contrário ao bem comum. A

⁴ *El Cuarto de Hora de Oración (CH)*, EEO I, p. 415.

⁵ "O povo espanhol de então era (segundo o censo de 1822) campestre, pobre e inculto... Em 1877 só sabiam ler e escrever 38% de homens e 19% de mulheres". CARLOS VALVERDE, *Los católicos y la cultura española*, em GARCÍA VILLOSLADA, *Op. cit.*, p. 481.

presença vigilante e sempre temida da Inquisição, tribunal civil e eclesiástico, tinha cunhado o carácter espanhol de forma monolítica, de tal maneira que, durante séculos, ser espanhol era sinónimo de ser católico.

A tradição sócio-jurídica estabelecia o consórcio da Igreja com os poderes civis. Trono e altar eram uma união sagrada que mantinha a religião e a unidade. A Igreja, mediante a concepção de uma autoridade régia, emanada directamente de Deus, apoiava a posição do Estado e estava acostumada ao seu apoio. Para o Estado, a Igreja constituía um freio a toda a desordem, através do domínio das consciências. A relação que existiu entre a Igreja e o Estado traduziu-se, por vezes, na utilização, inclusive no domínio, de uma ou outra parte. Nestas alternâncias, que desembocaram em oposição e ruptura, mesclam-se factores sociais, ideológicos, políticos e religiosos, a maioria das vezes imperceptíveis para o povo simples, que apenas recebia os efeitos e era movido pela propaganda.

Sem nos adiantarmos, fiquemo-nos pela visão do momento que nos interessa: um povo caminhando para uma violenta crise de transformação política e social, fortemente marcada pelo elemento religioso, mas vivendo, sobretudo o mundo rural, num ambiente impregnado de cristianismo. Aí se enquadra aquele Vinebre de 1840, onde nasce Henrique de Ossó, lugar de uma fé "suficientemente vital para dar um sentido profundo e real à vida e à morte, como frutos admiráveis de virtude e santidade ao serviço do próximo"⁶.

2. AMBIENTE FAMILIAR

Henrique de Ossó nasce num ambiente de fé: família crente e subsolo de catolicismo, com as características que indicámos, próprias da Espanha da primeira metade do XIX. Século que enfrentará a ruptura dos moldes tradicionais da religião, porque contava com uma grande reserva espiritual⁷.

2.1. "Filho da Igreja"

"Na igreja paroquial da vila de Vinebre, diocese de Tortosa, aos dezassete dias de Outubro de mil oitocentos e quarenta, eu, abaixo assinado pároco da mesma, baptizei solenemente, como prevê o ritual, e dei por nome Henrique António a um menino que nasceu às sete horas da noite anterior, filho legítimo e natural dos consortes Jaime Ossó e Micaela Cervelló, naturais e vizinhos desta. Avós paternos: Jaime Ossó, natural desta, e Mariana Catalá, natural de Batea, vizinhos desta. Avós maternos: José Antonio Cervelló e Magdalena Jové, natural de Ribarroja, vizinhos desta. Foram padrinhos Raimundo Ossó e Magdalena Jové, a quem adverti sobre o parentesco espiritual que contraíam com o baptizado e seus pais, bem como a obrigação que têm de lhe ensinar a doutrina cristã, na ausência destes; e assino... Lorenzo Beltrán"⁸.

⁶ VALVERDE, C., *Los católicos y la cultura española*, em GARCÍA VILLOSLADA, *Op. cit.*, p. 481.

⁷ Chamou-se, com justiça "época de santos". Cfr. RUBIO CASTRO, A., *Pensamiento y Obra catequética de Enrique de Ossó*, Madrid, 1992, pp. 32-40. Veja-se também JIMÉNEZ DUQUE, B., *Espiritualidad y apostolado*, em GARCÍA VILLOSLADA, *Op. cit.*, vol. V, pp. 413-444.

⁸ GONZÁLEZ MARTÍN, M., *Enrique de Ossó. La fuerza del Sacerdocio*, Madrid, BAC, 1983, p. 13-14.

Assim ficou rubricado o facto transcendente, pelo qual Henrique de Ossó foi assinalado como filho de Deus e, gerado para a vida do Espírito, chamado a reproduzir a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

No mistério da vida cristã, à acção da graça corresponde a entrega da liberdade. A fé recebe-se, porque é dom. Implica o acolhimento da Palavra comunicada pela pregação e pelo testemunho crente. Dessa escuta, nasceu e cresceu a fé de Henrique. Ele soube receber, desde a infância, muitos exemplos de devoção e religiosidade e, através deles, aproximar-se progressivamente do mistério.

Ele próprio dará testemunho das suas primeiras experiências religiosas, quando escreveu, dirigindo-se às crianças da catequese:

*"Eu também fui criança ... amei e pratiquei a religião... porque tive a dita de ter pais religiosos que desde a minha infância me ensinaram a temer a Deus"*⁹.

Noutra referência, atribui a bondade do seu coração à herança familiar:

*"Tocou-me em sorte uma alma boa..., bons pais, piedosa mãe, santos avós"*¹⁰.

2.2. "O meu avô materno era um santo"

A piedade de Henrique, rasgo que sobressai da sua espiritualidade, além de ser dom de Deus, foi aprendida e cultivada pela linha materna. Era voz, na povoação, que a mãe e o avô eram excepcionais, neste ponto:

*"De facto, em Vinebre, todos falavam bem (se hacían lenguas) do avô do Servo de Deus e da mãe, Micaela Cervelló, e afirmavam que eram santos"*¹¹.

Do avô, Henrique recebe uma piedade expressiva:

*"dirigia sempre o Rosário da Aurora"*¹².

Narrava-lhe exemplos de vidas de santos, os amigos de Deus. Com as narrativas de Santo António, escutadas do avô, foram-se gravando na mente do menino verdades fundantes, como a imagem de um Deus que tudo pode e a grandeza do sacramento Eucarístico. Também soube da existência dos hereges, homens que, por serem inimigos da Igreja e antagonistas dos santos, era preciso combater¹³.

2.3. "Coube-me em sorte piedosa mãe"

A figura materna está indissolúvelmente ligada à vida, à fé e à vocação de Henrique.

"Não se pode negar... que as mães são as encarregadas da Providência, para formarem o coração dos seus filhos, e imprimirem neles, como em cera branda, as imagens da virtude e da santidade. Uma mãe, que constantemente tem o seu filho nos braços, reclinado sobre o seu seio, acariciado e mimado de mil maneiras, as mais íntimas e delicadas que se possam imaginar, logra imprimir-se, fotografar-se

⁹ Revista Santa Teresa de Jesús (RT), Barcelona 1872, n. 227 (agosto 1891), p. 336.

¹⁰ Apuntes de las Misericordias del Señor (AMS), EEO III, Barcelona 1977, p. 10s.

¹¹ Proceso Informativo de Tortosa (PIT), Summarium (V Testis II, Ad 13, proc. fol. 267), p. 58.

¹² AMS, EEO III, p. 10.

¹³ "Tinha a vida do Santo (Santo António); no horto, contava-me os seus milagres, a pregação aos peixes, o episódio do notário que foi Santo, o da mula faminta que adorou o Sacramento do altar, antes de comer, para confundir os hereges": Id.

*por completo, digamo-lo assim, no coração dos seus pequeninos. Com toda a verdade se tem dito que o filho é uma cópia da mãe*¹⁴.

Além da fama de santidade de Micaela e muito antes da sua conhecida intervenção na vocação de Henrique, ela foi a sua primeira e principal catequista.

"Por testemunho de Maria de Ossó e da irmã, Mariana de Ossó, ambas irmãs do pai do Servo de Deus, sei que o educou a sua própria mãe, e que a educação que recebeu nos primeiros anos, foi tão esmerada como só lha podia dar aquela senhora, que diziam que era uma santa. Ela dedicava um afecto especial ao seu Henrique, porque ele, além de ser o mais novo dos filhos, mostrava já um fundo de extraordinária bondade"¹⁵.

Tendo chegado a ser um catequista e pedagogo experiente, Henrique, para falar do ensino da religião, recorre mais à sua experiência do que aos estudos de Teologia, e tira do tesouro das próprias recordações a catequese da sua mãe, fazendo uma excelente síntese da sua fé:

"Ainda me recordo com muita consolação dos tempos deliciosos que ambas passávamos a escutar da boca da boa anciã Miguela a história de Adão e Eva, o comovedor drama da criação, do paraíso terrenal, e das perguntas que lhe fazíamos sobre a serpente, sobre os frutos da árvore da ciência do bem e do mal, e da paciência com que aturava as nossas impertinentes questões, tão bondosa e complacente pedagoga. Quantas lágrimas de ternura nós não chorávamos junto do presépio do bom Jesus! Quanto ódio não se nos erguia no coração ao escutar a traição e venda de Judas e o crime dos ingratos judeus, que crucificaram o seu melhor Benfeitor...Derramávamos abundantes lágrimas com a Virgem Maria e as devotas mulheres, acompanhando o Senhor na sua paixão e morte; e o nosso coração enchia-se da mais pura alegria, quando nos falava do céu, da felicidade que gozam os Anjos e Santos; parecia-nos vislumbrar o trono ou lugar que nos estava reservado ao lado de Virgem Maria e de S. José. Porém, quando o nosso coração palpitava mais veemente, parecendo querer saltar-nos do peito e voar para Deus, era quando nos indicava que tudo isto o Senhor o tinha feito por nós, como se ninguém mais existisse no mundo. [Assim como o sol, minhas queridas, nos dizia com ternura, como se o sol iluminasse somente e de modo muito intenso um apartamento e não iluminasse mais nada no mundo, assim o Senhor ama tanto a cada uma de nós e nos protege com a sua luz e graças, dando-nos a existência, a vida, como se mais nenhuma criatura existisse a quem cuidar neste mundo]. Oh! então, que vivos os actos de fé, de esperança e de amor fazíamos ao perguntar-nos:

*Acreditais, filhas minhas, num Deus tão santo? Esperais no céu e em todos os bens de um Deus tão fiel e justo? Amais com todo o coração e sobre todas as coisas um Deus tão bom? Sem qualquer esforço, aliás com o maior prazer dizíamos: Creio, Senhor, espero e amo*¹⁶.

A mãe orientou o filho para o sacerdócio¹⁷, porque conhecia as suas inclinações naturais, desde criança. Pela sua mão, aprendeu a viver essa fé simples e profunda, expressa em práticas

¹⁴ RT, 63 (dic. 1877), p. 65-68: en EEO III, p. 837.

¹⁵ PIT, Summarius (V Testis, Ad 14 proc. fol. 267), p. 57.

¹⁶ RT, n. 105 (junio 1881), pp. 246-247. "Cartas sobre la educación de la mujer". También en RT, EEO III, p. 897-898.

¹⁷ O próprio Henrique de Ossó reconhece ter "um coração bem disposto, naturalmente cristão": RT, n. 64 (enero 1878), p. 101.

devocionais, especialmente no culto a Maria e aos Santos¹⁸. Deixou no filho marca indelével, através da leitura de bons livros, propícios para iluminar a mente e aquecer o coração. Instrumento que Henrique, mais tarde, privilegiará no apostolado.

*"Recordo que a minha boa mãe, que esteja na glória, me ensinava a ser devoto da Virgem Maria e dos Santos e me ensinava a rezar o Santo Rosário e a ler livros bons e piedosos, espirituais e devotos. Recordo ainda com enorme satisfação as lágrimas de ternura por meus olhos derramadas, ao ler esses bons livros"*¹⁹.

2.4. "Pais religiosos... ensinaram-me o temor de Deus"

Sabemos que, na base da experiência cristã, está a experiência religiosa, anterior à fé personalizada, que consiste no sentido do fascínio e do reverente temor perante o sagrado.

Existem também testemunhos da religiosidade infantil de Henrique de Ossó. Ilustram-no os seus escritos espirituais, onde, apesar da intencionalidade pedagógica, deixa transparecer a vivência pessoal com expressões autobiográficas. O texto que segue, escrito por Henrique para educar crianças, faz uma evocação da própria história e do modo como foi introduzido na fé:

*"Um dia os meus queridos pais, tendo-me vestido com a melhor roupa, levaram-me a uma casa grande, muito grande, maior do que qualquer outra da povoação e mais rica e formosa: muitas luzes e ramos de flores abrilhantavam o altar, e o Senhor Padre, com umas ricas vestes, cantava com o povo, e enviava para o céu nuvens de incenso que emanavam um aroma que cheirava a céu. Ali está Deus, meu filho, disse-me o meu pai. Dobremos os joelhos e adoremos... Ali está o Menino Jesus, naquele trono de resplendores e de glória, acrescentou a minha mãe... Reza-Lhe... E eu, bem pequeno, prostrei-me, orei e adorei... Aqueles momentos, que recordo com grande emoção, foram os mais felizes da minha infância"*²⁰.

Os textos falam, por si, da fina percepção de Henrique para as coisas de Deus. Estamos na presença de uma piedade natural, cultivada através do exemplo dos que constituíam as principais figuras de autoridade para a criança. Assim, vai aprendendo a adorar, a confiar, a pedir.

2.5. "Dotado de alma boa"

Conhecemos, por numerosos testemunhos, que se distinguiu, desde pequeno, pela sua predilecção pelas coisas de Deus e se sentia muito a gosto na igreja, onde ajudava à missa; contava que lhe era mais grato estar ali, ou com a mãe, do que entreter-se com jogos infantis²¹. Deus dotou-o de um coração sensível e de uma "alma boa"²².

¹⁸ *"Um dia, em criança, a minha mãe... levou-me à igreja, e vi uma imagem muito graciosa de um Santo que tinha o Menino Jesus adormecido, nos braços. Perante a imagem, rezavam muitos fiéis... Havia muitas luzes e flores, e perguntei à minha mãe: Que santo representa tão bela imagem? Disse-me: O glorioso Patriarca S. José, Esposo da Virgem Maria e Aio do Menino Jesus, seu pai adoptivo, seu protector e salvador. -Aos outros meninos S. José guarda-os também? -Sim, meu filho, S. José é Patrono... da infância..., porque protegeu a infância do Menino Deus...": Tesoro de la Niñez (TN), EEO I, p. 1259.*

¹⁹ RT, 227 (agosto 1891), p. 336.

²⁰ TN, EEO I, pp. 1275-1276.

²¹ Cfr. *Proceso Informativo de Barcelona (PIB)*, Summarium (VI Testis, Ad 11, proc. fol. 151v.), p. 260; *PIT*, Summarium (V Testis, Ad 15, proc. fol. 267), p. 57. Veja-se também: ALTÉS Y ALABART, J.B., *Biografía de Enrique de Ossó y Cervera*, p. 12: "Inclinado, na sua infância, a frequentar a igreja e praticar os actos piedosos".

²² RT, 64 (enero 1878), p. 101.

Sólida doutrina e bons exemplos foram a terra propícia para que o dom de Deus frutificasse. Henrique foi, sem dúvida, uma criança precoce, com uma sensibilidade espiritual acima do comum, trabalhada pela mãe e pelo avô.

3. PRIMEIRAS DECISÕES

Assim como a boa semente, sem as devidas condições, não basta para dar fruto, também não há colheita de santidade sem a correspondência pessoal. Os testemunhos do crescimento na fé, durante a etapa infantil de Henrique são poucos, mas convincentes.

3.1. "Adora a Deus, meu filho"

Entre as muitas experiências vividas por Henrique durante a infância, uma passou a ser a mais representativa, e precisamente, de carácter religioso. Foi relatada por muitos que o conheceram em criança e por ele mesmo. Permite-nos observar claramente como Henrique passa da doutrina recebida, através da catequese da mãe, à resposta consciente e pessoal, apenas com seis anos de idade.

Eis a narração por ele deixada:

"Vi um dia uma procissão muito solene, e à passagem do sacerdote sob o pálido, todos os transeuntes paravam; os homens descobriam a cabeça e ajoelhavam-se. Perguntei à minha boa mãe o que era aquela festa, e ela disse-me: - É que, meu filho, um cristão está gravemente enfermo, a ponto de empreender a viagem para a eternidade, e como o nosso Pai do céu é tão bom, vão levar-lhe o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, para que lhe dê forças, para chegar com felicidade à vida eterna. Adora a Deus, meu filho, e rezemos um Pai Nosso para que o Senhor dê a salvação ao nosso irmão doente..."²³.

Mais tarde, o seu primeiro biógrafo e amigo incondicional, Juan Bautista Altés, fazendo-se eco de muitas testemunhas - entre elas as tias de Henrique - nos dirá:

"Escutámos de pessoas que o trataram intimamente que com seis anos de idade, quando ouvia o som da campainha do sagrado Viático, levado a algum enfermo, Henrique deixava de imediato os companheiros de jogo e corria a acompanhar devotamente o Santíssimo Corpo do Senhor"²⁴.

A narração do facto, reiterada com algumas variantes, dá-nos a entender que não foi um episódio isolado, mas que se tornara habitual em Henrique acompanhar o Santíssimo. Mais ainda, sabe-se que, numa ocasião, deixou o próprio pai, dando a outras crianças umas moedas para ficarem com ele, enquanto ele acompanhava o sacerdote com o viático²⁵.

²³ TN, EEO I, p. 1276.

²⁴ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro. *Don Enrique de Ossó y Cervelló, Presbítero*, Barcelona, 1926, p. 12.

²⁵ GONZÁLEZ MARTÍN, M., *Op. cit.*, p. 18.

Para além do anedótico, ficamos com o reflexo de alguns rasgos característicos do comportamento de Henrique, ao tratar-se do serviço de Deus: capacidade de deixar tudo e prontidão no seguimento, acção decidida e engenho, para superar as dificuldades com o seu talento prático²⁶.

3.2. “Pensai nas coisas eternas”

Daquele "ir e vir" do pequeno Henrique a acompanhar o viático, podemos deduzir que se lhe tornou familiar presenciar muitas vezes o último quadro de uma vida na terra. A mente do menino foi selada, não só pelas verdades escutadas naqueles sermões sobre os novíssimos, tão correntes na época, mas também pela observação da realidade. A partir da própria experiência, ganhou nele força um princípio fundamental: esta vida não é a verdadeira, porque se acaba.

Poucos anos depois, a mesma experiência que tinha presenciado convertia-se para ele num facto biográfico, pois teve que receber, antes dos doze anos, a primeira comunhão como viático:

*"Caí gravemente doente e, como sabia bem a doutrina, deram-me pela primeira vez a comunhão como viático"*²⁷.

Com toda a certeza pôde concluir que a morte não respeita idades e valorizou o significado de morrer na fé e de viver uma vida, tendo presente que existe um limite intransponível.

Mais tarde, quase ao completar os catorze anos, viu também, com indizível dor, a morte atingir a própria mãe, a pessoa que ele mais amava sobre a terra²⁸.

Certamente que no coração de Henrique se abriam, com nova luz, as perguntas existenciais: Que é a vida? Qual o significado da nossa passagem pela terra...? E respondia, com a experiência: Esta vida é muito breve e não é a verdadeira, serve apenas para ganhar a eterna. Vamos peregrinando neste desterro, em direcção à verdadeira pátria. Na vida eterna nos reuniremos com os que amamos, para não nos separarmos jamais.

Referências a estes temas encontramos-as esparsas nos seus escritos espirituais. Sendo embora também próprias da época, mencionamo-las porque, vimos que representavam, para Henrique nesta idade, fortes convicções.

Nas chamadas “*Cartas de despedida*” abundam frases como as seguintes:

“a nossa vida é curta”, “em breve nos veremos na glória”, “moderai as vossas paixões... pensando sempre na hora da morte” (carta ao pai),

“moderai as vossas paixões, pensando sempre na hora da morte” (ao tio Miguel),

“pensai nas coisas eternas todos os dias, até à hora da morte” (à tia Mariana),

*“depois deste desterro nos vejamos juntos no céu” (à tia Maria)*²⁹.

Pela fé, encontrará a fórmula que condensa o segredo da vida:

²⁶ Da mesma opinião é Tomás de la Cruz, em *El Apóstol Teresiano del Siglo XIX*, [s/editorial e s/fecha], Arquivo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus (AGSTJ) B, n. 34, p. 8.

²⁷ AMS, EEO III, p. 11.

²⁸ O que aqui interessa é a mudança no conceito da vida que esta experiência supôs e que é sinal de maturidade espiritual na adolescência.

²⁹ Cfr. E 1, AGSTJ.

*"É esta a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem enviaste "*³⁰.

3.3. "Morra o pecado!"

Tal como a experiência humana da morte o conduziu à fé na vida verdadeira, o facto de palpar o mal, experimentando a concupiscência que move ao pecado, conduziu-o à vigilância e ao aborrecimento de tudo o que pode ser causa da morte eterna.

Como viveu Henrique a experiência do pecado? Movemo-nos no terreno sagrado da consciência e não o podemos saber. Podemos intuí-lo, a partir do que ele mesmo nos deixa entrever, nos seus escritos autobiográficos e espirituais.

Acabados os estudos na escola de Vinebre, Henrique tem onze anos e, antes que o pai decidisse enviá-lo para fora da sua terra, a fim de começar a preparar um futuro, conta:

*"Juntei-me com jovens mais velhos e aqui começou muito mal para a minha alma"*³¹.

Isto é, fez grupo com rapazes com mais de doze anos, circunstância que reconhece como princípio de dano no terreno espiritual.

Mais adiante, ao voltar daquela primeira viagem, diz:

*"Voltei às andanças com as más companhias. Oh, quanto mal causam!"*³².

Desta vez, ao falar dos jovens, não só refere que o superam em idade, mas admite a responsabilidade em ter acompanhado com quem, reconhece, se opunha às suas inclinações mais profundas.

Qual o significado para ele daquelas companhias? Sempre que Henrique escreve para crianças, adolescentes e educadores, prevenindo-os do perigo das "más companhias", notaremos na sua expressão uma certa dor pela experiência vivida. A explicitação do conteúdo dessa expressão pode oferecer-nos pistas de aproximação ao que pode ter sido aquela experiência:

*"Corrige-te e emenda-te dos antigos pecados e chora os deslizes da tua mocidade. Faz um sério exame da tua vida passada e retira dela regras de conduta para o teu modo de viver. Verás, se bem o examinas, que os teus pecados primeiros foram por instigação ou exemplo de um falso amigo ou companheiro; verás que a tua alma caiu na leviandade por ociosidade, por tratar com pessoas de diferente sexo, por ler livros maus ou contemplar gravuras obscenas; por ouvir conversas menos honestas, por frequentar lugares perigosos para a inocência"*³³.

3.4. Um coração contrito

Após uma infância onde encontramos em Henrique um "lugar de delícias para o Senhor" pela sua inocência³⁴, vemo-lo, agora, adolescente, com um profundo sentido de penitência³⁵. Na sua visão de fé, a experiência da graça está intimamente unida à relação com Deus, a quem tudo é

³⁰ Jn 17,3 citado no início de *Constituciones de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*, EEO II, p. 14.

³¹ AMS, EEO III, p. 10.

³² *Id.* P. 11.

³³ *El día 15 de cada mes (D15)* EEO III, p. 61.

³⁴ Cfr. *Id.*, p. 62.

³⁵ Cfr. *Tres Florecillas a la Virgen María de Montserrat (TF)*, EEO III, p. 194.

devido e a quem há que agradecer pela sua bondade infinita. Por isso, o pecado, concretizado na responsabilidade em ter aceite o denominado por "más companhias", supunha desagradar a Deus, e, por consequência, perda da graça.

Isto enche-o de sentimentos de contrição, e nasce do mais íntimo do seu coração a necessidade da misericórdia. Encontra-a pela mediação de Maria e pela frequência dos Sacramentos, especialmente na penitência. Começa a perceber a necessidade de se afastar do "mundo", para se manter fiel e não desagradar mais a Deus. Anos mais tarde escreverá, aconselhando:

"... nascido em pecado e inclinado para o mal desde a tua infância, encontrarás remédio para a tua fraqueza na fuga de tudo o que seja incentivo para o mal. A oração e a leitura [dos escritos teresianos], o trato com pessoas castas, a devoção a Maria e a frequência dos sacramentos, preservarão a tua alma da corrupção..."³⁶.

Se Henrique recomenda uns meios para se aproximar de Deus, é porque, primeiro, experimentou a sua eficácia. Acolhe-se à maternidade de Maria, onde encontra o espelho da misericórdia divina, e à maternidade da Igreja, que lhe proporciona o encontro sacramental. Procura fortalecer a vontade com o propósito de se afastar das ocasiões de pecado. Vence-se a si próprio, fazendo o contrário do que o levou a afastar-se de Deus. Suplica, com orações, que lhe seja concedida a graça, e alimenta-se com leituras que o animem no caminho da fé. O fruto da sua conversão é a humildade de coração, unida à desconfiança de si mesmo e à mais radical confiança em Deus e na sua misericórdia³⁷.

3.5. "Morar em Deus"

Entroncamos, assim, com os motivos que configuraram a vocação de Henrique: a amizade com Deus, em perigo, pelo "engano" do mundo e, por conseguinte, a urgência em se separar dele, enquanto sinónimo de pecado.

"Eu, meus irmãos, deixo este mundo para morar em Deus, porque é muito fácil, no bulício do mundo, cair nos seus laços, que continuamente nos tentam para perder a graça de Deus"³⁸.

A mesma ideia se repete quando escreve à tia Maria:

"Um dos meus deveres é participar-vos o processo que empreendi no caminho do Senhor, assistido pela sua graça, para me afastar das vaidades e enganamentos do mundo, que nos tenta, continuamente, para nos distanciar da graça de Deus"³⁹.

3.6. "Desmorone-se o mundo antes que ofender a Deus..."

Henrique fará da atitude de aversão ao pecado, inspirada no temor filial, uma decisão irrevogável na sua vida e uma termómetro para as suas acções⁴⁰. A experiência converte-se em LEMA, que exprime em palavras teresianas:

³⁶ D15, EEO III, p. 62.

³⁷ "Pelos meus pecados e pela confiança que me deu Nosso Senhor, vejo-me obrigado a separar-me deste mundo e de vós...". Carta à tia María de Ossó, en E 1, AGSTJ.

³⁸ Carta ao tio Miguel, E 1, AGSTJ.

³⁹ Carta à tia María de Ossó, E 1, AGSTJ.

⁴⁰ "Não havendo pecado, nada temo", costumava repetir.

"Desmorone-se o mundo antes que ofender ao meu Deus, porque devo mais ao meu Deus, que a ninguém"⁴¹.

Abrevia o mesmo lema na palavra de ordem: "MORRA O PECADO!" Não se trata apenas de uma determinação da vontade, mas, sobretudo, de um acto de reconhecimento e apreço pela amizade de Deus. É o coração contrito e agradecido que teme ofender ou desagradar a Deus a quem deve mais que a ninguém.

~

⁴¹ Henrique viveu este lema, com todas as consequências. É a outra face do "Viva Jesus", síntese que abrange a absoluta confiança em Deus, desconfiança de si e pureza de intenção. Sobre este aspecto, há um testemunho muito expressivo: *"Admirei no Nosso Padre Fundador um grande espírito de fé, mediante o qual via tudo em Deus e tudo referia a Deus. A sua conduta estava inteiramente inspirada nos princípios da fé. Manifestava grande horror pela mais leve culpa e, justamente por isso, não quis ser comerciante, para se não expor a ter de dizer mentiras, como declarou a M. Teresa Andrés, sua tia, a qual lho ouviu dizer, ainda criança. Repetia, com frequência, e tinha um desejo vivíssimo de imprimir em todos os corações estas máximas de Santa Teresa de Jesus: Deus nos livre do pecado deliberado por leve que seja. Desmorone-se o mundo, antes que ofender a Deus, porque devo mais a Deus que a ninguém". PIT, Summarium (II Testis, Ad. 33, proc. fol. 166v.), p. 18-19.*

A presença de Deus faz-se voz imperiosa no mapa vocacional de Henrique. Vimos, em traços gerais, as mediações pelas quais é chamado por Deus: a voz do sangue ou inclinações naturais, as relações familiares e ambientais e, os acontecimentos, aparentemente triviais, todavia plenos de sentido na sua história de fé.

Por mais comezinhos que pareçam os sinais da interpelação de Deus, o acolhimento consciente da proposta de um destino que afecta toda a vida, é um acontecimento perturbador.

1. CHAMAMENTO

A eleição de Deus para o ministério sacerdotal foi-se clarificando para Henrique, através da leitura dos acontecimentos ordinários. Como toda a opção, tem luzes e sombras; a firmeza da decisão é acompanhada pela dor da renúncia; levanta-se vigoroso, o jogo da liberdade e do amor.

1.1. Um projecto com três alternativas

Jaime de Ossó queria para os filhos um futuro melhor do que Vinebre podia oferecer. Por isso, não hesitou em pensar que eles deveriam deixar a terra e preparar-se para ele, longe da casa paterna. Com esta finalidade, enviou Henrique para Reus. Trabalharia como empregado subalterno, a fim de aprender a arte dos negócios.

Pela educação cristã, Henrique sabia bem que era virtude nos filhos a sujeição aos pais, sendo esta a mais forte motivação para partir: obedecer docilmente⁴². Já em Reus, embora se saísse bem, a julgar pelas provas de confiança que lhe iam dando no trabalho, interiormente *"não estava satisfeito"*⁴³. Decididamente, ele não queria ser comerciante, pois, já em criança tinha definido que,

⁴² Em todos os escritos inculcará um grande respeito à autoridade. Este dado vai chocar, quando o vimos tomar uma decisão contrária ao mandado.

⁴³ AMS, EEO III, p. 11.

para si, havia outra coisa; além disso, na sua curta experiência, tinha descoberto que, se queria prosperar no mundo dos negócios, teria que sobrepor-se aos outros, e ele *"não queria mentir"*⁴⁴.

Também não acedera, então, às insinuações maternas, que lhe sugeriam que fosse sacerdote. Nessa altura, manifestara abertamente o firme desejo de ser professor. Na verdade, tinha sobressaído na escola;⁴⁵ vivera sob a positiva influência dos próprios preceptores por quem sempre se sentiu estimado⁴⁶, e pensava que, como professor, poderia ensinar a muitos o caminho do céu⁴⁷. De alguma forma, como professor, conjugava os excelentes dotes intelectuais e o sentido de Deus.

Antes de optar, Henrique teve diante dos olhos três projectos de vida. Primeiro, a proposta do pai, que tinha como finalidade o bem-estar económico. O sacerdócio, alentado pela mãe, apoiava-se nas qualidades de Henrique, visto que Micaela conhecia bem a sensibilidade espiritual do filho, vivendo ela mesma uma profunda vida de fé. Por fim, o seu próprio, resposta ao seu talento e compatível com a sua inclinação para a religião. Naquele momento, os projectos pareciam-lhe opostos. Mas, de facto, no plano de Deus para Henrique, haviam de realizar-se os três harmoniosamente integrados, na unidade da vida.

1.2. “Também eu o quero”

Escutemos o próprio Henrique a narrar a história da sua vocação, numa página autobiográfica, que nos permite conhecer os seus movimentos internos e a força da mediação materna:

*"Era muito jovem... e, apesar de gostar muito das coisas da igreja e ter as minhas delícias em assistir e ajudar à Missa e noutras funções eclesíásticas, jamais me tinha vindo à ideia tornar-me sacerdote. Ansiava apenas por ensinar e seguir a carreira de professor, porque leva muitas almas a Deus. Um dia, porém, a minha mãe, gravemente enferma, chama-me à cabeceira, e com a respiração entrecortada, diz-me: meu filho, por que não te fazes sacerdote? Faz-te sacerdote e darás alegria à tua mãe e ainda mais a Deus, pois dotou-te com uma alma boa. Então, na confusão das brincadeiras e sonhos da infância, não prestei atenção a estas palavras, mas, sabendo morta a minha querida e cristã mãe, aos treze anos de idade, comecei a reflectir sobre estas memoráveis palavras, e entre os meus extravios e ilusões, parecia-me ouvir ressoar continuamente aos ouvidos a voz da minha inesquecível mãe, que, desde o céu, me repetia: Meu filho, por que não te fazes sacerdote? A tua mãe deseja-o e Deus também, pois dotou-te com uma alma boa. Quando parecia estar mais longe de escutar o eco dessa voz maternal, engolfado nos negócios e passatempos mundanos,⁴⁸ fazia-se ouvir, pela voz da minha mãe: Deus o quer e a tua mãe também. Um dia, cansado de lutar, ou melhor, de resistir ao chamamento de Deus, exclamei: Deus e a tua mãe querem que sejas sacerdote; minha mãe! Eu também o quero. E, abandonando o mundo e os seus afãs, retirei-me para a solidão a fim de me consagrar a Deus e ser, com o tempo, missionário apostólico"*⁴⁹.

⁴⁴ PIT, Summarium (V Testis, Ad 16, proc. fol. 270), p. 59.

⁴⁵ AMS, EEO III, p. 10. Veja-se também, ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p. 13.

⁴⁶ Cfr. Id.

⁴⁷ PIT, Summarium (V Testis, Ad 16, proc. fol. 268v.), p. 58; RT, 64 (enero 1878), p. 101.

⁴⁸ De Abril a Outubro de 1853 conservam-se trinta e duas cartas. Nelas, Henrique só fala de negócios. Não aparece nenhuma alusão a Deus, ou aos santos, à excepção do convite a um amigo, para que vá até Vinebre e fuja dos perigos da capital. Cfr. E 23, AGSTJ.

⁴⁹ RT, 64 (enero 1878), pp. 100-104: en EEO III, p. 841.

Este relato de Henrique confirma a força do discernimento pessoal e o valor da influência materna: "*a tua mãe o quer e Deus também, pois dotou-te com uma alma boa*"⁵⁰.

A vontade divina manifesta-se-lhe, ao reconhecer os benefícios recebidos e a possibilidade de os agradecer, pondo-os ao serviço do mesmo Deus. Ao identificar o desejo da mãe com a vontade de Deus, determina-se.

A simplicidade da narração pode distrair-nos das dificuldades que teve de enfrentar para responder ao chamamento de Deus, daí a conveniência em voltar aos factos.

2. DISCERNIMENTO

Cada página da vida de Henrique é uma nota no hino da sua vocação. Contudo, e no conjunto, existe um momento chave em que, segundo parece, se reúnem todas as forças da sua existência e se torna mais sensível à graça.

2.1. “Onde poderá descansar o coração?”

Corre o ano 1854, quando em pouco tempo e por causa da cólera, vê desaparecer a mãe. À luz desta experiência, ganham maior sentido as frases proferidas, logo após a ordenação sacerdotal, ao ensinar às crianças esta súplica a Deus:

*"Meu Deus... não me prives jamais das ternas carícias da minha boa mãe..."*⁵¹,

Para quem conhece a vida e obra de Henrique, é suficiente recordar o valor e alta estima em relação à mulher, tendo subjacente a memória da mãe, facto que ajuda a supor a profundidade da dor por ele vivida aos treze anos⁵².

O sentimento profundo da perda da mãe fez-lhe aflorar ao coração toda a experiência materna: "*os seus rogos, seus conselhos, exemplos*"⁵³. Localizou na mãe a origem dessas palavras, pois brotavam do mais recôndito de si. Eram, além disso, palavra de Deus. Decide, portanto, assumir a proposta, tantas vezes escutada. Decorridos alguns anos, dirá:

*"A esta aparente desgraça, devo talvez a minha sorte e a minha felicidade, porque logo me veio o desejo de ser sacerdote, recordando o que me dizia a minha boa mãe"*⁵⁴.

⁵⁰ *Id.*

⁵¹ *TN*, EEO I, p. 1268.

⁵² "*Que sentido pode ter esta vida quando, num momento, podemos ver-nos privados da pessoa mais amada? Onde poderá descansar o coração, sem perigo de que lhe seja arrebatado? Só Deus basta! Só no Coração de Deus se encontram todos os amores*".

⁵³ *TF*, EEO III, p. 194.

⁵⁴ *AMS*, EEO III, p. 11.

Entre o desejo e a realização, Henrique teve que vencer grandes dificuldades, pois, ausente Micaela, viu-se também privado do apoio familiar para o seu projecto ao sacerdócio: "*A minha família oferecia resistência*"⁵⁵.

De momento, Henrique deveria regressar a Reus, secundando o projecto paterno. Regressou, "*mas já não como antes*"⁵⁶. Nessa altura, além da decepção da carreira comercial, levava no coração a dor da morte da mãe e o germen do sacerdócio. Parece que só encontrava forças no mérito da obediência ao pai. Situamos, aqui, o início de uma profunda luta interior. Encontrava-se entre dois fogos. Observamo-lo, nas palavras deixadas, em vários relatos autobiográficos:

*"Extravios e ilusões", "engolfado no negócio e passatempos do mundo", e simultaneamente, "desenganado", com desejos "de solidão" e penitência*⁵⁷.

A atitude de Henrique é radical: entendeu que a fidelidade a Deus exige a renúncia ao fascínio do mundo enganador; percebeu que Deus o queria sacerdote. O pai, contudo, não cede. No caso de condescender, implicaria fazer-se surdo à voz de Deus. Nesta luta, levanta-se a questão: é lícito desobedecer aos pais?

Se a perda da mãe fora uma experiência tão cruel, tendo em conta a identificação entre mãe e filho, não foi menos dolorosa a separação do pai, a quem tanto reconhecimento devia. Só por Deus se atreve a contradizê-lo, a romper com ele, assumindo as consequências do abandono da tutela. Henrique está firme, conquanto em atitude de liberdade, abertura e respeito, movido pelo mesmo critério que, mais tarde, o fará escrever:

*"Deves obedecer aos teus pais e superiores, na medida em que as suas ordens não se oponham à vontade de Deus. Mas, se os teus pais e superiores se opuserem a que faças o que Deus te exige, custe o que custar, ainda que se desmorone o mundo, deves seguir a voz de Deus"*⁵⁸.

E prossegue:

*"Devo obedecer antes a Deus que aos homens, porque devo mais a Deus que a ninguém. Desmorone-se o mundo antes que ofender a Deus. Viva Jesus, Morra o pecado"*⁵⁹.

2.2. "Movem-no a glória e o serviço de Deus"

Os biógrafos de Henrique e quantos examinaram seriamente o seu procedimento coincidem em declarar que a firmeza e profundidade da sua decisão, aos treze anos, é sinal de maturidade. Num rasgo de liberdade, assume o risco da própria autonomia, em oposição ao pai e expõe-no abertamente:

*"Causar-vos-á grave dor a minha ausência; mas, pai, a glória e o serviço de Deus motivaram-na... Não choreis, nem me busqueis, nem vos entristeçais por me ter separado de vós... A vossa dor trocar-se-á em alegria, se pensardes que em breve nos veremos na glória"*⁶⁰.

⁵⁵ *Id.*

⁵⁶ *Id.*

⁵⁷ Na seguinte ordem: *RT*, 64 (Janeiro 1878), pp. 100-104; *D15*, EEO III, p. 84; *TF*, EEO III, p. 194; "Confessava-me em Reus, quando podia...": *AMS*, EEO III, p. 11.

⁵⁸ *VJ*, EEO III, p. 529.

⁵⁹ *Id.*

⁶⁰ *Cartas del Siervo de Dios Enrique de Ossó*, Barcelona 1969, Carta n.1.

Viver a autonomia implica a capacidade de solidão, aceitação do sofrimento e experiência da própria finitude, perante si mesmo, perante os outros e perante Deus.

O adulto amadurece na fé quando, consciente de suas faculdades e possibilidades, actua não apoiado nelas, mas para além delas, confiado no dom gratuito de Deus e com a intenção de só a Deus agradar. Isso foi o que Henrique viveu.

2.3 “Parto, não temais”

Para levar a cabo a opção por Deus, Henrique deveria actuar com radicalidade, e conseguiu-o. Desde esse momento, pôs os meios para responder com todas as forças à chamada divina, sem deixar de experimentar um profundo sentimento de solidão.

"Parto, não temais por mim; Deus será o meu protector, a minha ajuda e o meu defensor. A glória e o serviço do meu Eterno Pai motivaram a minha ausência. A Deus. Tende esperança!"⁶¹.

Sempre que Henrique falar da confiança ilimitada em Deus, porque é nosso Pai; quando empreender trabalhos pela glória de Deus que exijam um grau heróico de fortaleza e determinação, é porque a experimentou, desde o início da sua vocação ao sacerdócio. Deixa o comércio, os seus bens, um futuro certo, e parte: sem dinheiro, a pé, sem companhia, sem deixar indicação sobre o destino. Romper com a tutela paterna por uma convicção de fé, permitir-lhe-á viver a completa dependência de Deus.

Surpreende que, sendo um adolescente, viva uma experiência espiritual tão profunda. O certo é que, a partir desta decisão, toda a sua vida terá como norte: fazer o que agrada ao Pai, através de um serviço amoroso, e numa atitude filial, humilde e radical.

Tão consciente está de empreender uma vida nova, que a anuncia abertamente aos que, até então, lhe eram próximos, libertando-se das expectativas dos conhecidos:

"Vinte e quatro cartas escrevi a diferentes pessoas, anunciando-lhes a minha partida e, ao mesmo tempo, recomendando-lhes algumas regras para nos tornarmos perfeitos"⁶².

2.4. Desapegai o coração e o encontrareis

Denominador comum dos testemunhos que Henrique deixou, nas chamadas "Cartas de despedida,"⁶³ é a convicção de renunciar às riquezas e recusar a vida de acumulação, própria do comércio, porque descobriu que as riquezas, para além de efémeras, são objecto de discórdia e causa de esquecimento do verdadeiro fim para que a pessoa foi criada: empregar todos os dons recebidos para a glória e serviço de Deus:

⁶¹ *Id.*

⁶² E 1, AGSTJ. As máximas a que se refere são tiradas dos escritos de Santa Teresa de Jesus, que já nesta idade lia e meditava assiduamente. Era próprio da época fazer colecções de sentenças breves (máximas), prática de que aproveitou e divulgou como meio para aumentar o amor de Deus.

⁶³ Conservam-se quatro destas cartas, em *Escritos de Enrique de Ossó (E) 1*, AGSTJ. Duas delas inéditas e duas publicadas em *Cartas*, números 1 y 2.

"Os amantes do mundo só pensam em amontoar riquezas". "Não punhais o coração nos bens caducos da terra, porque passam como uma sombra e muitas vezes fazem esquecer os benefícios de Deus". "A avareza dos ricos não é mais que uma pobreza adornada. Quem não faz qualquer bem com o seu caudal, não é mais do que um depositário do seu herdeiro [que desejará] que ele morra para o gozar, [por isso,] o seu pranto será máscara de riso, adornada pela hipocrisia fúnebre". "Desapegai o coração de todas as coisas mundanas, buscai a Deus e achá-lo-eis"⁶⁴.

Além de renunciar às possíveis riquezas a adquirir, Henrique quer ver-se livre e efectivamente pobre, renunciando aos próprios bens.

"Fazei dos meus bens o que vos parecer, mas é minha vontade que pague as contas rubricadas pela minha mão e que lhe serão apresentadas, sendo feitas por mim mesmo, segundo a minha consciência..."⁶⁵. "Repartirá a minha roupa e quanto me pertence, à sua vontade, a todos os pobres de maior necessidade"⁶⁶.

Outro aspecto que o movia ao desprendimento era a compaixão pelos pobres. Deseja remediar as suas necessidades e vê-los como amigos. Daí, a recomendação às tias:

"Sede amigas dos pobres, tende muita compaixão das suas necessidades e desejai remediá-las"⁶⁷.

Pelos biógrafos, conhecemos o gesto de dar a roupa ao mendigo que encontrou a caminho de Montserrat, acção concreta que, além de revelar amor pelo necessitado, manifesta a íntima decisão de querer tornar-se também pobre e viver nessa condição. A pobreza evangélica expressa o desprendimento e a confiança, nascidos da fé num Pai Providente. Graças à convicção de se saber e sentir filho de Deus, pode adoptar a conduta extrema de levar vida de mendigo⁶⁸.

Com o desprendimento de todos os bens e a atitude de obediência na fé, deixou o coração desocupado e livre, para acolher a experiência de Deus.

3. EM BUSCA DA IDENTIDADE

A força da vocação não contradiz a maneira imprecisa e vaga dos meios, para a levar a cabo. Henrique aceita a invasão de Deus, que o impele, interiormente, a ser e viver em certa direcção e, sem saber como, começa a dar passos para que Deus disponha dele. Os factos subsequentes à fuga de Reus podem parecer somente uma consequência natural. Contudo, lidos em clave de história de salvação, apresentam alguma semelhança à aliança e sacrifício de Abraão⁶⁹.

⁶⁴ Nesta ordem: Carta ao pai, Jaime de Ossó, *Cartas*, 1; Carta à tia Mariana e Carta à tia Maria, *E 1*, AGSTJ.

⁶⁵ Carta ao pai, Jaime de Ossó, em *Cartas*, 1.

⁶⁶ A conta a que a carta alude existe em cópia autenticada, em *E 1*, AGSTJ. Começa assim "Devo na tenda de dom Pedro Ortal [o] os gastos que fiz, que é o seguinte..." (*lista de coisas com o preço e o total*). No final da conta volta a exprimir a vontade de ficar livre de dívidas e bens, e dar estes aos pobres: "Dará crédito ao dever (dívida) que se lhe apresentará pelas mãos de Antonio Cervelló, e pagando-lhe tudo, deixo à sua vontade o que sobra: reparta aos pobres tudo o que deveria ser para mim. Dou crédito e assino. Henrique de Ossó".

⁶⁷ Carta à tia Maria, em *Op. Cit.* n. 2.

⁶⁸ Só num coração tão livre e desinteressado como o seu, poderão entrar como única ocupação, "os interesses de Jesus".

⁶⁹ Gn 15,5-8; 22,1-14.

3.1. “Ermitão ou missionário?”

Quando Henrique deixa Reus, tem muito claro que era preciso cortar pela raiz, mudar de rumo, e dedicar-se inteiramente a Deus: "*ser ermitão*"⁷⁰, "*com o tempo, missionário apostólico*"⁷¹. Faltavam: o como, onde e com quê...

Surpreende o facto de ter buscado directamente a ajuda do céu para tudo o que necessitava, pois volta-se para a Mãe de Deus. Contudo, poderíamos, de algum modo, intuir a explicação, se recordarmos que, já antes, experimentara a protecção de Maria, quando lhe devolveu a saúde e, quão importante fora para ele a presença da mãe.

Nesta ocasião, não hesita em pedir a ajuda de Maria para ser fiel ao chamamento de Deus e encontrar os meios de o realizar:

*"Os meus primeiros passos dirigiram-se em visita à Virgem da Misericórdia, na sua capela. Orei ali, pedi a sua bênção e parti para longe..."*⁷².

3.2 “Em Montserrat descobri a vocação”

Com a bênção da Mãe do céu, dirige também os passos para ela. Chega a Montserrat e pede para "*ser admitido ali, como criado da Virgem*"⁷³.

Mais tarde, recordará emocionado este encontro:

*"Busquei-vos sozinho, na minha mocidade. Não vos conhecia; mas ouvi falar de Vós... Ninguém me sabia dar notícia de Vós... Sozinho e por caminhos difíceis, cheguei aos vossos pés. Quanto cansaço do mundo! Com quantas feridas! Quantos desenganos no coração! Aos vossos pés encontrei a paz perdida... Bendita Rainha das graças! Às grades de vosso trono senti reviver, no meu peito, recordações dulcíssimas da minha cristã mãe... Junto do trono das vossas misericórdias, despertei como de um sonho profundo... Acreditei, desejei e amei o que nunca deveria ter olvidado. A recordação da Mãe do céu despertou em mim a lembrança da mãe da terra, os seus rogos, seus conselhos santos, seus bons exemplos... Descobri a minha vocação"*⁷⁴.

Antes de se oferecer a Deus, Henrique, apresenta-se a Maria tal como estava, mostrando-lhe as suas feridas, a sua sede e esperança, abrindo-lhe um coração contrito, confiado e disponível. A mãe do céu, certamente comovida, pode tocá-lo, curá-lo e dar-lhe quanto carecia. E, tal como anos antes lhe dera a saúde do corpo, que diz tinha empregado mal⁷⁵, agora devolve-lhe "*a paz perdida*"⁷⁶. Numa das meditações, julgamos ter encontrado o significado desta experiência, que

⁷⁰ AMS, EEO III, p. 12.

⁷¹ RT, 64 (enero 1878), p. 101; EEO III, p. 841.

⁷² AMS, EEO III, p. 12.

⁷³ AMS, EEO III, p. 12.

⁷⁴ TF, EEO III, p. 194.

⁷⁵ AMS, EEO III, p. 11.

⁷⁶ TF, EEO III, p. 194. Este é o significado que, em parte, dará à devoção a Maria; ela é "a Mãe da divina graça, que preserva a inocência e dá a constância na penitência", "a Mãe de Misericórdia que alcança a conversão", por isso temos "grande necessidade da protecção de Maria, para nos salvarmos". Cfr. *María al corazón de sus hijos (MM)*, EEO III, p. 214.

Henrique põe nos lábios da Mãe, com o desejo de que muitos outros experimentem a grandeza da sua misericórdia derramada, desde o Santuário⁷⁷:

*"Que temes, pois, filho meu? Porventura os teus pecados, os remorsos da consciência, o enredo das tuas paixões? Aproxima-te confiado, que aqui estou neste trono de graças para te ajudar, para te salvar. Aproxima-te, filho meu, contempla-me na graciosidade desta imagem... Contempla-me uma e outra vez... Não sentes renascer no teu peito a esperança, a calma, o perdão? Sou a tua Mãe e Mãe misericordiosa. Que temes? Invoca-me confiadamente e terás de volta a paz perdida, o perdão que anseias. Quantos milhares de almas recuperaram a paz e a graça neste santo templo, diante da formosura da minha imagem"*⁷⁸.

Henrique conta que, chegado a Montserrat, fez *confissão geral*, *passou dois ou três dias a confessar-se*⁷⁹ e permaneceu em oração...Tendo purificado o coração, a resposta de Deus, pelas mãos de Maria, não se fez esperar.

Pelos relatos que nos chegam, podemos supor que Henrique, sob o olhar de Maria, voltou a sentir a mesma segurança que experimentara, em pequeno, junto da mãe. Encontra-se à sombra protectora de Maria e, nesse momento de graça e entrega, encontra Jesus Cristo, a quem se oferece, desde esse instante, com todo o seu ser:

*"Ao mostrar-me a Jesus, fruto bendito de vosso ventre, vendo-o tão gracioso e belo, exclamei: "SEREI SEMPRE DE JESUS, SEU MINISTRO, SEU APÓSTOLO, SEU MISSIONÁRIO DE PAZ E DE AMOR"*⁸⁰.

Foi este o seu projecto de vida. Entre Deus e Henrique há uma mútua promessa de fidelidade, selada com o olhar de Maria. Ela, a "*Estrela*"⁸¹ mediadora da sua vocação, guiou-o para o seguimento de Jesus Cristo, sacerdote eterno. A decisão está tomada, o resto ir-se-á realizando, com o tempo e a graça.

3.3. Apóstolo *mariano* em oferenda de gratidão

Os pormenores do regresso de Montserrat, para iniciar os estudos no Seminário, conhecem-se pelos biógrafos⁸². Queremos fazer notar que, nessa altura, era Outubro de 1854,⁸³ Henrique já tinha uma vida espiritual desabrochada. Julgamos poder caracterizá-la com as palavras teresianas que descrevem determinada categoria de pessoas...:

⁷⁷ O Santuário de Montserrat, lugar físico da experiência fundante de Henrique, continuou a ser, ao longo da sua vida, a referência onde ele buscava força e luz, nas contradições e dúvidas, nos momentos de tomar decisões. Cfr. *Mano de Oro. Enrique de Ossó, sacerdote y Teresianista. Burgos, 1979, (MO)*, p. 96, o P. José María Fontseré, monge do santuário, que conheceu Henrique, afirma não ter conhecido nenhum outro fundador catalão que tão assiduamente tenha visitado o Santuário da Senhora.

⁷⁸ *TF, Op. cit.*, p. 203.

⁷⁹ *AMS, EEO III*, p. 12.

⁸⁰ *TF, EEO III*, p. 194.

⁸¹ *Id.*

⁸² Veja-se: GONZÁLEZ MARTÍN MARCELO, *Enrique de Ossó o La fuerza del sacerdocio*, cap. VII, y GABERNET, JOAN, *Un contestatario leal*, cap. 6, onde se detalha o apoio que, finalmente, lhe dá o pai, custeando-lhe os estudos e acompanhando-o à casa de Don Ramón Alabart; Também o ambiente dos seminários de Espanha e a relação com os professores de latim e humanidades.

⁸³ GONZÁLEZ MARTÍN, M., *Op. cit.*, p. 84.

"Quando Deus faz chegar uma pessoa ao claro conhecimento do que é o mundo, e que coisa é, e que existe outro mundo, e a diferença que há de um ao outro, e que um é eterno e o outro fugaz; ou que coisa é amar o Criador ou a criatura - isto visto por experiência, que é distinto negócio de ser só pensado e acreditado -, ou ver e experimentar o que se ganha com um e se perde com o outro...e outras muitas coisas que o Senhor ensina a quem se deixa ensinar por Ele, na oração, ou a quem sua Majestade quer, que [pois] amam de modo muito diferente do que os que não chegamos aqui... Estas pessoas, que Deus traz a este estado, são almas generosas, ALMAS REAIS..."⁸⁴.

Através deste nível espiritual se explica que Henrique, antes de iniciar a sua formação como seminarista, já era um apóstolo. Da experiência de Deus lhe brota o apostolado. Comunicará o que recebeu, como o atestam as "Cartas de despedida", cheias de conselhos que projectam o seu conhecimento de Deus, do mundo e suas vaidades, a finalidade da vida e a própria necessidade de conversão e a intercessão de Maria, para o caminho da salvação e santificação. Pretende que tudo isto seja conhecido e vivido também pelos seus familiares e amigos.

"Há poucos que cuidam da própria salvação e do fim para que somos criados..."

"Deus pôs-nos neste desterro para que O amássemos e servíssemos..."

"Lembraí-vos que não tendes senão uma vida, cuja duração é curta, e que não há senão uma glória, cuja duração é eterna..."

"Pensai nas coisas eternas e na hora da morte, todos os dias, pois com isto dominareis todas as paixões da carne, que sempre batalha e luta contra o espírito, para o afastar das boas obras e privar da graça de Deus".

"De nada vos aproveitarão as coisas do mundo se, por fim, perdeis a vossa alma"⁸⁵.

Associa a tia Maria de Ossó, uma das principais destinatárias das Cartas, à missão de catequizar os parentes e amigos, para que se convertam, através da devoção a Maria. Aqui o vemos, já, como apóstolo mariano. Recomenda que *"ensine, pratique e reze"*⁸⁶ uma série de orações, provavelmente também compostas por ele, onde o tema principal é a protecção de Maria na hora da morte, e a sua intercessão poderosa no momento da tentação. Maria pode libertar-nos do mal e levantar o pecador caído, por ser Mãe de misericórdia e predilecta da Trindade. Pede à tia que mande imprimir uma dúzia dessas orações e, junto ao pedido, acrescenta uma lista de pessoas que ele julga necessitadas delas, exortando a tia a não se poupar a esforços nesta missão, visto que está em jogo a salvação das almas.

Através dessas cartas, descobrimos também o despontar do apóstolo da pena, qual mestre preocupado em ensinar e, como orante a comunicar o que viu e ouviu.

~

⁸⁴ TERESA DE JESÚS, *Camino de Perfección* 6,3 (sulinhado nosso).

⁸⁵ E 1, AGSTJ, textos tomados das Cartas de despedida.

⁸⁶ E 1, AGSTJ: epígrafe das orações que anexa à carta dirigida à tia Maria.

Compreender-se-á melhor a figura sacerdotal de Henrique de Ossó, o seu apostolado e magistério, se reflectirmos no seu período formativo. Esta etapa viveu-a como acção missionária, com a mística da vida oculta de Jesus. Nos anos de seminarista forjou-se o sacerdote, o orante, o apóstolo. Henrique pôs ao serviço da Igreja os talentos que Deus lhe quis conceder, sem qualquer reserva. Mais, à medida que se lhe expandia o cenário da vida, maior energia ia desenvolvendo e mais fecundas eram as suas acções, porque tinha sabido mergulhar as raízes no manancial de Jesus Cristo.

Ao contemplarmos a grandeza da sua projecção sacerdotal, verificamos que a magnitude dos resultados não corresponde à simplicidade dos meios, em nada extraordinários. Excepcional foi o modo como ele os iniciou, em fidelidade a Deus e a si mesmo. Julgamos que o fruto se deve à claridade do fim⁸⁷ com que Henrique enfocava o seu programa formativo, e à firmeza e constância com que o levou a cabo⁸⁸.

Pretendemos contemplar os factos mais notáveis da vida do seminarista Ossó, à luz das próprias motivações e, assim, percebermos como foi forjando o espírito e crescendo em sabedoria e graça, como Jesus.

1. SEMINARISTA

Num primeiro momento, vemos o jovem Henrique, dotado de um rico acervo de qualidades humanas, muito definidas: inteligência clara e brilhante, tão apta para as ciências abstractas como para a acção concreta; um carácter dinâmico, empreendedor, onde se aprecia uma forte energia juvenil, harmonizada com uma suavidade e bondade a toda a prova.

Este carácter manifestava-se nas suas preferências: desporto e vigorosas actividades ao ar livre, alternando com o gosto pela música, o canto, o desenho, a reflexão e as letras. Da sua atracção pessoal emergia uma liderança sem imposições, paternal, em certos casos. Dotado de capacidade ímpar para as grandes amizades, gozava, simultaneamente, de enorme sensibilidade contemplativa,

⁸⁷ Ele próprio era consciente: "os melhores empreendimentos, os mais difíceis trabalhos e sacrifícios fracassam... por falta de unidade, de fim, de objecto determinado", (GC), EEO I, p. 85.

⁸⁸ "Se [o catequista] está bem compenetrado do fim, e enamorado dele, de certeza que porá em prática, com zelo e constância, os meios mais aptos para o alcançar". *Id.*, p. 86.

que o punha em sintonia com a natureza, em busca do silêncio e da solidão, para elevar o espírito, intensamente atraído pelos valores religiosos.

Henrique soube pôr-se ao serviço de Deus, em função do projecto sacerdotal. A harmonia da sua pessoa foi uma conquista. Amadureceu por um esforço consciente, fruto da correspondência à graça. Não cresceu pelo voluntarismo do que pretende alcançar uma meta para si mesmo, mas antes movido pela atracção do amor e da fidelidade a quem tinha dado a palavra. O Espírito actuou, através das suas qualidades humanas. Foi enriquecido com os dons da *PIEIDADE* e *ENTENDIMENTO*⁸⁹, caminhou no amor e na verdade.

*"Dá-me um entendimento pleno das tuas sentenças e doutrina evangélica, porque conhecer-te a Ti é a vida eterna, a minha maior felicidade. Dá-me, sobretudo, um coração enamorado destas verdades, de sorte que não só me arraste no seu seguimento fiel, mas que mova outros corações a conhecer-te e amar-te"*⁹⁰.

2. PROGRAMA FORMATIVO

Aludimos à firmeza de Henrique de Osso, no empreendimento do caminho para a sua meta da formação. Perguntamo-nos, agora, sobre o alvo que tinha em mente aquele jovem decidido e disposto a tudo para obedecer a Deus.

Recordemos que, quando Henrique encontrou a vocação sob o olhar de Maria de Montserrat, no seu coração e lábios, o programa fora formulado como promessa:

*"Serei sempre de Jesus, seu ministro, seu apóstolo, seu missionário de paz e de amor"*⁹¹.

A observação destas palavras leva-nos a prestar atenção ao uso de tantas partículas possessivas, como ênfase do significado de pertença: *SER de JESUS*. O conteúdo não só foi explicitado por Henrique, de múltiplas formas, mas também tema central do seu magistério e da sua experiência. Sempre se refere ao desenvolvimento da graça baptismal, ou alcançar a plenitude da vida em Cristo:

*"Jesus Cristo e apenas Ele seja a vida e a substância e o tudo"*⁹².

Consiste numa transformação do ser para o serviço, onde sobressai a radicalidade. É peregrinação rumo à união com Jesus, à identificação com a sua Pessoa, à imitação e à relação de amizade com Ele. Na compreensão e desenvolvimento do programa, Henrique não se perdeu em abstrações. Soube conectar ao plano de Deus, as mais grandiosas esperanças unidas às acções mais simples. No processo, Jesus é meta e é caminho.

A união com Jesus, pela identificação plena com Ele, é a finalidade última da vida, o centro para onde tudo converge:

⁸⁹ Um teólogo, que testemunha no processo apostólico de Tortosa, informa: "Sobre os aspectos morais e espirituais observo um influxo extraordinário dos dons do Espírito Santo, piedade e inteligência". *Procesos Apostólicos de Tortosa (PAT)*, Summarium (I Testis, Ad 5, proc. fol. 133v.), p. 409.

⁹⁰ *Un Mes en la Escuela del Sagrado Corazón de Jesús (MCJ)*, EEO III, p. 510. Henrique de Ossó anela por levar Cristo a todas as pessoas, mas muito especialmente àquelas que vivem "nas trevas e sombras do erro e do pecado, da ignorância e da malícia".

⁹¹ *TF*, EEO III, p. 194. Veja-se aqui, Cap. II, n. 3.2.

⁹² *TJ*, EEO I, p. 776.

"... o alvo de todos os nossos deveres, o termo dos nossos afãs, o resultado dos nossos adiantos; a convergência, enfim, do nosso aperfeiçoamento e da nossa santidade é viver unidos a Cristo Jesus; poder excluir com o Apóstolo: vivo eu, mas já não eu, pois Cristo vive em mim"⁹³.

Henrique nunca pensou que poderia ser uma pretensão irrealizável, porque assentava na fé da Igreja e no testemunho dos santos. Agiu, julgando que uma vida unida a Cristo Jesus é fruto da semente baptismal. Compreendeu que, além de exprimir a mais profunda ânsia do ser humano, é também o desejo de Deus, que nos amou primeiro, e o provou, ao entregar-nos o Filho, que por nosso amor morreu, para nos dar vida. Desde que se abriu ao Espírito, o jovem Henrique converteu a sua existência em oferenda de gratidão pelo reconhecimento do dom que Deus nos faz em Jesus:

"É Jesus a pedra angular, o princípio e o fim da nossa salvação; a nossa vida eterna, conhecê-lo; a nossa felicidade perfeita, amá-lo; a nossa consolação, a paz e a alegria do coração, a sua graça e protecção. De Jesus nos vem todo o bem; da união com Jesus nasce a nossa dita; da confiança em Jesus, a nossa fortaleza"⁹⁴.

A união com Jesus passa pela identificação com Ele e abrange todas as dimensões da pessoa:

"Pensar como Cristo Jesus, sentir como Cristo Jesus, amar como Cristo Jesus, actuar como Cristo Jesus, conversar como Cristo Jesus, falar como Cristo Jesus, conformar, numa palavra, toda a nossa vida com a de Cristo; revestir-nos de Cristo Jesus, eis o único negócio e ocupação essencial..."⁹⁵.

Para Henrique, **SER TODO DE JESUS** significa deixar que Jesus tome posse de si com a força e a atracção da paixão⁹⁶ e, ao mesmo tempo, com a consciência de que entrega livremente a sua vontade. Quer dizer, que Jesus viva:

*"Na sua memória, pela recordação dos imensos benefícios recebidos do amor de Deus...
no entendimento, pelo íntimo e perfeito conhecimento da sua pessoa,
no coração, pelo amor de preferência para com Ele,
nos sentidos e no exterior, pela mortificação e modéstia que os regula para os mais altos fins"⁹⁷.*

A configuração com Jesus, exige imitá-lo. A imitação de Jesus fundamenta-se na vontade de Deus, que quer o nosso maior bem, e por ele ser glorificado. É este o desejo de Deus Pai, que se compraz somente com quem se configura com a imagem do Filho⁹⁸. Quem for semelhante a Jesus salvar-se-á⁹⁹, será reconhecido pelo Pai como o Filho bem Amado¹⁰⁰.

⁹³ TJ, EEO I, p. 777; Cfr. GC, Op. cit., p. 90.

⁹⁴ GC, EEO I, p. 112.

⁹⁵ MCJ, EEO III, p. 456.

⁹⁶ Cfr. GC, EEO I, p. 112.

⁹⁷ Cfr. CH, EEO I, p. 472. Na vida espiritual, o reconhecimento dos benefícios de Deus é o princípio de um coração magnânimo e agradecido, daí a insistência de Henrique em ensinar e promover esta atitude. Cfr. TJ, EEO I, p. 785.

⁹⁸ Cfr. CH, EEO I, p. 325.

⁹⁹ Id.

¹⁰⁰ Da mesma forma, quem apresentar Jesus, deve mover o ouvinte a exclamar: "Este é o meu Amado". A imagem de Jesus deve formar as delícias, satisfazer o coração e encher o espírito. Cfr. GC, EEO, vol. I, p. 88.

3. COMO JESUS

Imitar Jesus, significa fazer da vida de Jesus o modelo para ajustar a própria conduta:

*"Ter Jesus Cristo por modelo de todas as nossas acções, agindo sempre como se o tivéssemos presente. Perguntemo-nos...: Como se comportaria Jesus nesta ocasião? Que pensa Jesus, que diz...? E com este cuidado, ir conformando a nossa vida à de Jesus Cristo"*¹⁰¹.

Para Henrique de Ossó, uma forma de agradecer o mistério da Encarnação é entrar na contemplação da vida de Jesus, pela narração evangélica, para ali aprender as lições de vida eterna do Divino Mestre. Já que Jesus se fez homem para nos ensinar o caminho da vida verdadeira. A relação pessoal com Jesus Cristo foi o método com que se formou o jovem seminarista.

Vemos claramente a convicção de Henrique face à excelência de Jesus. Tudo possuímos n'Ele, repetirá constantemente, só necessitamos de o conhecer. Só Jesus é modelo, porque ninguém se nos apresenta como Ele:

*"Cheio de graça, sabedoria e verdade diante de Deus e dos homens"*¹⁰².

O modelo contempla-se, estuda-se e medita-se até se identificar;¹⁰³ daí a importância em contemplar e interiorizar, deixar-se instruir e guiar pela vida de Jesus. No programa de formação de Henrique, não houve matéria mais importante do que a vida de Jesus, ensinada e aprendida na relação pessoal.

Henrique manifesta ter-se feito discípulo de Jesus e conhecê-lo pela oração ao estilo teresiano, quando em 1874, escreve para ensinar a orar, apoiado na própria experiência de aprendizagem:

*"Não vacilei um momento em emprender este trabalho... confiando, não nas minhas débeis forças e escassas luzes, mas no favor de Jesus e de sua enamorada esposa Teresa, ambos MESTRES SOBERANOS DA ORAÇÃO"*¹⁰⁴.

4. EM CLAVE EVANGÉLICA

A experiência de Jesus é a experiência espiritual originária da qual derivam todas as outras. O modo de aproximação de Henrique de Ossó ao Jesus do Evangelho é a expressão de uma atitude de fé na sua divindade. Cristo é Deus, com todos os atributos divinos: Criador, Pai, Senhor e Rei. O facto de, em Jesus, a divindade estar unida à nossa humanidade, é uma verdade de fé que o

¹⁰¹ CH, EEO I, p. 328; Cfr., *Id.*, p. 325; TJ, EEO I, p. 778; GC, EEO I, p. 133.

¹⁰² VJ, EEO I, p. 535.

¹⁰³ "Como poderá imitar Jesus quem o não ama? Como o amará se o não conhece? É indispensável estudar, saber e meditar a vida de Jesus, não só no exterior, mas entrando nos seus sentimentos", dirá Henrique de Ossó: cfr. MCJ, EEO III, p. 456.

¹⁰⁴ OSSÓ, E. DE, *El cuarto de hora de oración, según las enseñanzas de la Seráfica Virgen y Doctora Santa Teresa de Jesús*, Barcelona 1874, 1a. Edición, p. 9. [Quando os textos se referem à primeira edição, citaremos CH, 1874, para o diferenciar dos textos tomados da edição publicada em EEO I].

dominava; por isto, para ele, têm especial relevo de exemplaridade moral os acontecimentos históricos da vida de Jesus. Não são "tema" de meditação, mas "verdade, vida e caminho".

A leitura evangélica que Henrique faz da vida de Jesus segue a tradição espiritual mais comum. Consiste em apresentar a vida de Jesus em seis etapas, correspondentes aos mistérios: "1. Encarnação: até ao nascimento. 2. Infância: até à cena do templo. 3. Vida oculta: anos de vida em família. 4. Vida pública: desde o baptismo até ao domingo de Ramos. 5. Paixão e morte. 6. Ressurreição e ascensão"¹⁰⁵.

O caminho de Henrique, para chegar a ser apóstolo de Jesus, consistiu em viver com o mesmo espírito com que Jesus viveu, nos anos de preparação da sua missão apostólica. A forma como interiorizou o mistério exige um relance à sua espiritualidade, no tempo de seminarista¹⁰⁶.

4.1. "Vida oculta"

Como afirmámos, a Vida Oculta é a chave de interpretação do período formativo. De algum modo dissemos o *porquê*: o fim da formação é a união com Jesus, a que se chega, assemelhando-se a Cristo, pela correspondência à graça baptismal e imitação da sua vida; a etapa da vida de Jesus, equivalente à preparação para o ministério sacerdotal, corresponde a esses trinta anos vividos por Jesus, em Nazaré, e que conhecemos por *vida oculta*.

A vida oculta de Jesus, passada com Maria e José, na casa de Nazaré, foi tema assíduo da meditação de Henrique. Fascinou-lhe o espírito, porque sempre ali encontrava "um poderoso estímulo de santidade, um modelo incomparável de vida cristã, um meio eficaz de perfeição... uma defesa válida contra as seduções de um mundo pervertido..., próximo de uma temida dissolução espiritual"¹⁰⁷.

*"A oficina de Nazaré deve ser a escola que deves frequentar todos os dias, para aprender alguma lição de vida eterna do Filho de Deus. Aqui o encontrarás... ocupado nas tarefas mais ordinárias da vida, dando-te exemplo de todas as virtudes..."*¹⁰⁸.

O mistério da vida oculta de Jesus com Maria e José, em Nazaré, representa a imagem sintética, onde se conjugam as devoções a Maria e José, que Henrique herdou da infância. Recebeu-as do património popular e desenvolveu-as, numa forma muito pessoal que depois difundiria. Para ele são escola de amor, porque na relação de Maria e José com Jesus estabeleceu-se a corrente mais profunda de que ele quer participar. São o molde onde todo o jovem cristão se deve formar:

"Do fundo da casita de Nazaré, da humilde oficina de carpinteiro, sai uma voz que continuamente clama à juventude católica: Imita-me. Sim. Eu sou o teu Deus, teu Mestre, teu Pai, teu modelo, imita-me. Faz como Eu faço, e serás feliz. Se melhor vida houvesse, ou conhecesse ocupação de mais agrado para o Pai celestial, do que

¹⁰⁵ RUÍZ SALVADOR, F., *Caminos del espíritu*. Compendio de teología espiritual, pp. 51-52.

¹⁰⁶ Será a mesma espiritualidade que ele recomenda a todo o cristão. Veja-se a orientação das suas meditações, dirigidas a todo aquele que se quer formar: Jesus de Nazaré. *CH*, EEO I, p. 312-313. Em *VJ*, pp. 529-533, aparece desdobrada em três meditações: Jesús en Nazareth ora, Jesús... obedece a sus padres, Jesús en Nazareth trabaja. En *EE*, EEO II, pp. 670-673, *Vida Oculta de Cristo Jesús*.

¹⁰⁷ VALSANZIBIO, S. da, *Don Enrique de Ossó e la vita occulta di Gesù*, en *Rivista di pastorale Perfice Munus*, COTTINO, dir., Padova, 1967, p. 266.

¹⁰⁸ *VJ*, EEO I, p. 529.

esta vida oculta, obediente, laboriosa, decerto que Eu a escolheria para Mim, pois desci do céu à terra para fazer a sua vontade santíssima"¹⁰⁹.

Numa página da agenda, entre as decisões dos seus exercícios espirituais, sete anos após a ordenação, Henrique de Ossó ainda mantém, como principal inspiração, a vida oculta de Jesus. O escrito começa por quatro perguntas em latim, anotando, de seguida, uma série de graças recebidas e coloca na parte central da folha:

"Vida Oculta de Jesus: exemplar.

Oração... uma hora [ilegível]

Trabalho... [escreve uma distribuição do tempo]

Obediência... nada faças sem conselho.

Santificação: Tudo por Jesus.

Faço sempre o que é do seu agrado"¹¹⁰.

4.2. Critérios de Nazaré

Tornar-se apóstolo de Jesus, ao jeito de Jesus, exigia fazer o que Ele fizera, durante a vida oculta. A lição para Henrique de Ossó resumia-se em três verbos: *orar, obedecer e trabalhar*. Um programa de acção a realizar com o mesmo espírito de Jesus e no contexto da Sagrada Família, em Nazaré.

*"Observa Jesus a trabalhar de carpinteiro na casita de Nazaré, obediente a Maria e a José... Contempla Jesus na vida oculta. Em que ocupa Jesus os trinta primeiros anos da vida?... Em orar, obedecer, trabalhar. Eis aqui o teu modelo..."*¹¹¹.

Em síntese, se utilizamos as mesmas palavras, que Henrique refere a Jesus, e fazemos a mesma pergunta: - Em que ocupou Henrique de Ossó os seus anos de seminarista? Ou - Que fez Henrique para se formar? A resposta é: *orar, obedecer, trabalhar*. De que modo? Vivendo tudo, até a mais pequena acção, *em união com Jesus, Maria e José*. Já sabemos porquê. Veremos, seguidamente, como obedece, trabalha e ora, o seminarista Henrique de Ossó.

5. COMO OBEDECEU

Queremos aproximar-nos do modo como Henrique, enquanto seminarista, levou à prática a virtude da obediência, segundo as próprias convicções¹¹². Nesta busca encontramos três aspectos significativos: submeter-se a Deus numa entrega de fé, deixar-se acompanhar, levando a sério a direcção espiritual e discernir continuamente.

5.1. Entrega de fé

¹⁰⁹ *TJ*, EEO I, p. 796.

¹¹⁰ Acerca do livrete-agenda, veja-se a descrição em *HSTJ*, p. 36, n. 2. A página a que fazemos referência pertence aos exercícios espirituais de 11 de Julho de 1874. Este livrete conserva-se no AGSTJ.

¹¹¹ *CH*, EEO I, p. 312.

¹¹² Seria diferente expor a virtude da obediência no itinerário espiritual.

Henrique entendia a obediência como o centro de todas as virtudes, em íntima relação com o amor a Deus Pai. Da atitude religiosa de submissão, pela qual aceitava Deus como Deus, isto é, Autor e Dono de toda a criação, seguia-se a aceitação da sua vontade. Do reconhecimento de Deus como Pai, acreditando que tudo dispõe para nosso bem, são consequências: a atitude de confiança filial e a submissão gozosa.

Porém, quando Henrique fala da obediência como uma das virtudes da vida oculta, tem no horizonte a imitação de Jesus. O valor da obediência é modélico, porque se refere ao exemplo de Jesus, que sendo Deus, aceita por amor viver submisso a Maria e a José:

"Era-lhes obediente. Eis o único rasgo com que o Espírito Santo nos traça toda a vida oculta de Jesus em Nazaré..."¹¹³.

"Quem recusará obedecer? Só quem não amar Jesus, quem não quiser ser de Jesus"¹¹⁴.

Na sua concepção, a obediência é a virtude donde nascem todas as outras virtudes¹¹⁵. Implica sofrimento, devido à desordem das paixões; em troca, obtém-se a vitória sobre si mesmo e todos os inimigos, a liberdade dos filhos de Deus. Por isso, há que obedecer, custe o que custar, e prontamente¹¹⁶.

Soube, por experiência, que o jovem encontra mais dificuldade na sujeição da própria vontade do que em muitas outras coisas:

"Toda a juventude do bom Jesus está resumida pelo Santo Evangelho nestas palavras: Morou em Nazaré com Maria e José, e era-lhes submisso ou obediente: para nos significar que o primeiro escolho ou perigo de quem entra na juventude é o amor à independência"¹¹⁷.

A forma concreta como Henrique exercitou a obediência foi pedindo conselho e actuando, em trato filial e obediente para com as autoridades: o Bispo e os superiores do seminário. Submeteu sempre ao confessor não só as próprias dificuldades, mas também as inspirações e projectos. Pensava que assim, também se veria livre do protagonismo ou presunção que pode acompanhar, até as obras de caridade.

5.2. Deixar-se acompanhar

Henrique seguiu fielmente os ensinamentos de Teresa de Jesus, a quem tomou por mestra espiritual. A Santa adverte que, para avançar no caminho, é necessário contar com o acompanhamento de um mestre experimentado, porque as coisas espirituais são obscuras e nós, facilmente, nos podemos enganar. O inimigo do bem pode imitar todas as virtudes, à excepção da obediência. Daí a necessidade de expor o próprio parecer e de se sujeitar a um mestre espiritual. Henrique afirma, pondo a frase na boca de Santa Teresa:

¹¹³ VJ, EEO, I, p. 531.

¹¹⁴ VJ, EEO I, p. 532.

¹¹⁵ "A obediência, é mãe e origem de todas as virtudes", VJ, EEO I, p. 531.

¹¹⁶ CH, EEO I, p. 313.

¹¹⁷ TJ, EEO I, p. 795.

"Se não obedeces ao teu confessor... mesmo que te pareça que trabalhas muito e te afadigas em andar pelo caminho da perfeição, suceder-te-á como ao caminhante que dá grandes passos, mas fora do verdadeiro caminho"¹¹⁸.

Foi esta a experiência de Henrique. Não sabemos a quem tomou por mestres de oração, além de S. José e Santa Teresa de Jesus, mas consta-nos que nunca lhe faltou um confessor para mediar no discernimento da vontade de Deus:

"Sereis [José e Teresa de Jesus] os meus mestres e principais directores no caminho da oração; com isto e a obediência ao meu confessor, espero não errar"¹¹⁹.

Outra afirmação sua:

"Na medida do possível, tem confessor fixo, letrado e santo, a quem abras a tua consciência para que te dirija, com acerto, pelo caminho escabroso da vida, e chegues, desta sorte, com segurança e felicidade ao céu"¹²⁰.

"Nada faças sem o conselho do teu confessor ou outro varão prudente e temente a Deus, e depois disso jamais te arreponderás "¹²¹.

Em Tortosa, durante os anos de Humanidades e Filosofia, o confessor de Henrique foi o pároco da catedral, Gabriel Duch. No regresso, após um ano passado em Barcelona, orientou-se com D. Jacinto Peñarroya. De novo em Barcelona, foi o jesuíta Forn. Durante os meses de férias passados no Deserto das Palmas, abria o coração ao Padre Mariano.

5.3. Discernimento contínuo

Durante o tempo de seminarista em Barcelona, Henrique dirigiu-se com os jesuítas, tendo recebido a sua espiritualidade. Aprendeu com eles, e fez suas, práticas como o exame de consciência e o discernimento. Viveu e valorizou enormemente a experiência dos exercícios espirituais¹²². Interiorizou que, na base de todo o caminho espiritual, está o amor à vontade de Deus, como norma suprema da vida, e a busca da sua maior glória, em todo o momento.

"Deus o quer e isto me basta, porque a sua vontade está no meio do meu coração. Oh Deus meu! Fazei de mim e de todas as minhas coisas o quiserdes, e isto me basta, porque eu já sei que Vós me amais, e tudo ordenais para o meu bem. Meu Pai, meu Senhor e Redentor e Criador meu, sirva-te eu sempre e faz de mim o que quiseres"¹²³.

Estava habituado a reconhecer a voz de Deus. Sabia que a inclinação ao pecado tinha distorcido a vontade do ser humano na sua raiz, donde a necessidade de um constante exercício de discernimento para a endireitar; em palavras inicianas, torná-la indiferente, quer dizer, movida por um desejo desinteressado de pretender, em tudo, a maior glória de Deus¹²⁴:

¹¹⁸ CH, EEO I, p. 250. Os diálogos que, no Quarto de Hora, Henrique, põe na boca de Teresa de Jesus, formam uma síntese preciosa da doutrina teresiana, por ele facilitada aos leitores. Era, sem dúvida, uma doutrina assimilada e vivida.

¹¹⁹ *loc. cit.*

¹²⁰ TN, EEO I, p. 1311.

¹²¹ TN, EEO I, p. 1311. A mesma indicação em: VJ, EEO I, p. 538.

¹²² Serão tratados mais adiante.

¹²³ EE, EEO II, p. 552. Ainda que a expressão pertença aos *Exercícios espirituais*, obra escrita em 1893, a prática de buscar e achar a vontade de Deus em tudo é uma constante na vida de Henrique de Ossó, desde os tempos de seminarista.

¹²⁴ A este respeito interessa o desenvolvimento posterior que fará da sua experiência, aplicando-a à orientação dos jovens para a Eleição do estado de vida. Veja-se: CH, EEO I, p. 309.

*"A inclinação natural e constante da vontade, espontânea ou filha da meditação, deve ser recta, dito de outro modo, filha de uma intenção pura ou desejo de... dar maior glória a Deus"*¹²⁵.

6. COMO TRABALHOU

O amor ao trabalho era outra das virtudes exemplares de Jesus, durante a vida oculta, e determinante para a formação. Henrique identifica-o com a fidelidade ao cumprimento das obrigações do próprio estado:

*"Deves sujeitar-te à lei infalível do trabalho, segundo a tua classe e condição. Imita o bom Jesus"*¹²⁶.

Na vida do seminarista, o trabalho, conforme a sua classe e condição, era o *estudo*.

Veremos, a seguir, quais foram os estudos que realizou, porque consideramos importante tê-los presentes, como quadro de referência do seu pensamento e, portanto, da sua espiritualidade. Posteriormente, especificaremos como os viveu à imitação de Jesus Cristo, de modo semelhante ao trabalho de Jesus na "Vida oculta".

6.1. Estudos académicos

A preparação académica de Henrique decorreu entre Tortosa e Barcelona.

Em Tortosa, iniciou os estudos literários: Latim e Humanidades, de 1854 a 1857. Realizou-os no seminário menor ou Colégio de S. Matias, vivendo como aluno externo, na casa do sacerdote Ramón Alabart, amigo da família. Recordará, deste tempo, os nomes de dois catedráticos: Dómine Prades, mestre de gramática, e Dómine Sena, de Latim¹²⁷. Prosseguiu, em Tortosa, o triénio de Filosofia, de 1857 a 1860¹²⁸.

Acabada a Filosofia, a instâncias da família, passa a estudar em Barcelona, no seminário dos jesuítas. Cursa ali, durante o ano 1860-61, estudos de Física e de Ciências Naturais. Frequenta como externo, pois está hospedado na casa do irmão Jaime. É um tempo curto, mas deixa nele profunda marca, pela grande amizade com o mestre, doutor Arbós, eminente cientista, que também o valorizou e a quem corresponde com grande apreço.

No verão de 1861, regressa a Tortosa, para iniciar a Teologia no seminário maior, situado na rua de Moncada. Estudou ali, nos dois primeiros anos, 1861-1862 e 1862-1863, e nos dois últimos, 1866-1867 e 1867-1868. No total, foram sete os anos de estudos teológicos: dois em Tortosa, três

¹²⁵ CH, EEO I, p. 310.

¹²⁶ CH, EEO I, p. 313.

¹²⁷ AMS, EEO III, p. 12.

¹²⁸ Henrique, nos apontamentos, não escreve nenhum nome, nem de professores nem de companheiros desta época. Sabemos que um dos catedráticos foi Dionisio Brull, mestre que também o apreciou e lhe outorgou a qualificação de distinção.

em Barcelona e os últimos em Tortosa. O exame final para obter o título de Bacharel em Teologia, realizou-o em Barcelona, no dia 22 de Junho de 1868¹²⁹.

Os dominicanos eram os responsáveis pela formação, em Tortosa¹³⁰. No tempo de Henrique foi reitor Frei Buenaventura Grau. Eles transmitiram-lhe grande amor a S. Tomás de Aquino e, ao mesmo tempo, aprendeu a dar razão da sua fé, segundo os moldes tradicionais da escolástica¹³¹.

Com os jesuítas, Henrique esteve interno, à excepção do primeiro ano, 1860-61, em que estudou Física. Nos seus apontamentos¹³² mencionará os dois reitores, P. Fermín Costa e P. Medina, além do confessor, o Dr. Forn. Esta presença dos jesuítas foi decisiva na sua formação. Deles aprendeu a disciplina no seguimento de Cristo, concretizado em práticas como o exame de consciência. Na imagem de Cristo Jesus, como Rei, que Henrique de Ossó apresentará nas suas meditações, está o cenário do Rei eterno dos exercícios de Santo Inácio. O carácter firme de Henrique, o seu espírito prático e a paixão pela glória de Deus sintonizaram com a espiritualidade inaciana.

Os estudos académicos foram de grande importância na formação de Henrique. A razão disso depreende-se da finalidade dos mesmos: se o sacerdote deve ser maduro na fé, para poder favorecer o crescimento espiritual dos fiéis e ensinar em nome da Igreja, necessitará, além da virtude, de sólidos conhecimentos:

*"É... absolutamente necessário que... tenha uma instrução sólida, ideias claras, certas e exactas sobre o essencial do dogma e moral, sobre o símbolo, os sacramentos, mandamentos de Deus e da Igreja, e os vícios e virtudes"*¹³³.

Henrique de Ossó foi consciente da transcendência da formação doutrinal. Descuidá-la equivalia a expor-se a grandes perdas para a fé, não só em si, mas na missão sacerdotal:

*"Sem este fundo de doutrina expõe-se... [o sacerdote ou catequista] a ensinar erros e heresias... dará ideias falsas...as suas explicações inexactas levantarão dúvidas no coração dos simples... que enfraquecerão... na fé..."*¹³⁴.

Do ponto de vista espiritual, o estudo era um meio para exercer não só o trabalho mas também a obediência. Entendia o estudo consciente da Revelação, como a forma concreta de submeter o entendimento à verdade de Deus, que revela o que devemos crer¹³⁵.

Pela sensibilidade da época, observamos em Henrique uma identificação entre a fé e a doutrina. Concepção relacionada também com um particular sentido eclesial e missionário. A Igreja é considerada a única intérprete da revelação divina,¹³⁶ daí que manifeste por ela o maior respeito e

¹²⁹ PIT Y PIB (1975), Summarium Ex documentis 4, pp. 623-624. Veja-se também GABERNET, J., *Enrique de Ossó, un contestatario leal*, Barcelona 1987, p. 94-95. O seminário de Tortosa não estava autorizado a fazer exames, daí a necessidade de viajar até Barcelona ou Valência.

¹³⁰ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p. 23.

¹³¹ Na Revista Teresiana, Henrique demonstra grande afecto e reconhecimento a S. Tomás. Quando quer convencer os leitores sobre as virtudes de Santa Teresa, afirma: *"Valer-nos-emos da doutrina do angélico doutor, S. Tomás de Aquino, que, com a luz celestial, com uma exactidão e laconismo inimitáveis, analisa todas as virtudes e vícios, de modo que nada deixa a desejar"*: RT, 3 (dic. 1872), p. 57.

¹³² AMS, EEO III, p. 14.

¹³³ Este é o compêndio que Henrique faz da formação do catequista, educador na fé. GC, EEO I, p. 95.

¹³⁴ GC, EEO I, p. 95.

¹³⁵ Veja-se o que Henrique diz sobre a fé, aplicando-o a S. Francisco de Sales: *Tributo amoroso a San Francisco de Sales (TFS)*, EEO III, pp. 647-654, parece-nos que corresponde à sua própria experiência.

¹³⁶ TFS, EEO III, p. 647.

obediência¹³⁷, além de amor e gratidão. Pela mesma razão, sentia compaixão especial pelas pessoas que viviam fora da Igreja, porque tal equivalia, para ele, à falta de fé e, portanto, à perda mais aflitiva que pode suceder ao ser humano.

Em relação aos conteúdos, parece que os conhecimentos que mais influências exerceram na sua espiritualidade foram,¹³⁸ sem dúvida, a Sagrada Escritura, especialmente o Novo Testamento, e deste, S. Paulo e os Evangelhos, com predilecção por S. João¹³⁹. Entre os Padres da Igreja teve preferência por Santo Agostinho. Outros santos muito estimados para ele foram: S. Bernardo, Santo Afonso Maria de Liguori e, sobretudo, S. Francisco de Sales e Santa Teresa de Jesus, que se destacam entre todos. Como leituras, elegia os clássicos espanhóis, especialmente Frei Luis de León, Frei Luis de Granada e S. João da Cruz. Gostava ainda de outros autores como Gerson, Faber e o contemporâneo, Balmes. Todos deixaram nele uma marca viva e operante¹⁴⁰.

Henrique sabia que, para ser ministro do Senhor, não bastavam os conhecimentos vividos e reflectidos; fazia falta, também, uma pedagogia. "O ministério da Palavra reclama conseguir estabelecer uma verdadeira comunicação"¹⁴¹:

*"Necessita de adquirir o hábito de falar com clareza e facilidade"*¹⁴².

Por causa do ministério, e enquanto aluno de Teologia, em Barcelona, no ano de 1864, Henrique inscreveu-se na Academia S. João Crisóstomo, para oradores sagrados. Formavam esta Academia estudantes selectos, pelo que foi admitido sem dificuldade. Testemunha desta aplicação é o primeiro sermão,¹⁴³ cheio de acentos autobiográficos e bem significativo, para conhecer a sua espiritualidade mariana¹⁴⁴, dominante nesta etapa da vida¹⁴⁵.

Do ponto de vista académico, a formação de Henrique foi tão profunda e consciente como pôde ser, com as limitações próprias do século: eram anos em que os centros eclesiásticos de formação languesciam. Na Catalunha, subsistia um "rescaldo de tomismo, repetido nos seminários, e entre eles, o de Barcelona sobressaía, mas sem elã, nem criatividade"¹⁴⁶. A esta carência, Henrique opõe a sua dedicação e fidelidade ao dever: a imitação de Jesus. Sublinhou a importância do estudo, porque sabia que, no caminho da perfeição, é melhor que a virtude esteja unida às letras: *SANTO E SÁBIO*, como ensina Santa Teresa.

¹³⁷ "A Igreja, nossa mãe, coluna e fundamento de toda a verdade", escreve no primeiro artigo da *RT*, para fundamentar o culto a Santa Teresa: *RT*, 1 (oct. 1872), p. 15. É a expressão do seu sentir e actuar.

¹³⁸ Aparecem segundo o relevo que tiveram para ele.

¹³⁹ De S. Paulo, Henrique entusiasmava-se pelo aspecto apostólico ou zelo pelos interesses de Jesus. De S. João, pela intimidade e união com Jesus.

¹⁴⁰ VOLPE VELLACICH, G., *Enrique de Ossó, educador y pedagogo*, en *MO*, p. 147.

¹⁴¹ RUBIO CASTRO, A., *Op. cit.*, p. 127.

¹⁴² *GC*, EEO I, p. 95.

¹⁴³ ALTÉS Y ALABART, J.B., publica-o em *RT*, 288 (Set. 1896), p. 349, depois da morte de Henrique. O original conserva-se em AGSTJ.

¹⁴⁴ Exalta o papel de Maria como Mãe e protectora: "O menino alegra-se e é feliz, ao dizer: minha Mãe, e o jovem é bom e piedoso enquanto se recorda e clama: minha Mãe, e o ancião chora de ternura como um cândido menino ao exclamar: minha Mãe. O aflito consola-se ao ver que ainda pode pronunciar: minha Mãe. O débil conforta-se, dizendo: minha Mãe, e o pecador, por fim, converte-se, persevera e salva-se, se não se esquecer de invocar Maria Imaculada e de lhe dizer, com coração de filho: minha Mãe da minha alma, salvai-me": *RT*, 288 (sept. 1896), p. 351.

¹⁴⁵ O centro da espiritualidade de Henrique é Cristo; Maria, o caminho para ir a Ele. Dizer que a espiritualidade mariana domina na etapa de seminarista de Henrique, tem o significado de ser caminho para Cristo. Um valioso testemunho, recentemente encontrado, são as cartas a Sardá y Salvany, já citadas. Nelas aparece sempre algum negócio ligado com a devoção a Maria.

¹⁴⁶ JIMÉNEZ DUQUE, B., *El Escritor*, en *MO*, p. 84.

Durante o tempo de estudante, não só teve o cuidado de conhecer novos livros, mantendo contacto com a Livraria Religiosa de Barcelona¹⁴⁷, como também quis prosseguir, através do estudo sistemático, o aprofundamento da fé¹⁴⁸. No plano de Deus para Henrique não existiam graus académicos, como mais tarde ele o entendeu. Entretanto, buscou os meios ao seu alcance para se qualificar como apóstolo da fé ao serviço da Igreja.

6.2. "Com todo o afinco"

O estudo foi vivido, por Henrique seminarista, com uma mística de santificação. Por isso entregava-se:

*"Com afinco, tirando boas notas... [sendo] dos primeiros nos cursos e muito querido dos catedráticos"*¹⁴⁹.

Estudar era uma forma de agradar a Deus e um meio para o poder servir, dentro do chamamento que lhe tinha feito. Deveria realizá-lo com pureza de intenção, como consequência do desejo de *"seguir as pegadas de Jesus"*¹⁵⁰. Henrique tinha claro que:

*"Estudar unicamente para saber é uma curiosidade perigosa; estudar para sobressair entre os outros é vaidade; estudar para adquirir bens terrenos é baixeza; estudar para cumprir os teus deveres e ser útil à Religião e ao teu próximo é virtude"*¹⁵¹.

Talvez pela orientação definida de sua vida, Henrique nunca converteu o estudo em ocasião de vaidade, nem perdeu o vigor do primeiro esforço. Os elogios dos catedráticos ou a admiração dos companheiros não alteraram a sua atitude humilde e constante.

Altés refere que D. Ramón Alabart, sacerdote com quem Henrique viveu, o chamou "caixa fechada"¹⁵². A este respeito, outro de seus biógrafos comenta: "Era uma caixa fechada, porque não abundava em confidências demasiado infantis, nem amava as conversas intermináveis, porque sabia furtar o corpo às tentadoras propostas dos companheiros e *manter inflexível o seu horário de estudo*; porque tinha os seus ideais próprios, secretos e porque, enfim, os seus imaturos quinze anos continham já toda a maturidade de um homem feito"¹⁵³.

¹⁴⁷ "Que livros bons saíram nessa, por estes dias? Não deixe de me pôr ao corrente sobre este particular". Escreve assim, de Tortosa, a Sardá y Salvany, Pbro., que vivia em Barcelona: Carta de 27 de Novembro de 1866. Cópia em AGSTJ. Os originais encontram-se no Arquivo da província Tarraconense da Companhia de Jesus, (San Cugat del Vallés, Barcelona), Fondo Sardá y Salvany, Caja 8.

¹⁴⁸ Sabemos que se apresentou ao último exame de Teologia, no dia 22 de Junho de 1868. A revolução estalou em Setembro tendo ocupado o seminário de Tortosa, interrompendo toda a actividade académica. No curso 1868-1869, Henrique teve que permanecer em Vinebre. Em 1870, encontramos-lo a trabalhar em cheio na Catequística e, em 1871, escreve a Sardá y Salvany, para Barcelona, a pedir-lhe uns programas, o que mostra o desejo de continuar a sua preparação académica, ao parecer nessa circunstância: "A voc., que cursou a Universidade, será fácil averiguar sobre o programa e autor que (terão) nas disciplinas de Filosofia e Letras, e mandar-mo por meio do meu irmão, que lhe entregará o montante. Quero frequentar a dita faculdade e examinar-me de 3 ou 4 disciplinas neste ano, se Deus quiser, e desejaria que me dissesse a ordem que se deve guardar nos estudos": EO, Carta ao Dr. D. Félix Sardá y Salvany, Pbro., Sabadell. Tortosa, Fevereiro, 1871. Cópia em AGSTJ.

¹⁴⁹ AMS, EEO III, p. 12.

¹⁵⁰ VJ, EEO I, p. 533.

¹⁵¹ Henrique faz sua, esta frase de S. Bernardo, TJ, EEO I, p. 576.

¹⁵² ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., Op. cit., p. 25.

¹⁵³ ÁLVAREZ, T., ocd, Op. cit., p. 64, [sublinhado nosso].

Por outro lado, era rasgo seu o partilhar com os outros os bens recebidos: "É fama pública, em Tortosa, que nos anos em que estudou... era aplicadíssimo... ordinariamente... o primeiro na escola... Quando as lições eram difíceis e entre todos nós [afirma um companheiro] não as conseguíamos entender, chamávamos o Henrique e ele explicava tudo com toda a clareza, toda a simplicidade e toda a verdade"¹⁵⁴.

Henrique identifica a missão de Jesus com o ensino, porque com esta perspectiva enfocava o mistério da encarnação: Jesus encarnou e viveu *para nos ensinar o caminho do céu*. E se Jesus, antes de ensinar, se formou e trabalhou, fê-lo para ensinar com o exemplo, antes de o fazer com a palavra. Por conseguinte, se a missão sacerdotal é prolongamento da missão de Jesus, será preciso "*estudar muitíssimo... com aplicação e interesse*"¹⁵⁵.

Sendo o estudo a forma como Henrique concretizava o seu amor a Deus, com todas as suas forças, explica-se como ganhou cunho a expressão que, anos mais tarde, daria como regra às suas filhas: "*Sede mártires do estudo*"¹⁵⁶. Ao estudo, dirá Henrique, há que dedicar-se, "*sem perder tempo... sempre e a todas as horas*",¹⁵⁷ pois é parte da missão apostólica de ensinar.

6.3. Afeições literárias

Paralelamente à formação académica, Henrique foi-se desenvolvendo no campo literário, por gosto pessoal. É significativo que tenha abreviado um ano os cursos de Humanidades. Em 1859, consta que lê, com prazer, os *Cuadros de Costumbres* de Fernán Caballero¹⁵⁸. Ao ver neles o valor formativo das letras para se introduzir nos lares e reformar os costumes, lança-se ele mesmo a escrever uma pequena novela, segundo esse modelo.

*"Procurei unir o honesto e bom com o ameno e simples dos costumes populares, seguindo nisto o caminho, ainda que muito de longe, que com tanta glória e bem para a Religião e sociedade, vai traçando... o nosso moral escritor"*¹⁵⁹.

Trata-se de uma historieta ou lenda na qual retrata a vida de uma família virtuosa. Tem por título, *La familia modelo, historieta de una católica española*¹⁶⁰. Nela podemos apreciar a incipiente desenvoltura da sua pena, escrevendo numa linguagem que não é a sua. O mais surpreendente não é a aptidão literária que começa a despontar, mas a consciente orientação catequética e pedagógica da vida cristã que nela demonstra, a par de alto conteúdo espiritual, toda dirigida a despertar e avivar a fé das massas.

¹⁵⁴ PIB, Summarium (VI Testis, Ad 14, proc. fol. 152v.), p. 260-261; Cfr. (I Testis; Ad art. 27), p. 210.

¹⁵⁵ *Id.*, pp. 232 y 233.

¹⁵⁶ *Plan de Estudios de la Compañía de Santa Teresa de Jesús (PE)*, EEO II, p. 233.

¹⁵⁷ VJ, EEO I, p. 532.

¹⁵⁸ De 1859 é o inédito de Henrique de Ossó a que nos referiremos. Outro exemplo é a menção que faz do autor citado em RT, 1 (oct. 1872), p. 11.

¹⁵⁹ *Carta* ao director, D. Jacinto Peñarroya. Vinebre, Mora de Ebro, Agosto de 1863. *Cartas (inéditas)* em AGSTJ.

¹⁶⁰ O manuscrito original está em AGSTJ. É um caderninho de 15 x 10 cms. com 69 páginas em caligrafia pequena. Faltam os capítulos 3, 6 e alguns fragmentos do 2, 4, 5 e 7. Foi composto, em 1859. É um testemunho de grande valor para conhecer o seu fundamento espiritual e as bases da sua teoria educativa e apostólica: Cfr. VOLPE VELLACICH, G., *op. cit.*, pp. 153-154. Do ponto de vista espiritual é notável o papel que desempenha a protagonista, Teresa, uma mulher do povo que só conta com os meios ordinários de santificação. Faz percorrer um caminho de maturação espiritual, começando por desarraigar vícios, até à mais perfeita união com Deus e a morte de amor. Apoia-se nos mandamentos, sacramentos, a meditação da vida de Jesus Cristo pela oração e um elevado exercício das virtudes, especialmente a caridade. Tudo explicado com exemplos caseiros. Reflecte a interiorização que Henrique tem, já nessa idade, da vida cristã.

No exemplo citado, a finalidade última da historieta é a glória de Deus, dado conhecido pela carta ao director espiritual, quando, ao enviar-lhe a obra,¹⁶¹ lhe pede a autorização, deste modo:

"O único que me moveu a escrevê-la [é] a glória de Deus, a sua maior honra, emitindo graças e referindo factos edificantes e instrutivos... Antes de cada capítulo desejo pôr algumas sentenças análogas ao assunto de que trata, de moralidade e laconismo..."¹⁶².

A citada carta é também um documento ilustrativo da espiritualidade apostólica do estudante. Parece que Henrique tem pressa em fazer algo para alimentar a fé e os costumes religiosos do povo. A sensibilidade religioso-social reclama-o para a acção, pelo que se adianta, embora a pequena obra não esteja terminada:

"Tenho um capítulo onde dou conta do que na actualidade são os filhos de Teresa¹⁶³, mas não pude ainda passá-lo a limpo. Faltam ainda dois capítulos para terminar o livrito. Um epílogo e reflexões dos factos mais edificantes e as consequências; o segundo é um chamamento às obras de caridade, fazendo realçar a sua doçura e formosura. Também devo pôr, no final, umas notazinhas explicativas de muitas coisas ou instrutivas ou curiosas, como verá no decurso da pequena obra. Receba-o como mostra do amor que lhe professo e olhe com indulgência os erros e faltas deste servo e filho em Jesus Cristo"¹⁶⁴.

A historieta é um documento precioso, testemunha de um tipo de espiritualidade prática e positiva. Dizemos que é *prática* pelo seu carácter realista, vital e *positiva* porque oferece uma proposta de crescimento na fé. Constrói-a sobre um sã humanismo, pondo de relevo o contributo dos valores cristãos com toda a sua bondade, beleza e verdade, ilustrados numa vida simples. O relato insere-se numa visão do mundo, que não questiona a situação social.

O conteúdo reflecte a esperança em conseguir a felicidade nesta vida, através da experiência de Deus que se dá pela mediação prática das virtudes cristãs. Sobressai o exercício da caridade,¹⁶⁵ dentro de uma situação de pobreza material extrema. Com muitos exemplos de moral evangélica, realça o amor aos inimigos, a verdade, a honradez, ao lado de outras virtudes humanas como a simplicidade, amor ao trabalho, limpeza, alegria e honestidade. Dentro dessa imagem de sociedade, destaca o alto conceito de família, como célula social unida pela fé cristã e por um amor, que se alimenta de generosidade e sacrifício.

A afeição de Henrique pela leitura é outro aspecto que merece ser sublinhado. Além de meio de formação espiritual, era para ele motivo de recreio e descanso. Ler os clássicos castelhanos era comparável à mais grata companhia, segundo testemunho pessoal. Em algumas cartas do período de veraneio, refere-se às suas leituras com expressões que podiam ser aplicáveis aos amigos:

"Os meus dias nesta, deslizam tranquilos... um ameno passeio pelos atractivos bosquezinhos das margens do Ebro. Uma divertida leitura de poesia ou do filosófico

¹⁶¹ É exemplo da primazia da vontade de Deus sobre os actos de Henrique.

¹⁶² Carta a D. Jacinto Peñarroya, Agosto de 1863. Cópia em AGSTJ.

¹⁶³ Refere-se à comunidade do Deserto das Palmas, descoberta em tempo de férias. Cfr. ÁLVAREZ, T., Um inédito de Henrique de Ossó seminarista, em: *MO*, pp. 439-443. [Neste artigo reproduz-se o capítulo mencionado por Henrique].

¹⁶⁴ Desconhecemos o motivo pelo qual a obra não foi publicada. O certo é que se conserva incompleta.

¹⁶⁵ Dado importante é que Henrique assina a historieta não com o seu nome, mas como membro das Conferências de S. Vicente de Paulo, nas que esteve inscrito até que se suprimiram, em 1868.

Frei Luis de León ou da simples e familiar Teresa de Jesus ou de outro autor mariano são todas as minhas ocupações..."¹⁶⁶.

Em outra carta, escrita um ano depois ao mesmo amigo, volta a dizer:

*"Passei sem novidade;...os meus únicos momentos felizes... são com as crianças e os passeios que faço todos os dias... com o meu amigo e inseparável companheiro Frei Luis de León e os seus Nombres de Cristo... Quanto teria gostado... que pudéssemos comunicar-nos reciprocamente e sentir o que faz sentir este escritor sublime e enamorado de Cristo Jesus!"*¹⁶⁷.

Pensamos que esta afeição muito lhe terá valido para adquirir o título de Bacharel em Artes¹⁶⁸, atendendo aos dados confidenciais de outra das suas cartas. Obteve o título, em Dezembro de 1866, outorgado pela faculdade civil de Barcelona¹⁶⁹. Diz-se que teve cuidado em não divulgar o facto. Todavia, ao amigo seminarista e companheiro de estudos revela-o e, com alguns pormenores:

*"Decerto há-de alegrar-se com a nova que vai ouvir, mas cuidado, não divulgue. Sabia você, amigo, que me fizeram bacharel? E que bacharel! Em artes, dizem; mas eu digo, com arte. Ontem fiquei apurado depois de quatro dias de exames... Como luziram Frei Luis de León, e S. João da Cruz. Sorte que fomos cuidadosos, se não... ter-se-ia percebido a fraqueza. Por fim, graças a Maria Imaculada, já se concluiu. Já me esquecia do grego... Como fiz ressaltar a filosofia, eufonia e riqueza desta língua! Tudo devo ao P. Joaquín. Dê-lhe os mais cordiais parabéns da minha parte pelo ensino deste aborrecido idioma, no ano passado..."*¹⁷⁰.

A afeição às letras, reconhecida com o título de Bacharel em Artes, foi mais um talento ao serviço da vocação de Henrique de Ossó. Nunca se pôs fazer literatura.

6.4. "Todo o caudal ao serviço..."

Depois de falar dos estudos e das afeições de Henrique, chegamos ao mesmo ponto: destacou-se como aluno brilhante e sobressai a sua capacidade de autoformação. Os biógrafos e os que o conheceram coincidem em afirmar tanto as brilhantes qualidades quanto o seu empenho. O significado destes rasgos é importante, na óptica espiritual, considerando a razão dessa dedicação.

Henrique, se o quisesse, teria podido brilhar extraordinariamente no campo das Matemáticas ou das Ciências Naturais, tão actuais no seu tempo; não era esse o interesse; subordinou as suas aptidões à sua opção de vida. As ciências exactas ajudaram-no, notavelmente, para acentuar a precisão do pensamento,¹⁷¹ servindo-se, com frequência, de exemplos tomados da Física, para ilustrar realidades espirituais:

¹⁶⁶ Carta ao Dr. D. Félix Sardá y Salvany, Pbro., de 28 de Julho de 1865, assinada de Vinebre, *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

¹⁶⁷ Carta ao Dr. D. Félix Sardá y Salvany, Pbro. Assinada em Vinebre, a 8 de Setembro de 1866. *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

¹⁶⁸ Examinou-se em Barcelona, na faculdade civil. "Este grau académico supunha, segundo a lei Moyano de 1857, dois cursos para os estudos gerais do primeiro período e quatro para os estudos e a aplicação prática no segundo, com um exame. ... Dois anos depois, Henrique de Ossó y Cervelló é bacharel em Teologia por Barcelona". J. GABERNET, *Un contestatario leal*, p. 89.

¹⁶⁹ AGSTJ, Roma. Cfr. GABERNET, J., *Op. cit.*, p. 89.

¹⁷⁰ Carta ao Dr. D. Félix Sardá y Salvany, Pbro., de Henrique de Ossó, Subdiácono. Datada a 11 de Dezembro de 1866. *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

¹⁷¹ JIMÉNEZ DUQUE, B., *El escritor*, en *MO*, p. 84.

"Tudo com Jesus Cristo, nada sem Ele. Quanto mais fundamentado estiver o Catequista na onipotência deste tudo e mais desapoiado da miséria do seu nada, maiores prodígios verá... São... os dois braços da alavanca, que o céu... coloca à nossa disposição, para levantar o mundo moral. O ponto de apoio é a confiança que depositamos em Deus; o braço da potência é o poder de Deus; a resistência é o nosso nada, no qual, quanto mais nos apoiamos, mais impedimos a acção onipotente de Deus.

Às vezes, é verdade, desconfiamos de nós... mas... não nos apoiamos bastante na bondade de Deus, não confiamos no seu poder, e como não acreditamos, vivamente, não vemos a glória de Deus...

Encurtemos, pois, o braço da nossa resistência, e alonguemos quanto quisermos o da potência de Deus, pois, se com humildade e confiança filial em Deus nos apoiamos, temos resolvido o problema de Arquimedes; com esta alavanca conseguiremos virar o mundo, revolvê-lo e regenerá-lo completamente; da parte de Deus... não há-de falhar"¹⁷².

Da mesma forma que com as ciências, Henrique canalizou toda a sua sensibilidade para o belo e o gosto das letras, em função da vocação. A afeição literária tornou-se uma ajuda para captar os mais profundos sentimentos espirituais dos clássicos, que logo transformava, vertendo o precioso conteúdo em palavras simples para o partilhar com os demais. Não foi nem cientista nem literato. Foi sim um mestre ao serviço da fé de Jesus Cristo, com o espírito de um pai que busca o modo de alimentar os filhos. A sua pena, em tempos de revolução, serviu de *arma* com que "*empreendeu as batalhas do Senhor*",¹⁷³ para ganhar o homem da rua. As exigências da situação histórica que viveu levaram-no a utilizar os meios mais eficazes daquele momento, utilizando um género publicitário e jornalístico, para promover e despertar a vida espiritual dos leitores.

Através da orientação consciente de todo o seu potencial, tanto nas grandes obras como nas mais pequenas, foi-se operando nele a unidade de vida, obra da graça e da sua livre colaboração pessoal.

7. COMO OROU

A oração é essencial a todo o cristão. Para Henrique, é também, *missão*. Daí a importância e a amplidão da sua experiência, fundamento do futuro magistério. Por agora veremos, somente, alguns dos traços relevantes da oração do seminarista, entre as práticas e devoções que utilizou, durante a formação. Centrar-nos-emos na oração pessoal, na vida de oração e na vida sacramental.

Henrique pôs a oração em primeiro lugar, na formação. Foi para ele a chave da vida. Vivia-a como uma relação cálida com Jesus Cristo, por quem tudo se ilumina, em quem tudo se fortalece e onde tudo adquire o verdadeiro sentido.

Na sua experiência cristã, encontramos uma progressão, na continuidade das experiências da infância: aos dotes naturais da religiosidade, juntou-se a riqueza da piedade e do ensino maternos,

¹⁷² GC, EEO I, pp. 86-87.

¹⁷³ RT, 76 (Janeiro 1879), p. 102.

transmitidos num ambiente de valores transcendentos. Na época formativa, acrescentará a personalização da própria fé. Uma fé que, pelo exercício da oração, se irá fortalecendo até chegar à configuração com Cristo, inseparável na sua pessoa.

A vida sacramental e a prática quotidiana dos exercícios de piedade e de caridade foram o modo concreto como retroalimentou a fé e o amor. Pela correspondência ao Espírito, crescia, como Jesus, em sabedoria e graça.

7.1. Vida de piedade

Por testemunhos e biógrafos, pudemos conhecer os exercícios de piedade a que o seminarista Henrique de Ossó se entregava assiduamente: "longos tempos de oração... uma hora de oração mental ao levantar-se... missa cada dia..., visita ao Senhor na igreja da Puríssima, antes do almoço, recebia... [o] todos os domingos [e] depois do passeio, a última e indesculpável visita, a Jesus Sacramentado, antes do estudo da noite, ordinariamente na capela do Santíssimo, na Catedral"¹⁷⁴. A recitação do rosário, a leitura espiritual e os exames de consciência eram também práticas diárias. Também "*fazia algumas penitências... e confessava-se a miúdo*"¹⁷⁵. Em suma, uma piedade resumida à *oração* e à *vida sacramental*.

A multiplicidade de práticas era característica da religiosidade do tempo de Henrique de Ossó. Porém, nem sempre se viviam com a solidez doutrinal e o espírito que o caracterizaram. Quando vemos o modo como Henrique ensinou outros a corresponderem à graça, para viverem a vida em Cristo, através das mesmas práticas de piedade, revela-se-nos o sentido com que as viveu, de seminarista. Pela importância que lhes concede, deter-nos-emos brevemente em cada uma delas, sabendo que todas se unificam na relação com Jesus, cultivada na oração como trato de amizade, ao estilo teresiano. Terminaremos com algumas considerações sobre ela, mas sob outro ponto de vista.

7.1.1. Oração mental¹⁷⁶

Henrique dedicava a máxima importância e os tempos mais propícios¹⁷⁷ ao momento da oração, onde vivia a relação filial com Deus, através de Jesus. Dedicava-lhe a primeira hora do dia, ainda que, muitas vezes, lhe tenha dado também horas de sono, não sem sacrifício. O motivo era, apenas, o desejo de se parecer com Jesus, seguindo-lhe o conselho de orar sem interrupção:

*"Jesus dedicava muitas horas, noites inteiras, à oração, que é o caminho... a porta que abre os tesouros de Deus... durante o dia, a noite, todas as horas, Jesus ora ao Pai Eterno, sem que as ocupações lhe sirvam de estorvo, porque as sabia ordenar todas para a maior glória de Deus... Jesus... ensina a orar em todo o lugar, ocasião e tempo"*¹⁷⁸.

¹⁷⁴ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, pp. 25-26.

¹⁷⁵ AMS, EEO III, p. 12.

¹⁷⁶ Tocamos no tema da oração como a mais importante das suas práticas devocionais; adiante especificaremos o estilo, o "Trato de amizade" aprendido de Santa Teresa.

¹⁷⁷ A palavra oração contém múltiplos significados. Henrique refere-se à oração mental, que inclui a vocal; é a oração pessoal, entendida como exercício concreto para chegar à vida de união com Jesus, pela relação de amizade com Ele.

¹⁷⁸ VJ, EEO I, p. 530.

Orava para aprender de Jesus, para o conhecer e amar e, amando-o, tornar-se semelhante a Ele e viver em comunhão com Ele. Por isso, a fonte da sua oração pessoal jorrou da vida de Jesus, a partir da narração evangélica. Entrava em contacto com a Palavra, para a compreender e viver. Era assim que entendia o conhecimento de Jesus, dador de vida eterna.

Na forma concreta de estruturar as meditações e na utilização do método discursivo, podemos advertir a influência inaciana. Toma como ponto de partida a verdade evangélica, põe em jogo a imaginação, desperta o afecto e move a vontade, reflectindo com o coração. Termina com um compromisso agradecido e concreto, que o leva a querer realizar as acções de Jesus, sobretudo, amar como Ele amou, até dar a vida, para que outros o possam conhecer e amar. Quer dizer, corresponder ao amor de Jesus, comprometendo-se com os seus interesses¹⁷⁹.

Henrique prepara-se para a oração com uma atitude de atenção e escuta a Deus, durante todo o dia, buscando viver com Jesus e por Jesus¹⁸⁰. De S. Francisco de Sales aprendeu a chamada "*oração activa*"¹⁸¹, isto é, tudo fazer na presença de Deus e para o servir, suprimindo, através do desejo, o facto de não poder permanecer no trato directo com Jesus. De Santa Teresa de Jesus, fez seu o recurso de aprender a viver, dentro de si, na companhia de Jesus, valendo-se de uma imagem para o ajudar a *representá-lo dentro do coração, para se enamorar muito da sagrada Humanidade*¹⁸².

Na medida em que aprofundarmos na oração como trato de amizade com Jesus, iluminar-se-á melhor o sentido da oração mental, como prática diária, da que Henrique foi apóstolo e mestre¹⁸³.

7.1.2. Leitura espiritual

Era um dos exercícios mais estimados de Henrique, tão amante dos bons livros, que os considerava como os melhores amigos, capazes de dizer a verdade, sem respeitos humanos¹⁸⁴, sendo de grande ajuda para endireitar a vida.

Atribuía grande valor à leitura espiritual, porque dela passava facilmente à oração. Definia-a como:

*"... o canal por onde Deus... envia muitas inspirações"*¹⁸⁵.

A leitura é alimento. Daí a importância em seleccionar livros proveitosos para o espírito. Assim como se devem pôr de lado não só os livros que possam prejudicar como se fosse veneno¹⁸⁶,

¹⁷⁹ À medida que amadureceu na oração, o tema centrou-se nos *interesses de Jesus* e ele converteu-se em intercessor.

¹⁸⁰ A relação de amizade com Jesus não está reservada a momentos isolados, é uma atitude de vida. "No *TJ*, Henrique de Ossó vai-o repetindo ao longo do que chama *O dia santificado* (pp. 552-687), ao despertar, levantar-se... no falar, na comida... Uma oração... como muleta dá-lhe o sentido...: Em união com aquela divina intenção com a que Vós... [por exemplo: vos levantastes, eu... [me levanto]...". Cfr. MORENO FERNÁNDEZ, C., *La Persona de Jesucristo en el carisma de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*, Roma, 1977, p. 32.

¹⁸¹ *TFS*, EEO III, p. 638. A 27 de Maio de 1888, escreve sobre este tema na *Carta* n. 392 à Hna. Teresa Rubio: "*A melhor oração é a activa, isto é, a que junta o desejo santo com a obra boa. Não lhe dê pena se não pode rezar muito. Tudo o que fizer, faça-o bem, e já orou*".

¹⁸² *CH*, Diálogo Segundo, em EEO I, p. 296. A influência teresiana na oração ver-se-á no tema Amizade com Jesus Cristo.

¹⁸³ Cfr. No artigo VII da série *Santa Teresa de Jesus, Nova Débora*, em: *RT*, 178 (Jul. 1887), p. 290-291, Henrique especifica a diferença entre esta prática de oração pessoal ao estilo teresiano e outros tipos de oração, como a oração litúrgica. Aponta a necessidade da oração pessoal dizendo que é uma prática muito olvidada entre os fiéis e dela depende a sua salvação. Veremos o conteúdo da oração no ponto 7.4.

¹⁸⁴ *TJ*, EEO I, p. 551.

¹⁸⁵ *TJ*, EEO I, p. 590.

assim também os que se lêem por mera curiosidade¹⁸⁷. Porque a curiosidade pode ser um vício do entendimento e, como tal, atrasar o progresso espiritual. Quem pretende ser possuído por Cristo, isto é, *TODO DE JESUS*, deve entregar-lhe todas as potências, entre elas, o entendimento, abstendo-se daquilo que o possa prejudicar, e procurar o alimento em sãs leituras espirituais.

Para Henrique, não existe melhor livro do que o Evangelho. E, se aconselhava que todos os livros deveriam ler-se com o espírito com que foram escritos¹⁸⁸, podemos supor a reverente atitude com que se aproximava, diariamente, da Sagrada Escritura. Os seus escritos falam por si, do alcance da interiorização da Palavra de Deus, como fruto desse cultivo constante.

*"Faz o propósito firme... de não passar dia algum, sem ler, recordar ou meditar nas palavras de Cristo, porque recordando-as [o] ouvirás... e o conhecerás melhor, e melhor o poderás amar e imitar"*¹⁸⁹.

Além da Sagrada Escritura, Henrique encontrava palavras de vida nos escritos de Santa Teresa de Jesus, que sempre considerou inspirados. Sentiu grande afinidade com o espírito de S. Francisco de Sales e um forte estímulo com as vidas dos Santos e documentos eclesiais¹⁹⁰.

7.1.3. Rosário

É a oração de maior agrado para Maria¹⁹¹. Conhecendo o amor que o seminarista dedicava à Mãe de Deus, podemos imaginar como conectava com ela, dedicando-lhe, diariamente, a recitação do rosário. Era um resumo das mais belas orações: Pai Nosso, Ave Maria e Glória¹⁹².

A criatividade de Henrique manifestava-se, ao variar, cada dia, a forma de louvar Maria e contemplar os mistérios de Jesus, para glória do Pai. Umhas vezes imaginava estar na casinha de Nazaré, outras, unia a sua voz à do Arcanjo, para felicitar Maria. Deixava-se levar pelo espírito de louvor, ou de acção de graças. Com especial afecto se dirigia ao Pai, dizendo: *Santificado seja o teu nome*. Confiadamente, invocava Maria, pedindo-lhe a sua protecção para a hora da morte. Ao rezar, umas vezes preferia prestar mais atenção às palavras, e outras, aos mistérios¹⁹³. Ensinou, desta forma, a rezá-lo, porque, para ser verdadeira a oração vocal, tem que estar unida à mental, como ensina Santa Teresa¹⁹⁴.

7.1.4. Exames de consciência e retiros

Dissemos que Henrique aprendeu a prática dos exames de consciência no contacto com os jesuítas. Julgava que a fidelidade ao exame é de muito agrado a Deus e, por isso, de grandes benefícios para a vida espiritual:

¹⁸⁶ *Id.*, n. 7, p. 591.

¹⁸⁷ *Id.*, n. 9, p. 590.

¹⁸⁸ *Id.*

¹⁸⁹ *MCJ*, EEO III, p. 509.

¹⁹⁰ Ao falar da sua formação, mencionámos os autores espirituais seus preferidos. Cfr. *TJ*, EEO I, p. 590.

¹⁹¹ *TJ*, EEO I, p. 673.

¹⁹² *Id.*, p. 673.

¹⁹³ *Id.*, pp. 674-679.

¹⁹⁴ Cfr. *CH*, EEO I, p. 243.

"... fonte de inumeráveis bens, em especial a delicadeza de consciência, a emenda da vida, a compunção do coração e o conhecimento próprio"¹⁹⁵.

Da própria experiência chegou a concluir:

"Por imersa que uma alma esteja na tibieza, se durante quinze dias for fiel a fazer o exame, conseguirá uma feliz mudança no seu coração"¹⁹⁶.

O exame de consciência foi para Henrique de suma importância, facto que se entende, enquadrado no conjunto da sua vida espiritual. À luz do realismo com que se propôs ser de Jesus, entregando-lhe toda a pessoa e tudo quanto possui, tem sentido a minuciosidade com que estruturou o exercício. Deve ser ordenado, para Deus, cada pensamento, cada palavra, cada acção, oferecendo-lhe tudo e pedindo-lhe que tudo seja para a sua honra e glória¹⁹⁷. Depreende-se que seja de grande ajuda examinar-se de cada acção, cada hora,¹⁹⁸ para favorecer esse despertar da consciência.

Consiste na necessidade de uma vigilância contínua, inseparável da oração e por ela sustentada:

"Vigiar e orar, porque a vigilância sem a oração faz presumidos, e a oração sem a vigilância não salva do perigo"¹⁹⁹.

A perfeição que Henrique demanda não é indefinida, mas encarnada na sua pessoa, pelo que, deve detectar, através do próprio conhecimento, quais as reais dificuldades, e estimular-se a levar à prática as inspirações do Espírito. O exame que aprendeu e ensinou compreende dois aspectos: um negativo, que se ocupa de desarraigir vícios, e outro positivo, que é o mais importante, e tem como finalidade praticar a virtude, especialmente a contrária ao vício dominante. Por ser um instrumento de diagnóstico, exige tomar consciência da frequência com que se incide na mesma falta, e da intenção ou advertência que se teve ao realizá-la. Só assim se pode, com ajuda da graça, ir fazendo que, no coração, "*MORRA O PECADO!*", para que definitivamente "*VIVA JESUS!*".

Como as coisas do espírito têm que ser trabalhadas com firmeza, mas com suavidade, Henrique experimentou e recomendou que, ao querer praticar uma virtude, deveria começar-se por reconhecer a sua excelência, para estimular o desejo, e pedi-la como graça, porque toda a acção virtuosa procede de Deus. Deste modo, se fortalecerá a vontade para o vencimento de si, e as acções, pequenas ou grandes, serão virtuosas, porque brotam da fonte, que é o amor de Deus.

Seguindo a mesma tradição inaciana²⁰⁰, costumava examinar a consciência em três momentos: pela manhã, ao meio-dia e à noite. Pensando na continuidade e progresso, servia-se dos ritmos naturais: diário, semanal, mensal e anual.

¹⁹⁵ *TJ*, EEO I, p. 683.

¹⁹⁶ *Id.*, p. 683. Acerca do valor do exame é significativo o título de pequena obra, *Prática do exame particular e geral para desarraigir vícios, por inveterados que sejam, e adquirir toda a classe de virtudes*. Barcelona, 1891. Este subsídio foi pensado para as irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Na advertência diz que pode servir-se dele todo o que desejar santidade. Assinado em Maella a 22 de Abril de 1885, tem o aval de uma longa experiência de prática pessoal e de direcção espiritual.

¹⁹⁷ Assim inicia Henrique a pequena obra sobre a *Prática do exame...*, citada na nota anterior, [primeiro pensamento, sem página].

¹⁹⁸ Inicia o livrito citado com as palavras de Santa Teresa: "*Em qualquer obra e hora examina a tua consciência e, vistas as tuas faltas, procura a emenda delas, com o divino favor, e por este caminho alcançarás a perfeição*" (Aviso XXII).

¹⁹⁹ *MM*, EEO III, p. 296.

²⁰⁰ Cfr. A obra citada de Henrique: *Práctica del examen particular y general para desarraigir vicios... y adquirir toda clase de virtudes*. Veja-se também *MM*, "Alerta, hijo mío", em EEO III, pp. 294-296.

Praticava o exame particular, dirigido a desenraizar um vício ou a adquirir uma virtude específica, e o geral, pelo qual cuidava em ordenar todos os actos da vida para dar a Deus a honra que merece, dando graças pelos frutos encontrados e pedindo perdão e emenda, quando reconhecia ter-se desviado da caridade.

*"Para vencer-te a ti mesmo,... que és o principal inimigo do teu bem..., e para ser vencedor dos teus... inimigos, o mundo e o demónio, é de todo indispensável vigiar e orar... Vigia sobretudo o coração; faz exame de previsão de manhãzinha, e pergunta-te: Que hei-de fazer hoje? Como o devo fazer?... Leva exame particular de consciência acerca da tua paixão dominante, e examina-te ao meio-dia e à noite, para ver como cumpriste os teus propósitos: dá graças a Deus se te emendaste, ou pede-lhe perdão se recaíste, e faz uma leve penitência"*²⁰¹.

O maior fruto do exame é a formação de um coração contrito e agradecido. Por isso, Henrique situa-o num clima de relação com Jesus Cristo. Antes de se examinar procurava colocar-se no contexto do Calvário ou da oração do Horto e, vendo a dor e amor de Jesus, movia-se ao arrependimento. Pedia perdão ao ver que não era agradecido, porque a sua vida se afastava do amor que a Jesus tanto tinha custado²⁰².

Com a mesma dinâmica vivia cada mês os retiros:

*"... para glorificar a Deus e dar-lhe graças"*²⁰³.

Eram dias em que aprendia uma das ciências mais necessárias: o próprio conhecimento. Tão importante que vinculava a graça da perseverança à fidelidade ao retiro²⁰⁴.

Nos retiros, examinava a sua relação com Deus, consigo mesmo e com os demais. Avaliava a sua fidelidade à graça, segundo as resoluções inspiradas no retiro anterior. Buscava o modo de levar a cabo o único fim da formação: deslocar o centro egoísta da sua pessoa para poder dar-se livremente a Jesus Cristo. Esta intenção representava-a com a imagem do coração, e assim a transmitiu às jovens. Nos *propósitos* dos retiros, encontramos palavras que recolhem o sentido desta experiência:

*"Feito isto, como quem toma fôlego e forças, protestarás repetidas vezes que queres continuar nas tuas resoluções; e como se tivesses nas mãos o teu coração, alma e arbítrio, dedica-o, consagra-o, sacrifica-o, imola-o a Deus, protestando não voltar jamais a recuperá-lo, antes deixá-lo sempre nas mãos da sua Divina Majestade, para que em tudo e por tudo siga os seus preceitos; pede a Deus que te renove inteiramente, que abençoe esta renovação de propósitos e que a fortaleça..."*²⁰⁵.

O texto continua, pedindo o auxílio de Maria, Teresa de Jesus e S. José... e termina com a seguinte exortação:

*"Exclama por fim, com todo o afecto do teu coração, com S. Paulo e a tua Mãe Santa Teresa de Jesus: Já não sou de mim... sou do meu Salvador Jesus: Jesus é o meu eu, e o meu eu é ser toda sua...A minha única aspiração, o meu único fim, em todos os meus pensamentos, palavras e obras, será o que constitui a minha divisa, que levo escrita no coração: Viva Jesus meu amor! Tudo por Jesus..."*²⁰⁶.

²⁰¹ MM, EEO III, p. 295.

²⁰² Veja-se: *Modo prático de fazero exame*, em: ENRIQUE DE OSSÓ, *Op. cit.*, p. 15.

²⁰³ CH, EEO I, p. 467.

²⁰⁴ Cfr. TJ, EEO I, pp. 736-738.

²⁰⁵ CH, EEO I, p. 471.

²⁰⁶ *Id.*

Do ponto de vista prático, os exames e retiros são charneiras para fazer o balanço necessário e tomar consciência do estado dos interesses de Jesus. Henrique, antes de ser seminarista, tinha sido excelente aprendiz de comerciante e, em concordância com a teologia espiritual do seu tempo, vemo-lo aplicar este talento ao propósito da sua vida:

"Costumam os que trazem negócios temporais entre mãos, destinar um dia, de tanto em tanto, para examinar o andamento dos seus negócios... O que o afã dos bens caducos inspira... não pode inspirá-lo... o único negócio importante, que é a salvação...?"²⁰⁷.

7.1.5. Exercícios espirituais

Os exercícios espirituais foram para Henrique muito mais que um balanço anual. Reuniam em si o exame de consciência, meditação e contemplação, oração e, sobretudo, prestava atenção ao Espírito para buscar e achar a divina vontade nas disposições da vida²⁰⁸. Quando Henrique recomenda a prática dos exercícios²⁰⁹, nota-se como tinha assimilado bem o espírito original de Santo Inácio²¹⁰.

Além disso, para ele, os exercícios eram o retiro necessário onde se prepara o apóstolo para realizar grandes empreendimentos²¹¹. Chama a atenção que as obras apostólicas realizadas ou guiadas por ele ao longo da sua vida, sempre tenham sido fruto do discernimento de uns exercícios espirituais²¹².

Tanto é o fruto espiritual que se obtém dos exercícios que Henrique encontra um sinal inequívoco do seu valor na perseguição do decidido nesta prática. Interpreta-o como sinal de ter sido introduzido nas fileiras do Rei Eterno, pela predileção de poder partilhar o seu mesmo destino²¹³. Por isso não só lhes foi fiel, realizando-os enquanto seminarista, como os incorporou no seu ministério sacerdotal, chegando a ser um grande director e propagandista dos mesmos.

7.2. Devoções

Henrique alimentou os exercícios de piedade com as devoções piedosas específicas da Igreja e da espiritualidade do seu tempo²¹⁴. Segundo a própria experiência, as práticas devocionais

²⁰⁷ CH, EEO I, p. 465.

²⁰⁸ CH, EEO I, p. 472.

²⁰⁹ Dentro do *Regulamento da Arquiconfraria*, prescreve a prática dos exercícios espirituais ao menos uma vez ao ano. Veja-se o que diz sobre eles em CH, EEO I, pp. 472-474, assim como no artigo: "As filhas de Maria Imaculada e de Teresa de Jesus", em RT, 25 (oct. 1874), pp. 25-30. É um escrito de interesse, para descobrir em Henrique o director de exercícios desde os primeiros anos de sacerdote. Assina-o uma filha da Archiconfradía, no entanto, pela linguagem e síntese doutrinal vê-se que são suas.

²¹⁰ Henrique, ao falar dos exercícios, tem o cuidado de acrescentar: "segundo Santo Inácio". Cfr. além dos locais citados, TJ, EEO I, p. 752, e a obra sua intitulada: *Exercícios Espirituais segundo o método de Santo Inácio de Loyola, para as irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus*, (EE), em EEO II, pp. 512-739.

²¹¹ TJ, EEO I, p. 752.

²¹² Este tema merece ser aprofundado, pensando que a Companhia de Santa Teresa de Jesus nasceu da sua experiência. Cfr. EE, EEO II, p. 512.

²¹³ Referindo-se à Companhia diz: "As mais fortes [contradições] sempre foram as que se levantaram durante os santos exercícios. Nestes três anos, cada vez que as fundadoras fizeram exercícios espirituais, sempre se levantou tão dura tormenta, que parece que as ondas da contradição a iam engolir...": RT, 87 (dic. 1879), p. 77.

²¹⁴ O XIX não é um século de experiência mística, mas do renascimento das formas de experiência cristã, expressas na religiosidade popular, cristocêntrica e mariana. O sentimento religioso para com Deus, Jesus, a Virgem e os Santos conduzia

fecundam a vida cristã, porque são sinal da dependência de Deus e vão acompanhadas pelo compromisso da vontade. São manifestações piedosas da *verdadeira devoção*, identificada com a perfeição da caridade.

Henrique foi um dos grandes impulsionadores da *devoção* concebida desta maneira. Desde a juventude entendeu-a no sentido em que a define S. Francisco de Sales: como a vivacidade espiritual ou prontidão no serviço da caridade. Expressa a atitude de reverência na relação com Deus e converge no oferecimento pessoal, como resposta ao seu amor.

Concebe as autênticas devoções não só como práticas externas de piedade ou representações da *devoção*, porque a sua vivência vai unida ao cumprimento dos deveres do próprio estado. Não são um "oásis" espiritual, mas momentos de verificação da vida pessoal, em confronto com a vontade do Pai. Têm o seu sentido, na medida em que ajudam a viver a vida de Deus em Cristo e a crescer nela. O que Henrique escreve referindo-se à devoção a S. José pode aplicar-se a todas, em geral:

*"As devoções e práticas de piedade que mais agradam ao glorioso S. José são as que mais eficazmente fazem que Jesus viva por amor e graça nas almas e morra o pecado. Logo a oração, confissão e comunhão são as práticas que mais agradam ao Santo"*²¹⁵.

Além do fundamento cristocêntrico, Henrique acentua o aspecto cultural. Por isso, punha especial empenho na celebração das festas, meses e novenas. Eram momentos para pedir graças especiais, honrar Deus ou os Santos, recordando e agradecendo os benefícios recebidos, e expressar –lhes afecto, por meio de obséquios.

Desde os tempos de seminarista, Henrique cultivava quase todas as devoções próprias do século XIX, com preferência a devoção a Maria Imaculada, a Jesus nos mistérios da Encarnação, Paixão e Eucaristia, ao Coração de Jesus, aos Santos, ocupando lugar de destaque, entre eles, S. José e os Santos Anjos. Em todas as orações incluirá a intercessão pelas almas do purgatório e pelo Romano Pontífice²¹⁶. Em todas as devoções indica, como ponto de convergência, a finalidade última de dar glória à Santíssima Trindade.

7.2.1. Santíssima Trindade

Henrique de Ossó aderiu ao costume tradicional de expressar o amor às Divinas Pessoas, mediante a prática do triságio²¹⁷.

A devoção à Trindade estava presente, de alguma forma, em todas as outras, já que qualquer acção devia fazer-se em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e para a sua maior glória²¹⁸.

à realização de numerosos actos religiosos em sua honra. Um dos contributos da espiritualidade do s. XIX foi o enriquecimento doutrinal das numerosas práticas onde se manifestava a piedade da tradição eclesial. A Igreja admitiu e fomentou, especialmente, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, à Eucaristia, à Imaculada Conceição e a S. José. Cfr. MARTÍN HERNÁNDEZ, F., *Situación religiosa de la Iglesia en el siglo XIX*, en: *Historia de la espiritualidad*, II, Barcelona, 1969, pp. 449-477; BORRIELLO, L., DELLA CROCE, SECONDIN, *La spiritualità cristiana nell'età contemporanea*, Roma, 1985, pp. 80-139.

²¹⁵ *TJ*, EEO I, p. 887.

²¹⁶ O tema da devoção e as devoções é importante na espiritualidade da época. Existem algumas mais significativas para Henrique, que as cultivou, desde seminarista, e aprofundou durante toda a vida. É excepção a devoção a Santa Teresa, que irrompe como carisma pessoal, em 1872.

²¹⁷ Cfr. *GC*, EEO I, p. 171.

Dirigir-se ao Pai despertava o seu louvor. Quando se referia ao Filho, recordava as palavras do Pai na revelação do Baptismo: "escutai-O". Pensando no Espírito, agradecia a obra de santificação e movia-se a pedir fidelidade e docilidade, para obedecer às inspirações da graça.

Na oração, oferecia a Jesus, a única oferenda digna para louvar a Deus²¹⁹. Gostava especialmente da oração da *glória*, porque com ela antecipava o que constitui a ocupação dos bem-aventurados: louvar, honrar, adorar e amar o mistério de Deus.

7.2.2. Coração de Jesus

*"O Coração de Jesus é o centro dos corações cristãos; e a humanidade inteira tem no Coração de Jesus um coração comum; um sangue de comunhão...une... purifica... move... obriga a caminhar para a justiça, a luz e o amor... [Os] divinos impulsos... que saem continuamente do Coração de Jesus... constituem... a graça, o dom interior, que eleva... à vida eterna, despoja [a pessoa] do seu egoísmo e sensualidade, e fá-la viver uma vida de perfeito amor e sacrifício"*²²⁰.

Com estas palavras animava Henrique a serem devotos e familiares do Coração de Jesus. A devoção ao Coração de Jesus é comunhão com o mistério de amor e sacrifício de Cristo Jesus, resume a sua vida, paixão e morte. A representação do coração é símbolo do centro da pessoa, âmbito dos sentimentos mais elevados. Por isso, é *"como a quinta-essência de todas as devoções"*²²¹ que atrai, vivifica e reúne toda a beleza. Fruto desta devoção é despertar um amor ardente a Jesus, cheio de ternura, e uma *"susceptibilidade santa"*²²² pelos seus divinos interesses, porque é devoção que *"consiste toda no amor"*²²³.

Henrique acolheu a devoção ao Sagrado Coração de Jesus em consonância com a tradição da Igreja²²⁴, encontrando nela grande afinidade com o seu espírito. Praticou-a e propagou-a, aprofundando vivencialmente a imitação das virtudes características do Coração de Cristo: humildade e mansidão. Experimentou e ensinou que o lugar do descanso existencial, onde os anelos mais profundos da pessoa se silenciam e ordenam, é o Coração de Jesus. Daí o convite a *"entrar,"* que lançava continuamente nas pregações e escritos, em nome do Coração de Jesus. Quando o cristão é revestido dos mesmos sentimentos de Jesus, quando, pela assimilação das suas lições, vai vivendo os impulsos do Coração de Cristo, também vai alcançando essa paz e esse descanso, consequência de ter entrado na sua morada.

²¹⁸ Cfr. *TJ*, EEO I, p. 765.

²¹⁹ Cfr. *TJ*, EEO I, p. 771.

²²⁰ *GC*, EEO I, p. 89-90.

²²¹ *TJ*, EEO I, p. 818.

²²² *TJ*, EEO I, p. 817.

²²³ *TJ*, EEO I, p. 817.

²²⁴ A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, descoberta, na metade do século XVII (Cfr. *TJ*, EEO I, p. 816), foi introduzida em Espanha no século XVIII e propagada pela acção apostólica dos jesuítas. Em 1856, a festa do Coração de Jesus soleniza-se para a Igreja universal, e em 1864 é beatificada Margarita Maria Alacoque. Erguem-se templos em honra do Coração de Jesus, organizam-se associações e congregações religiosas. Vários bispos começaram a consagrar-lhe as dioceses, facto que culminará, em 1898, com a consagração do mundo, proclamada por León XIII. Cfr. MARTÍN HERNÁNDEZ, F., *Historia de la Espiritualidad*, II, p. 462. Henrique de Ossó encontrou na devoção ao Coração de Jesus uma fonte inesgotável de renovação pessoal e social.

Enquadrada na devoção ao Coração de Jesus, Henrique vive a devoção Eucarística e a devoção ao Coração Agonizante de Jesus. O culto ao Coração de Jesus Sacramentado tem um sentido reparador. Trata-se de desagrarar pelos esquecimentos e ultrajes que Jesus recebe, precisamente na máxima manifestação do seu amor para com a humanidade. A devoção ao Coração agonizante consiste em acompanhar Jesus nos momentos mais dolorosos da sua paixão. Projecta-se, também com a oração pelos agonizantes, que são os cristãos que vivem o momento de maior perigo para a sua salvação, no qual travam o duro combate final, entre a vida e a morte.

7.2.3. Jesus Menino

Referimo-nos aos mistérios de Jesus, preferidos por Henrique: Encarnação, Paixão e Eucaristia²²⁵. Em todos, o núcleo é o amor de Jesus Cristo, pelo que, podem também ser vistos dentro da devoção ao Coração de Jesus. Contudo, a devoção ao mistério da Encarnação, através do qual contempla o amor de Deus, que se abaixa para elevar a humanidade, exalta-o, provocando-lhe um enorme desejo de imitar a humildade de Jesus, e arranca-lhe expressões de grande ternura:

*"Oh fé santa! Ilumina as nossas inteligências e corações, porque sem a tua luz é impossível penetrar e descobrir os mistérios da imensa ternura e fina doçura, e elevado e delicado amor, que aspergem fragrantíssimo e divino aroma da infância e meninice do Homem-Deus"*²²⁶.

7.2.4. Maria Imaculada

Henrique enfoca a piedade mariana a partir da centralidade de Cristo, em consonância com a mariologia do tempo; no entanto, ao pensar no itinerário espiritual, fala dela como meta. Experimentou em si mesmo que Maria é a porta para chegar a Jesus Cristo. Talvez por isso tenha feito do apostolado mariano o alvo dos seus empreendimentos, especialmente enquanto seminarista e nos cinco primeiros anos de sacerdote.

A devoção mariana leva-o a oferecer tudo pelas mãos de Maria²²⁷, a confiar ilimitadamente na sua protecção, porque nada há que Maria não possa ou não queira alcançar, em ordem à salvação. É a Mediadora, a ponto de não haver acesso ao Filho de Deus, se não por Maria. Só ela pode mostrar Jesus, fruto bendito de seu ventre, ao cristão. Maria é para ele a Mãe de misericórdia, o refúgio dos pecadores.

Movido, sem dúvida, pela experiência da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, em 1854, alegra-se ao considerar que nada há em Maria que manche a relação amorosa com Deus. Referindo-se aos privilégios de Maria, dá primazia ao mistério da Imaculada Conceição, porque Maria, na sua Maternidade divina não é imitável, mas é-o, na fidelidade à graça e no coração. No seu magistério destaca a caridade, pureza, modéstia e humildade de Maria. São virtudes que também correspondem ao modelo de mulher, próprio da época. Entre as devoções populares a Maria, duas são da preferência de Henrique: Nossa Senhora do Carmo e a Senhora das Dores.

²²⁵ A análise das meditações dos diferentes livros de devoção escritos por Henrique, confirma estas preferências. Quando Henrique apresenta S. Francisco de Sales, dizendo que o Santo robustecia o seu amor a Jesus Cristo, considerando-o "como menino na sua infância, como paciente na sua Paixão e como extremamente amante na Eucaristia", podemos dizê-lo também de si mesmo. Cfr. *TFS*, EEO III, p. 658.

²²⁶ *TJ*, EEO I, p. 785. Em nenhum dos livros devocionais, se omite a contemplação do Menino Jesus. É tema frequente nas *Cartas*, por ocasião do Natal.

²²⁷ *RT*, 80 (mayo 1879), pp. 222-224.

Honra a Virgem com a invocação do Carmo, propagando a devoção do "Escapulário"²²⁸. É o sinal da aliança entre Maria e os seus filhos carmelitas, estendido a todo o povo cristão. Henrique traz o Escapulário, porque quer entrar no pacto de Maria e ser envolvido em "alma e corpo",²²⁹ sob a sua protecção com essa "jóia de salvação"²³⁰. Quando pretende propagar essa devoção, recorre aos conhecimentos da física e explica que o Escapulário é como um termostato, eficaz contra os ardores da concupiscência ou contra o frio da indiferença; trazê-lo implica o compromisso de imitar a castidade de Maria e contar com ela na tentação, confiando na sua protecção, sobretudo na hora da morte. O demónio não terá poder sobre quem o levar.

A devoção à Virgem das Dores estava arraigada na Catalunha. Henrique visitava a sua capela com assiduidade, enquanto viveu em Reus²³¹; continuou, depois, a devoção na forma tradicional. Esta consistia em contemplar o mistério da dor de Maria, detalhando-o em sete passos ou "sete dores", formando uma Coroa²³². O exercício de acompanhar Maria e se compadecer do seu sofrimento²³³, pedindo partilhar os sentimentos de Cristo na sua paixão, produz os melhores frutos espirituais. Henrique conta que estes são: a decisão de se afastar do pecado com a ajuda da graça, a aceitação da cruz e espírito de mortificação, a paciência para viver a condição de peregrinos e, enfim, o ser feridos de amor para viver mortos para o pecado, e só para Deus²³⁴.

7.2.5. S. José

Henrique recebeu a devoção a S. José pelo ensino e exemplo maternos²³⁵. O Santo era invocado como protector, em todos os momentos da vida e, especialmente, no da morte.

Um testemunho seu, sobre a devoção a S. José, no tempo de seminarista, encontrámo-lo no plano de vida espiritual²³⁶, que escreve, em 1865. Nele designa um santo protector para cada dia da semana, e a S. José dedica o primeiro lugar, o domingo. A súplica que faz ao Santo exprime o conteúdo da devoção pessoal:

*"... alcançai-me, glorioso Santo, as virtudes de que tenho maior necessidade. Ensinai-me a falar com Jesus na oração, a viver nele, e por ele, e que todas as minhas acções sejam um acto de amor. Fazei-me humilde e casto como Jesus e Maria, e no transe da morte amparai a minha alma, para ir gozar da sua amável presença convosco, por toda a eternidade"*²³⁷.

Em S. José, Henrique encontrou um modelo próximo, que o estimulou no caminho empreendido. Contemplá-lo como pai e protector de Jesus, despertava-lhe a confiança; ao vê-lo como esposo de Maria, maravilhava-se, considerando a comunicação amorosa que entre eles existiria; quando o imaginava fatigado, a trabalhar em silêncio, encontrava nele o espelho para

²²⁸ TJ, EEO I, pp. 867-869.

²²⁹ Id., p. 868.

²³⁰ Id., p. 867.

²³¹ AMS, EEO III, p. 11.

²³² TJ, EEO I, pp. 869-872. As três primeiras dores são correlativas às de S. José.

²³³ TJ, EEO I, p. 881.

²³⁴ Cfr. TJ, EEO I, pp. 869-872.

²³⁵ TN, EEO I, p. 1259.

²³⁶ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *op. cit.*, p. 74.

²³⁷ Citado em ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *loc. cit.*

santificar os deveres, em atitude de oração. O que mais o impressionava, e sintetiza o anterior, era a profundidade da relação vivida por José com Jesus e Maria, como cabeça da Sagrada Família. Por isso, a exemplo de Santa Teresa, desde a juventude, recorreu a S. José como mestre de oração, mestre da vida escondida com Cristo em Deus.

Henrique propagou sempre a devoção a S. José em relação a Jesus e Maria. Tal como Maria é a porta para Jesus, S. José, pela missão que Deus lhe quis confiar, é acesso a Jesus e à sua Mãe. A devoção a S. José resume-se no espírito de oração, fé e mansidão²³⁸. Segundo Henrique, esta devoção²³⁹ não podia igualar-se à dos outros santos. Pensava que a Igreja devia a S. José um maior culto, porque teve uma missão sublime, ocupando o lugar do Pai no cuidado de Jesus. Por esta razão, também o considerou protector da infância.

7.2.6. Santos

Os santos são para Henrique intercessores, amigos de Deus que nos precederam e podem ajudar o cristão com o seu auxílio²⁴⁰. É necessário invocá-los com confiança; estudá-los para os conhecer e amar, pois daí nascerá o estímulo para imitá-los nas virtudes e "*obsequiá-los*"²⁴¹. Agradecidos por essa devoção, os santos são "forçados" a interceder pelos devotos.

A piedade popular do século XIX dedicava uma especial predilecção aos santos. Pode dizer-se que eles faziam parte da sociedade. Os devotos colocavam-se sob a protecção do santo, pediam-lhe a bênção e exprimiam, de forma espontânea e variada, uma piedade marcada por gosto miraculoso. Henrique recolhe, no devocionário escrito para a juventude, uma lista de invocações a mais de vinte santos²⁴². Para sua devoção particular, ligou-se a alguns deles. Como mencionámos para S. José, no tempo de seminarista, distribuiu estes protectores pelos dias da semana:

"...segunda-feira, Santa Teresa²⁴³; terça-feira, S. Francisco de Sales; quarta-feira, o Santo Rei David; quinta-feira, S. João Evangelista e S. Luis Gonzaga; sexta-feira, S. Tomás de Aquino e Santa Catarina de Sena, e sábado, S. Bernardo²⁴⁴.

7.2.7. Anjo da Guarda

Henrique é muito devoto do Santo Anjo da guarda. A convicção de que a vida é um combate de morte para todo o cristão, confere sentido a esta devoção. Se o combate se trava entre os bons e

²³⁸ Cfr. GC, EEO I, p. 92.

²³⁹ A devoção a S. José desenvolve-se no século XIX, como em nenhum dos anteriores. Em 1870, é declarado Padroeiro da Igreja católica. A encíclica *Quamquam pluries*, 1889, de Leão XIII foi inteiramente dedicada a S. José, apresentando-o como modelo de esposo, pai e trabalhador. O mesmo pontífice, na Carta apostólica *Neminem fugit*, 1892, volta a propô-lo aos pais de família. O culto a S. José vai relacionado com a devoção à Sagrada Família. Cfr. BORRIELLO, G., DELLA CROCE, G., SECONDIN, B. Op cit., p. 144.

²⁴⁰ TJ, EEO I, pp. 750-751.

²⁴¹ *Id.*

²⁴² Veja-se TJ, EEO I, p. 927-936. Recordemos que era costume designar um santo para cada necessidade. O santo advogava para que fosse concedida a graça que tinha relação com algum facto da sua vida ou algum dos seus milagres conhecidos. Henrique elege os santos que mais podem edificar e elevar o povo pelas suas virtudes e põe uma fórmula onde pede a graça de viver uma virtude. Entre as virtudes que mais destaca estão: a caridade, castidade e pureza de coração, o cumprimento dos deveres do próprio estado, o zelo, humildade e edificar pelo trabalho. Entre as graças que pede aparecem: a conversão, o ver-se livre dos enganos do inimigo e do pecado, que é pior do que a peste, e desta, se convém, a saúde espiritual.

²⁴³ Santa Teresa ocupa o primeiro lugar na simpatia do P. Henrique, ao lado de S. Francisco de Sales. É um sinal de predisposição para a graça que receberia.

²⁴⁴ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p. 74.

os maus espíritos, e a luta acontece no interior da pessoa, é preciso contar com os bons amigos espirituais.

*"Não é nossa luta e combate, não são tanto inimigos nossos os visíveis, mas os invisíveis: os espíritos malignos são os que esterilizam os nossos esforços e os meios de salvação... Convém, pois, que invoquemos incessantemente e ponhamos do nosso lado os espíritos bons, que combatem e inutilizam os empenhos dos anjos maus; de outra sorte lutaremos com força desigual"*²⁴⁵.

Na tradição católica, estava muito expandida a devoção aos Santos Anjos e ao "capitão" de todos, S. Miguel.

*"S. Miguel...designa-nos um Anjo para nossa custódia; oferece as nossas orações e os nossos sacrifícios a Deus; impede que o demónio nos prejudique e defende-nos dos seus ataques e enganos"*²⁴⁶.

Henrique costumava invocar a miúdo o Anjo custódio, e associa-se a ele no apostolado. Aconselhará a saudação ao Anjo da Guarda dos destinatários da acção apostólica, convencido de que qualquer intervenção eficaz é questão de fé.

"É prodigioso valor, para ganhar as vontades e inclinar-se ao bem, a saudação aos Anjos custódios daqueles com quem vamos tratar.

*Experimentámos mil vezes, visivelmente, os santos efeitos desta devoção, vendo coroados os nossos desejos, muito além das nossas esperanças, conseguindo suavemente o nosso fim, quando tudo humanamente parecia conjurar-se contra ele"*²⁴⁷.

Quando pensa nos Anjos, Henrique comove-se, porque considera que eles podem contemplar sempre o rosto do Altíssimo. Como fiéis servidores de Deus, são o protótipo da *devoção*, que é a prontidão amorosa no serviço.

A prática da devoção aos Santos Anjos consiste na sua invocação. É ajuda para fortalecer o espírito de oração,²⁴⁸ porque desenvolve um sentido de fé, dentro da vida ordinária.

7.3. Vida sacramental

Da fé de Henrique, estreitamente unida ao amor à Igreja, brota o grande apreço à vida sacramental, como mediação privilegiada para o encontro com Deus.

7.3.1. Graça baptismal

Viveu muito consciente da graça do Baptismo, origem da fé²⁴⁹ e nascimento para a verdadeira vida, a partir do qual é possível orar, porque cria a condição da nossa relação com Deus.

²⁴⁵ GC, EEO I, p. 92.

²⁴⁶ CH, EEO I, p. 418.

²⁴⁷ GC, EEO I, p. 92.

²⁴⁸ Id., p. 93.

²⁴⁹ Novena à Imaculada Conceição de Maria (NMI), EEO III, p. 416.

"... fui purificado nessas águas; o Espírito Santo desceu sobre mim e santificou-me, o Pai aceitou-me como filho seu muito amado, e tornei-me irmão [de Jesus] e fui consagrado templo e morada da Santíssima Trindade"²⁵⁰.

Persuadido de que a vida espiritual tem o seu fundamento na consagração baptismal, direcionou as suas obras apostólicas em ordem a facilitar os meios, para viver em fidelidade à graça de ser cristão, única que permite chamar a Deus com o nome de "Pai".

A graça baptismal é a graça da inocência, da amizade com Deus²⁵¹. Henrique relaciona-a com a casa do pai da parábola do filho pródigo, abandonada pela desordem das paixões e pelo pecado. A graça da conversão e o aborrecimento do pecado que leva consigo, surge do contraste com a bondade e misericórdia desse Deus Pai. É a vivência do coração contrito e do espírito humilhado. Por essa experiência amorosa, Henrique manifestará o seu apreço ao sacramento da confissão e à prática da penitência.

7.3.2. Sacramento de misericórdia

Com respeito à confissão, Henrique escreve:

"... não podia instituir prática tão boa para curar todas as feridas do coração humano, senão quem o formou e conhecia as secretas misérias do coração"²⁵².

Além da graça purificadora do sacramento, reconhece-lhe a necessidade, a fim de chegar à verdade de si mesmo, pois é meio do próprio conhecimento, à luz de Deus. Daí também o seu valor preventivo:

"... pela confissão, o homem conhece-se a si mesmo, conserva ou alcança a pureza do coração, previne as ocasiões perigosas, e impede que os maus hábitos se enraízem [nele]..."²⁵³.

Encontramos em muitos textos a reiteração do apreço de Henrique aos seus confessores, não só na época do seminário, como depois de ordenado. Por isso, recomendará:

"... debes confessar-te com frequência... para teres um guia, um bom conselheiro em todas as dúvidas e coisas. Os Santos assim o faziam, meu filho, e, por este meio, cresceram na perfeição e pureza de alma"²⁵⁴.

Relacionada à confissão, estava também a prática dos exames de consciência, como grande preparação para o sacramento. No seu magistério, insistirá na *claridade de consciência, sinceridade e lhaneza de espírito*,²⁵⁵ como meios para buscar e achar a vontade de Deus. Muito se poderia dizer sobre o espírito de verdade com que Henrique se aproximava da confissão. A esta luz se compreende a justa visão de si a que chegou, a fidelidade à amizade com Deus, e a profundidade com que contemplava o mistério da Redenção.

Desde seminarista, deu importância ainda a outras práticas penitenciais, reflectindo nelas uma sincera conversão e a consciência de ser pecador. Seguindo o critério evangélico²⁵⁶ e os

²⁵⁰ *MCJ*, EEO III, p. 502.

²⁵¹ *EE*, EEO II, p. 631.

²⁵² *CH*, EEO I, p. 451.

²⁵³ *TJ*, EEO I, p. 693, n. 11.

²⁵⁴ *MM*, EEO III, p. 303.

²⁵⁵ Virtude especificamente teresiana que Henrique pedirá às suas filhas, unida ao amor e antes de qualquer outra. Cfr. *Constituciones de la Compañía de Santa Teresa de Jesús (C)*, EEO II, p. 32.

²⁵⁶ Mt 6, 6

ensinamentos da Igreja, jejuava, orava e dava esmolas. Outras vezes dava aos actos de mortificação o sentido de *obséquios* a Jesus, Maria e José²⁵⁷ e com eles, além de agradecer os benefícios recebidos, preparava-se para as principais festividades²⁵⁸.

Nos seus escritos há uma doutrina acreditada e vivida em atitude de amor e de agradecimento²⁵⁹. É o *MORRA O PECADO!* para que *VIVA JESUS!* Ao dedicar-se à formação de crianças, jovens e adultos em ordem à vida cristã, colocará, em primeiro lugar, a necessidade de entrar pelo caminho da penitência.

O fundamento último, radica no exemplo do próprio Jesus, que sendo inocente, vence as tentações e prepara a sua missão com penitência. Cristo no deserto é o modelo do discípulo para seguir este caminho²⁶⁰.

7.3.3 Amor eucarístico

Se toda a oração tem como fim a união com Jesus, a Eucaristia é o sacramento em que se realiza por excelência.

*"... pode considerar-se como sacrifício e chama-se Missa, ou como sacramento e chama-se Comunhão"*²⁶¹.

- **Missa**

Henrique, seminarista, ia diariamente à Missa

*"Sol de todos os exercícios de piedade, coração da devoção..."*²⁶².

Na Missa, unia a oração de louvor, expiação, petição e acção de graças ao sacrifício mais perfeito, o de Jesus no altar²⁶³. Era costume do tempo meditar na Paixão de Jesus durante a celebração da Missa, para se oferecer juntamente com Cristo ao Pai. O seminarista enchia-se de sentimentos de submissão, reconhecimento e adoração, nascidos do Espírito que, nos seus dons, faz captar a infinita Majestade de Deus, orientando a pessoa toda no desejo de lhe prestar o culto que merece, por ser o mesmo Deus. Com o movimento do Espírito brota a oração de louvor, que em união com Cristo exclama: "Pertence-te toda a honra e glória, ó Deus, Pai todo poderoso..."²⁶⁴.

- **Comunhão**

²⁵⁷ Este é o sentido para o que chamou Carícias ao Menino Jesus, pequenos actos de mortificação para provar o amor a Jesus, O consolar e O desagruar. Cfr. VJ, EEO I, pp. 490-492.

²⁵⁸ Da mesma forma que depois ensinou a obsequiar Jesus, Maria e José às crianças da catequese e através deles aos leitores da Revista. Exemplos destas práticas postas na boca das meninas do Rebanhito são as seguintes: "jejuarei um dia por semana"; "não merendarei durante todo o mês de Outubro"; "farei um quarto de hora de oração de manhã e outro à tarde"; "todos os dias aprenderei uma máxima..."; darei uma esmola para "ajudar os missionários a salvar almas". Em "Hechos edificantes": RT, 60 (sept. 1877), p. 358.

²⁵⁹ Veja-se a pedagogia com que trata o tema da confissão, o espírito evangélico nas orações que propõe e a importância da mediação eclesial, em todas as suas obras, por exemplo: TJ, EEO I, pp. 692-707; MM, EEO III, pp. 302-305.

²⁶⁰ Cfr. Preparação de Cristo para a vida Pública. Baptismo. Solidão. Jejum. Tentações. Em EE, EEO II, p. 685-688. São meditações que mostram a interpretação que Henrique de Ossó deu à penitência de Jesus. Veja-se também MCJ, Sentimentos do Coração de Jesus no deserto, em MCJ, EEO III, p. 503-507.

²⁶¹ TJ, EEO I, p. 707.

²⁶² Id., p. 593.

²⁶³ Id., pp. 636-648.

²⁶⁴ TJ, EEO I, p. 627.

Aproxima-te da comunhão, dirá Henrique:

*"...[se] nos outros sacramentos nos é dada a graça de Deus, neste, dá-se-nos o mesmo Deus. Por isso, é o compêndio de todos os mistérios que a sua infinita misericórdia soube e pôde inventar, para salvação e santificação dos homens"*²⁶⁵.

[Portanto]

*"Basta uma Comunhão bem feita para nos tornarmos santos"*²⁶⁶.

A comunhão era para Henrique o momento cume da comunicação com Jesus, o encontro mais íntimo que aqui na terra se pode ter com Ele. Comovia-se perante a delicadeza de Jesus, que assim inventou a maneira de permanecer com a humanidade²⁶⁷.

O seminarista, dias antes de comungar, preparava-se com esmero. Avivava os desejos, através de orações, petições, afectos plenos de humildade e confiança, actos de fé, esperança e caridade. No momento de comungar, redobrava o afecto e oferecia-se, renovando o seu compromisso. Depois da comunhão,²⁶⁸ dava graças e, movido por uma imensa confiança para quem não podia negar-lhe os seus dons, tendo-se-lhe entregue a si mesmo, apresentava como petições as intenções mais profundas do seu coração, que coincidiam com os interesses de Jesus:

*"... a vitória completa da paixão dominante..., a perseverança no amor de Jesus..., a conversão dos pecadores..., pelo Papa e demais ministros de Jesus Cristo, para que todos sejam santos e zelosos"*²⁶⁹.

A devoção Eucarística era comum na época de Henrique, mas não a comunhão frequente. No entanto, ele comungou sempre que lhe era permitido e foi partidário de não privar as crianças do encontro Eucarístico, antecipando-se, em muito, às disposições do Magistério. Mas, cuidando a preparação do coração, através de uma catequese esmerada²⁷⁰.

• Visitas ao Santíssimo

Pelo grande amor a Jesus sacramentado, o P. Henrique dedicava particular afecto às visitas, usuais, na época, outra forma de manifestar a devoção à Eucaristia, mais ainda, se tivermos em conta que não existiam as celebrações vespertinas.

Para Henrique, o sacrário, como lugar da presença de Jesus, era espaço para todo tipo de oração, em especial para a escuta. Gostava de se apresentar a Jesus com total abertura:

*"Fala, Senhor, que o vosso servo escuta. Senhor, que me não me falem os homens, nem os profetas, mas só Tu, que és o meu Deus. Senhor, Tu tens palavras de vida eterna. Segredas-as ao meu coração, à minha alma, aos meus sentidos e potências"*²⁷¹.

²⁶⁵ TJ, EEO I, n. 2, p. 708.

²⁶⁶ Id., p. 707.

²⁶⁷ Vejam-se os pensamentos sobre a Eucaristia, como Comunhão e como Sacrifício, em TJ, EEO I, pp. 707-723.

²⁶⁸ Veja-se em CH, ¿Qué es comulgar? ¿Cómo prepararse? ¿Qué hacer después de haber comulgado? Em EEO I, pp. 453-455. Veja-se também TJ, EEO I, pp. 709-710; GC, EEO I, p. 164-166.

²⁶⁹ CH, EEO I, p. 455.

²⁷⁰ Toda a obra *Guía práctica del Catequista...* está encaminhada para esse fim. Cfr. especialmente pp. 164-166.

²⁷¹ TJ, EEO I, n. 4, p. 844. Veja-se a mesma expressão em MCJ, EEO III, p. 509.

Experimentou que, do mesmo modo que a amizade cresce com a comunicação,
"assim, com as visitas frequentes a Jesus, consegue-se amá-lo cada vez com mais
ardor... Ali sente o coração, melhor que em outro lugar, que só Deus basta"²⁷².

7.4. Amizade com Jesus Cristo

A amizade com Jesus Cristo é o estilo pessoal da sua oração, o selo das suas devoções, da sua prática sacramental, e o centro das suas relações interpessoais. Este rasgo, que o distingue como aproveitado discípulo de Santa Teresa de Jesus²⁷³, está vinculado à sua experiência humana de amizade. O jovem seminarista demonstrava grande capacidade de atracção e calor nas amizades. A experiência vivida com os seus companheiros e amigos exprime a sua predisposição em estabelecer vínculos. A amizade, neste contexto, remete-nos ao trato com Jesus Cristo e, por conseguinte, à contemplação da relação com Jesus, como fonte da qualidade e delicadeza de Henrique, manifestadas nas relações interpessoais.

7.4.1 Experiência de amizade

Registaram-se as relações cordiais de Henrique com os outros seminaristas,²⁷⁴ nos anos de estudante, em Tortosa, mesmo que não conheçamos o nome de nenhum. O talento e a seriedade com que Henrique vivia a formação, unidos a uma grande simplicidade, motivavam o apreço e a proximidade dos companheiros de seminário. Sabe-se que lhes tirava dúvidas sobre as lições, passeava com eles e, nos passeios, comunicava-lhes o mais valioso que possuía: a oração. Partilhava o modo de orar e de fazer os exames de consciência. Tinha por costume repartir livritos de piedade ou de propaganda, para difundir o bem²⁷⁵. Não só disponibilizava conhecimentos ou experiências, mas também oferecia, especialmente aos mais necessitados²⁷⁶, livros e objectos pessoais.

Em Barcelona, além de ser muito estimado por companheiros e mestres, rasgo constante desde a infância, viveu amizades profundas e entranháveis. Deste tempo, são Sardá y Salvany, Matas e Martorell, citados nos seus apontamentos²⁷⁷, nomes a que se juntavam muitos outros²⁷⁸. Com estes, a relação alargava-se à comunhão na mesma fé e nos mesmos ideais. Crescia, pela fidelidade e constante comunicação...e amadurecia, pela ampla liberdade de tratamento.

Um exemplo deixa-nos ver a qualidade da relação entre os amigos seminaristas: Ossó, Sardá y Salvany y Martorell. A ocasião afecta a todos, devido à decisão de Martorell em tornar-se jesuíta,

²⁷² TJ, EEO I, p. 667. Todos os pensamentos de Henrique no TJ acerca das visitas falam da sua piedade

²⁷³ *Santa Teresa de Jesús*, V. 8,5.

²⁷⁴ Segundo Joan Gabernet, havia no tempo de Ossó uns 600 seminaristas. Cfr. *Los amigos del Beato Enrique de Ossó*, em *MO*, p. 293, nota No. 15.

²⁷⁵ Fazia-o como fruto do trato pessoal com Deus, movido pelo zelo pelos interesses de Jesus. Cfr. *PIB*, Summarium (IX Testis, Ad 13, proc. fol. 229), p. 290.

²⁷⁶ *PAT*, Summarium (XI Testis, Ad 34, proc. fol. 471), p. 543.

²⁷⁷ *AMS*, EEO III, p. 14.

²⁷⁸ O tema da amizade é fundamental para conhecer a personalidade de Henrique de Ossó. Gabernet iniciou o estudo no artigo citado, *MO*, pp. 289-324, e noutro entitulado: *Tres amigos insignes. Presentes en la Revista Teresiana*, dentro do mesmo livro *MO*, pp. 379-386. Ficam por explorar outros documentos de interesse, como a correspondência de Ossó com Sardá y Salvany, descoberta há poucos anos. São 129 cartas que o amigo conservou desde os tempos de estudante até à morte de Henrique, falam de um processo que se intensifica e amadurece com o decorrer dos anos. Também é significativa a amizade travada com a Priora de Alba, pela visita ao Coração e sepulcro da Santa. Dela existem, como documentos, os artigos publicados com o título de *Cartas íntimas* em *RT*, a partir de 1875.

factor, portanto de separação. Relativamente ao acontecimento, Ossó comenta com o amigo Félix Sardá:

"Não é verdade que lhe causou surpresa e inveja a fuga de Martorell? Se lho tivessem dito de mim, talvez o achasse natural. Mas quão enganadoras são as aparências!"²⁷⁹.

Na mesma carta, depois de ter expressado a Sardá a pena que sente pela partida do amigo Martorell, Henrique acrescenta:

"Creio que a amizade do meu amigo me será mais proveitosa desde o claustro... As suas orações serão mais eficazes, os seus conselhos mais elevados e rectos, e o seu amor e amizade mais pura e perfeita do que duradoira. Desejava, no entanto, que ficasse connosco, porque as suas luzes e trabalhos pareciam-me mais necessários a viver no mundo; mas ele... desligou-se de tudo e de todos, para seguir o chamamento de Deus"²⁸⁰.

De muito interesse, porque mostra a imagem que de Henrique tinham os amigos, é o comentário escrito por Martorell a Sardá, a respeito de Ossó e, relativamente, à mesma experiência:

"Não tenha pena da orfandade do meu amigo Ossó, pois ele, com as suas ocupações marianas, com os seus estudos, com os seus compromissos, e com as suas considerações passa tranquilo e imperturbável, despreocupado do futuro, nem alarmado com o presente. A minha ausência, é certo, foi-lhe bastante dolorosa, mas sempre repetiu: se esta é a vontade de Deus, que se realize"²⁸¹.

Manifesta-se a profundidade do afecto recíproco. Henrique mergulha a dor da separação do amigo, na bondade e misericórdia de Deus. Mesmo continuando a amizade com Martorell, nas novas condições, a perda abre-o à realidade do Amigo que sempre está presente e que nunca morrerá.

7.4.2 O trato com Jesus

Pretender expressar a relação de Henrique de Ossó com Jesus, implica abranger toda a sua vida. Por isso, nos referimos ao modo como a estabeleceu como oração pessoal, entendida como prática diária, já referida, e como clima interior, que vive.

A oração como *trato de amizade* evoca-nos esse momento de afectuosa comunicação, em que Jesus resume o amor vivido e ensinado aos Apóstolos nestas palavras:

"Chamar-vos-ei amigos, porque vos manifestei quanto aprendi do meu Pai"²⁸².

Jesus, ao revelar os seus segredos na oração, parece querer esgotá-los. Henrique dirá comovido por tanta magnificência posta ao alcance do cristão:

"Que Deus tão da casa! Medita... adora... dá graças... ama... admira..."²⁸³.

²⁷⁹ Carta ao Dr. D. Félix Sardá y Salvany, Pbro. Sabadell, 28 de Julho de 1865. Carimbada em Vinebre. *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

²⁸⁰ *Id.*

²⁸¹ *Id.*

²⁸² Citado por Henrique de Ossó em *MCJ*, EEO III, p. 533.

²⁸³ *MCJ*, EEO III, p. 529.

Escreve estas linhas, depois de ter vivido muitos anos nesse trato de amizade, aprofundando no conhecimento e amor de Jesus. Quando anima os jovens a cultivá-la, ensina-lhes, como travar uma relação de amizade com Jesus, suplicando-lhe que realize neles o mesmo que com ele:

*"Quero trazer à tua presença inumeráveis almas... para que lhes fales ao coração... as enamores de ti com o teu dulcíssimo trato... revela-lhes... os teus encantos... mostra-lhes a tua face; faz ressoar a tua voz... no mais íntimo do seu espírito, e que a tua imagem e formosura lhes mate qualquer desordenado afecto, que brote neles... não te conhecerão se a tua graça não lhes revelar os tesouros imensos de bondade e perfeição em Ti encerrados"*²⁸⁴.

Relação tão calorosa e confiada é fruto de um processo. Henrique, reflectindo sobre a própria experiência, faz uma descrição para animar o principiante, dirigindo-lhe estas palavras que põe na boca de Teresa de Jesus:

"Bem sabes o que sucede no trato frequente: começa-se primeiro por recíprocos cumprimentos, seguem-se visitas sem cerimónia, chegando-se, por fim, à mais íntima confiança. Assim te sucederá na oração, que é o trato com o melhor dos amigos, que é Deus.

Acostumada à oração, chegarás a uma santa familiaridade e ilimitada confiança com Deus, como me sucedia a mim, que o tratava com um estilo abobado, mas o Senhor tudo me suportava.

*É isto o que agrada ao Senhor: ver-se tratado com simplicidade e [com a] confiança de um filho ao pai... saberás orar bem, até que saibas falar e queixar-te a Deus, e dizer-lhe tontarias"*²⁸⁵.

É consciente de que este empreendimento não pode realizar-se sem a ajuda da graça, por isso e, seguindo também Santa Teresa, toma S. José como Mestre de vida interior²⁸⁶. Recomenda-o, porque é o santo que viveu mais unido a Jesus Cristo depois de Maria. *"Toda a sua vida foi oração"*²⁸⁷, tem entranhas de pai, e como tal, sabe suportar e guiar o principiante na oração.

O tempo de encontro com Jesus Cristo é decisivo. Há que o cuidar, porque se entra num diálogo vital, na fé, do qual depende a vida. Mesmo que pareça só questão de um espaço de tempo, exige-o, pois tem que realizar-se nele uma acção totalizante. Deste modo, adverte sobre as condições que ajudam a facilitá-lo, a prepará-lo, e previne contra as dificuldades, sobretudo, a inconstância.

A primeira condição é entrar com ânimo, decidido a alcançar a meta e não abandonar a resolução de orar, nem voltar atrás por nada nem ninguém. Só com a firme determinação de perseverar poderão superar-se as primeiras dificuldades, que aparecem, enquanto o coração não está suficientemente desperto para amar, porque conhece pouco o Amigo.

É imprescindível o fortalecimento da vontade para ser fiel à oração e entrar nela, prescindindo de consolações, securas ou distrações. São dificuldades que podem ter diversas origens, conforme tenham a raiz na mente dispersa, na imaginação não controlada, na incapacidade

²⁸⁴ VJ, EEO I, p. 486.

²⁸⁵ CH, Diálogo Segundo, EEO I, p. 254.

²⁸⁶ A devoção de Henrique a S. José caracteriza-se pela proximidade, pela identificação com ele, meditando nas passagens evangélicas. Cfr. *Devoto Josefino (DJ)*, EEO I, pp. 975-1236.

²⁸⁷ CH, EEO I, p. 243.

física, no coração afeiçoado ao que não pode saciar, ou na vontade débil. Indicam que ainda não se alcançou a necessária liberdade de espírito, fruto amor.

O fundamento da relação é um amor generoso, regido pela vontade. Tem origem na bondade de Deus, que invade com os seus benefícios, sendo o principal ter-nos dado o seu Filho e a possibilidade de viver a sua vida divina, pela fé. Reconhecê-los, contemplá-los e meditar neles, na oração, para os trazer sempre na memória, produz o movimento de correspondência: devolver amor por amor. Por isso, ao momento da oração deve seguir-se o exercício prático da virtude. Em suma, através das obras, levar à vida as lições aprendidas da Humanidade de Cristo.

Ainda que pequenas, as acções geradas na oração têm também um grande valor. Por elas, o Espírito, vai realizando a sua obra, orientando a vontade e libertando-a da desordem do pecado. Porque na amizade com Deus, não basta fazer obras boas, pequenas ou grandes, é preciso fazer *somente* as que Ele deseja, e ir morrendo para as que nascem das paixões. Isto faz-se com naturalidade, quando no trato de amizade com Jesus se chegou a *enamorar-se muito da sua Humanidade*. Não obstante, é preciso precaver-se contra a tentação do engano, e para isso é indispensável pôr-se sob a obediência de um director espiritual. A claridade e docilidade com o director, ajudarão a libertar a vontade do próprio capricho e ordenar todas as acções para o amor, posto que o amor consiste em servir a Deus com humildade, justiça e fortaleza de ânimo.

Enfim, todo aquele que desejar comunicar-se com Deus de coração, deve buscar os meios que o favoreçam: silêncio, leitura de bons livros, frequentes actos de amor, preparação imediata para o tempo dedicado à oração e, sobretudo, solidão, porque sem ela não se realiza o encontro. Pouco a pouco, com a ajuda da graça, ir-se-á conseguindo a simplicidade de quem tem com Deus um verdadeiro trato de amizade.

A relação de amizade não está reservada ao tempo da oração mental, pois é a atmosfera da vida cristã. O P. Henrique experimentou o *recolhimento* teresiano como meio privilegiado para adiantar na amizade com Jesus. Chama-lhe o "*atalho*"²⁸⁸. Consiste num "movimento de interiorização que chega a estabilizar-se, dentro de uma espécie de descanso contemplativo. Evoca, ao mesmo tempo, um esforço positivo para atrair os sentidos para a esfera interior da pessoa. Aponta também para uma graça contemplativa, que supõe a acção de Deus, e que *atrai e recolhe* os sentidos externos e internos"²⁸⁹.

É viver a presença de Deus, no interior da consciência, ajudando-se nos começos com a *representação* da Pessoa de Jesus Cristo. A imagem favorece a concentração das faculdades no objecto amoroso, que pela fé se faz presença viva e grata companhia. Esta vivência do mistério da inhabitação facilita a união com Deus, em todos os acontecimentos, e nada nem ninguém a pode impedir. Por ela, trava-se uma tal relação de amor, que quem a experimenta vai entregando a Jesus a vida, para que dela disponha como coisa sua, realizando tudo em união com Ele²⁹⁰. Assim chega a ser *TODO DE JESUS*:

*"... contemplar Jesus, amar Jesus... não exista na minha memória recordação que não seja de Jesus, e no meu coração afecto, nem palpitação, nem suspiro, nem fibra que não clame: Viva Jesus, sou de Jesus"*²⁹¹.

²⁸⁸ CH, EEO I, p. 296.

²⁸⁹ ÁLVAREZ, T., ocd, y CASTELLANO, J., ocd, *Teresa de Jesús nos enseña a orar*, Burgos, 1981, p. 113.

²⁹⁰ Henrique em *TJ*, dentro do que chama "Día santificado", recomenda que tudo se faça na companhia de Cristo. Propõe que a menor das acções se realize, conscientemente, em união com Jesus, expressando-o com algumas palavras. "*Hago esto... dando gracias por el amor con que Tú lo hiciste por mí... y en unión de tu divina intención...*". Cfr. *TJ*, EEO I, p. 552-555.

²⁹¹ CH, EEO I, p. 296.

Henrique experimentou que, com este modo de orar, se alcança a plenitude da vocação cristã: ser imagem de Jesus. O amigo assemelha-se a quem ama: *"manso e humilde de coração"*. Com Jesus vêm todos os bens,²⁹² e a pessoa unifica-se. Como consequência desta união, o orante começa a realizar as obras de Jesus, nasce o *zelo pelos interesses de Jesus*.

7.5. Zelo pelos interesses de Jesus

As actividades apostólicas de Henrique, na época de seminarista, devem enquadrar-se na oração, porque são obras de zelo. É preciso entender que nem todas as acções, por boas que pareçam, são obras de zelo, mas as que nascem do fogo divino, comunicado na oração, como resposta obediente ao imperativo do amor de Deus. Assim as viveu Henrique²⁹³.

7.5.1. "Fogo vim trazer à terra"

Dentro desta experiência, está bem claro que o zelo é consequência de um amor amadurecido na oração:

*"Acende-se na terra dos corações o fogo arrojado pelo Salvador dulcíssimo, através do sopro da oração, principal arma que o verdadeiro zeloso empunha nas mãos, pois sabe que o que não podem os seus trabalhos e esforços o poderá a oração, já que a oração tudo pode"*²⁹⁴.

O amor ao próximo é como a chispa que salta do fogo de Deus. Quem ama a Deus, ama também, com entranhável amor, a humanidade, obra das suas mãos e imagem sua. Este amor vai para além da simpatia natural e, por isso, é universal²⁹⁵. Amor forte que deseja para o outro todo o bem e busca conseguir-lho.

Quando por experiência se compreendeu que o bem mais desejável para toda a pessoa se chama Jesus, o que ama os demais procurará, por todos os meios, pô-los em contacto com Jesus, para que o conheçam e o amem. Porque no conhecimento e amor a Jesus está a salvação.

*"O zelo é como a chama ardente do fogo do divino amor; um desejo veemente de dar a conhecer a Deus, de formar ou aperfeiçoar a imagem adorável de Jesus em todas as almas, para alcançar a salvação, custe o que custar"*²⁹⁶.

O amor de Deus manifestou-se em Jesus, que amou a humanidade até à morte de cruz. Quem ama a Jesus, faz-se próximo e ama o que Jesus amou e da mesma forma. Aceita a cruz e realiza as mesmas obras.

Trabalha, com todas as forças, para fazer arder o fogo que Jesus acendeu com a sua vida. Como Jesus, deseja que ninguém se perca, que o sangue derramado por Jesus lhes seja proveitoso,

²⁹² Ser todo de Jesus significa ser como Jesus, isto é, amar a Deus sobre todas as coisas e amar todas as coisas por Ele. CH, EEO I, p. 295-296.

²⁹³ Em GC previne o catequista que não deve tomar a imaginação ou a voz das paixões por inspiração do céu, mas discernir: *"El celo prudente no se deja llevar de la emoción del primer momento, sino reflexiona, consulta, mide las consecuencias antes de soltar una palabra o tomar una resolución"*. En: EEO I, p. 105.

²⁹⁴ RT, n.83 (Agosto 1879), "Retiro mensual", p. 340.

²⁹⁵ Cfr. GC, EEO I, pp. 107-109.

²⁹⁶ GC, EEO I, p. 104.

para que se salvem. Numa palavra, os seus interesses são os de Jesus. Henrique de Ossó assim o sente e exprime:

"Vieste ao mundo, Bem meu,... para acender o fogo na terra dos nossos corações, e não desejas outra coisa senão que ardam no teu amor. Este é também o meu desejo..."²⁹⁷.

Pela oração, o amor de Deus em Jesus toca o centro da pessoa, como uma pederneira que faz saltar a chispa do fogo. Aceso, comunica-se necessariamente, aquece e transforma a quem abraça. Coloca-se à disposição para que a missão de Jesus seja prolongada.

"Que é o zelo? É essa chama de amor que, inquieta, trabalha para se comunicar a todos os corações; é essa centelhazinha que posta por Deus faz tanto ruído, na busca de: almas para salvar, virtudes para ensinar, vícios para afastar, exemplos bons para dar... É o cumprimento da vontade de Cristo Jesus que nos diz: Fogo vim trazer à terra, e que outra coisa quero senão que se acenda e arda?"²⁹⁸.

A missão de Jesus foi ensinar, pregando com a vida. Assim, revelou os desígnios de Deus sobre a humanidade e a resgatou, aceitando todas as consequências da Encarnação. Outro tanto deve fazer o discípulo de Jesus: trabalhar pela salvação. Para Henrique, é ensinar com a palavra e com a vida; pregar, a começar pelo exemplo e orar para que se desperte a fé. Há-de dirigir-se preferencialmente aos que Jesus preferiu, os que lhe despertaram maior compaixão: crianças, pobres e pecadores²⁹⁹.

"Este fogo acende-se e arde no misterioso mundo das almas, por meio de santos conselhos, da caridade em procurar o seu bem espiritual, da compaixão e doçura, ao comunicar aos nossos pobres irmãos extraviados a luz da verdade, o fogo do amor a Jesus, a paz que a virtude proporciona"³⁰⁰.

7.5.2. Contemplação e compaixão

O zelo nasce de um amor compassivo, como foi o de Jesus, Pai e Pastor. O espírito de oração leva a contemplar o mundo com os olhos de Jesus.

Henrique, seminarista, contempla a situação dos seus contemporâneos, com o olhar de Jesus, e compadece-se ao vê-los sumidos na ignorância e sujeitos ao engano da propaganda, que pretende arrancar-lhes a fé.

"Pobres crianças! O coração parte-se de pena ao vê-las vaguear pelas ruas, ouvindo somente blasfêmias, presenciando apenas escândalos e maus exemplos; e em casa, ai! (tristíssimo é dizê-lo), só encontram a confirmação autorizada do mal que viram e ouvirem pelas ruas. Quem salvará estas almas...?"³⁰¹.

"Chora o coração... a imediata e talvez irreparável perda dessa juventude incauta, que, sem nenhum ensino da Religião..., se engolfa no mar do mundo..."³⁰².

²⁹⁷ VJ, EEO I, p. 486.

²⁹⁸ RT, n. 83 (agosto 1879), p. 340.

²⁹⁹ Cfr. GC, EEO I, p. 105. Veja-se também EE, EEO II, p. 694.

³⁰⁰ RT, n. 83 (agosto 1879), p. 340.

³⁰¹ GC, EEO I, p. 129.

³⁰² Id.

Contempla os interesses de Jesus no mundo que lhe toca viver, e contempla também Jesus, desconhecido e esquecido, no meio da sociedade. Compadece-se profundamente ao vê-lo rejeitado por quem tanto dele necessita.

"... tenham compaixão do bom Jesus. Pobre Jesus! Oh, meu bom Jesus! Meu esquecido Jesus! Tão bom que és para nós! És todas as coisas para o cristão! E não há quem te ame!"³⁰³.

A dor que lhe produz a realidade paradoxal, que tem diante dos olhos, faz que se volte para o mesmo Jesus. Nasce assim a oração de intercessão, unida à acção incansável. A dinâmica já não se detém. O amor generoso e compassivo desperta-lhe o engenho e a criatividade nas obras, a prudência pondera os planos, a rectidão e pureza de intenção submetem-no à obediência. O zelo sustenta e inflama. Na prática, a desconfiança de si fortalece a confiança em Deus, e lança-se com audácia. O seu segredo: a oração. A oração aprendida com Teresa de Jesus, da qual devem nascer sempre obras, obras... obras de zelo.

7.5.3 “Quero que se acenda e arda”

Com este cenário iluminam-se as acções apostólicas de Henrique seminarista. Começa com aquela propaganda de boas leituras, na que empregava a maior parte dos seus recursos. Um exemplo é narrado pelo seu primeiro biógrafo: "Gabino Tejado publicou... por aquele tempo... uma pequena e económica biblioteca de livros seleccionados... [Henrique] pediu para Tortosa muitas remessas e espalhou-as sobretudo [entre] a juventude escolar. Nos seus passeios... costumava levar sempre no bolso algum desses livros, para ter uns momentos de leitura espiritual com os seus companheiros"³⁰⁴.

Recordemos como ensinava os companheiros a orar, a fazer o exame de consciência, e como partilhava as suas coisas com os necessitados. Eram todas, formas de exercitar a caridade com o próximo. Recordamos que, desde 1859³⁰⁵, pertenceu às Conferências de S. Vicente de Paulo³⁰⁶, as quais exerciam a caridade, dentro da visão assistencial própria do seu tempo³⁰⁷.

"Todas as quintas-feiras, visitava os doentes do hospital, detendo-se especialmente com os mais pobres, abandonados e os que, devido à gravidade, lhe causavam maior repugnância... Visitava nos domicílios os enfermos pobres"³⁰⁸. Os outros membros da irmandade eram, "geralmente pessoas de avançada idade [que também] se sentiam animados e fortalecidos pelos... exemplos de caridade, de abnegação e de zelo que lhes dava" aquele jovem³⁰⁹.

³⁰³ GC, EEO I, p. 113.

³⁰⁴ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro. *Op. cit.*, p. 26.

³⁰⁵ O primeiro escrito inédito a que já aludimos, Henrique assina-o como: "*Un miembro de la Sociedad de San Vicente de Paul*", em: AGSTJ.

³⁰⁶ As Conferências de S. Vicente de Paulo, de origem francesa (Ozanán, 1813-1853), introduziram-se em Espanha através da obra de Santiago de Masarnau. Na Catalunha foram impulsionadas por Claret. O biénio progressista (1854-1856) persiguiu-as e a revolução de 1868 suprimiu-as, mas, passada esta, voltaram a ressurgir. O seu espírito era a caridade assistencial e generosa, indo um pouco além das esmolas, graças às visitas domiciliárias. Tratavam os pobres como irmãos e amigos, comprometendo-se em tudo o possível.

³⁰⁷ A pobreza era um fenómeno natural, não produto da injustiça. Conformer-se era uma virtude cristã, e a pobreza ajudava a recordar que esta vida é só um desterro. Perder os bens ajudava a recordar que somos peregrinos na terra.

³⁰⁸ PIT, Summarium (XI Testis, Ad 34, proc. fol. 472), p. 543.

³⁰⁹ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro. *Op. cit.*, p. 25.

Compadecia-se especialmente dos pobres, das crianças e dos pecadores, entristecendo-se intensamente ante a fé perdida, porque quando esta faltava, tudo faltava. Esta sensibilidade explica que, ainda estudante, todos os tempos que as obrigações o deixavam livres, os ocupava a ensinar e a cultivar a fé. Sensibilizava as pessoas e atraía-as, porque era testemunho.

Mestre prático, sempre acompanhava as suas palavras com alguma imagem concreta, para recordar aos ouvintes os seus compromissos cristãos. Por isso, foi um distribuidor de medalhas, escapulários, estampas, quadros... Converteu os interesses de Jesus nos seus únicos negócios.

Vemo-lo metido em rifas de imagens, na distribuição de fotografias, na edificação de altares...As cartas que dele se conservam mostram-no continuamente ocupado nesses mesteres:

"Recebi... as encomendas de que me falava. Todos me foram gratos e, por isso, embora tardiamente, mil vezes obrigado. Esperava um pouco melhor nas medalhas, mas, não se tendo você dedicado a este negócio, a compra até foi barata. Quando haja um bom sortido avise-me, pois encomendam-me bastantes dúzias..."³¹⁰.

Outros exemplos significativos, se bem que posteriores à ordenação, são os que seguem:

"Meu querido Manuel: vão seis fotografias do Coração de Jesus. A imagem de gesso não me chegou, apesar da promessa do vendedor, ontem. Receberás uma caixa com uma imagem da Imaculada, vestida. Não a abras (?) nem comentes nada a ninguém até que te volte a escrever... É uma agradável surpresa para os jovens de Santo António. Será para rifar. Porém, se encontrares alguém que dê oito duros tal como ela está, cedo-a, e, segundo a reposta que aguardo, enviarei uma Imaculada maior. Servirá de fundo ao altar projectado..."³¹¹.

Por ocasião de uma visita ao santuário de Maria, aproveita:

*"... Trago algumas medalhas e rosários de Nuria, estampazinhas que, se Deus quiser, tudo se poderá despachar **ad majorem Dei gloriam**. Em Lérida será fácil adquirir medalhas, e alguma estampazinha, ainda que os fundos, com tão longa viagem, toquem no fundo; mas não desanime que o bom S. José proverá. Penso que poderíamos estabelecer a devoção a S. José. Como não é confraria e apenas exige a medalha e rezar um Pai Nosso, é devoção muito simples, popular e proveitosíssima. Hoje escrevo para Barcelona a pedir 200 medalhas com este fim, e alguns diplomas"³¹².*

Os objectos religiosos, para ele, eram meios para dar culto a Deus, e a sua propagação significava trabalhar pela honra de Jesus³¹³, zelar os seus interesses, dando-o a conhecer e a amar³¹⁴.

³¹⁰ Carta al Dr. D. Félix Sardá y Salvany, Pbro. Datada em Tortosa, a 8 de Abril de 1867, *Cartas (inéditas)*, copia em AGSTJ.

³¹¹ Carta a Manuel Domingo y Sol, Barcelona, 14 de Julho de 1871, *Cartas (inéditas)*, em AGSTJ.

³¹² Carta a M. Lorenzo, assinada em Puigreig, 21 de Agosto de 1871, *Cartas (inéditas)*, em AGSTJ.

³¹³ São ilustrativos os artigos da *RT*, intitulados *Santa Teresa de Jesús*, embora correspondam a anos posteriores à ordenação. Neles, mal deu a conhecer a Santa, logo convida os leitores a permitirem que se lhes dilate o coração para que comecem a fazer obras de zelo sem perda de tempo, fiados mais de Deus que dos próprios recursos: *"Hoje, pois, devemos examinar, e averiguar o que podemos e devemos fazer para propagar e fomentar os interesses de Cristo Jesus..."*: *RT*, 6 (Mar. 1873), p. 141. *"... se escutássemos com docilidade este aviso e enérgica repreensão de Cristo, melhoraria muito a nossa época actual. Entra como pudes, parece-me ouvir Cristo a dizer-te, a ti, meu irmão, que projectas uma obra de propaganda católica, que eu farei o resto..."* *Id.*, p. 143. Quando fala da forma de provar o amor, diz: *"Contam-se às dúzias os retratos, livritos, orações que propaguei, e não está ainda satisfeito o meu coração"*: *RT*, 26 (nov. 1874), p. 59.

³¹⁴ Quando fala de propagar o culto do coração divino, recomenda fazê-lo *"por meio de livros, estampas, medalhas, etc.; numa palavra, levar a cabo, por quantos meios sabe, inspirar um zelo que nunca diz basta, aquele desejo do Salvador: Fogo vim a trazer à terra; e que outra coisa quero, senão que se inflame e arda?"* *TJ*, EEO I, p. 820.

2

4. EXPERIÊNCIA DE CONSAGRAÇÃO E MISSÃO

1. ORDENS MENORES E SUBDIACONADO

O último ano de Henrique em Barcelona, no curso de 1865-1866, correspondente ao quinto³¹⁵ dos estudos teológicos, será o ano da sua consagração. Em datas próximas do Natal, 22 e 23 de Dezembro de 1865, recebeu a tonsura clerical e as ordens menores³¹⁶ das mãos do doutor Pantaleón Montserrat, Bispo de Barcelona, um prelado que muito o estimou³¹⁷. Desde então, Henrique começou a ser o "P. Henrique"³¹⁸.

Tinha vinte e cinco anos, quando passou ao estado clerical, faltando apenas cinco meses, para ser ordenado subdiácono.

Conhecemos algumas das suas moções espirituais, graças ao costume que tinha de as anotar num livrete de bolso. Desta época, é o Projecto de Vida, apresentado ao Dr. Forn³¹⁹, seu director, a que nos referimos, ao tratar do patrocínio dos santos. Também citámos a confiança a S. José, a pedir a sua intercessão, a fim de alcançar o que mais deseja:

*"Alcançai-me, glorioso santo, as virtudes de que tenho maior necessidade. Ensinai-me a falar com Jesus na oração, a viver n'Ele e por Ele, e que todas as minhas acções sejam um acto de amor. Fazei-me humilde e casto como Jesus e Maria..."*³²⁰.

Repetimo-la, porque esta oração parece condensar a sua espiritualidade sacerdotal. É o anelo de viver em Jesus, por Ele e para Ele e, por isso, quer saber como o tratar e se aproximar d'Ele, de espírito humilde e coração puro.

³¹⁵ Cfr. *Attestatio Studiorum, quae Servus Dei Peregit in Seminario Barcinonem* (PIB, fol. 809 v.), citado em: POSITIO SUPER VIRTUTIBUS (Roma, 1975), *EXDOCUMENTIS*, 5, p. 624-625.

³¹⁶ A tonsura era o sinal de consagração própria do estado clerical. As ordens menores faziam dele acólito, exorcista, leitor e ostiário. Ter cursado pelo menos metade dos estudos teológicos era o requisito para as receber. As maiores faziam: subdiácono, diácono e presbítero. Para estas, além dos estudos, exigia-se uma idade mínima: 21 anos para o subdiaconado, 22 para o diaconado e 24 era a idade mínima em que podia ser ordenado um presbítero.

³¹⁷ Cfr. AMS, EEO III, p. 14.

³¹⁸ GABERNET, JOAN, *Un contestatario leal*, p. 84. Na Catalunha o tratamento de *mosén* é o usual para designar os consagrados ao ministério do clero secular.

³¹⁹ Cfr. ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p.74.

³²⁰ *Id. Cfr. Cap.III, nota 151.*

1.1. S. José guia e modelo

Henrique pretendia ser *todo de Jesus*, *alter Christus*, em concreto, seu apóstolo e seu ministro. Acolheu-se à protecção de S. José e propô-lo como modelo a todos os sacerdotes,³²¹ porque lhe parecia que as qualidades do santo eram as necessárias a um ministro de Jesus Cristo: um coração humilde, casto e um trato familiar com Jesus Cristo, como o de José e Maria.

*"Sim, o sacerdote há-de considerar e tratar todos os dias os mistérios de Jesus, e celebrar ou oferecer o Sacrifício de Jesus Cristo ao Eterno Pai; sim, há-de ser santo e puro de alma e corpo; quem pode ser melhor guia e modelo que S. José? Ele desempenhou dignamente todos estes ofícios"*³²².

A castidade e a pureza de um sacerdote são exigências do seu ministério:

*"As mãos do sacerdote devem ser puras, porque tocam o corpo de Cristo... Os seus lábios devem ser puros, porque tocam o sangue de Cristo... Os seus olhos devem ser puros, porque olham o autor de toda a pureza, oculto sob os acidentes do pão... A sua vida deve ser pura, porque a passa em união com Jesus. Não foi esta a vida de S. José? O seu trato e comunicação devem ser puros, por serem com Jesus. Não o fez assim S. José?"*³²³.

A experiência de ter tomado S. José como mestre e modelo dos sacerdotes, urge-o a escrever, aconselhando-os a fazerem o mesmo:

*"Oh veneráveis sacerdotes! Sejamos devotos do excelso Patriarca, que ele nos ensinará o modo de nos portarmos dignamente com o seu filhinho Jesus, no trato frequente com Ele"*³²⁴.

2. EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

No dia 26 de Maio de 1866, é já subdiácono. Antes de receber a primeira das ordens maiores, no seminário de Barcelona, das mãos do mesmo Bispo, D. Pantaleón Montserrat, preparou-se com os Exercícios espirituais, não só pela exigência do prelado, mas por convicção e devoção pessoal. A experiência foi tão significativa, que a deixou anotada nos apontamentos³²⁵:

*"... Tive a dita de fazer os Exercícios com o P. Claret (Casa de Gracia), de me confessar com ele e decidir que era vontade de Deus ser seu sacerdote, com grande alegria e paz, sem nunca ter tido tentação contra a minha vocação, pela misericórdia de Deus."*³²⁶.

Ao recordar o acontecimento como uma graça, Henrique menciona a alegria de ter sido acompanhado por Claret. Santo Antonio María Claret tinha então cinquenta e nove anos, e trinta e um de sacerdote, grande experiência de apóstolo, inserido na situação do seu tempo e

³²¹ Aos vinte e cinco anos propõe S. José como patrono e modelo dos sacerdotes.

³²² *DJ*, EEO I, p. 1063.

³²³ *Id.*, EEO I, p. 1064.

³²⁴ *DJ*, EEO I, p. 1064.

³²⁵ Consta que também fez dez dias de Exercícios antes do diaconado, no entanto, não os menciona nos seus Apontamentos (*AMS*). Cfr. Carta a D. Félix Sardá, Pbro., de 8 de Abril de 1867, *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

³²⁶ *AMS*, EEO III, p. 14.

experimentado no amor a Jesus Cristo³²⁷. Que bem lhe fez, naquela hora, encontrar-se com um santo! Foi um verdadeiro mediador da graça. Nele, como em todos os santos, a transparência de Deus tornou-se-lhe visível. Pela orientação de Claret, Henrique recebeu a confirmação da vocação sacerdotal, escutou e conheceu, com nova luz, que o caminho empreendido era a vontade de Deus. Estava cimentado na rocha.

2.1. Ser como Jesus, no coração

Foi também naqueles Exercícios, que recebeu de Jesus Cristo a luz que lhe indicou o que deveria fazer, a fim de ser seu ministro. Parece ter sido, então, que esta palavra evangélica lhe ficou impressa na mente, para lhe iluminar o caminho:

*"Aprende de Mim, que sou manso e humilde de coração" (Disce a me quia mitis sum et humilis corde)*³²⁸.

A esta moção divina, Henrique responde com a determinante resolução, que deixou escrita:

*"Fim: Imitar e copiar no meu coração e exterior a Jesus"*³²⁹.

Na prática, consciente de que era uma graça, acompanhava a sua entrega diária com uma oração tão incessante como ardente:

*"Jesus meu... quero possuir um coração como o teu"*³³⁰.

Tão fielmente queria imitar e copiar Jesus no coração (*humildade e caridade*), até ao ínfimo detalhe exterior (*modéstia*), que se pudesse dizer dele, o mesmo que se dizia de S. Francisco de Sales:

*"Assim se comportava Jesus"*³³¹.

2.2. Reflectir Jesus, em tudo

S. Francisco de Sales ajudou-o a destringir como deveria ser o modelo que evocasse Jesus Cristo. De tal maneira se identificou com o santo, que o seu primeiro biógrafo descreve Henrique como uma alma gémea³³².

Pretendia que quem o visse pensasse em Jesus, porque assim daria glória a Deus, e era disso que se tratava. Esta era a razão do seu apreço pela virtude da modéstia. Compreendia-a como reguladora de todas as virtudes. Comparava-a ao aroma de um perfume, capaz de atrair para o amor de Jesus Cristo, com mais suavidade e força que todos os sermões. O sentido desta virtude é tão profundo, que merece a pena explicá-lo, recorrendo às próprias palavras de Henrique, conquanto muito posteriores ao momento daqueles exercícios³³³. O seu primeiro biógrafo diz-nos: "*No retrato*

³²⁷ Cfr. GABERNET, JOAN, *Op. cit.*, p. 87.

³²⁸ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op.cit.*, p. 38.

³²⁹ *Id.*

³³⁰ *D15*, EEO III, p. 21.

³³¹ *Id.*

³³² "Henrique... viveu enamorado desde a juventude [do dulcíssimo e suavíssimo S. Francisco de Sales]", ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *op. cit.*, p. 38. "Não tinha tomado em vão por patrono desde a juventude a S. Francisco de Sales, cuja doçura, suavidade e amor ao próximo soube imitar com tanta perfeição durante a vida, que bem podemos dizer que houve entre estas duas almas muitos pontos de semelhança". *Id.*, pp. 159-160.

³³³ A explicação teórica parece posterior (1894). Aprofundaremos no que foi o seu programa de vida, desde a formação.

que no 'Tributo amoroso' fez da modéstia de S. Francisco de Sales (a quem em tantas coisas se parecia), está o próprio retrato, relativamente a esta virtude"³³⁴.

Henrique concebe a modéstia de forma abrangente, como homenagem à presença de Deus: *"A modéstia cristã... cobre e adorna... todas as virtudes... regula todas as acções, segundo a ordem e a decência, em todo o tempo e lugar... É fruto de grande ânimo, porque pede uma sujeição contínua, e é uma viva homenagem, em todos os instantes da nossa vida, à presença de Deus..."*³³⁵.

Descreve, pormenorizadamente, como esta virtude se manifestava em S. Francisco de Sales³³⁶:

*"o cristão é dominado, no íntimo, pela virtude que se reflecte no exterior; porque, na verdade, todos estes actos e práticas não eram senão um reflexo da virtude ou modéstia que residia no interior, regulando as potências da alma..."*³³⁷.

É "virtude inestimável" a que Henrique dedicará uma ampla meditação, no livro: *María al corazón de sus hijos*:

*"Devo ser modesto no meu corpo, no meu semblante, na minha linguagem, no meu vestuário, no meu entendimento e na minha vontade. Quero, sobretudo, observar a modéstia na minha alma, afastando do meu entendimento a presunção, precipitação, negligência ou curiosidade excessivas...; quero ser modesto na minha vontade, observando, com todo cuidado, a firmeza e a condescendência. Não quero deixar-me levar pelos meus caprichos e veleidades, nem tão-pouco ser obstinado no meu parecer. Só quero o que devo querer e nada mais. Só não quero o que não é conveniente querer... Serei condescendente no que puder, sem ofender a Deus... Nada farei, nem pensarei, nem desejarei o que possa desagradar a Deus, que tem os olhos sempre fixos em mim... Quero exalar o bom odor de Jesus Cristo e o vosso; quero embalsamar o mundo com o aroma da minha modéstia cristã, para vos atrair milhares de almas, e reparar todo o mal que fiz com os meus maus exemplos..."*³³⁸.

2.3. Templo e Ministro

Voltemos à rica experiência dos Exercícios. "Iniciaram-se na tarde do dia de Pentecostes"³³⁹ e, nesse mesmo dia, 20 de Maio de 1866, Henrique escrevia, à noite, uma súplica ao Espírito Santo, dizendo-lhe:

*"Oh Espírito de Deus! Neste teu dia, uma graça te peço. Já que dentro de pouco me vou consagrar a Deus, para ser, de um modo especial, seu Templo e seu Ministro, eternamente, enche o meu coração dos teus sagrados dons, para que me infundam um espírito de oração e zelo, como aos Apóstolos, e especialmente, more, sempre em mim, o dom da sabedoria e o santo temor de Deus"*³⁴⁰.

³³⁴ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p. 190.

³³⁵ *Id.*, p. 190. Ver também *TFS*, EEO III, p. 681.

³³⁶ *TFS*, EEO III, pp. 681-685.

³³⁷ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p. 191; *TFS*, EEO III, p. 683.

³³⁸ *MM*, EEO III, p. 354-357. ALTÉS Y ALABART, J. B., Pbro., *Op. cit.*, pp. 190-192, dice: "Virtud preciosa que, con tanta discreción como delicadeza, aprendió a practicar de su amantísimo maestro San Francisco de Sales".

³³⁹ GABERNET, JOAN, *Op. cit.*, p. 87.

³⁴⁰ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p. 39.

Encontramos, nesta oração, um resumo da forma como entendia a sua missão. Aparecem duas palavras-chave: *Templo e Ministro*. Dirige-se ao Espírito não só por ser a sua festa, mas porque essa missão pode ser, unicamente, obra do amor³⁴¹. É consciente de que, pela consagração, ficará plena e exclusivamente dedicado a ser habitação de Deus, lugar de oração e culto, oferecido inteiramente para ser ministro, ao modo dos Apóstolos. E, ao falar dos Apóstolos, pensa no grupo dos Doze, porque neles via os que plantaram a Igreja, a regaram com seu sangue,³⁴² e que levaram os gentios ao conhecimento de Jesus.

Ao suplicar *sabedoria*, o que pedia era a experiência de Deus:

*"O dom da sabedoria... [é] o máximo entre os dons do Espírito Santo, pelo qual deves suspirar e gemer sempre até o obtêres... [é] uma ciência saborosa, porque, através dela, conhece-se e saboreia-se a Deus, por experiência..."*³⁴³.

Ao pedir o dom do *temor*, fazia-o, porque é princípio para obter a sabedoria:

*"O último, ou melhor, chamá-lo-emos o primeiro dos dons, para subir ao mais alto, é o dom de temor de Deus, sendo o supremo o da Sabedoria..."*³⁴⁴.

O temor é um dom que une em si a confiança e a humildade, fonte de santidade:

*"O santo temor faz o homem entrar dentro de si, mostrando-lhe Deus, amável pela sua bondade e implacável pela sua justiça... é o temor filial, que nos leva a temer o pecado, não pelo castigo, mas pelo desgosto que causa ao nosso amado Pai... É o fundamento da santidade, e, sem ele, a alma não permanecerá na virtude. Se queres possuir este soberano dom..., foge da soberba, vício directamente oposto a este dom; considera a tua fraqueza..., anda na presença de Deus e treme, recordando a queda de tantos justos; pede sem cessar que te tenha da sua mão..., e depois de Deus, não temas mais que o pecado e as ocasiões de pecar"*³⁴⁵.

A seguir ao 26 de Maio de 1866, o novo subdiácono passou o Verão na terra natal, ocupado, como de costume, na catequese, e a sonhar com a futura ordenação. Provavelmente, algo se lhe tinha revelado do futuro destino, mas parecia que nada sabia de definitivo:

*"Passei sem novidade este verão, ainda que um tanto isolado de comunicações e passatempos... [escreve ao amigo Sardá]. Espero, se Deus quiser, que no próximo, passe uma temporada na minha companhia, se Deus me conceder celebrar a primeira missa nesta bonita e amena povoação... Ver-nos-emos neste curso? É pergunta que chega de vários pontos e que não sei responder. Por agora, nada lhe posso dizer... Estou em atitude expectante..."*³⁴⁶.

Por um lado, experimentava a incerteza, mas, por outro lado, o coração repousava em Deus, como escrevera nos exercícios:

³⁴¹ Assim como o Pai é bondade e onnipotência, o Filho, sabedoria e graça, o amor do Espírito é "esse fogo, luz e calor imensos...", como fogo é também o zelo do apóstolo: *MM*, EEO III, p. 414. O *Espírito Santo* "é como o coração do Pai e do Filho, e assim Deus, enviando-nos o Espírito Santo, entregou-nos o seu coração...": *CH*, EEO I, p. 388.

³⁴² *MM*, EEO III, p. 412.

³⁴³ *Novena al Espírito Santo (NES)*, EEO III, p. 747.

³⁴⁴ *Id.*, p. 742.

³⁴⁵ *Id.*

³⁴⁶ Carta a Félix Sardá, Pbro., 8 de setembro de 1866. Vinebre. *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

" Se Deus age connosco como um pai com o filho pequeno, que corre e anda na sua presença, e cai..., as suas quedas movem-no mais à compaixão do que ao enfado. Servio Domino in laetitia (Sirvo o Senhor com alegria)"³⁴⁷.

3. DE SUBDIÁCONO A SACERDOTE

Sabemos que o Bispo de Tortosa, Don Benito Villamitjana, chamou o seminarista para a diocese e lhe entregou uma missão de confiança: a formação dos seminaristas, dando-lhe a cátedra de Física e Matemática³⁴⁸. No curso de 1866-1867, Henrique deixou a cidade condal, despediu-se de professores e amigos e regressou a Tortosa, com eles no coração. Apesar de prosseguir os estudos de teologia, agora tornara-se subdiácono e professor. Nesta etapa, mostrar-se-á capaz de ensinar, organizar e orientar outros seminaristas. É mais uma prova da maturidade e da qualidade humana altamente fiável.

3.1. Professor no seminário

O labor formativo que Henrique começara, em Vinebre, com as crianças, durante este tempo do subdiaconado e à medida que se aproxima do sacerdócio, é prolongado entre os seminaristas. A Matemática e a Física eram a *agulha para introduzir o fio de ouro do conhecimento e amor de Jesus Cristo*.

Narrativas legadas pelo grande amigo de Henrique, Juan Bautista Altés³⁴⁹, permitem que nos assomemos, hoje, ao mundo estudantil do seminário, para apreciarmos e valorizarmos o que supunha a formação daqueles jovens e adolescentes, aspirantes ao sacerdócio. Henrique passava por tudo, porque amava a missão de professor:

"Não existe função mais importante, nem de maior transcendência do que a de professor. Nascemos todos ignorantes e inclinados ao mal, e, não havendo quem diminua, com a verdade, a nossa ignorância e reprima, com a prática da virtude, as nossas perversas inclinações, não seremos outra coisa senão os seres mais abjectos e degradados de toda a criação. Por isto, a mais importante e necessária de todas as funções é a de ensinar. Esta foi a que Jesus Cristo confiou aos apóstolos; esta têm-na os pais de família por direito natural; esta exercem-na os professores por delegação de ambos... Formar o coração com a virtude e a inteligência com a verdade; fazer probos e honrados cidadãos, bons filhos, respeitáveis pais, gloriosos moradores da celeste Sião, depois de ter passado pelo mundo fazendo bem a todos, é, indiscutivelmente, a mais bela, honrosa e proveitosa obrigação. Isto faz o pedagogo. Oxalá fôssemos todos, cada um no seu estado, bons e perfeitos pedagogos! Quão depressa se regeneraria o mundo actual!"³⁵⁰.

³⁴⁷ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p. 39.

³⁴⁸ AMS, EEO III, p. 14.

³⁴⁹ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Cuentos estudiantiles y otros que no lo son*. Barcelona, 1911, p. 117. Colecção de anedotas que tiveram a origem nas recordações tidas durante uns passeios pela Rambla de Cataluña e pelo Paseo de Gracia entre Altés y D. Bernardo Vergés, Pbro. Referem-se aos tempos do seminário de Tortosa: " Retratam o carácter dos padres dominicanos, antigos reitores do colégio de S. Matías. Quanta bondade a sua!". Na página 117, há uma referência ao " Fundador D. Enrique de Ossó...".

³⁵⁰ DJ, EEO I, p. 1067.

O pedagogo nato amadurecia na experiência magistral, unindo a reflexão à prática. Além de professor, foi também orientador dos seminaristas, na catequese e, graças à sistematização que foi realizando com esta experiência, em pouco tempo, pôde escrevê-la e oferecer a publicação de uma das suas obras mais queridas³⁵¹.

3.2. Comerciante

Henrique integrou no sacerdócio o ofício de comerciante. Por essa altura, foi encarregado de substituir o P. Beltrán, herdando-lhe a "agência de negócios"³⁵². Era um sacerdote encarregado de prover de material religioso os catequistas ou párocos, das povoações distantes. Henrique aproveita os contactos dos seus amigos, em Barcelona, e através deles, consegue facilmente os objectos religiosos que lhe solicitam. Ao longo da vida, viu sempre, neste serviço, um meio de apostolado e uma possibilidade de financiamento, para poder atender aos mais necessitados:

*"Acontece que não há dinheiro na escola Dominical das Conferências de Senhores, pelo que é necessário fazer algo... Como? Com uma feira. Uma imagem, estampa, da Imaculada Conceição ou de Nossa Senhora do Carmo, ou das Dores, ou S. Luís, ou S. Vicente de Paulo, boa e com a correspondente moldura dourada, que custe ao todo entre 8 a 10 duros, é o necessário para ganhar 30 ou 40. Como vê, pode ser regular, desde que a imagem seja elegante e bonita. De todas as imagens de que falo, em igualdade de circunstâncias, prefiro a Imaculada..."*³⁵³.

É ilustração de como Henrique vai integrando talentos e habilidades, ao serviço da opção que realizou.

3.3. Diácono

Como estudante, Henrique teve que viajar para Barcelona, perto do final de 1866, no mês de Dezembro, para o exame de Bacharel em Artes. Aproximava-se a data do diaconado, recebido no dia 6 de Abril de 1867, na igreja do antigo Seminário. Dois dias após o acontecimento, comunica-o ao amigo³⁵⁴.

*"Amigo: antes de ontem tive a inexplicável consolação e graça singular de receber, do meu Ilustríssimo Prelado, a imposição das mãos para me consagrar Diácono, depois de passar dez dias em exercícios, dados pelo P. Delval, na casa missão de Jesus..."*³⁵⁵.

Pedem-lhe que estreie a ordem, no domingo de Ramos, no seminário de Tortosa, cantando a *Paixão*. Gostava de cantar, desde pequeno e, para a ocasião, preparou-se com o máximo esmero³⁵⁶.

³⁵¹ *Guía práctica del catequista en la enseñanza metódica y constante de la doctrina cristiana*. É o título completo da obra já citada GC, EEO I.

³⁵² Muitas das cartas ao amigo Sardá y Salvany contêm encomendas como medalhas, quadros e estampas. Na de 14 de Novembro de 1866 diz-lhe: *"Parece que vou substituir o dito amigo [Mosén Beltrán] ocupando a sua agência de negócios, segundo se escuta por toda a parte..."*. *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

³⁵³ *Id.*

³⁵⁴ Félix Sardá y Salvany, Pbro. Carta de 8 de Abril de 1867. *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

³⁵⁵ *Id.*

³⁵⁶ Cfr. *Id.* Na carta citada, pede ao amigo a partitura e na seguinte, de 28 de Abril de 1867, agradece a sua recepção.

Como diácono, prosseguiu as actividades do costume. Terminado o curso no seminário, encontramo-lo, em pleno verão, a preparar-se para fazer os exames prévios à ordenação. Por essa altura, sonha já com a primeira missa, em Montserrat.

*"Saiba, amigo meu, que, o dia 19 do corrente, é o **dies ille** dos exames para presbítero, cuja ordem sagrada penso receber por Outubro, se não houver contratempo. Necesito da especial ajuda do Senhor, para sair ileso deste combate, pois encontro-me não muito prevenido e o tempo é curto, e as matérias nunca vistas, são muitas. Além disso, um amigo meu pergunta-me e pede-me: procura averiguar o que se deve fazer para a Missa nova: quais os gastos, sendo celebrada em Montserrat, com toda a orquestra e a iluminação solene. Como, se não estou em erro, você teve a consolação de a celebrar ali, e fazer descer Deus às suas mãos, naquela catedral das montanhas, creio que não terá especial dificuldade em satisfazer estas perguntas.... e se alguma dificuldade existir, pode dá-la por bem empregue, pois talvez algo lhe chegue deste convite e sacrifício sagrado..."³⁵⁷.*

4. SACERDOTE PARA SEMPRE

A ordenação não foi em Outubro, mas em Setembro de 1867, no dia 21, festa do apóstolo e evangelista S. Mateus. Nesse dia, a Igreja universal engalanou-se, porque, a partir daí, contaria com um sacerdote santo. E a Igreja local da diocese de Tortosa enriquecia-se com um sacerdote sábio, capaz de servir o mundo com a sua vida evangélica como a luz e o sal³⁵⁸. Era ungido um pregador e confessor, zeloso pelo supremo bem dos irmãos, numa palavra, um pai e um pastor³⁵⁹.

A *Missa nova* tinha que ser em Montserrat. Ali fora acolhido pela Mãe do céu, quando fugiu da casa paterna, porque tinha escutado a chamada radical de Deus. Ali tinha descoberto a vocação. Ali tinha decidido ser *ministro de Jesus, sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec...*³⁶⁰. Ele próprio deixou prova dos seus desejos para esta primeira Missa:

"... Estava resolvido a cantar missa no dia de Santa Teresa de Jesus, pela devoção à Santa, e [pela] minha madrinha, Teresa Serra; mas, parecendo ao Sr. Bispo demasiados dias, fizemo-la, em Montserrat, no dia da festa de Nossa Senhora do Rosário, que, naquele ano, caiu a 6 de Outubro..."³⁶¹.

Tudo estava previsto. O amigo Martorell³⁶² não esqueceria o compromisso de pregar naquela primeira Missa. Acompanhavam Henrique, o pai, irmãos, tios e amigos queridos.

"Só se notava um vazio: a presença visível, corporal, da minha boa mãe deste mundo..."³⁶³.

³⁵⁷ Assina, *"Seu amigo que em Jesus e Maria o estima, Henrique de Ossó, Diácono"*. Carta a Félix Sardá, de 2 de Agosto de 1867. *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

³⁵⁸ *RT*, n. 54 (Março 1877), p. 156.

³⁵⁹ Cfr. *Id.*, p. 157 y p. 158.

³⁶⁰ *TF*, *Prólogo*, EEO III, p. 194.

³⁶¹ *AMS*, EEO III, p. 14.

³⁶² Cfr. ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro. *Enrique de Ossó y Cervelló, Pbro. Apuntes biográficos*, p. 42.

³⁶³ *TF*, *Prólogo*, EEO III, p. 194.

Os desígnios de Deus, porém, ultrapassam os nossos anelos. Ele queria a festa, no dia 15, pela devoção a Santa Teresa de Jesus. Parece, no entanto, que a Santa o esperava mais tarde, preparando-lhe o encontro noutra lugar.

Montserrat era a casa da Mãe, e entrava nos planos de Deus cantar a missa, na festa de Maria, Nossa Senhora do Rosário.

E Micaela? Não podia faltar, nessa ocasião, nem faltou. Poderíamos dizer que foi a convidada de honra de Maria, a Mãe do céu.

Ambas eram mediadoras da vocação de Henrique. Micaela tinha-o educado com esmero no amor e temor de Deus, tinha-o contagiado com a sua piedade. Dela tinha escutado a ordem, que depois reconheceu ser a vontade de Deus: *"Filho meu, faz-te sacerdote. Que alegria me darias!"*., Treze anos antes, Maria recebera Henrique, que se prometia a Jesus, tendo sido Ela a entregar essa oferenda ao Filho³⁶⁴; agora, Henrique recebia, nas próprias mãos, o Filho de Maria.

*"Ao entreabrirem-se os céus para, pela primeira vez, descer às minhas mãos o Filho de Maria, assomaram-se pelas suas portas as minhas boas mães, Maria Imaculada, Mãe de Deus, e Micaela, a minha mãe da terra. E alegraram-se com este novo e divino espectáculo. Tinham razão. A Elas se devia"*³⁶⁵.

4.1. "Consagremos tudo a Jesus pelas mãos de Maria"

Anos mais tarde³⁶⁶, Henrique convidaria todo o cristão a consagrar a Maria, não só o tradicional mês de Maio, mas o que considerava a melhor oração: a entrega a Jesus, por Maria, de tudo quanto nos pertence, de quanto somos e valem, e para sempre. Começa a exprimir a gratuidade e radicalidade, como disposições fundamentais, dizendo:

*"Consagremos tudo a Jesus por Maria, de sorte que nada nos reservemos... e sem pretender nem esperar... outra recompensa que não seja a honra imerecida de pertencer a Jesus e a Maria"*³⁶⁷.

Querida levar até às últimas consequências a consagração baptismal, e realizá-la do modo mais completo. Para exprimir a entrega da própria pessoa a Jesus por meio de Maria promete:

*"Eu..., nas vossas mãos, renovo e ratifico os votos do meu Baptismo... dou-me todo inteiro a Jesus Cristo, para conformar a minha vida à sua..."*³⁶⁸

Seguidamente, entrega o direito de dispor dos bens interiores e dos méritos pelo bem realizado, cada dia, concluindo:

*"Oh Mãe de misericórdia! Alcançai-me a verdadeira sabedoria de Deus, e contai-me no número dos que amais... fazei-me tão perfeito discípulo, imitador e escravo da Sabedoria encarnada, Jesus Cristo, vosso Filho, que chegue pela vossa intercessão e a exemplo vosso, à plenitude da sua idade sobre a terra, e da sua glória nos céus. Amém"*³⁶⁹.

³⁶⁴ Todos os obséquios de Henrique a Jesus tinham que passar pelas mãos de Maria.

³⁶⁵ TF, Prólogo, EEO III, p. 195.

³⁶⁶ RT, n. 80 (Maio 1879), pp. 222-224.

³⁶⁷ RT, Id., p. 222.

³⁶⁸ RT, Id., p. 223.

³⁶⁹ Id., pp. 223-224.

Fruto desta consagração é a *"ilimitada confiança em Maria"* que o faz exclamar:

*"Eu não sou meu; sou de Maria, nenhum cabelo da minha cabeça, nenhum suspiro do meu coração é meu: tudo é de Maria, e de tudo cuida tão boa Mãe... nada me pode faltar"*³⁷⁰.

Ordenado Padre, Henrique quis voltar à aldeia natal. Ali, recordaria, decerto, muitas coisas que foram mediações providenciais, para a recém estreada vocação sacerdotal. Como primeira acção, em homenagem de gratidão, quis erigir, na igreja, um altar e nele colocar uma imagem da Imaculada. A festa organizada para a ocasião, segundo vários testemunhos, produziu o efeito de uma verdadeira missão popular, especialmente devido ao entusiasmo e fervor religioso, que costumava contagiar³⁷¹.

O seminário esperava-o, para o novo curso de 1867-1868. Foi o mais intenso da sua vida, já que teve de alternar o ser professor e avaliar alunos, com ser estudante do sétimo ano de teologia, e fazer também os últimos exames. No dia 4 de Junho de 1868, obteve o último *"meritissimus"*, em Tortosa. A seguir, dispôs-se a viajar até Barcelona, onde também tinha que se examinar, para obter o diploma de Bacharel. Apresentou-se ante os três doutores e foi aprovado, por unanimidade, no dia 22 de Junho do mesmo ano³⁷². No meio de tudo, sempre priorizou o sacerdócio: a assiduidade ao ministério da pregação, confissões e catequeses. O primeiro ano do seu ministério decorreu, em fidelidade, ao serviço d'Aquele a quem se consagrara³⁷³.

~

³⁷⁰ *Id.*, p. 223.

³⁷¹ Cfr. GABERNET, JOAN, *Op. cit.*, p. 93; veja-se também PIB, Summarium (VI Testis, Ad 15, proc. fol. 153 v), p. 261.

³⁷² GABERNET, JOAN, *Id.*, p. 94.

³⁷³ PAT, Summarium, (X Testis, A 18 ad 20, proc. fol. 391), p. 506.

Experiência espiritual e apostólica dos primeiros anos do sacerdócio

Esta segunda parte abrange, desde a ordenação sacerdotal de Henrique de Ossó, até 1876, ano da fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

É a aproximação à sua experiência pastoral e profética, eclesial e teresiana, e a sua reflexão sobre os factos e o seu magistério.

A graça deste período de vida é a marca mais original da sua espiritualidade. O TERESIANISMO é a fonte donde brotarão, em crescendo, todas as obras, sempre direccionadas a zelar pelos interesses de Jesus.

1. DESMORONA O EDIFÍCIO SOCIAL

Privilegiámos a descrição dos movimentos interiores de Henrique de Ossó, seguindo a pista da sua vocação e formação. Através dela, vimos também, como se foi ampliando o reduzido âmbito da terra natal, com outros horizontes. O olhar do menino de Vinebre, o do adolescente da cidade de Tortosa e o do jovem residente na capital da Catalunha, dilatava-se, no recém ordenado sacerdote, até às dimensões da pátria e do mundo. As condições do seminário, onde se formou, sugeriram-nos algo da instabilidade do meio circundante, tanto no aspecto social, como no político e no religioso. Henrique percebia que as coisas andavam mal. Via o mundo não só envelhecido, mas ameaçado de morte. Compadecia-se dele, porque o amava, como Jesus. A Ele se consagrara e tinha sido enviado ao mundo.

Dois meses somente, após o exame pelo qual obteve o título de Bacharel, depois de pregar por mais de meia dúzia de povoações³⁷⁴, o jovem padre foi descansar alguns dias para o oásis carmelitano do Deserto das Palmas, onde foi surpreendido pelo estalar da revolução³⁷⁵. Era o dia 29 de Setembro de 1868.

1.1. Revolução anticlerical

Uma revolução não se improvisa³⁷⁶. Com poucos meses de diferença tinham morrido duas eminentes figuras da política: O'Donell e Narváez. Com esse desaparecimento, emergiu a instabilidade: surgiu um governo duro e, com ele, o descontentamento. Muitas conspirações delatavam a existência de conflitos antigos. A conjuntura favoreceu a organização das forças armadas, para derrubar a monarquia, representada por Isabel II. A rainha, ao ver-se encurralada, fugiu para França, deixando a nação entregue às mãos de Juntas revolucionárias. Com o movimento armado, renascia uma velha característica dos conflitos de Espanha: o anticlericalismo³⁷⁷.

³⁷⁴ "Meu inolvidável amigo: Ansioso, julgo que estará por saber onde descansam os meus ossos, e digo que descansam, pois até há quatro dias não estiveram em quietude. Desde que saí de Barcelona, fui pregar a Bot, Batea, Ribarroja, etc., e agora esperam-me no Pradip para o dia da Natividade de Nossa Senhora e, a seguir, em Tortosa... Penso ir descansar uns dias ao Deserto das Palmas, provavelmente de 15 a 20. Convido-o". Carta a D. Félix Sardá, Pbro. Sabadell. Vinebre, 1 de Setembro de 1868. *Cartas (inéditas)*, cópia em AGSTJ.

³⁷⁵ Cfr. AMS, EEO I, pp. 13-14.

³⁷⁶ Revolução de 1868, denominada "La Gloriosa", contra a monarquia de Isabel II.

³⁷⁷ O fenómeno do *anticlericalismo* numa nação de alta tradição católica como Espanha tinha raízes profundas. No povo campestre os ressentimentos remontavam ao tempo em que estivera submetido à vassalagem de abades e priores. A

Quando Juan Bautista Altés, amigo e contemporâneo de Henrique, descreve a revolução, centra-se nas suas repercussões no sector eclesiástico e religioso: "Estávamos quase nos finais do ano de 1868. Acabava de ressoar, em Espanha, o estampido da revolução. Os seus estragos de ordem moral e religiosa fizeram-se sentir em Tortosa, como em quase todas as partes. Não seria possível, mesmo pretendendo-o, referir aqui as ofensas, vexações, perseguições e injúrias, dirigidas ao Bispo, ao clero, aos católicos; a expulsão de religiosos, a proibição de procissões e de Sacramentos; os escândalos públicos, as manifestações ímpias e a difusão dos panfletos mais asquerosos, inclusive ateus..., enfim, quanto o inferno pode inspirar nessas horas tenebrosas. Porque tudo isso se fez sentir na católica cidade do Ebro"³⁷⁸.

Não era só a violência que acompanhava o momento político, devido à implantação de outra forma de governo. A situação tinha a complexidade de uma mudança de época. Merecia ser analisada por diversos ângulos, para se compreender e valorizar o pensamento e a acção de Henrique de Ossó. Aqui, decidimos fazê-lo através da visão dos seus contemporâneos e simpatizantes, porque nos parece que, por esta lógica, aparecerá com mais clareza o sentido da sua acção apostólica³⁷⁹.

Que estava a suceder? Nas cidades, ia desaparecendo o clima de piedade, tão próprio, que acompanhara a Espanha até à primeira metade do século, e era substituído pela indiferença e mesmo a zombaria pelas expressões religiosas. As ruas enchiam-se de folhetos que faziam gala em ridiculizar tudo quanto fosse católico, especialmente o clero.

Precisamente alguém que conheceu o P. Henrique, deu fé da sua enérgica reacção, ao contemplar o modo como se "propagava o mal entre a juventude, por meio de folhetos e publicações escandalosas"³⁸⁰. Todo o povo se ressentia da instabilidade do governo. Aqueciam os ânimos e as cabeças ficavam confusas. Havia levantamentos armados, em diversos pontos da nação, dando lugar a muitos atropelos, desgostos e mais ressentimentos. Aumentava a pobreza, ao mesmo tempo que surpreendia a presença de novos progressos, como as vias-férreas ou a iluminação pública, capazes de entusiasmar os cidadãos e de os fazer exclamar: "Quanto progresso...!" Tal fazia que, anciãos e sacerdotes, com as suas tradições, parecessem inúteis e antiquados. As crianças bebiam o descontentamento dos adultos, sofriam a ignorância das maiorias, escutavam blasfémias e queixas contra clérigos e religiosos, e absorviam tudo quanto pululava no ambiente.

1.2. “Os males de Espanha”

A vida dava uma reviravolta em todos os sentidos e a sociedade entrava em convulsão pela mudança cultural. Entravam em jogo valores, interesses políticos e económicos, ideologias, tradições, costumes, crenças e instituições, até então inquestionáveis, como a Igreja.

A Igreja em Espanha tinha sido protegida da ruptura protestante, graças à estreita relação com o poder civil. *Trono e Altar* eram o lema da propaganda, nas esferas governamentais, para

burguesia ambicionava as terras e os mosteiros, propiedades das ordens religiosas. O governo buscava a desamortização dos bens por defunção. As medidas anti-religiosas foram extremas.

³⁷⁸ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p. 43.

³⁷⁹ Para além da visão de Henrique de Ossó, parece-nos indispensável aprofundar no estudo histórico, as diversas interpretações. Será necessário acudir a outras fontes documentais e outras análises para chegar a compreensões globais que permitam enquadrar os dados aparentemente contraditórios.

³⁸⁰ *PIB*, (I Testis, Ad art. 49-52, proc. fol. 50) p. 212. O testemuho diz que "o zelo do Servo de Deus se acendeu contra a fúria satânica, observando que, durante a revolução de Setembro de 1868..., o mal se propagava..." [O facto está situado em Setembro de 1868, quando passava por Tortosa, a caminho de Vinebre, no regresso do Deserto das Palmas].

designar a união dos poderes. Chegado o século XIX, com o enfraquecimento do sistema absolutista, aquela aliança político-religiosa também se quebra, devido à irrupção do novo regime, que, como afirmámos, não era só uma nova forma de governo, mas a expressão de uma mudança de época.

Uma cultura explica-se, em grande parte, pela ideologia que a cria e sustenta. Neste caso, e simplificando muito as coisas, podemos dizer que o motor do terramoto cultural do século XIX se chamou *liberalismo*, do mesmo modo que, no século XX, foi o socialismo³⁸¹. Para o liberalismo, a palavra mágica, pela qual se apostava a vida, era a "liberdade". Era entendida individualmente e de forma antropocêntrica, quer dizer, deslocando a visão teocêntrica da realidade, e com ela a fé. Desta concepção, na política, surgiam como formas de transição, as monarquias constitucionais e as repúblicas, ambas de matriz anticlerical³⁸². Esta nova concepção deixava para trás o Antigo Regime de absolutismos régios, que se vinham sucedendo em Espanha, sustentados por estruturas económicas caducas, já incapazes de permitir o desenvolvimento do povo. O problema era que a Igreja se identificara com tais estruturas³⁸³.

A Igreja pós-tridentina exprimia e transmitia a fé, pela linguagem da teologia tomista, cujo instrumento era a escolástica. Enquanto a escolástica dominou o panorama filosófico, a expressão da fé da Igreja manteve-se inalterável dentro da cultura. Ao chegar o século XIX, com o aparecimento de novas linguagens e concepções filosóficas, juntamente com o aparecimento do pensamento científico e positivista, a expressão da fé começou a revelar-se insuficiente para iluminar as novas realidades. O diálogo tornava-se impossível, porque essas expressões tinham nascido ateias. Faltava inteligibilidade entre os interlocutores e era impensável pôr-se de acordo, quando entre eles tinha havido mútua condenação e exclusão.

O *Antigo Regime*³⁸⁴, nome genérico que abarca o sistema absolutista e a tradição eclesiástica, estava condenado a desaparecer. Tentou subsistir ao longo de todo o século XIX, na primeira metade, manteve-se firme mas, a partir da segunda, foi debilitado e ferido de morte pelo *Novo regime liberal*³⁸⁵. O ataque às formas arcaicas ou injustas, feito de forma violenta, tão-pouco

³⁸¹ Cfr. JIMÉNEZ DUQUE, B., *Espiritualidad y apostolado*, em GARCÍA VILLOSLADA, R., *Op. cit.*, pp. 395-474.

³⁸² Assim como do *socialismo* derivariam as ditaduras e os totalitarismos, com o clamor paradoxal da justiça social.

³⁸³ Referimo-nos a estruturas económicas que mantinham o clero e a nobreza numa posição de privilégio. Outras são as estruturas mentais, como o modo absoluto de conceber a mediação da autoridade divina, na pessoa do rei, ou a forma de entender a Igreja como "sociedade perfeita".

³⁸⁴ *Antigo Regime* é o nome do complexo político, religioso e cultural carregado com a força da tradição. Quem o encarnava, apoiava-se nas gestas espanholas do XVI e do XVII, considerando-as portadoras dos elementos mais genuínos da nacionalidade. Sobre esses valores buscavam orientar o projecto de vida do país e, ao contrário, pareciam renunciar ao melhor da essência espanhola. O que aglutinava a tradição era o elemento religioso, pelo qual o povo a ela apegado, se sentia o defensor dos direitos da religião e tinha um firme apoio ao rei. Via a causa de todos os males do momento na interrupção que alguns espanhóis tinham feito da sua história, ao introduzirem o liberalismo francês, ideologia anticristã e estrangeira. Os mais representativos da tradição eram os eclesiásticos e o povo simples que os seguia. Conhecer esta óptica ajuda a compreender algo desse antagonismo, dentro da complexidade da situação.

³⁸⁵ O *Novo regime liberal* introduziu-se em Espanha, através da reflexão da burguesia intelectual, que se pôs em contacto com a moda francesa. Era o grupo europeizante que, buscando ampliar os seus interesses, aproveitou para se elevar as estruturas caducas da nação: despotismo ilustrado, classes sociais, senhorios nobiliárquicos, grémios anquilosados, bens *de mãos mortas*... característicos do Antigo Regime. Os porta-vozes do novo regime liberal julgavam que a causa última da decadência da Espanha era a nobreza corrupta e a Igreja, pelo domínio que exercia com um dogmatismo fechado e arcaico, impermeável à ciência nascente, filha do positivismo.

Pela história sabia-se que, quando grandes sectores da Europa abandonaram a fé católica, a Espanha crente tinha conseguido defender o seu credo, reforçando os seus muros contra o estrangeiro e criando instituições tão férreas como a Inquisição. Estes e outros factos tinham isolado a nação do progresso, facto que, no século XIX, se lamentava. No século XVI, o Estado espanhol tinha empreendido a tarefa de realizar a Reforma da Igreja e identificou-se com ela. Os laços dos poderes estatal e eclesiástico estreitaram-se. Nos fins do século XVIII, o equilíbrio quebra-se. Com a entrada do liberalismo, a Igreja era considerada como um impedimento para o desenvolvimento de um Estado independente, que buscava

respeitou outros valores genuínos da tradição espanhola, tendo provocado dor e confusão. Após cada ataque, davam-se passos para um novo ressurgir da sociedade e da Igreja.

Henrique vivia imerso nesta sociedade e também, devido a um processo contínuo de reflexão e oração, sabia tomar distância, antes de se pôr em acção. Assumi o momento com uma postura definida e reagiu a ele, como um homem de fé.

2. RECONSTRUIR A SOCIEDADE PARA CRISTO

2.1. Visão de fé

Quando se dedica tempo à análise de uma situação, ela deixa de parecer caótica. Para nela intervir, será necessário tê-la destrinchado e chegar a uma visão de conjunto. Julgamos que agiu assim Henrique de Ossó. Encontramo-lo, com frequência, não só a descrever o que acontece, mas a perguntar-se *por que* sucede. Como sacerdote formado, soube fazer um diagnóstico do momento e reagir, movido pelo amor de Deus. Os seus escritos ajudam-nos a entrar em contacto com essa paixão que o movia. Através deles, descobrimos também essa visão integradora, por onde as acções apostólicas que foi projectando adquirem sentido.

2.1.1. Contemplar e amar a realidade

O P. Henrique contemplou a realidade e deixou-se comover até às entranhas. Vivia e observava as situações, que a Igreja e a Religião católicas atravessavam³⁸⁶. Sentiu grande compaixão pelo seu povo. Em 1872, descreveu um quadro, que nos permite, agora, assomar – nos ao que lhe perpassava na alma:

"Destruídos os templos, os mosteiros e casas de oração, convertidos em estábulos, ou coisas piores; os protestantes protegidos e mimados, pela autoridade; Espanha sem a unidade da fé; chorando os sacerdotes e bispos a corrupção dos costumes, e preso o Vigário de Jesus Cristo..."³⁸⁷.

Exprime-se em profundos sentimentos, ao reparar que a ofensiva contra a Igreja surgiu no próprio terreno. O ataque a pessoas, instituições e à doutrina não procede de inimigos estranhos. Nesses momentos, estava a ser assumido pela autoridade oficial, a mesma que, antes, tinha velado, ao lado da Igreja, pela fé e costumes do povo:

"Os tempos que correm, os dias que atravessamos não são favoráveis à doutrina católica. Destruída, por lei, a unidade religiosa, deu-se liberdade ao mal, para

secularizar-se. Esta razão, além de outros factores, tornam o anticlericalismo uma característica do pensamento liberal constitucionalista.

³⁸⁶ Desde a invasão napoleónica foram destruídos 311 conventos e 315 templos, 33 capelas, 33 ermidas, 13 oratórios e 22 colégios. Foram destinados a outros usos como hospitais, câmaras, correios, arquivos, fábricas, quartéis, cárceres, mercados, teatros ou até tabernas,... 284 conventos e 103 templos, 18 oratórios, 4 ermidas e 1 colégio. Isto foi por todo território de Espanha, sendo a Andaluzia uma das regiões mais castigadas. A partir de Junho de 1883, Henrique, coloca na *Revista Santa Teresa* os dados que falam do saque e da destruição. São dezanove artigos intitulados *Ruínas Sagradas*, que parece tomar de outra publicação, a "Via Dominicana". Esta série é mensal, durante o ano 1883, excepto em Outubro. Continua, durante todos os meses de 1884, excepto Maio e Novembro; em 1885 publicam-se os últimos artigos, em Janeiro, Fevereiro e Maio.

³⁸⁷ *RT*, n. 1(oct. 1872), p. 3 [Apresentação do projecto da *Revista Santa Teresa de Jesús* ao Bispo Don Benito Vilamitjana].

oprimir o bem. A Religião católica, única de facto para os espanhóis, é vítima da mais injustificada perseguição; e não obstante, até em documentos oficiais (circular de Zorrilla) a fazem passar por verdugo. Já não é o espírito religioso que animava os nossos pais a ditar leis; o que guia os nossos actuais regeneradores é o espírito de hostilidade para com todo o que espalha o bom odor de Jesus Cristo; e quando não é hostil, é pelo menos indiferente, porque faz gala em ser ateu"³⁸⁸.

A novidade do momento não foi a Igreja ter sido tomada para alvo, mas o modo *sistemático e organizado* de proceder contra ela. *Erros sempre existiram* – pensava – o intolerável era a confusão instaurada, ao conceder-lhes carta de cidadania:

"Nunca, como nos dias de hoje, se organizaram, digamos assim, e concertaram estes erros, se erigiram em sistema; pelos poderes constituídos foram-lhe outorgados direitos iguais ou superiores, à verdade e à virtude; foram-lhe dispensados protecção e amparo, chamando mal ao bem, e ao bem, mal; à verdade, erro e ao erro, verdade. Esta é uma das marcas que distingue os erros e vícios do nosso século, de todos os outros"³⁸⁹.

Henrique procurava descer às causas e constatou que a confusão, considerada o pior dos efeitos, tinha crescido pela *ignorância*. Por ela, se chegara à perda da fé, da moral e ao abandono da Religião. Era desastroso, porque, sem Deus, só se podia esperar uma vida desumana:

"Reina uma espantosa ignorância religiosa e, por conseguinte, por respeito, campeiam paixões sem freio, e os vícios mais insolentes; e, enfim, vive-se e morre-se como néscios"³⁹⁰.

Naquele panorama, muita responsabilidade cabia a um passado não longínquo. Henrique entendeu que, o sucedido, naqueles dias, era colheita de sementeira antiga. Cumprira-se a parábola evangélica da cizânia.

*"As desgraças que nos dias de hoje lamentamos e o estado angustiosíssimo em que se encontra a nossa Espanha é fruto natural da árvore da impiedade, semeado pelo inimigo, nos anos do 32 em diante, no campo do Senhor, na herdade de Maria Imaculada, enquanto os bons operários dormiam ou eram impedidos, por discórdias de irmãos. A actual geração formou-se naquela triste época, nefasta para a Religião e ensino da Doutrina cristã; e já não se poderão curar aquelas feridas, sanear aqueles frutos envenenados..."*³⁹¹.

Com isto parecia chegar a uma *causa mais profunda*, isto é, ao porquê da ignorância. Advertiu que, quando a Espanha vivera uma situação de perseguição religiosa semelhante, no começo da quarta década do século, o desconcerto nos pastores tinha impedido de atender ao ensino da doutrina cristã e produzira-se uma geração deficientemente formada, apta para aceitar os erros. Com isto, atingia uma visão que o clarificava e o impelia a pôr mãos à obra.

Em Espanha, pregavam-se doutrinas não como se fossem ideologias, mas como se fossem uma nova religião, desprezando a Deus e fazendo delas o absoluto. Esta pregação estava a germinar, porque atingia gente, mergulhada na ignorância religiosa, produto de uma geração carente de instrução e doutrina. As consequências eram graves. Uma sociedade abandonada a si mesma, sem Deus –

³⁸⁸ GC, EEO I, p. 72.

³⁸⁹ GC, EEO I, pp. 56-57.

³⁹⁰ *Id.*, p. 81.

³⁹¹ GC, EEO I, p. 81.

pensava - facilmente seria presa da auto-suficiência, isto é, do pecado e não podia produzir senão vícios. Estava perdida! E, se a ordem social estava perturbada, desde os fundamentos, porque ter desconhecido o Único pelo qual pode salvar-se, Jesus Cristo, o objectivo urgente era restabelecer a sociedade em Cristo.

No fundo, era questão de fé e de doutrina³⁹². Os males políticos, económicos e sociais, eram só o reflexo do problema mais profundo: a fé. Este foi o campo que Henrique tornou alvo da sua acção e explica por que nunca quis intervir, através da plataforma política³⁹³. Estava convencido de que o problema era outro. A guerra travava-se por causa das doutrinas.

*"Convencidos destas verdades, e desejando ajudar, com o nosso humilde valer, a levantar os fundamentos do edifício social em derrocada, sobre a pedra angular que é Jesus Cristo..."*³⁹⁴.

Baseou a sua acção numa perspectiva crítica. Foi construtiva, porque não se desgastou em ataques estéreis, nem se entreteve com lamentações. Foi criadora, no sentido maternal -de gerar vida - mais que de inovar. Foi activa, porque deu respostas: se faltava catequese, tinha que se fazer; se o Estado tinha deixado de favorecer a instrução religiosa ou os ministros de culto, tinha que se ocupar disso³⁹⁵. O amor dinamizava a sua criatividade, porque sentia que corriam perigo *os interesses de Jesus*, isto é, a vida das pessoas.

*"Tendo visto, por um lado, o empenho da revolução ateia..., vejamos o que podemos e devemos fazer, os que nos chamamos amigos de Jesus, zeladores da sua honra e dos seus divinos interesses"*³⁹⁶.

Antes de ver o organizador, necessitamos de nos determos noutra rasgo de Henrique, relacionado com a sua identidade. É a elevada estima pela pátria, donde lhe vem a dor da ruína da religião católica. O amor pela Espanha explica, ainda mais, a compaixão sentida por Henrique ante a perda da fé, considerada como a pior desgraça.

Quando fala de Espanha, é sempre com um amor apaixonado e agradecido³⁹⁷. O povo espanhol é por ele considerado como um povo de gloriosa história, grande pela fé, unido pela religião. Pela pertença a este povo, recebeu ele a mais preciosa herança, que é a fé católica, pela qual chegou ao conhecimento de Jesus Cristo. Espanha – escreverá - é o povo escolhido, que foi enviado como apóstolo de Jesus Cristo a outras nações³⁹⁸.

³⁹² Henrique enfocou o problema social através do núcleo da fé a que uniu a doutrina. No entanto sempre considerou que a doutrina era mais do que um conjunto de verdades, as regras de vida.

³⁹³ Henrique absteve-se de falar ou intervir em política. O valor supremo para ele era a religião, o resto eram consequências. A sua mentalidade foi mais aberta e moderna que a de muitos, enquanto olhava as pessoas, valorizando-as na sua dignidade, sem excluir ninguém. Opunha-se ao erro ou ao engano, porque considerava que afastava as pessoas do seu destino sobrenatural. Sem se opôr à ciência, era intransigente com o que fosse absolutizá-la. Quando fala com nostalgia da *unidade perdida*, ao parecer é movido por pensar que se obscureceria essa visão social que rege os valores religiosos, que conduzem os povos para Deus. Quizá também o influenciou o tipo de sociedade em que viveu a infância.

³⁹⁴ GC, EEO I, p. 72.

³⁹⁵ *"Já, pois, que a Revolução tomou por alvo da sua ira esta santíssima instituição, dever é dos católicos tomá-la por objecto preferente das suas atenções e cuidados"* (A obra das Vocações eclesíásticas sob a protecção de S. José e Santa Teresa de Jesus). Em: RT, n. 53(Fev. 1877), p. 128.

³⁹⁶ RT, n. 54 (Mar. 1877), p. 158.

³⁹⁷ Seria impossível silenciar este aspecto de Henrique. O amor a Espanha, como concretização de onde tinha que se realizar o Reino, como mundo aonde Deus o enviava como apóstolo, é parte da sua espiritualidade. Sugerimos que se lea a *Revista Santa Teresa de Jesus* com esta chave, a partir da exposição ao Sr. Bispo, passando por cada *Súplica da católica Espanha à sua excelsa padroeira Santa Teresa de Jesus no íia da sua festa*, oração em que lançava o coração, e que não omitiu ano algum.

³⁹⁸ Cfr. GC, EEO I, pp. 65, 72 y 81.

*"Espanha, pátria querida, depois de Deus e da sua Religião sacrossanta, és a coisa mais amada do meu coração. Porque Espanha tem uma das histórias mais brilhantes entre todas as nações, as mais preclaras glórias, os mais preciosos e estimáveis dons e graças... Tu foste, Espanha querida, a nação teológica por excelência"*³⁹⁹.

2.1.2. Denunciar a injustiça e anunciar o Reino

É na contemplação de seu povo, que é o *seu mundo*, que Deus chama o seu sacerdote para o tornar *profeta*. Henrique, novo Jeremias⁴⁰⁰, faz da sua vida um clamor esperançado e activo.

Que aconteceu à Espanha? Que lhe sucederá se não se converter?

*"Pobre Espanha!... A tua história cobriu-se de luto!... Tu, que um dia conquistaste os teus próprios conquistadores, e foste a admiração do ilustre Bispo de Hipona... estás em perigo de ser destruída até aos teus fundamentos pelos bárbaros do século XIX..."*⁴⁰¹.

Se Espanha foi grande, foi-o pela fé. Permitindo a entrada de doutrinas ateias, Henrique pressente que morrerá, irremediavelmente.

*"Espanha... que precedia todas as nações pelas suas leis cristãs, pela sua unidade de fé, [que] foi feliz internamente, respeitada pelos de fora; [que] foi grande, enquanto foi cristã, e povos e reis seguiram e acataram a doutrina católica; [agora] tornou-se pequena, e desprezada, arrastando vida miserável, desde que se debilitou a sua fé, e ouviu doutrinas novas, volterianas, racionalistas, doutrinas que não são as de Jesus Cristo. Hoje, o mal estende-se e, como asqueroso cancro, corrói as entranhas da sociedade; agoniza, e sofre terríveis convulsões, e parece ameaçada até na sua existência; e não se salvará, não se curará, nem recuperará a paz perdida, enquanto não adorar as doutrinas católicas que desprezou e não queimar as doutrinas ímpias que adorou"*⁴⁰².

Henrique encarna a imagem de Jeremias, profeta da desgraça e da esperança, homem de alma delicada, feito para amar, homem de paz, a quem Deus pede que permaneça toda a vida no meio de lutas. Em certas ocasiões, qual outro Precursor, ouvimo-lo apelar à conversão e anunciar a Boa Nova:

"... o mundo oficial treme, ao ver-se à borda do abismo, que ele mesmo, em má hora, abriu a seus pés: quer retroceder, deter-se ao menos, e uma voz, voz de muitos povos que ele seduziu, aturde-o com horrível gritaria: Adiante, adiante; cumpre tudo o que prometeste, mesmo que tudo se desmorone. E tudo quanto existe há-de desmoronar-se, irreversivelmente, se não tivermos o heroísmo do arrependimen-

³⁹⁹ *Rudimentos de Historia de España*, pp. 50 y 52. Note-se que esta exclamação não aparece na *RT*, mas num contexto histórico-geográfico.

⁴⁰⁰ Cremos que *Jeremias* é a figura bíblica de *O Solitário*. Di-no-lo o primeiro relato escrito por Henrique na sua adolescência, quando descreve a sua impressão ao subir ao Deserto das Palmas: *"Levado em região superior, cria descobrir nova terra e novo céu, como o solitário de Jeremias"* (Um relato de Henrique de Ossó seminarista, em: *MO*, p. 441). O Deserto das Palmas é o lugar donde escreve sempre *O Solitário* da *RT* e num artigo autodefine-se como o porta-voz de Deus que vive para clamar: *"Eu, apóstolo da oração, devo clamar a vós que viveis no meio do bulício e aturdimento do mundo: Orai, irmãos, e com a oração vos santificareis e salvareis. É tempo perdido o que não gastais na oração. Deixai tudo antes de deixar a oração"*: *RT*, n.21 (Jun. 1874), p. 242. *O Solitário* é o profeta que habita no deserto e daí segue o destino do seu povo e está para zelar a honra e glória do seu Deus.

⁴⁰¹ *Id.*, p. 72.

⁴⁰² *Id.*, p. 65.

to...⁴⁰³. "No entanto, Deus, que criou sãs as nações, há-de compadecer-se da geração actual e enviará dias de bonança, se o mundo reconhecer que não existe legislador e mestre senão Deus; que a justiça engrandece os povos, e o pecado torna-os desgraçados; que não existe outro nome, enfim, debaixo do céu, nem outra doutrina dada aos homens e à sociedade, onde possamos encontrar a salvação, que não seja o nome e a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida"⁴⁰⁴.

Este sentido profético de Henrique não se apaga com o tempo. Finda a revolução, inclusive, intensificou-se, tornando-se mais pressuroso e esperançado. Adiantamo-nos a afirmar que o seu teresianismo está impregnado de profetismo⁴⁰⁵:

*"Oh Espanha minha! Dia e noite, derrama, faz correr as tuas lágrimas como torrente; não repouses, nem teus olhos cessem de chorar. Levanta-te, clama dia e noite ao Senhor teu Deus, faz penitência, tornando-lhe presentes os teus males e prometendo-lhe emenda. Ainda é tempo. Examina e escrutina os teus passos, e converte-te ao Senhor. Levanta para o céu, para o Senhor, juntamente com as mãos, os corações. Lembra-te, pátria minha, das misericórdias que contigo operou o Senhor, e verás que a elas se deve o não teres sido totalmente consumida, pois, jamais faltaram as suas piedades. Renovam-se, diariamente, desde manhãzinha, porque grande é a fidelidade do Senhor. Confia na sua misericórdia"*⁴⁰⁶.

2.1.3. Interceder e organizar

Unida à vocação profética, nasce a oração sacerdotal por excelência de Henrique, que é a oração de intercessão. Escreve, pondo na boca de Teresa de Jesus⁴⁰⁷, as mais fervorosas súplicas, em favor da pátria, pois as necessidades de Espanha são *interesses de Jesus*:

⁴⁰³ GC, EEO I, p. 72.

⁴⁰⁴ *Id.*

⁴⁰⁵ Sabendo que Teresa de Jesus era de condição agradecida, Henrique apoiava-se nela para interceder por Espanha. Pedia-lhe que agisse em favor da nação onde ela tinha recebido a fé e que a tinha por padroeira. Cfr. por exemplo, *RT*, n. 1(oct. 1873), p. 7.

⁴⁰⁶ *RT*, n. 1(oct. 1873), p. 9.

⁴⁰⁷ Henrique acode também a Santa Teresa, como intercessora de Espanha, na obra *Tres florecillas a la Virgen de Montserrat*. Aí conserva-se uma oração muito representativa do que expusemos. Reproduzimo-la por ter sido suprimida em *TF, EEO III*: "OLha o que nos sucedeu. Atende ao que nos acontece. Escuta as nossas aflições. És nossa irmã, nossa Mãe, nossa Padroeira, nossa zeladora e advogada. Onde melhor que no teu seio podem os teus filhos e irmãos depositar as suas queixas, penas e dor? Tu nasceste em Espanha, foste santificada em Espanha, fertilizando e trabalhando no seu fértil solo, consumiste a tua heróica vida tão pejada de penas e de dor. Aqui está a tua casa e as tuas casas religiosas onde moram as tuas filhas, pedaços do teu coração.

Aqui está o teu corpo incorrupto e o teu coração transverberado e com espinhos, ó Seráfica virgem, honrado e venerado pelos teus filhos, esperando a ressurreição dos mortos, para ser glorificado. Aqui estão os lugares que santificaste, celestial Andarilha e Negociadora.

Será que já não amas a tua Espanha? Será que te olvidaste, na tua exaltação, das penas que passamos os filhos do teu coração, os que participamos algo do teu espírito e do teu zelo? Olha para o que nos sucedeu...os bons esconderam-se e acobardaram-se, os maus tornaram-se insolentes e apoderaram-se das rédias do governo, e à sua sombra medram a quadrilha, a heresia, os vícios, as seitas e o erro. O mundo está a arder...

Querem voltar a sentenciar Cristo, estes traidores...

A filha de cem reis, aquela em cujos domínios nunca se punha o sol...

A que deu leis a dois mundos e ensinou a amar-te e temer-te em ambos os hemisférios é tributária dos mesmos que um dia enobreceu. Porque não obedecemos aos preceitos de Deus, por isto fomos entregues à devastação, ao cativoiro, à morte, e à fábula e impropérios de todas as nações. E agora, Senhor, grandes são os teus juízos: apiada-te do teu povo, que te deu a conhecer num novo mundo. Opera em nós, segundo a tua vontade, e manda que o nosso espírito seja recebido em paz; porque nos convém mais morrer do que viver tão miseravelmente.

"Oh Senhor Jesus! Meu Esposo e meu Amado! Lembra-te que me prometeste, um dia, que me havias de conceder tudo quanto Te pedisse. A Ti venho, pois, neste dia, pedir-Te que cumpras a tua palavra e dês a paz à minha Espanha. Desfazem-se os meus olhos, em contínuo pranto...As muitas lágrimas, que derramei pelos desastres de todos os meus filhos espanhóis, consumiram todo o meu espírito vital..., ao ver o quebranto e tribulação dos filhos do meu povo, quando se derrubavam ou profanavam os templos, se perseguiam e assassinavam os sacerdotes, se arrancavam das suas moradas as virgens a ti consagradas, se convertiam os conventos e casas de oração em casas de perdição, ou imundos estábulos, e se chamavam e animavam, para que viessem fixar-se e dar frutos na minha pátria os hereges e protestantes. Oh Deus eterno, misericordioso e paciente! Enche a minha pátria de amargura; embriagaste-a de absinto. Baste já, Senhor, de castigos, resplandeça a tua misericórdia. Eu invoco o teu nome santo e clamo às portas do teu Coração compassivo - que há-de reinar em Espanha -, para que não feches os teus ouvidos aos meus clamores..."⁴⁰⁸.

Antes de organizar e actuar, vê-lo-emos sempre a orar, suplicar, confiar e esperar que lhe seja comunicado o que deve fazer.

"Espera no Senhor, que é bom... e não serás confundida [Espanha]. Ora sem cessar ao Coração do meu Jesus, que deseja reinar em ti. Ama a Deus e sê agradecida... Espera com confiança... Ora com fervor... Ama a Jesus de Teresa..."⁴⁰⁹.

Logo que Henrique vê claramente o querer de Deus, porque por aí passam os *interesses de Jesus*, e tendo sido confirmado pela obediência, ninguém o detém. Com paixão e com cabeça, inicia a actividade prática; mantém-na com constância e com carinho, cuidando dos resultados até ao pormenor, sem retroceder, por mais dificuldades que lhe possam surgir no caminho.

2.2. Resposta eficaz

Henrique entendeu que, se a sociedade estava minada nos seus fundamentos, para a restabelecer, era necessário começar pelos alicerces. Era urgente pôr-se a trabalhar em profundidade, ainda que os resultados fossem a longo prazo.

A geração actual – pensava - dificilmente poderá regenerar-se...

"... a sua ignorância faz que não tenham interesse por nada que se lhes possa dizer... Onde se não colocou nenhum fundamento, não se podem levantar mais que ruínas"⁴¹⁰.

E tal como uma maçã podre não pode ser sanada, senão retirando-lhe sementes, para que produza uma nova⁴¹¹, também não podemos trabalhar com esta geração, porque se fechou; evitemos que a história se repita e plantemos uma nova geração. As crianças são a esperança⁴¹². São as preferidas de Deus, porque a elas revela os seus segredos⁴¹³. São cera branda. Ai de quem as

Ouve-nos, Teresa de Jesus, a Santa que tudo podes, ouve-nos, e livra-nos com o poder da tua intercessão de todo o mal. Amém". Em TF, 2a. Ed., Tipografia Teresiana, Barcelona 1900, 144 p.

⁴⁰⁸ RT, n. 1(oct. 1873), p. 10.

⁴⁰⁹ Id.

⁴¹⁰ GC, EEO I, p. 83.

⁴¹¹ Cfr. Id., p. 81: parábola da maçã.

⁴¹² Henrique recolhe as ideias de Gerson, que por sua vez as fundamenta em outros pensadores. Cfr. GC, EEO I, pp. 33-55.

⁴¹³ Cfr. GC, EEO I, p. 93.

escandalizar! O que uma pessoa aprender em criança valer-lhe-á para sempre. Se queremos recristianizar a sociedade, nenhum trabalho é tão importante como a catequese das crianças.

2.2.1.Catequista com as crianças

Mencionámos, em vários lugares, o amor que Henrique sempre teve pela catequese. Aqui destacaremos a orientação transformadora que soube imprimir ao seu apostolado com as crianças.

O Bispo, Dr. Benito Vilamitjana y Vila, confiou a Henrique a catequese de Tortosa,⁴¹⁴ certamente pela notícia do trabalho que desenvolvera com as crianças, desde os seus tempos de seminarista, e a que se dedicava preferencialmente, na sua aldeia de Vinebre, durante os verões.

Tinha intensificado esta acção, quando, ao estalar a *setembrina* e ser o seminário de Tortosa ocupado pelos revolucionários, teve que retirar-se e permanecer, na terra na natal, durante todo o curso de 1868-1869⁴¹⁵.

Aquele ano, perdido para os seminaristas, foi crucial para Henrique, como sacerdote e apóstolo. Quis o Senhor que o povo de Vinebre fosse o primeiro a receber os frutos do seu ardente zelo. Livre da cátedra, entregou-se à pregação e à catequese; alternava-a com o estudo e a reflexão de obras magistrais; amadurecia um pensamento realista, com informação constante. Visitava doentes e orava longamente, acrescentando a essa oração de fervoroso enamorado de Jesus Cristo, os rostos concretos, impressos no seu coração missionário. Desenvolveu uma acção muito pensada que, posteriormente, iria regulamentar e organizar. Já só tinha um único querer: *Viva Jesus!* E trabalhava com uma só intenção: *a maior glória de Jesus, Maria e José*⁴¹⁶.

Permanecem, em Tortosa, testemunhos⁴¹⁷ dos sucessos⁴¹⁸ da obra catequística desenvolvida por Henrique. Deste trabalho destacamos três aspectos: a sua capacidade multiplicadora, a sua preferência pelos mais pobres e a sua espiritualidade apostólica.

Na catequese, Henrique era a alma e o primeiro. Mas nunca esteve sozinho. Soube entusiasmar outros, convidá-los, formá-los e acompanhá-los. Isso explica...

*“a admirável realização conseguida em três anos reavivou a Catequise, em Tortosa. Apesar dos tempos calamitosos que atravessamos, assistiram, em média mil crianças, todos os domingos...”*⁴¹⁹.

Henrique *organizou* a catequese com os seminaristas, aprendendo juntamente com eles, com a própria experiência. Disso dá conta a primeira publicação pedagógica já mencionada, *Guia Prático do Catequista*⁴²⁰. Começaram por reunir quinhentas crianças, meninos e meninas.

⁴¹⁴ Cfr. Id., p. 30.

⁴¹⁵ GABERNET, JOAN, *Op. cit.*, p. 96.

⁴¹⁶ Depois acrescentaria *Teresa de Jesus*.

⁴¹⁷ Cfr. O prólogo ou resenha histórica de *GC*, "A quem ler", EEO I, pp. 29-33.

⁴¹⁸ Um testemunho dos processos diocesanos afirma: "Quanto à obra catequística do Servo de Deus, digo que ele reavivou e organizou a catequese, até então quase abandonada, por se ter dado conta da necessidade de formação religiosa do povo, sobretudo pelos danos da revolução de Setembro... foi em ajuda, com grande zelo, dos aspectos que poderíamos chamar nevrálgicos, isto é, as crianças e as jovens,... reparou que "a contra-revolução" ou solução para os males trazidos pela revolução devia ser a recristianização do povo". (PAT, Summariu, XII Testis. Ad 19, proc. fol. 505, p. 560).

⁴¹⁹ *GC*, EEO I, p. 32.

⁴²⁰ Cfr. nome completo da obra no número 3.1 do capítulo anterior.

Decorridos três anos, tinham-se multiplicado por três, distribuídos por doze Centros. Henrique contava com a colaboração dos párocos e seminaristas, para as funções de catequista e prefeito. Procurava, sempre de comum acordo com os colaboradores, melhorar as condições para as crianças⁴²¹ e provê-las do necessário: bancos para se sentarem, confeitos para as premiar, imagens para as levar ao fervor, estampas e medalhas para as ajudar a recordar o aprendido. Em equipa, preparavam as celebrações, comunhões e festas; organizavam procissões, romarias, visitas; gritavam vivas e rezavam... De tal forma que as crianças, orando e cantando, animadas pelos catequistas, eram capazes de se opor à propaganda anti-religiosa, contestar os erros e transformar costumes, quase como a brincar. Por trás estava o génio prático e estratégico de Henrique, que conseguia fazer-se seguir, pela sua convicção, experiência e fervor⁴²².

Sublinhámos a capacidade de convocatória de Henrique e a sua facilidade para trabalhar em colaboração. Todavia, se algo existe que tenha querido escolher para si, foi trabalhar *com os mais pobres*, com os mais necessitados, com os mais hostis⁴²³. Foi pessoalmente ao bairro dos pescadores⁴²⁴. Ali, como outro Cristo, deixou que o seu coração de pastor se compadecesse e empenhou toda a sua arte, para atrair a ovelha perdida. Conseguiu-o. Teve que passar com eles muito tempo, ver e tocar a sua miséria, perdoar as suas ofensas e não retroceder perante a sua indiferença. Falou-lhes ao coração e, apesar de rejeitado, de início, finalmente, graças à própria convicção e amor, oferecidos com *perseverança*, a palavra semeada chegou aonde pretendia, ganhando-lhes o coração para Cristo.

A espiritualidade de Henrique, jovem sacerdote, é cristocêntrica, aprendida na escola de Nazaré. Realiza tudo *em união com Jesus, Maria e José*. E a eles conduz as crianças, para que honrem, amem e imitem as suas virtudes. A resenha histórica, que serve de prólogo em *Guia Prático do Catequista*, ilustra uma grande variedade de actividades, encaminhadas ao culto a *Jesus, Maria e José* e a introduzir as crianças na sua devoção.

Para honrar *Jesus Menino* ensina as crianças a venerar a sua imagem, convida-as a escrever-Lhe cartas e a consagram-se-Lhe. Permite-lhes a adoração ao Santíssimo, na companhia de adultos.

Em honra de *Maria*, eram quase todas as actividades por ele organizadas: procissões, romarias às ermidas, cantos, especialmente a Salve Rainha. A Ela se gritam vivas, coroam-na como Rainha e rezam-lhe o Terço. Impõe o escapulário às crianças, ensina-lhes a devoção das três Ave Marias. Com todo o povo celebra-se o mês de Maio, de modo especial⁴²⁵, porque Maria é a porta

⁴²¹ Henrique realizou tudo isto não sem grandes contradições, pela oposição da gente da cidade e pela incompreensão de alguns sacerdotes. Tinha a convicção de que a transformação do ambiente e a recristianização, se conseguiria, resgatando a infância e, mediante esta, os adultos; foi mais forte que as dificuldades.

⁴²² Queremos recolher um testemunho que Don Juan Bautista Altés deixou na sua obra já citada, pp. 45-46: "O que não descreve no prólogo, [refere-se ao Guia prático do catequista], nem em qualquer outra parte, o nosso sacerdote é o zelo infatigável que ele desenvolvia nesses trabalhos catequísticos, ora reunindo os jovens catequistas para lhes dar conselhos e os adestrar neste apostolado; ora organizando funções religiosas, comunhões, procissões, romarias; já iniciando subscrições com o fim de adquirir imagens de Jesus e Maria para as secções catequísticas; já provendo de estampas, medalhas, livros, etc., etc., aos prefeitos para os repartirem entre os pequenitos, já, sobretudo, acudindo ele mesmo em pessoa a todas as partes, multiplicando-se, percorrendo todas as secções, mesmo as dos subúrbios mais distantes, pregando aos meninos e meninas, animando tudo com a palavra e o exemplo, pondo ordem e harmonia onde era útil ou necessário".

⁴²³ Outro testemunho diz: "Uma das maiores campanhas do Servo de Deus pela propagação da fé, foi a organização do ensino da catequese, que produziu em Tortosa imenso bem. O Servo de Deus, além de organizar a catequese em todos os arrabaldes, elegeu para si o pior deles, isto é, a região dos Pescadores, que conserva ainda a memória dos desvelos apostólicos de D. Henrique de Ossó. Eu vivi na região e ouvi pessoas anciãs tecer grandes elogios à caridade e zelo do Servo de Deus". *PAT, Summarium, XXIII Testis, Ad. 24 proc. fol. 755. p. 143.*

⁴²⁴ Cfr. GABERNET, JOAN, *Op. cit.*, p. 103.

⁴²⁵ Observe-se que todas as actividades registadas por Henrique são dirigidas a Jesus, Maria e José. Os santos são protectores, amigos, padroeiros. Cfr. *GC, EEO I*, pp. 30-32

para ir a Jesus. É estímulo para alcançar a virtude da pureza, tão necessária num século corrompido⁴²⁶.

José é honrado como pai e protector. No dia da sua festa, pedem-lhe graças e as crianças também se consagram ao Santo, juntamente com Jesus e Maria. José é protector e pai da catequese, como o foi de Jesus e Maria. Pela sua intercessão alcançam-se as virtudes da oração, fé e mansidão. Para fomentar a devoção a S. José, Henrique não poupou esforços nem recursos⁴²⁷.

Toda a Associação catequística foi posta por Henrique sob a protecção da *Imaculada Conceição e de S. José*⁴²⁸. Pedia aos catequistas para serem devotos do *Coração de Jesus*, porque é o centro de tudo, único que pode unificar e dar vida, pois d'Ele procede toda a virtude. Considera-a a devoção por excelência, porque convida ao amor e sacrifício, capazes de resistir ao orgulho e à sensualidade do século⁴²⁹.

A descrição de Henrique, como Director da catequese, aparece desde a primeira biografia. Quem o conheceu diz-nos: "Mostrava grande predilecção pelos pequeninos e pobrezinhos, de modo que sempre era visto rodeado deles. Tinha uma tal atracção, que, ao vê-lo, nos desprendíamos das nossas mães para ir com ele, beijar-lhe a mão, e cada vez que fazíamos isto, dizia-nos: "*Deus faça de ti uma santinha*"... Oferecia-nos estampas, medalhas, cruces, etc., etc., e atraídas por tal generosidade, íamos a ele, como abelhas em busca das flores..."⁴³⁰.

2.2.2. Missionário com os jovens e necessitados

Os males do século eram graves. Para Henrique não bastava trabalhar a longo prazo, embora estivesse convencido de que o trabalho com as crianças era prioritário, inclusive rico em frutos imediatos. Era necessário oferecer algo aos jovens, especialmente aos que tinham menos possibilidades de formação, caso dos camponeses. E aos adultos, continuamente expostos ao bombardeio contra Deus e contra a Igreja. Não podia permanecer passivo, em pleno combate. Por isso, enquanto se dedica por inteiro ao trabalho da catequese, vai sentindo que também devia atender às outras solicitações, que a sociedade dirigia ao seu coração de apóstolo. Preocupavam-no as massas: os mais necessitados. Eram *interesses de Jesus*⁴³¹.

⁴²⁶ Cfr. *Id.*, pp. 90-91.

⁴²⁷ Sobre a devoção a S. José como afã missionário veja-se Carta a mosén Lorenzo, datada em Puigreig, 21 de Agosto de 1871: "*Podes contar comigo com sermões, práticas quantos queiras e dos pontos que quiseres. Traço algumas medalhas e rosários... ainda que os fundos, com tão longa viagem, toquem no fundo. Mas não desanime, que o bom S. José proverá. ... Pensava se estabeleceríamos a devoção a S. José. Como não é confraria e só exige a medalha e rezar um Pai Nosso, é devoção muito simples, popular e proveitosíssima. Hoje escrevo a Barcelona a pedir 200 medalhas com este fim e alguns diplomas. [A despedida é interessante:] Saúde e graça em Jesus, Maria e José. Teu. Henrique, Presbítero". Cartas (inéditas) Em: AGSTJ.*

⁴²⁸ GABERNET, JOAN, *Op. cit.*, p. 100.

⁴²⁹ Cfr. GC, EEO I, pp. 89-90.

⁴³⁰ ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, p. 47.

⁴³¹ Muitos testemunhos falaram do modo como se manifestava o amor apostólico de Henrique, respondendo às necessidades do povo. Um deles diz: "Sei, por o ter ouvido dizer a diferentes pessoas e por ser um dado público, que o Servo de Deus publicou o *Guía Práctica del Catequista*, em Barcelona no ano de 1872; que o seu zelo não se dirigia somente à infância e à juventude, mas que se estendia também, com sucesso, a todas as idades e condições, em favor das quais se multiplicava no confissionário e no púlpito; que conhecendo as necessidades espirituais dos jovens camponeses, por falta de instrução religiosa, instituiu para eles, em 1870, a Pia Associação da Puríssima Conceição, aprovada pelo Bispo diocesano, construindo, com este propósito, na igreja de Santo António Abade, em Tortosa, um altar novo para a bela imagem de Maria Imaculada..." (PIB, I Testis, Ad art, 56-60, proc. fol. 51, p. 213-214).

Em 1870, funda a *Pía Asociación de la Purísima Concepción* para os jovens camponeses. Tem como finalidade introduzi-los nas verdades da fé e formá-los na piedade⁴³². O erro estava já difundido por todas as partes, e se não se podia acabar com ele, ao menos – dizia – havia que providenciar a doutrina à gente simples e revitalizar a sua piedade, para que não fosse vencida pelo engano. Fê-lo, utilizando uma linguagem significativa para as pessoas, sem nunca recorrer à apologética, mas ao que pudesse falar-lhes ao coração. Animava as devoções populares, encarnando esses rasgos aprendidos de Jesus, seu Mestre: mansidão e humildade de coração, que constituíam o segredo do seu santo atractivo.

Uma das suas cartas ao amigo, P. Manuel Domingo y Sol, confirma a sua preferência pela devoção à Imaculada e ao Coração de Jesus. Nela se aprecia o engenho para conseguir fundos, nas difíceis situações económicas que atravessa, assim como o bom humor e humanismo que imprime às suas acções apostólicas.

*"Meu querido Manuel: ...receberás uma caixa com uma imagem, vestida, da Imaculada: não a abras, nem digas nada a ninguém até que volte a escrever-te. É uma surpresa agradável para os jovens de Santo António. Será para rifar; contudo, se achares alguém que dê 8 duros, tal como vai, cedo-a, e, então, enviarei outra Imaculada maior, segundo a resposta, que espero. Servirá de fundo ao projectado altar da Imaculada Conceição e Coração de Jesus, para o apostolado da oração na Igreja de Santo António. Mas não digas nada, por agora, porque tudo está a ser encomendando a Deus, para que se componha... Saúde a todos e, desta vez, guarde segredo: Você, estando sozinho, sim, pode vê-la... Em Jesus amigo, Henrique, Presbítero"*⁴³³.

Henrique, livre de actuar pelo afã de ser reconhecido, procurava que todos participassem nas acções que organizava. Uma carta deste tempo ajuda-nos a ilustrar este aspecto. Nela, vemo-lo a preparar uma celebração, pressupondo aturado caminho com os jovens, a comunicar a outro sacerdote o interesse que tem pela formação religiosa e procurar dar aos jovens o que lhe pedem.

*"Apreciado P. Froilán: Aproxima-se o dia de celebrar a primeira missa no novo altar da Imaculada Conceição, construído na Igreja de Santo António... Os jovens lavradores pedem um orador que os entusiasme... Pensei em Você... O sermão deve ser da Imaculada Conceição e algo sobre o altar. É obra dos jovens lavradores congregantes... [sugiro-lhe] alguns assuntos, de modo a animar os lavradores jovens a não se deixarem seduzir pelas más doutrinas..."*⁴³⁴.

2.2.3. Mestre e pastor com as massas

O regime liberal, com a introdução da *liberdade de imprensa*, em princípios de século (1810), inaugurou em Espanha um capítulo inédito. A sociedade estava acostumada a regular a sua consciência pela pregação da Igreja e pela censura moral. Na sua acção, a Igreja contava com o apoio do Estado. Com o novo regime, a sociedade viu-se invadida por uma imprensa nascente, carregada de ideologias ateias, de cariz anticlerical, produzindo desconcerto e euforia.

⁴³² ALTÉS Y ALABART, J.B., Pbro., *Op. cit.*, pp. 49-50.

⁴³³ Carta a Don Manuel Domingo y Sol, Barcelona, 14 de Julho de 1871. *Cartas (inéditas)*, em AGSTJ.

⁴³⁴ Carta ao Rdo. Dr. D. Froilán Beltrán de Alcanar. Tortosa, 24 de Outubro de 1872. *Cartas (inéditas)*, em AGSTJ.

Viviam-se dias "de perturbação e ignorância"⁴³⁵. Face a este facto, um grande amigo e contemporâneo de Henrique, assim se exprimia: "O espírito do mal acreditou encontrar na invenção de Gutemberg, a alavanca com que arrancar a fé... [porque] Quem não viu o empenho... para introduzir nas classes modestas da sociedade, nas oficinas, nos grandes centros, o vírus do erro, por meio da fácil e barata publicação de folhetos, jornais, novelas...? [E daí concluirá:] Deus conta com a nossa livre cooperação, para realizar através da imprensa, os seus grandes desígnios sobre a sociedade"⁴³⁶.

Assim nasceu uma imprensa católica, em Espanha, que tentou responder ao desafio dos jornais liberais, dedicados ao desprestígio e à sátira contra a Igreja⁴³⁷. Porque, efectivamente, os partidários do regime liberal qualificavam os católicos de fanáticos, supersticiosos, ignorantes e servís⁴³⁸; acreditavam que nada de bom podia seguir-se em manter uma tradição repressiva contra o que consideravam supremo direito do homem, a liberdade, entendida de modo *absoluto*. E com isto, justificavam a barbárie com que acompanhavam as medidas anticlericais e a perseguição à Igreja.

Só o distanciamento histórico permite chegar a visões mais compreensivas⁴³⁹ daquilo que, nesse momento, se vive com violência. Se o novo regime só se podia contemplar por uma óptica racional, e se o liberalismo rejeitava os dogmas e mistérios cristãos, propugnando uma moral natural e abolindo a religião, uma boa consciência cristã não podia senão combatê-lo, em todas as frentes. E essa foi a reacção da maior parte da Igreja. Ao princípio utilizou os mesmos meios com que costumava restabelecer a ordem, como as condenações ou contestações de tipo apologético, mas, ao deixarem de ter efeito, enfrentou-a com as armas em voga, tais como a propaganda e a imprensa⁴⁴⁰.

Em Tortosa, os revolucionários tinham criado uma associação chamada *Colla dels III*, formada por cento e onze membros. Tinha cariz completamente anti-religioso e radical; organizava paródias sacrílegas e publicava cartas de adesão aos discursos liberais das Cortes. Era apoiada por um semanário, dirigido por Alejandro Pajanau, e apresentava-se com a finalidade de *combater o fanatismo religioso*. O seu título, *El Hombre*. Conseguia impressionar a gente simples, que tomava por certa, qualquer coisa publicada num jornal diário. Como não existiam outros meios de difusão, a leitura era o recurso mais eficaz de divulgação ideológica⁴⁴¹.

⁴³⁵ GC, EEO I, p. 33.

⁴³⁶ Manuel Domingo y Sol em JAVIERRE, J.M., *Reportaje a Mosén Sol. Un hombre bueno y audaz*. Madrid, 1987, p. 134.

⁴³⁷ Alguns dos periódicos católicos foram: *La Atalaya de la Mancha en Madrid, El amante de la religión, La verdad contra el error, Desengaño de incautos, La Religión, El Católico, El Pensamiento de la Nación*, etc. Frente a periódicos liberais como: *El Duende de los cafés, El Espectador, El Gorro Frigio, El Zurriago*. Cfr. VALVERDE, CARLOS, Os católicos e a cultura espanhola, em: GARCIA VILLOSLADA, RICARDO, dir. *Op. cit.*, p. 499.

⁴³⁸ Os tradicionalistas apelidavam os liberais de afrancesados, ilustrados e maçons. Nada bom podia vir deles, porque se fundamentavam numa doutrina que rejeitava os dogmas e mistérios cristãos, propugnava uma moral e religião naturais, dentro de um racionalismo autosuficiente e inaceitável. Começa a separação da cultura laica e católica.

⁴³⁹ Vicente Cárcel Ortí explica: A existência de contradições profundas revela-se na compatibilidade que o povo espanhol sabia demonstrar entre um espírito religioso e um anticlericalismo desenfreado. A intenção dirigia-se a atacar "não o objecto da fé ou da crença do povo simples e ignorante, mas aos representantes das estruturas clericais, inclusive a estas, porque durante anos tinham sustentado incondicionalmente o sistema político derrubado... [com isto] a Igreja pagava erros e omissões... derivados da ligação com os poderes civis... a Igreja, inimiga do liberalismo que governou durante a menor idade de Isabel II, nos anos trinta e quarenta, convertera-se no apoio mais decidido da monarquia isabelina e dos governos liberais - mesmo moderados- nas décadas de cinquenta e sessenta..." (Cfr. *El liberalismo en el poder (1833-1868)*, em: GARCÍA VILLOSLADA, R., dir., *Op. cit.*, pp. 115-225).

⁴⁴⁰ A teologia chegava ao povo através de cartas pastorais e sermões. A partir da segunda metade do século, utilizaram-se periódicos e criaram-se colecções económicas de livros religiosos. O Bispo de Urgel, José Caixal, fundou a *Librería religiosa* de Barcelona. Sardá y Salvany, começou, em 1870, uma colecção de teologia popular. Catequizou-se o povo com livros, folhetos, folhas volantes... (Cfr. VALVERDE, CARLOS, *Op. cit.*, p. 526).

⁴⁴¹ Cfr. JAVIERRE, J.M., *Op. cit.*, pp. 127-128.

Foi então que se revelou o génio estratégico de Henrique. Não podia tolerar *que os filhos das trevas fossem mais astutos que os filhos da luz*, quando o que estava em jogo era a fé do povo. Com a autorização do Bispo e a colaboração dos amigos, nasceu o famoso semanário *El Amigo del Pueblo*. Nele, Henrique escrevia o artigo de fundo, introduzindo os mesmos temas abordados por *El Hombre*, cujas notícias obtinha antecipadamente, graças à habilidade dos seus colaboradores. Durante um ano, mantiveram esta batalha, e *El Hombre* caiu e deixou de publicar-se. Voltou a sair, quando os seus redactores se asseguraram que *El Amigo del Pueblo* tinha sido fechado, suspenso pela autoridade civil⁴⁴². Quando reapareceu *El Hombre*, Henrique quis voltar a lançar o seu semanário, mas foi-lhe negada a licença⁴⁴³.

Era a primeira vez que Henrique pegava na caneta, em defesa *dos interesses de Jesus*. Não parece que Henrique tenha tido vocação jornalística, antes que aderiu a este género de profissão, como homem de Igreja. Se a Igreja necessitava do seu talento neste campo, não duvidou em colocar-se na primeira fila. No entanto, ele era, antes de mais, um *mestre e um pastor* que, compadecido pela falta de doutrina das massas, multiplicou a sua pregação e combateu a ignorância com a sua escrita.

Henrique deixou-se penetrar pela situação conflituosa e mutável do seu século. Esteve a par dos acontecimentos, captou a direcção que levavam e assumiu a sua responsabilidade histórica, com um firme posicionamento. Um testemunho, dos processos diocesanos, dá fé do exemplo de Henrique, nos momentos de prova, "até ao ponto de se opor pessoalmente aos revolucionários, que chegaram a insultá-lo..."⁴⁴⁴.

Foi actor e construtor do Reino de Jesus Cristo. E se desdenhou a plataforma política, foi por apreciá-la no seu justo valor, à luz da condição humana, que conhecia por experiência.

*"... Nem os reis e poderosos deste mundo, nem a política, a astúcia ou prudência humana bastam, para se tornar superior às misérias e penas da vida, pois todas estas ajudas são como pauzinhos de alecrim seco, que quebram, sob o peso de qualquer contradição; somente Deus, e apenas Deus, basta"*⁴⁴⁵.

Estava persuadido de que as decisões se produziam em âmbitos mais profundos, acessíveis apenas ao espírito, quando aberto à fé:

*"A raiz dos males do mundo actual é o orgulho, o egoísmo e a sensualidade. Ao orgulho vai unida a falta de fé, o racionalismo; ao egoísmo, a falta de caridade, de sacrifício...; o desejo de gozar deste mundo assenhoreia-se dos corações, porque fraqueja a esperança de uma vida melhor, e não há senão ódios, rancores, guerras e ameaças de uma destruição total"*⁴⁴⁶.

Sustentava uma profunda convicção sobre a solução cristã da vida. E sentia-se chamado a atender *os mais necessitados*, sem excluir os demais. Desde o início do sacerdócio, vemo-lo ir de terra em terra a socorrer os pobres, compadecido, porque os via sofrer, devido à ignorância, que, naquelas circunstâncias, considerava *o maior mal*, a raiz de todos eles. Sofria, na própria carne, o analfabetismo de muitos, a sua desorientação; reparava que estavam à mercê dos erros que pairavam

⁴⁴² Mais dados em: GABERNET, JOAN, *Op. cit.*, pp. 115-117.

⁴⁴³ JAVIERRE, J.M., *Op. cit.*, p. 128.

⁴⁴⁴ PAT, Summarium (XXIII Testis, Ad 24 proc. fol. 755), p. 143.

⁴⁴⁵ RT, n. 28(enero 1875), p. 97.

⁴⁴⁶ RT, n. 1 (Outubro 1872), p. 4. *Apresentação do projecto da Revista Santa Teresa ao Ilmo. Sr. Dr. D. Benito Vilamitjana y Vila.*

no ambiente, e por isso o seu cristianismo se diluía. Estavam sem guias, enfim, como ovelhas sem pastor.

A resposta apostólica de Henrique prolonga-se, ao longo de toda a existência, se bem que as principais linhas de força apareçam desde as primeiras etapas. Vive numa situação de confusão e violência. Ao promover *os interesses de Jesus*, manifesta uma atitude construtiva e positiva, nascida da caridade. É uma atitude compassiva, provocada pelo contacto directo com a problemática social e religiosa, e iluminada pela reflexão. Preocupa-se com todos, mas prefere dirigir-se aos mais pobres e trabalhar com eles. Busca contemplar a realidade, com os olhos desse Cristo, que interiorizou na oração. No diálogo com Ele, discerne, confronta as decisões com as autoridades legítimas, e obedece.

No seu modo de actuar, encontramos uma evolução, pois vai da *defesa* ao *desafio*. De início, com o *El Amigo del Pueblo*, vemo-lo a responder, em oposição aberta e hábil, ao ambiente criado pela imprensa liberal. A resposta é adequada à urgência do momento, em consonância com outras muitas do teor, dadas pela Igreja. De seguida, o que anima a sua acção é uma atitude de *construir*, de alicerçar o futuro. Esta é mais característica sua e mais de acordo com as próprias convicções. A *Catequese* com as crianças atesta-o. Através das crianças, ganhou a rua; com a formação de catequistas, multiplicou os agentes evangelizadores, e com a organização e sistematização do ensino, por meio da pedagogia catequística, assegurou o futuro.

A resposta mais criativa será dada, ao propor Teresa de Jesus como modelo de vida. A partir de então, a acção apostólica passa a ser uma provocação. A Santa representa um *tipo de pessoa*, formada segundo o Coração de Cristo, capaz de garantir a realização humana. Com Teresa de Jesus, era capaz de desafiar o modelo de pessoa resultante da formação liberal. A força desta proposta provinha-lhe do interior. Para Henrique de Ossó, Santa Teresa de Jesus é a solução para o problema social, em todos os aspectos:

"Recordando as glórias da nossa Santa a todos os espanhóis, mostrando-lhes a sua imagem... poderemos dizer ao século a percentagem, do positivo, do Internacional, da moleza e da sensualidade. E tu, não poderás tu, que te ufanas de poderoso e ilustrado, o que estas ternas virgens puderam? Serás de condição mais débil ou mais fraco...? Vem, século sem fé, contemplar a formosura e as riquezas da virtude, no resplendor das luzes de Teresa de Jesus. Vem, século sem caridade e amor fraterno, acalmar a sede que devora as tuas entranhas, com as águas da oração de que a Santa é mestra. Vem, século insubstancial e vão, gelado pelo frio de falsas doutrinas, revigorar-te com a leitura dos escritos de uma Virgem, que por onde passam levantam a chama do amor divino. Vem, e serás salvo"⁴⁴⁷.

~

⁴⁴⁷ *Id.*

Henrique de Ossó é um representante da eclesiologia da Espanha do século XIX. A sua visão de Igreja tinha sido modelada pelos catecismos diocesanos, com uma literatura teológica e histórica própria do sector **ultramontano**. Move-se no contexto da restauração, onde se acentua o romanismo, com a força do Vaticano I. Este será o cenário da sua acção pastoral e influirá na sua espiritualidade, com formas específicas de conceber a verdade e o poder.

Henrique de Ossó preocupa-se pela santidade da Igreja. Insiste na formação de um carácter moral, baseado no mandamento do amor. Para ele, a Igreja é Mãe, vive pelos seus sacramentos, pela relação de amizade com Deus, em Jesus Cristo, amor expresso na união com a Vontade divina e no zelo traduzido no serviço. O seu modelo é Maria, Mãe e Rainha, reflexo das estruturas eclesiais e de uma piedade vertical. Vemos Henrique apegado à instituição, expoente do discurso eclesial, ainda quando a sua grande preocupação pela *cura de* almas o situa mais na dimensão mistérica da Igreja.

1. "EU VI O PAPA"

Em 1870, Henrique de Ossó faz uma viagem a Roma. É a primeira vez que sai de Espanha. Vai na companhia do amigo, o tortosino Manuel Domingo y Sol, com quem partilhava a mesma sensibilidade sacerdotal, face aos problemas religiosos da sociedade. Para dois jovens sacerdotes, visitar Roma, centro da catolicidade e sede do Romano Pontífice, era de grande significado.

A rota seguida pelos dois amigos foi: Barcelona, Gerona, Perpignan, Marselha e Civita-vecchia. Permaneceram em Roma, até ao final do mês de Junho. Os pormenores da viagem foram difíceis⁴⁴⁸, contudo, Henrique nada conta desses seis longos dias, decorridos entre a saída de Tortosa, no dia 29 de Maio e o dia 3 de Junho, data da chegada à Cidade eterna, porque todas as dificuldades foram compensadas pelo encontro com o Papa:

*"Por mim posso afirmar que, depois de ter visto e contemplado Pio IX e recebido a sua bênção, teria abandonado a cidade dos Césares, com pouco desgosto, ainda que não tivesse podido contemplar outras maravilhas"*⁴⁴⁹.

⁴⁴⁸ GONZÁLEZ MARTÍN, M., *Op. cit.*, 2ª Ed., p. 118.

⁴⁴⁹ *RT*, n. 2 (noviembre 1872), pp. 47-49.

Os dois sacerdotes foram recebidos em audiência privada, no dia 20 de Junho⁴⁵⁰. Henrique ficou fortemente impressionado com a figura de Pio IX, cuja visita, anos depois, recordará, escrevendo, com a vivacidade da primeira impressão:

"Vi o Papa nos seus grandes dias, ... tal como deve aparecer aos olhos dos fiéis; com todo o esplendor, rodeado de toda a majestade, como convém ao Vigário de Jesus Cristo"⁴⁵¹. "Recorda ainda a nossa alma, com enorme consolação, o doce e penetrante olhar de Pio IX, cuja mão pudemos beijar, no ano 70. Não se apagará jamais do nosso coração a profunda e benéfica impressão, que nos fez descobrir, pela primeira vez, aquele rosto sereno, rodeado de resplendor celestial. É a primeira maravilha de Roma, apesar de ter ali tantas maravilhas. Depois de ver Pio IX, ouvir a sua voz e receber a sua bênção..., contente regressaria a Espanha, sem nada mais ver, dando por bem empregues fadigas e gastos da viagem"⁴⁵².

Este testemunho pode parecer, somente, uma expressão emotivamente colorida pela força daquele encontro; porém, lida com a óptica do século XIX, conduz à compreensão da espiritualidade eclesial de Henrique de Ossó, em consonância com a sensibilidade da sua época, cuja nota mais característica era a devoção ao Papa. O Papa era Pai, Rei e Santo⁴⁵³. Amar o Papa era sinónimo de amar a Igreja. As circunstâncias históricas que a Igreja espanhola vivia contribuíram grandemente para que esta devoção se intensificasse.

Naquele tempo, o Bispo de Tortosa, num dos seus artigos⁴⁵⁴, publicados na *Revista Santa Teresa*, assinalava: "*Papista e católico* vieram a ser palavras sinónimas, que encerram o mesmo e idêntico conceito... por isso se escreveu que, onde está o Papa, ali está a Igreja; *Ubi Petrus, ibi Ecclesia...*"⁴⁵⁵. E acrescenta que...tratar do Sumo Pontificado e do Papa, era tratar da Igreja, mais ainda, de toda a religião: "*de summa rei christianae*"⁴⁵⁶. Henrique de Ossó participava desta maneira de pensar. A devoção ao Papa era critério de discernimento, para reconhecer um filho da Igreja⁴⁵⁷:

"Hoje mais que nunca... devemos persuadir-nos de que, a devoção e amor à sagrada pessoa de Pio IX, Vigário de Cristo, posto por Deus..., é a pedra de toque para discernir os verdadeiros dos falsos filhos da Igreja católica.... Hoje, mais que nunca, é verdadeiro sinal de predestinação o afecto e a adesão à Cátedra de Pedro..."⁴⁵⁸.

Amar o Papa significava muito mais do que venerar a sua pessoa, como representante de Cristo. Era preciso defender o Papa, em tudo, mais ainda, a vontade tinha que se identificar, até pensar, sentir e falar como o Papa, porque era o equivalente a estar com Cristo e com Deus.

⁴⁵⁰ Cfr. M. ECHEVERRÍA Y TOMÁS ÁLVAREZ, *Guión cronobiográfico de Don Enrique de Ossó*, em: *MO*, p. 500.

⁴⁵¹ Citado em ALTÉS Y ALABART, J.B., *Op. cit.*, p. 82.

⁴⁵² *RT*, n. 48 (Setembro 1876), p. 337.

⁴⁵³ *RT*, n. 32(Maio 1875), p. 231.

⁴⁵⁴ Esta série de artigos, além de serem representativos da mentalidade da época, foram muito apreciados por Henrique de Ossó.

⁴⁵⁵ VILAMITJANA Y VILA, B., Bispo de Tortosa, *La Iglesia, Santa Teresa y nosotros I*, em *RT*, n. 32(Maio 1875), p. 230.

⁴⁵⁶ *Id.*

⁴⁵⁷ "O Papa é a cabeça e dá unidade; se faltasse não haveria Igreja, porque... "sem cabeça e sem unidade não há sociedade possível, não há Igreja". *Rudimentos de Religión y Moral*, p. 74.

⁴⁵⁸ *RT*, n. 32(maio 1875), p. 232. A mesma ideia em *EO*, *Rudimentos de Religión y Moral*, p. 75: "Só verá Cristo quem crê e pratica os ensinamentos do seu Vigário".

"... hoje, por conseguinte, mais que nunca, devem esmerar-se em acreditar, sentir, amar, aprovar ou reprová-lo o mesmo, e do mesmo modo, que o Vigário de Cristo acredita, sente, ama, aprova ou reprova, em todas as coisas que são de fé ou de costumes, de doutrina ou de conduta... Basta que o Papa tenha falado, para saber o que deve acreditar ou actuar. Assim, nunca errarão, nem incorrerão no menor desagrado de Jesus..."⁴⁵⁹.

O "espírito de romanismo e submissão rendida ao Pontífice"⁴⁶⁰ de Henrique, de tal forma ficou plasmado nas suas páginas e acções apostólicas, que, D. Marcelo González, ao escrever-lhe a biografia, equipara este espírito ao seu teresianismo⁴⁶¹. Veremos como as circunstâncias histórico-políticas contribuíram para dar forma a esta devoção, cuja clave está na identificação do Papa com a Igreja e da Igreja com a religião.

2. ÉPOCA DE RESTAURAÇÃO

Nas palavras de Henrique, antes citadas, também se percebe a força do *contexto restauracionista*: "hoje mais que nunca...". Viviam-se dias desconcertantes para a Igreja. Era o lançamento do processo de secularização, nos países modernos, e da perda do poder temporal do Romano Pontífice. Um processo acompanhado pela luta de interesses de uma revolução cultural.

2.1. Verdade e liberdade

Vimos já que, na Espanha, aquando da tomada do poder político pelo regime liberal, a mudança deu lugar à introdução de *liberdades* próprias desta ideologia: liberdade de imprensa, liberdade de culto, liberdade de ensino. As consequências, como a instituição do matrimónio civil ou a secularização dos cemitérios, supuseram, na prática, feridas, para a tradição católica espanhola. Entre as mais significativas, estava a ruptura *da unidade católica*: pela entrada franca do protestantismo, o desprestígio do credo e dos sacramentos, o avanço do laicismo, a que se juntava o despojo material dos bens da Igreja, devido às leis desamortizadoras.

As medidas do governo pareciam legítimas e atractivas à nova sociedade liberal. Pretendia-se, por elas, remediar o atraso do povo com o seu analfabetismo e ignorância, abater a crise económica, e garantir um poder político desligado do eclesiástico. A separação do Estado levou consigo um ataque violento e progressivo à Igreja e às suas instituições.

A separação da Igreja do poder temporal, naquele momento, foi motivo de confusão, dor e insegurança,⁴⁶² devido à tradicional união dos dois poderes. Os Pastores exprimiam-se com pena, ao

⁴⁵⁹ *Id.*

⁴⁶⁰ GONZÁLEZ MARTÍN, M., *Op. cit.*, p. 121.

⁴⁶¹ "Pode dizer-se que esta foi nele uma obsessão, muito semelhante à do teresianismo" *Id.*, p. 120. "Santa Teresa e o Papa foram os seus dois grandes amores". *Id.*, p. 125. O epitáfio que Henrique escolheu constitui uma síntese de ambos, porque é protesto de amor à Igreja em palavras de Teresa de Jesus: "SOU FILHO DA IGREJA".

⁴⁶² Henrique não concebia um Estado separado da Igreja, porque pensava que conduziria a Espanha por caminhos contrários à lei de Deus. Parecia-lhe que, ao perder a unidade católica, a nação se tinha envilecido, dando ouvidos ao pecado que a conduziu ao vício e que só recuperaria a sua grandeza, mediante a justiça, a qual está na lei de Deus, confiada à Igreja. A

constatar os factos: "as ideias modernas invadiram as nações, antes católicas e deixaram, já, de existir. O espírito do século sufocou nelas o espírito cristão que as informava; tudo foi humanizado, secularizado. A influência da Igreja na entidade pública desapareceu. Cristo foi desterrado dos conselhos dos príncipes, das assembleias dos povos, dos exércitos, dos tribunais, de todas as partes; e, se alguma coisa resta, é mais aparência, do que realidade, ou permanece como que uma concessão feita às circunstâncias do momento e como um acidente transitório, que desaparecerá logo que se apresente a oportunidade..."⁴⁶³.

O juízo contrário à Igreja era escutado, em diversos ambientes. O Bispo de Tortosa lamentava-se, dizendo que as acusações se faziam ouvir em qualquer parte: "no casino, no café, na oficina, na feira, no atelier, em casa, no passeio, na viagem... como tema obrigatório..."⁴⁶⁴. E, nessas conversações, era usual que aparecesse "a honra de algum indivíduo do clero destroçada, a autoridade dos Prelados alvo de censura, as sagradas práticas, escarnecidas, alguma verdade mutilada e os dogmas, relegados à região das fábulas... Se clamam contra a autoridade dos Prelados, é porque se tornou abusiva; se criticam alguma prática religiosa, é porque a manchou a superstição ou se tornou ridícula; e se não concordam com determinada doutrina da Igreja, ou com algum dos seus dogmas, é porque não se acomoda à razão ou ao interesse, porque é ininteligível..."⁴⁶⁵.

A campanha de desprestígio contra a Igreja era *generalizada*, e os Pastores não podiam contemplar os factos, passivamente⁴⁶⁶. Denunciavam a tentativa de reduzir a fé à razão, preveniam alegando razões contra a soberba que podia estar por trás do espírito do livre exame, avisavam sobre os perigos que seguiriam o acomodar da religião às concepções da inteligência humana, prescindindo da obediência ao Magistério⁴⁶⁷.

O episcopado espanhol, em particular, sentia a necessidade de *salvaguardar a fé, reforçando a autoridade*. Se durante anos a Espanha se tinha livrado do protestantismo, caracterizado por combater a Sé de Pedro, naquele momento, quebrada a *unidade católica*, pela liberdade de culto, era urgente revigorar na Igreja a submissão incondicional ao Romano Pontífice. Acolher-se ao Papa e apelar para a sua autoridade, era resposta à necessidade de segurança, face a tantos pareceres e face ao desprestígio da Igreja nacional.

Estas circunstâncias, unidas a muitas outras⁴⁶⁸, permitem compreender o porquê da nota mais característica da eclesialidade espanhola do século XIX, na sua vertente espiritual: *a devoção ao Romano Pontífice*.

religião católica era a única capaz de elevar o homem pela sua altíssima moral. Para Henrique, o amor à Igreja é amor à pátria. Cfr. as confissões de amor à pátria e à Igreja com que conclui as duas obras, *Rudimentos de Religión y Moral y Rudimentos de Historia Sagrada*.

⁴⁶³ *Id.*, VILAMITJANA Y VILA, BENITO, *La Iglesia, Santa Teresa y nosotros I*, em *RT*, n. 32(Maio 1875), p. 229.

⁴⁶⁴ *Id.*, *RT*, n. 34(Julho 1875), p. 290.

⁴⁶⁵ *Id.*, pp.289-290.

⁴⁶⁶ A *eclesiologia* da "*sociedade perfeita*", caracterizada pela centralização doutrinal e disciplinar da Cúria Romana estava fechada a qualquer abertura ou integração das correntes modernas, representadas por Rosmini, Dupanloup, Manzoni, Newman, Sailer, Montalembert ou Scheeben. Intransigente em matéria política, religiosa e ecuménica, com uma forte piedade geralmente de tipo devocional e com a teologia das escolas romanas como única intérprete reconhecida do pensamento católico. Cfr. LABOA, JUAN MARÍA, *La experiencia y el sentido de Iglesia en la Obra de Don Bosco*, p. 112, citado em POULAT, ÉMILE, *Don Bosco y la Iglesia en el mundo de su tiempo*. Veja-se PRELLEZO, dir., *Don Bosco en la Historia*.

⁴⁶⁷ Cfr. VILAMITJANA Y VILA, B., *La Iglesia, Santa Teresa y nosotros IV*, em *RT*, n. 35(Agosto 1875), p. 322.

⁴⁶⁸ A discussão dos agudos problemas colocados à Igreja pelos postulados da Ilustração e pela Revolução francesa reforçaram o tema da autoridade. Entre eles, 1) a constatação de que a revolução deixou atrás de si um monte de ruínas, e a convicção de que o caos produzido foi consequência, sobretudo, da rejeição do princípio de autoridade. 2) Ante a desordem política, social e religiosa, o homem do século XIX ansiou obter novas garantias de segurança no âmbito cultural. Chegou-se

2.2. Autoridade e poder

A confiança no Pontífice serviu de apoio ao episcopado e ao clero espanhol, face aos ataques do Estado, e animou os seus esforços na tarefa *restauradora*⁴⁶⁹. O *novo romanismo*, na Igreja espanhola, também se compreende melhor, considerado à luz dos conflitos vividos entre a Santa Sé e o Estado.

As relações diplomáticas entre o governo espanhol e a Santa Sé foram tensas, durante todo o século XIX. Havia nelas uma tão intrincada e subtil mescla de interesses religiosos, políticos e económicos, que dificilmente se podiam separar. A Santa Sé, Igreja espanhola e Estado espanhol viviam uma relação que influía também na espiritualidade⁴⁷⁰.

A revolução anárquico-democrática de 68 e, antes, as medidas legais do regime liberal, tinham despojado a Igreja dos seus bens, tesouros e imóveis, e tinham deixado o clero numa situação de desamparo. As intervenções do episcopado não conseguiram a reversibilidade das medidas aplicadas pelo regime. Entre Igreja e Estado fizeram-se mútuas concessões, sem que, todavia, se chegasse a um equilíbrio⁴⁷¹.

O episcopado espanhol, como parte da Igreja universal, ao ver perdida a causa interna, dirigiu-se à Santa Sé. A repetida insistência com que Roma exigiu ao Estado espanhol que fossem respeitados os direitos do clero, como proporcionar-lhes subsistência e assegurar-lhes a possibilidade de restabelecer as suas actividades, converteu a figura do Pontífice numa figura de agradecimento e devoção. Era uma atitude que se somava à preocupação pastoral pela ortodoxia e aumentava a tensão, para reforçar o magistério.

A Santa Sé, por seu lado, não aceitava um governo que atentasse contra a Igreja e os seus interesses. Por esta razão, o Pontificado de Gregório XVI negou o reconhecimento ao regime que ocupava o poder em Espanha. A interrupção das relações oficiais, entre Roma e o governo espanhol, trazia graves consequências ao desempenho da Igreja em Espanha. A mais notória foi o número de sedes episcopais que ficaram vagas, por não se poderem fazer as nomeações de bispos, pois, segundo a antiga tradição regalista, a designação de Pastores era um acto conjunto entre a apresentação de candidatos pelo poder civil e a sua confirmação pela Santa Sé. Também estancaram os trâmites dos assuntos em que o governo espanhol negava o passe (*exequatur*) aos documentos pontifícios. Outro motivo de tensão, já passada a segunda metade do século, foi o modo polémico como se equacionou, em Espanha, a *questão romana* ou a discussão acerca do poder temporal do Papa. O governo deu o seu reconhecimento ao nascente Reino de Itália. Periódicos liberais profetizaram o fim do Papado, como soberania terrena, ao mesmo tempo que os bispos erguiam a voz e condenavam o facto, como usurpação.

à convicção da necessidade da submissão à autoridade da Igreja, e a um interesse renovado por uma centralização que controlasse movimentos centrífugos. Cfr. LABOA, JUAN MARIA, *Op. cit.*

⁴⁶⁹ A *restauração* na Igreja apresentava-se com as notas de antijansenismo e antigalicismo. O caso de Espanha era diferente pois, mesmo participando destas características universais, evocava um passado imediato de guerra civil, as *guerras carlistas*. A tradição restauradora buscava a compenetração entre sociedade e religião, religião e Igreja, Igreja e Papado. É a imagem de Igreja como paradigma da sociedade organizada, governada pela hierarquia.

⁴⁷⁰ Veja-se a bibliografia.

⁴⁷¹ A Concordata de 1851 foi a fórmula que restabeleceu as relações, depois de vinte anos de ruptura. Foi um parêntese já que em 1854 eram novamente violados os acordos pelo governo do *Bienio Progresista*.

2.3. Infallibilidade e adesão

A adesão *inquebrantável* ao Pontificado, à pessoa do Papa e à sua autoridade, foi uma atitude que se intensificou nos bispos espanhóis e corroborada com a participação no Concílio Vaticano I. O episcopado espanhol, em bloco, apoiou a definição da infalibilidade pontifícia⁴⁷².

Era este o clima que se vivia, nesse 1870, quando Henrique de Ossó e Manuel Domingo y Sol visitavam a cidade de Roma. Decorria o Concílio Vaticano I, convocado por Pio IX e inaugurado havia cinco meses, na festividade da Imaculada Conceição, de 1869. Na altura, geraram-se movimentos e agrupamentos de pessoas, em torno da *infallibilidade*. A participação dos prelados espanhóis deu provas de alto grau de fidelidade à cátedra de Pedro, e Espanha distinguiu-se pela unanimidade em torno da definição⁴⁷³.

Henrique teve a oportunidade de vibrar com os pastores da Igreja espanhola, em especial com o seu Bispo, D. Benito Vilamitjana, que era um dos prelados participantes. Certamente que, naqueles momentos, se lhe imprimiram esses critérios que proclamaria como um anelo:

*"Senhor meu, Jesus Cristo! Quero viver e morrer filho submisso da Igreja Católica Romana. Creio o que crê e ensina o vosso Vigário infalível, o Romano Pontífice"*⁴⁷⁴.

A *infallibilidade* do Romano Pontífice, a partir do momento da sua definição, passou a ser a sua prerrogativa fundamental. Henrique enfatizará a importância de a aceitar, justificando que quem a rejeitasse, rejeitaria a Igreja e, portanto, fecharia a possibilidade de salvação, e a sua felicidade eterna⁴⁷⁵.

*"O Papa é Cabeça visível da Igreja Católica. Afirmar a sua autoridade e a sua infalibilidade é afirmar todas as verdades, negá-la, digamo-lo assim, é decapitar todas as verdades e todas as autoridades, negá-las e anulá-las"*⁴⁷⁶.

2.4. Apoio incondicional

A proclamação do dogma, em 1870, contribuiu para garantir a autoridade espiritual da Igreja universal, precisamente no momento em que o Papa perdia o seu poder temporal, facto de grandes repercussões. Com efeito, Itália nesse mesmo ano, obtinha a unidade nacional, em luta

⁴⁷² Dois dos argumentos de maior ressonância universal sobre a infalibilidade do Papa foram os de José de Maistre e Lamennais. O primeiro apresentou a autoridade papal como postulado ineludível da restauração europeia. Apoiado na concepção eclesiológica pela qual: a) a Igreja deve ser compreendida em total analogia com a sociedade política, e b) a Igreja encontra a plena realização no Papa e este infalível, porque *não pode dar-se uma sociedade humana sem governo, nem governo sem soberania, nem soberania sem infalibilidade*. Nesta tese vê-se o antecedente da rejeição de quanto recordasse a soberania popular. Lamennais considerava que, entre as demais sociedades humanas, o cristianismo era a única sociedade perfeita, com a sua autoridade suprema, seus dogmas e suas leis. Negar a autoridade suprema era rejeitar a Igreja e, com ela, o mesmo Deus.

⁴⁷³ "Esta adesão de Espanha à tentativa infalibilista é a coroação do *romanismo novo que aparece na Igreja espanhola* depois da morte de Fernando VII, como consequência da revolução. Os prelados espanhóis consultados por Roma no ano de 1865 acerca das matérias a tratar no concílio, à excepção do cardeal de la Puente, não tinham posto o alvo na questão da infalibilidade. A revolução de 68 abriu à necessidade de um *robustecimento da autoridade magistral da Igreja* numa época necessitada de precisões doutrinais, de cara a um povo católico que não ousaria entrar em litígios, perante uma autoridade dogmaticamente infalível". J. MARTÍN TEJEDOR, *Concilio Vaticano I*, em: ALDEA VAQUERO, QUINTÍN, dir., *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, vol. IV, p. 503.

⁴⁷⁴ "*Súplica del corazón*", em DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, Barcelona 1893, pp. 74 y 76.

⁴⁷⁵ Cfr. *Id.*, p. 75: "*Que dote ou prerrogativa principal tem o romano Pontífice...? É infalível, quando ensina os fiéis coisas de fé ou de costumes. Que devemos deduzir daqui...? Que não pode ver Jesus Cristo.. quem não crê e pratica os ensinamentos do seu Vigário...*".

⁴⁷⁶ *RT*, n. 245(febrero 1893), p. 160.

aberta contra os interesses do Pontífice. Roma seria a capital da nova Itália e o Papa feito prisioneiro. A questão dos Estados Pontifícios apresentou ao mundo, a partir de Roma, uma demanda intimamente ligada com a missão espiritual da Igreja. O episcopado espanhol produziu abundante literatura, sobretudo o grupo de bispos que passou à história como geração "*africana*"⁴⁷⁷.

A perda do poder temporal do Papa também originou, na Espanha, a organização de ajudas económicas massivas, organizadas pela Nunciatura, e secundadas pelas dioceses e paróquias. Estas práticas intensificaram-se até finais do século.

Henrique não só aderiu à corrente de ajuda ao Romano Pontífice, como foi um canal para que muitos outros o fizessem. "Desde o primeiro número da *Revista Santa Teresa*, e durante os vinte e quatro anos em que a dirigiu... não interrompeu um único mês a *subscrição* a favor do Papa... Ele encabeçou-a com cem reais e os leitores enviavam donativos, acompanhados de alguma frase com que manifestavam os seus vivos sentimentos de adesão..."⁴⁷⁸. São significativas as palavras com que costumava abrir aquela última secção e fechar cada número da *Revista*:

*"A Espanha de Santa Teresa de Jesus, socorrendo com orações e esmolas o Romano Pontífice, cativo e pobre"*⁴⁷⁹.

Conhecendo o amor de Henrique ao Sumo Pontífice, imaginemos o impacto que nele teve a notícia de o saber prisioneiro, devido à perda dos Estados Pontifícios. São incontáveis os *actos de desagravo, comunhões, novenas, peregrinações* que promoveu, para que o Senhor não permitisse mais tribulações à sua Igreja e ao seu Vigário, pondo à frente o seu próprio testemunho expresso com ardentes protestos:⁴⁸⁰

*"Bendito sejas, meu Pai, muito amado Pio IX, sejas mil e mil vezes bendito no tempo e na eternidade pelo Deus a quem tu representas... Tu rogaste por mim: justo é que eu rogue todos os dias por ti... Oremos... meus amigos, pelo mais atribulado dos Pontífices... Oremos para que o Senhor lhe conserve a sua longa e preciosíssima vida, até ver o triunfo da Igreja, a paz do mundo e a prosperidade da católica Espanha. Oremos para que o Senhor o faça feliz, neste mundo, gozando de verdadeira liberdade para governar sabiamente a Igreja, e ver humilhados os seus inimigos, convertidos os hereges, confundidos os sectários..."*⁴⁸¹.

Pio IX foi, sem dúvida, o Papa do coração de Henrique. Tinha-o conhecido em pessoa, naquela viagem, realizada dois anos e meio após a ordenação sacerdotal. A prisão do Pontífice repercutiu-lhe, profundamente, na alma. Quando soube que uma das preferências daquele Papa era também a devoção a Santa Teresa de Jesus, experimentou grande alegria e sentiu-se a transbordar, quando, em 1875, recebeu uma bênção pessoal, por causa da *Revista*:

⁴⁷⁷ Pertence a ela o Bispo de Tortosa, Don Benito Vilamitjana. A geração "*africana*" compreende os bispos nascidos a partir de 1810. Todos eles viveram no começo da revolução espanhola com menos de vinte e três anos. A sua incorporação às responsabilidades públicas coincidiu com a época restauradora e moderada. Foram mais exigentes ante o futuro e mais preocupados pela *integridade dogmática*. Distinguem-se da geração anterior, chamada "*desamortizada*", caracterizada pela preocupação pela *existência* da Igreja. Entre eles destaca a figura de García Cuesta (arcebispo de Santiago), porque representa o único esforço de *diálogo com o pensamento liberal* num terreno de luta ideológica directa, a partir dos pressupostos do catolicismo. Cfr. J. MARTÍN TEJEDOR, *Id.*, p. 498.

⁴⁷⁸ GONZÁLEZ MARTÍN, MARCELO, *Op. cit.*, p. 119.

⁴⁷⁹ O título da página final de todas as Revistas. Um exemplo completo em *Id.*, p. 120.

⁴⁸⁰ Leia-se a notícia histórica que serve de prólogo a *GC*. Em duas páginas nomeia o Pontífice mais de oito vezes. Para Pio IX são os hinos, vivas, cantos, homenagens, orações pela sua liberdade. Quando se faz memória do Papa, o seu nome aparece associado a Maria. Era a reacção ao protestantismo. Cfr. *GC*, EEO I, pp. 30-31.

⁴⁸¹ *RT*, n. 32(Maio 1875), pp. 231-232.

*"Nada falta já à nossa santa ambição neste mundo; colmatados foram os nossos desejos. Pio IX, o Grande, abençoou o humilde Solitário. Pio IX, o sumo pontífice, rogou, com oração especial, pelo seu pequeno filho, o Solitário..."*⁴⁸².

No ano seguinte, Henrique empregou toda a sua capacidade de liderança, para convocar e animar uma peregrinação espanhola, que reuniria em Roma oito mil católicos. Foi organizada por Ramón Nocedal⁴⁸³ e, nela, Henrique foi a alma da homenagem de fidelidade que o Papa recebeu⁴⁸⁴. E, com igual paixão e adesão, dedica publicamente os seus trabalhos a Leão XIII, suceder a Pio IX:

*"A Sua Santidade Leão XIII, Vigário de Jesus Cristo... pela sua elevação ao sólio pontifício... felicitam de todo o coração e oferecem, em testemunho da sua adesão inquebrantável à cátedra de Pedro e aos seus inefáveis ensinamentos, o seu talento, a sua pena e a sua vida. O Director e os Redactores"*⁴⁸⁵.

A divulgação de encíclicas e documentos pontifícios⁴⁸⁶ foi outro modo concreto de manifestar o seu amor ao Papa. A difusão de livros e folhetos contra erros doutrinários e políticos era uma forma de actuar, característica da Igreja espanhola, surgida na segunda metade do século XIX. Faziam-se grandes tiragens e os exemplares distribuíam-se ao preço do custo, para que chegassem às mãos do povo⁴⁸⁷. Para Henrique, não havia melhor catequese do que a do Papa, donde o seu empenho em publicar os seus documentos e facilitar a sua leitura, preparando-os didacticamente, ao modo dos Catecismos.

3. "SOU FILHO DA IGREJA"

Henrique quis que estas palavras, "*sou filho da Igreja*", ficassem escritas como selo e coroa da sua vida e, por isso, elegeu-as como epitáfio. É um gesto que pode parecer um rasgo mais da sua identificação com Teresa de Jesus, no entanto, a sua significação é diferente. Se Henrique elegeu as palavras que *a Santa do seu coração* pronunciou, nos últimos momentos da sua vida, foi porque representavam *o que ele queria exprimir como resumo da sua existência*. Encontramos essa frase num contexto que relaciona a *filiação espiritual* da Igreja com a de Maria:

"Com quanto gozo clamarei, em vida e na hora da morte, com quanto consolo e confiança da minha alma, com a minha amada Mãe e vossa privilegiada Filha

⁴⁸² RT, n. 32(Maio 1875), pp. 231-233. "*Desde la Soledad*". Veja-se também: EEO III, p. 787.

⁴⁸³ A *profissão pública da fé cristã* era uma exigência para os católicos espanhóis do século XIX, que tinham de demonstrar com acções públicas, como as peregrinações, que a religião estava viva e operante. Dentro dos grupos catalães era um rasgo a que se somavam: a) adesão ao Papa e defesa do sacerdócio católico, b) catolicismo de corte nacionalista, c) integrista unido ao rigor doutrinário, d) antiliberalismo e antiprotestantismo, e) promoção religiosa e cultural do povo.

⁴⁸⁴ Esta peregrinação foi tão notável que passou à história da Igreja espanhola como *peregrinação teresiana* e como uma relevante manifestação de fé: Cfr. Q. ALDEA, *Ossó y Cervelló, Enrique de*, em *Diccionario de Historia eclesiástica de España*, p. 1850.

⁴⁸⁵ Publicado em RT, n. 66(Março 1878), p. 157. Em: GONZÁLEZ MARTÍN, M., *Op. cit.*, p. 124. (Sublinhado nosso).

⁴⁸⁶ *Catecismo acerca de la masonería, sacado a la letra de la encíclica "Humanum genus" de nuestro Padre amantísimo León XIII*, 1884. *Catecismo de los obreros y de los ricos, sacado a la letra de la encíclica "De opificum conditione" de nuestro amantísimo Padre León XIII*, 1891.

⁴⁸⁷ Um exemplo é o *Catecismo sobre o protestantismo* do Cardeal García Cuesta, de que se tiraram quarenta mil exemplares em poucos meses. Assim como as duzentas edições que alcançou a obra de Monseñor Gastón de Segur: *Respuestas breves y familiares a las objeciones contra la religión*.

*Santa Teresa de Jesus! Enfim, Senhor, sou filho da Igreja. ENFIM, SENHOR, SOU FILHO DE MARIA. Que doce será morrer com esta alegria!*⁴⁸⁸.

Henrique pede que sejam consumados os seus desejos, para glória de Deus e de tão dignas Mães:

*"Fazei, Mãe querida, que me torne digno filho Vosso, com as minhas obras, que vos honre a Vós e à Igreja, com a minha conduta cristã, conforme em tudo com a lei de Deus... Fazei-me puro e santo, e digno filho vosso"*⁴⁸⁹.

Dizer: "SOU FILHO DA IGREJA", era o testemunho agradecido da sua *filiação espiritual com a Igreja*. Henrique sabia-se *filho de Deus*, pela graça do baptismo e, ao morrer, esperava viver unido definitivamente a esse Deus, conhecido e amado *como Pai*. Com a morte, quebrar-se-ia o véu da separação, para o poder contemplar face a face. Era um Deus em quem tinha posto a sua fé e a sua confiança, o Autor da sua vida, o Amor do seu amor. Um Deus não conhecido "de ouvido", mas experimentado na própria existência, como o Deus de Jesus Cristo. Se tinha conhecido e amado esse Deus como Pai, ao morrer, desfrutaria d'Ele *eternamente*; essa experiência religiosa devia-se à Igreja, logo a Igreja era *sua Mãe*. Sob esta luz, pode recordar-se essa frase de Santo Agostinho, que Henrique tanto gostava de repetir: *"Não terá Deus por Pai quem não tiver a Igreja Católica por Mãe"*⁴⁹⁰.

Aqui se encontra essa identificação da Igreja com a fé e a religião. A Igreja, *COMO MÃE*, é quem pode dar a vida de fé:

*"Porque devemos tanto à Santa Igreja Católica Romana? Porque a ela devemos todo o nosso ser sobrenatural de graça, que vale mil vezes mais do que a vida natural, posto que de nada nos teria servido nascer, se a Igreja não nos tivesse gerado no seu seio, com as águas do santo Baptismo"*⁴⁹¹.

Comentando esta mesma doutrina, o Bispo de Tortosa escrevia: "Se sou filho da Igreja... a Igreja é minha Mãe... e não existe outra mais terna, nem mais solícita, nem mais desinteressada... [Porque...] tendo-nos dado à luz... cria-nos... e, crescidos leva-nos pela mão, por entre os perigos, defende-nos dos inimigos e salva-nos. Fortalece-nos nos nossos desfalecimentos, consola-nos nas tristezas de espírito, sara-nos nas enfermidades... acompanha-nos na vida, e não nos deixa na morte..."⁴⁹².

No mesmo artigo, D. Benito Vilamitjana, continua a explicar essa maternidade como obra do amor: "À semelhança do seu divino Esposo que nos preparou com amor e nos atraiu com misericórdia, [a Igreja] amou-nos antes de nos conceber... Considerai o que fez a Igreja desde o princípio, não cessando de fazer... o que os Apóstolos fizeram com os nossos pais; o que fazem agora os das nações de infiéis e heréticas, e o que, em todo o lado, está a fazer o sacerdócio católico... Há amor como este? ...É amor de mãe e mais que de mãe..."⁴⁹³.

⁴⁸⁸ NMI, EEO III, p. 409.

⁴⁸⁹ *Id.*

⁴⁹⁰ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, Barcelona, 1905, p. 144.

⁴⁹¹ *Id.*, p. 133.

⁴⁹² VILAMITJANA Y VILA, B., *La Iglesia, Santa Teresa y nosotros, I.*, RT, n. 32 (Maio 1875), p. 227.

⁴⁹³ *Id.*

Pensemos que a imagem da *Igreja Mãe* favorece a separação da sua condição histórica e pecadora⁴⁹⁴, ao contrário do que acontece com outras imagens, como a de *Corpo de Cristo* ou *Povo de Deus*, pelas quais se autodefinirá a Igreja do Vaticano II. Henrique conheceu a Igreja do Vaticano I⁴⁹⁵, e essa, amou-a intensamente.

3.1. Amar a Igreja

Henrique exprime a solicitude da Igreja para com os seus filhos como a sua principal função:

*"Que faz a Igreja de Cristo no tempo? Prover a todas as nossas necessidades, remediar os nossos males e encher-nos de felicidade... Prescrevendo justiça e rectidão aos que mandam, docilidade e submissão aos que obedecem"*⁴⁹⁶.

Por consequência, à Igreja deve-se amor, zelo e sacrifício:

*"Como filhos desta Mãe, a mais santa e mais formosa, devemos-lhe amor com preferência a qualquer outro amor, zelo pela sua honra, e prosperidade sobre toda a ponderação; sacrifício da nossa pessoa, vida e interesses, quando no-lo exija, completo, incondicional e perfeito"*⁴⁹⁷.

Para Henrique de Ossó, a experiência eclesial é uma experiência fundante, porque a filiação espiritual com a Igreja é mediação, relacionada com a filiação divina. Na sua vida, teve como substrato a experiência humana de ternura, solicitude e religiosidade que recebeu da mãe, assim como a experiência da graça criadora e salvadora, que alcançou pelas mãos de Maria, a Mãe de Jesus e sua Mãe. O afã de Henrique concentrava-se em responder aos benefícios recebidos, tornando-se *digno filho* da Igreja, isto é, *obediente, santo e puro*. É um amor que está compreendido dentro do mesmo espírito de imitação de Jesus, daí o ter sido provado *até ao extremo*⁴⁹⁸.

*"A Igreja católica é obra por excelência de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo. Sua esposa muito amada, imaculada, única. Amar a Igreja é amar o que Jesus ama com o mais elevado amor. Trabalhar pelo crescimento da Igreja é afanar-se pelo mesmo que Jesus Cristo se afanou. Peçamos ao Senhor que nos conceda o aumento da fé e o amor à Igreja e à sua Cabeça visível"*⁴⁹⁹.

A salvação, do ponto de vista moral, depende de saber, crer e fazer o que a Igreja ensina e prescreve. A fidelidade à Igreja, no tempo,⁵⁰⁰ determina chegar a ser filhos de Deus por toda a eternidade. A partir destas premissas, Henrique esmerou-se em crer, obedecer, honrar e trabalhar pela Igreja.

3.2. Crer na Igreja

⁴⁹⁴ A Igreja "Mãe" é mais vertical que horizontal. Nesta maneira de conceber a Igreja se desconhece que os pecados dos crentes fazem a Igreja (Corpo). Cfr. LABOA, J.M., *Op. cit.*, p. 128.

⁴⁹⁵ Dá-se por assente que a Igreja *terrestre* se identifica com o Reino de Deus. Desta identificação nasce o sentido de triunfo que proclama a vitória da Igreja sobre os seus adversários (Cfr. petições da RT). Daí surge também a visão de uma Igreja sem pecado, nem erros, nem falhas históricas. Tema bastante estudado: Cfr. A. ANTON, *El misterio de la Iglesia, II*. Madrid, BAC, 1987.

⁴⁹⁶ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Historia Sagrada*, Barcelona 1896, pp. 90 y 91.

⁴⁹⁷ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, Barcelona, 1905, p. 133.

⁴⁹⁸ Esta afirmação ilumina o que conhecemos como *El Pleito* na vida de Henrique de Ossó, situado anos depois e inconcebível se não tivesse existido o amor à Igreja estreitamente relacionado com a sua pessoa e o seu sacerdócio.

⁴⁹⁹ RT, n. 70(Julho 1878), p. 288.

⁵⁰⁰ Cfr. DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Historia Sagrada*, Barcelona, 1905, p. 92.

O fundamento da credibilidade na Igreja Católica Romana é a sua instituição divina, isto é, o ter sido fundada por Jesus Cristo. Daí *se deduziam* três prerrogativas: indefectibilidade, infalibilidade e autoridade⁵⁰¹. O que afirmam é: que a Igreja devia permanecer idêntica na sua fé e comunhão; podia ensinar, em todas as partes, e a todas as gentes o *verdadeiro* caminho de salvação, e tinha poder para lhes dar e impor penas⁵⁰². Consideravam-se qualidades privativas da Igreja Romana. A única *religião verdadeira*, porque só ela podia adjectivar-se de: *una, santa, católica e apostólica*. De modo que, qualquer outra *religião* não era pior, discutível ou diferente, mas *falsa*⁵⁰³. Quando Henrique quer representar a Igreja resume:

*"[A Igreja é] única coluna e suporte infalível da verdade"*⁵⁰⁴.

A fé de Henrique na Igreja era *viva, verdadeira, íntegra, universal*⁵⁰⁵. Já que Deus nos revelou a sua verdade divina e a Igreja é a intérprete fiel e única pela qual nos é dado conhecê-la, deve-se oferecer acatamento à sua autoridade. É uma atitude religiosa, oposta à soberba e à auto-suficiência. É entendida como uma...

*"... submissão justa e racional do espírito... que livra das volubilidades, trevas e extravios do próprio espírito"*⁵⁰⁶.

Este espírito de rendida submissão aparece na exclamação que Henrique dedica à Igreja católica, antes de concluir o seu livro sobre a Religião:

*"Salve, Igreja única, verdadeira: tu és o único caminho que conduz à vida, e a única cujos tabernáculos não conhecem a confusão das línguas. Descanse a minha alma à sombra dos teus augustos mistérios! Longe de mim, igualmente, a impiedade que insulta a tua obscuridade santa e a fé imprudente que quisesse sondar os teus abismos... Discorres, exclamo com Santo Agostinho, eu admiro; disputas, eu creio; vejo a tua elevação, ainda que não me seja dado alcançar os limites da tua profundidade"*⁵⁰⁷.

Esta maneira de pensar argumentava-se com várias razões. A verdade e a santidade são de Deus, portanto, a salvação considerava-se património exclusivo da Igreja Romana. Isto era uma verdade provada pela história, porque só a Igreja Romana tinha subsistido, apesar das perseguições, e tinha oferecido o testemunho de inumeráveis mártires. Também se dizia que a profissão de fé dos grupos cismáticos e protestantes não merecia o nome de *religião*, eram *seitas*, mergulhadas no *erro*. Não provinham de Cristo, pois tinham quebrado a unidade com a Cátedra de Pedro, não tinham a garantia da sucessão apostólica nas suas origens e, sobretudo, não podiam declarar santos aos seus seguidores. Ao não possuírem a verdade e a santidade, ficavam à mesma altura do paganismo, era impossível que quantos as professavam pudessem alcançar a salvação, porque o erro e o vício, que lhes eram próprios, não podiam corresponder a Deus.

⁵⁰¹ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, Barcelona, 1905, pp. 66-79.

⁵⁰² *Id.*, p. 66.

⁵⁰³ As falsas religiões eram "Sinagogas de Satanás". Era preciso lutar contra os seus erros e orar continuamente pela conversão. Cfr. DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, pp. 77-79.

⁵⁰⁴ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, p. 19. Veja-se também: *RT*, n. 1 (Outubro 1872), p. 15: "A Igreja, nossa mãe, coluna e fundamento de toda a verdade". A Igreja propõe a verdade imutável, sem variações históricas, transmitida de forma incontaminada ao longo dos séculos. Quem está fora, permanece no erro. Pío IX permitia a liberdade de cultos só onde o catolicismo era minoria: *Ol Papa quer a liberdade de consciência na Rússia, mas não como princípio geral*". Em G. MARTINA, *La Iglesia de Lutero a nuestros días*, vol. III, Madrid, 1974; *Id.*, *Pío IX (1851-1866)*, Roma, Università Gregoriana, 1986, p. 329.

⁵⁰⁵ Cfr. as características da fé em S. Francisco de Sales, que correspondem às suas, em: *TFS*, EEO III, p. 647.

⁵⁰⁶ *Id.*

⁵⁰⁷ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, Barcelona, 1905, p. 142-143.

3.4. Defender a Igreja

Desta concepção derivava a urgência em lutar contra o paganismo e a heresia, assim como o dinamismo missionário. Procurar que abjurassem do erro e se convertessem à confissão católica era exigência da caridade, fossem hereges, infiéis ou pagãos.

Pela convicção de que os hereges estavam condenados, Henrique sente-se urgido a insistir continuamente que se eleve uma oração de intercessão por eles. Fá-lo, com simplicidade e fervor, ao finalizar cada número da Revista. Através da sua constância, põe-se de manifesto essa compaixão que acompanhou o seu ardor missionário:

*"Graças que se pedem a Santa Teresa de Jesus, e se recomendam às orações dos seus devotos. O triunfo da Igreja e a liberdade de Pio IX. A paz para Espanha. A conversão e morte cristã de duas pessoas... A destruição das heresias... A conversão dos hereges..."*⁵⁰⁸.

Henrique também se compadece profundamente dos pagãos, porque têm costumes errados, que os conduzem ao vício, por falta do Evangelho. Tem especial compaixão do trato desumano que recebem *mulheres, crianças e pobres*, autorizado por uma religião que não tem o seu modelo na conduta de Jesus Cristo, nem nos seus ensinamentos⁵⁰⁹. Sentiu, por outro lado, que o problema religioso se tornava crítico, porque eram os próprios católicos que iam engrossando as fileiras dos *hereges* e materialistas ateus, num processo que começava pela indiferença, a superficialidade e a não aceitação da autoridade.

O Bispo de Tortosa, com grande preocupação, fala deste fenómeno: *Quem se afasta da Igreja Romana, afasta-se da vida*. Porque a Igreja era compreendida como *a fórmula abreviada da vida cristã...* Dai-me fé na Igreja -dizia- e são impossíveis as heresias. Ao contrário, sem essa fé, toda a religião positiva torna-se impossível. Por terem saído da Igreja, os hereges deslizam, fatalmente, pela rampa do erro, precipitando-se no abismo do racionalismo puro... É a desobediência à Igreja que faz os maus cristãos, porque a Igreja é também a regra da moral. Quem desobedece à Igreja, não obedece a Deus, porque, repete, *não pode ter Deus por Pai quem não tem por Mãe a Igreja*⁵¹⁰.

3.4. Obedecer à Igreja

A obediência à Igreja está em relação à fé que se lhe professa. Obedece-se à Igreja como submissão a Deus. Um coração puro e os desejos de obedecer, conformando a conduta ao que a fé ensina, são condições para não ser rebeldes à fé⁵¹¹. Porque "não é na cabeça, mas no coração, não é na alma, mas antes no corpo e nas paixões, onde radica e se afirma a dificuldade para crer"⁵¹² e, por

⁵⁰⁸ RT, n. 30(marzo 1875), p. 192 e n. 34(julio 1875), p. 320. Outros exemplos podem encontrar-se em qualquer dos números da Revista. O pano de fundo é a identificação Igreja-Reino de Deus.

⁵⁰⁹ Na obra: *Rudimentos de Historia Sagrada*, pp. 85-87, Henrique de Ossó afirma: "Os costumes dos gentios eram tão maus, que causa rubor explicá-los. Basta indicar que os crimes mais vergonhosos e escandalosos estavam autorizados por essa falsa religião, e não reprimidos nem castigados pelas suas leis.... A mulher, era considerada como escrava do pai, que a podia matar ou vender, e depois do marido, que a podia vender ou repudiar. [Às crianças] podia-se dar-lhe a morte antes de nascer, expô-las ou vendê-las depois de nascidas... Os pobres eram considerados como animais imundos: a pobreza era insultada, e para se desembaraçar dela, às vezes enchiam de pobres os barcos e despejavam-nos no mar ". Termina dizendo: "Cristo Jesus e a Igreja Santa são os únicos que dão ao homem dignidade, liberdade e verdadeira felicidade".

⁵¹⁰ VILAMITJANA Y VILA, BENITO, "La Iglesia, Santa Teresa y nosotros" I, RT n. 32(Maio, 1875), p. 228.

⁵¹¹ Cfr. RT, n. 40(Janeiro 1876), p. 95.

⁵¹² *Id.*

consequente, para obedecer. Henrique recomendava dar ascendência à autoridade da Igreja, porque é um grande atalho para evitar o erro e evitar muitos trabalhos⁵¹³:

*"Obedeçamos... Submetamo-nos às decisões e determinações da Igreja; sigamos, humildes, a linha de conduta marcada pelo Papa e os Bispos, e, verdadeiramente, não seremos enganados. Recordemos que os que a escutam, a Deus escutam..."*⁵¹⁴.

No binómio autoridade e obediência à Igreja, Henrique resumia a felicidade temporal e eterna. Através da Igreja conhecemos Deus e recebemos o ser filhos por adopção, que é a nossa felicidade eterna, sendo a felicidade temporal o resultado de praticar a moral católica, única que conduz à bem-aventurança:

*"Coisa estranha! A Religião Católica, que parece só atender à felicidade eterna dos seus filhos, é a que melhor fomenta e provê à sua felicidade temporal, porque a justiça eleva as gentes e o pecado torna os povos miseráveis"*⁵¹⁵.

A Igreja, explicava Henrique, prescreve aos governantes *justiça e rectidão*, e aos governados *submissão e obediência*. A lei não pode ser outra que a Evangélica, única capaz de garantir a fraternidade universal. Se os que mandam e os que obedecem estão regulados pelo Evangelho, alcançar-se-á a satisfação, em todos os aspectos. É o resultado de obedecer a uma lei perfeita⁵¹⁶.

*"Se os homens praticam os preceitos e doutrinas da Igreja não só conseguirão a felicidade eterna, mas a temporal, convertendo-se este desterro numa antessala do céu"*⁵¹⁷.

Henrique tem um convencimento profundo da grandeza da moral católica e da sua capacidade, para elevar a humanidade à felicidade desejada. Para ser feliz –pensava– só era necessário obedecer, sem se importar com outras condições *particulares*, como qualidades pessoais ou a situação económica e social. A razão era que, em qualquer circunstância, se podia viver conforme à lei de Deus.

É um caminho fundado na salvação focalizada na individualidade, com uma compreensão estática da ordem social. Por esta concepção, *riqueza e pobreza* eram condições justificadas como permissão de Deus, e tinham que ser pacificamente aceites. Não se concebiam como produto de estruturas de pecado, necessitadas de conversão. A esta luz devem ler-se as prescrições *particulares*, que Henrique põe na boca da Igreja:

*"Aos ricos, que sejam misericordiosos, e aos pobres, que sejam sofridos; aos grandes, que se humilhem, aos humildes, que vivam contentes na sua humildade; aos sábios, que sejam modestos, aos ignorantes, que não presumam, e a todos, numa palavra, manda que se amem como irmãos, e se respeitem como filhos de Deus"*⁵¹⁸.

⁵¹³ *Id.*, p. 94.

⁵¹⁴ *RT*, n. 130(Julho 1883), pp. 315-316.

⁵¹⁵ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, pp. 134-135.

⁵¹⁶ Cfr. A Igreja é santa pelo Evangelho "único código moral todo puro, todo santo, todo perfeito, todo celestial". DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, p. 62.

⁵¹⁷ *Rudimentos de Historia Sagrada*, p. 91. Nesta pequena obra, Henrique faz duas vezes um protesto de fé e amor à Igreja (pp. 134-135 e pp. 142-144). Quando afirma que a Religião católica provê da felicidade temporal, a razão é porque promove a justiça que eleva as gentes e condena o pecado que faz miseráveis. Isto é o que há-de procurar também toda a nação. (Cfr. palavras finais do seu livro: *Rudimentos de Historia de España*).

⁵¹⁸ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Historia Sagrada*, p. 91.

Importante facto, relacionado com a obediência à Igreja, na vida de Henrique, foi o doloroso litígio conhecido como O Pleito que o acompanhou toda a vida. Henrique actuou, no Pleito, com grande respeito aos representantes da Igreja e às suas leis. Ao mesmo tempo, demonstrou que a obediência é a Deus e passa, sobretudo, pela consciência, e não se rende à injustiça.

2.5. Trabalhar pela Igreja

A Igreja, fundada por Jesus, tinha-se expandido pela acção dos Apóstolos. Eles tinham sido os primeiros a defender e a propagar a honra de Jesus e de Maria por todo o mundo...

"Os indianos, pela boca de S. Tomé; os espanhóis, pela boca de S. Jaime; os gregos, pela de S. João, S. Pedro e S. Paulo; os italianos, pela de S. Pedro e S. Paulo e S. Barnabé, e assim todas as nações... Em toda a terra ressoou a voz dos Apóstolos, e até aos confins do globo se fez sentir a sua palavra, que anunciava a verdade..."⁵¹⁹.

Em concordância com um sentido clerical, a apostolicidade será uma das notas da verdadeira Igreja, das mais apreciadas por Henrique:

"Muitas coisas me retêm na Igreja... Eu mantenho-me nela, pela continuada sucessão dos Bispos que obtiveram até hoje a cadeira de S. Pedro, desde este Apóstolo a quem Jesus Cristo confiou o governo das suas ovelhas... Que consoladora é, para o católico, esta ininterrupta sucessão de Papas e de Bispos!"⁵²⁰.

Considerando que os sucessores dos Apóstolos eram o Papa, os Bispos e os sacerdotes⁵²¹, sentia-se portador especial da missão da Igreja e queria ser partícipe do mesmo zelo apostólico pela glória de Deus⁵²².

A Igreja era o Pontificado e todo o corpo sacerdotal e jerárquico⁵²³, em expressão teresiana, o *Braço eclesiástico* ou os *Capitães*⁵²⁴. Só através da jerarquia, e mediante a sua função apostólica, a Igreja podia ter vida e crescer. Por consequência, as mulheres e os *leigos* apenas eram sujeitos passivos da acção eclesial. Deviam aceitar a acção santificadora do clero e obedecer⁵²⁵.

Os sacerdotes tinham a missão de santificar. Se os sacerdotes faltavam, não existia Igreja e sem Igreja não existe salvação. Daqui se deduz que o serviço apostólico, por excelência, fosse, para

⁵¹⁹ *Id.*, p. 411.

⁵²⁰ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, Barcelona, 1905, pp. 143-144.

⁵²¹ *NMI*, EEO III, p. 412.

⁵²² *Id.*

⁵²³ O artigo de Don Benito Vilamitjana é exemplo de identificação Igreja-gerarquia: "A Igreja não é uma ideia abstracta, ou um conjunto informe de homens que professam uma fé comum. Nem é a sociedade das almas justas, conhecidas só por Deus, espiritual e invisível. A Igreja é um corpo orgânico, cujos membros unidos entre si e exercendo funções diversas, mas harmónicas, constitui um todo moral, vivo, sensível, que enche o tempo e o espaço. É uma sociedade de homens mortais, mas que aspiram à imortalidade; que existe sobre a terra, mas que têm a sua origem no céu e para ele gravita pelo próprio peso: perfeita, soberana e independente, que em si mesma tem as condições da sua existência e os meios para a consecução do fim dessa instituição, que é a santificação das almas. Uma sociedade desta natureza não existe sem um laço que estreite as partes constitutivas... E este laço... que sintetiza a Igreja, é a admirável jerarquia sacerdotal com todos os seus graus e o Sumo Pontífice à cabeça, que sintetiza a Igreja como fonte da ordem jerárquica... Por isto ao corpo sacerdotal chamamo-lo, em absoluto, a Igreja nas locuções vulgares..." *RT*, n. 32(Maio 1875), pp. 229-230.

⁵²⁴ Cfr. VILAMITJANA Y VILA, BENITO, *La Iglesia, Santa Teresa y nosotros II*. *RT*, n. 33(Junho 1875), p. 269.

⁵²⁵ A obra de ROSMINI, *Las cinco llagas de la Santa Madre Iglesia*, condenada em 1849. Pedia a colaboração entre o clero e o povo, reivindicava o sacerdócio dos fiéis e designava ao laicado uma participação na nomeação de bispos. Tinha recolhido apoios de grupos reformistas rejeitados pela Cúria Romana e pela maioria dos bispos.

Henrique, a obra das vocações eclesiásticas. Nos seus afãs, sempre esteve presente a promoção da santidade e sabedoria dos sacerdotes⁵²⁶.

3.6. Honrar a Igreja

A Igreja honra-se com a santidade, e a santidade pessoal é possível, graças à santidade da Igreja.

A santidade da Igreja também é critério inspirador das acções de Henrique. Tudo se deve subordinar a essa santidade, cujo fundamento é Cristo, porque a Igreja nasceu do seu peito, está consagrada e santificada com o seu sangue e cheia do Espírito Santo. Cristo permanece com ela até ao fim dos séculos. As almas são um tesouro confiado à Igreja, e a santidade é o distintivo dos autênticos cristãos. Eles são o verdadeiro apoio da Igreja:

*"a solidez dos seus doutores, as virtudes dos seus santos, a fortaleza dos apóstolos e o sangue dos mártires"*⁵²⁷.

A Igreja, além disso, é santa...

*"pela sua doutrina puríssima e digna de Deus, e da recta razão; pelos seus costumes, pois formou e forma Santos; pelos seus meios ou Sacramentos santíssimos, e pela glória dos milagres de muitíssimos dos seus membros"*⁵²⁸.

Para entrar na dimensão santificadora da Igreja é necessária a fé. Se os hereges estão no erro é porque julgam a Igreja com razões humanas e não a apreciam no seu mistério, negam-no ou desconhecem a sua capacidade santificadora. Henrique lamenta a falta de fé viva desse século indiferente, e de que enfermam muitos que se dizem cristãos:

*"O que necessitamos é a fé que o justo vive, que translada montanhas, opera maravilhas, vence impossíveis e triunfa do mesmo Deus"*⁵²⁹.

*"... Fé infusa ou sobrenatural... a que o Espírito Santo infunde no entendimento cristão, e que o inclina, eficazmente, a crer no que a Igreja lhe propõe... porque, sem ela, é impossível salvar-se..."*⁵³⁰.

Henrique pede o dom de glorificar a Igreja com a sua santidade. É uma graça que quer alcançar por Maria, porque Ela é a sua maior glória⁵³¹ e a Mãe da Igreja.

*"Oh Senhora minha e minha Mãe!... Dignai-vos a que vos louve, honre, glorifique e exalte com as minhas santas obras. Fazei-me puro e santo, e digno filho vosso. Eu me ofereço a Vós, na vida e por toda a eternidade. Confortai, Mãe poderosíssima, a Igreja... Coroai-a com a glória do triunfo sobre os seus inimigos, que o são da verdade e da virtude..."*⁵³².

⁵²⁶ A preocupação pelos sacerdotes em Henrique tem como cenário a urgência da evangelização.

⁵²⁷ VILAMITJANA Y VILA, B. *La Iglesia, Santa Teresa y nosotros. IV. RT*, n. 35 (agosto 1875), p. 323.

⁵²⁸ DE OSSÓ, ENRIQUE, *Rudimentos de Religión y Moral*, Barcelona, 1905, p. 68.

⁵²⁹ *RT*, n. 31 (Novembro 1875), p. 38.

⁵³⁰ *RT*, n. 39 (Dezembro 1875), pp. 61 e 63.

⁵³¹ Henrique põe na boca de Maria as seguintes palavras: *"Bastaria Eu somente, que sou o primeiro e mais nobre membro de toda a Igreja, para a tornar honrável, amável e admirável para sempre e por todo o mundo"*. Em *NMI*, EEO III, p. 408.

⁵³² *Id.*, p. 409.

Henrique destacará que a missão apostólica, especialmente confiada aos sacerdotes, requer no seu desempenho pureza e santidade⁵³³. Estas virtudes são de tal envergadura que as pedirá a Maria, a Rainha dos Apóstolos, porque nela resplandecem:

*"... para que eu também propague as vossas glórias, segundo as minhas forças e a graça que recebo de Vós. Purificai os meus lábios, iluminai a minha mente, santificai a minha alma e enchei de zelo o meu coração e de pureza o meu espírito para que possa, dignamente, louvar-vos e sair vitorioso de todas as tentações dos meus inimigos..."*⁵³⁴.

Os Apóstolos ocupam um lugar especial de honra, são eles que formam a coroa de glória de Maria⁵³⁵, Mãe e Rainha da Igreja.

4. MARIA, MÃE E RAINHA

O culto a Maria tem grande semelhança com as qualidades que Henrique vê na Igreja: Mãe e Rainha a quem se deve amor e serviço, e que, por sua vez, nos ama e serve⁵³⁶.

Maria é Mãe da Igreja por ser Mãe de Jesus e por encargo do seu Filho. Os Apóstolos acolheram-se à sua protecção e com ela aprenderam a evangelizar⁵³⁷. Ao longo de todos os tempos, Maria foi reconhecida como Mãe e Rainha da Igreja.

*"A Igreja, meu filho, nasceu no meu seio com Jesus, seu fundador e cabeça: tomou nova vida no Calvário, com as minhas dores, e engrandeceu-se e mantém-se, sob o calor e a sombra das minhas asas maternais... Eu sustenho os santos na sua plenitude.... reprimo os demónios, e desarmo o meu divino Filho... coopero... para que nasçam na Igreja os fiéis e sejam membros vivos de Jesus Cristo meu Filho. Por isso a Igreja sempre defendeu a minha honra, desde os Apóstolos ao Concílio de Éfeso, desde o Concílio de Éfeso até Pio IX... e chamam-me sua Mãe, sua Senhora, sua Rainha..."*⁵³⁸.

Para Henrique é Rei aquele que conquista, e rainha é quem pertence ao rei, assim o explica pondo estas palavras na boca de Maria:

*"Eu sou Rainha... porque sou de quem é Rei da Igreja, que a conquistou, derramando o seu Sangue, Sangue que Eu lhe ofereci, ao revestir-se com a humana natureza. O meu Filho Jesus é Rei da glória, é Rei da misericórdia, da Igreja, e Eu, sua Mãe, sou-o também"*⁵³⁹.

Maria, Rainha e Mãe da Igreja, abraça justos e pecadores, hereges e infiéis, porque é Mãe da humanidade. Ela é capaz de alcançar a conversão e a purificação da Igreja, para que se construa o

⁵³³ Não basta que haja muitos sacerdotes. Têm que ser santos, puros e sábios.

⁵³⁴ *NMI*, EEO III, pp. 411-412.

⁵³⁵ *Id.*, p. 410.

⁵³⁶ Maria é também a figura feminina excepcional. Ainda que mulher, situa-se em forma contraposta a todas as mulheres. É elevada pela sua maternidade, único papel que se reconhece circunscrito ao âmbito privado.

⁵³⁷ Escreve em nome de Maria: "A Igreja começou a propagar-se por Mim, expandiu-se por Mim e venceu todos os erros e heresias por Mim..." *Id.*, p. 406.

⁵³⁸ *Id.*, p. 413.

⁵³⁹ *Id.*, p. 405.

Reino de Cristo. Maria, na sua maternidade, é mediação para consolidar a Igreja, porque, quem chega ao conhecimento da verdade é, por meio dela e é assim que cresce o Reino de Cristo, identificado com a Igreja.

Também Maria honra a Igreja pelo facto de ter sido concebida Imaculada. Na jerarquia, ocupa um lugar mais alto do que todos os apóstolos, doutores, virgens e mártires. A Igreja celebra-o assim e canta os seus louvores:

"Quão formosa apareceis à minha alma, oh Maria quando vos contemplo coroada pela esplendorosa coroa dos doze Apóstolos e pela coroa com que vos coroam todos os justos que houve e haverá na Igreja de Deus, vosso Filho! Quão bela e agraciada sois, oh Maria Imaculada, quando vos admiro calçada de lua, como Rainha, Senhora, Protectora e ornamento de toda a Igreja católica!... Sim, Deus está sempre convosco. Que poderá todo o inferno contra Vós? Nada... Seja pois louvor, bênção, claridade e exaltação... Oh Maria!... Permite-me que a vá celebrar no céu um dia. Amém"⁵⁴⁰.

A Imaculada Conceição, tão solenemente proclamada pelo Papa, ainda antes de ser declarada a infalibilidade, é a prerrogativa pela qual mais se aprecia a relação de Maria com a Igreja. Através deste dogma, representa-se o ideal de santidade e é sinal de defesa contra o protestantismo, considerado inimigo da religião.

~

⁵⁴⁰ *Id.*, pp. 413-414.

A proporção atingida pelo fenómeno teresiano em Henrique de Ossó é invulgar. Entre ele e Santa Teresa de Jesus, dá-se uma "espécie de osmose recíproca de espíritos"⁵⁴¹, uma experiência singular de que nos aproximamos como de um acontecimento de fé

Tanto os seus biógrafos como outros estudiosos chegaram a concordar que se trata de um teresianismo carismático⁵⁴². Henrique, como toda a pessoa, nasceu para o amor; desde criança, o coração fora-se-lhe dilatando, até umas dimensões inusitadas; tornado homem maduro, experimenta o amor de Deus por mediação de Teresa de Jesus, para, com ela e por ela, amar e servir melhor a Deus. A personalidade e o espírito da Santa complementaram maravilhosamente Henrique de Ossó⁵⁴³.

Henrique captou a força do amor divino, penetrando na experiência de Teresa de Jesus, e depois arrastou muitas outras pessoas. Sempre viu, na Santa, o amor de Jesus Cristo e, com ela, encontrou o canal para atender à sede que padecia a Igreja do seu tempo e ao seu povo, que via dividido e carente de fé. "*Teresa de Jesus*" é o nome da missão que Deus lhe confiou.

1. A GRAÇA TERESIANA

Para contemplar a pedagogia de Deus com Henrique de Ossó no encontro com Teresa de

⁵⁴¹ ÁLVAREZ, TOMÁS, *Enrique de Ossó y Teresa de Jesús*, em *MO*, p. 216.

⁵⁴² Veja-se a opinião de Don Marcelo González, um dos biógrafos principais, em *Enrique de Ossó. La fuerza del sacerdocio*, p. 100; e também, Tomás Álvarez, OCD, no artigo antes citado, p. 186.

⁵⁴³ Henrique sendo jovem cortava toda a ocasião de intimidade com a mulher, como afirmam as testemunhas: "*Consta que o Servo de Deus tinha grande repugnância em tratar com mulheres, quando seminarista e sacerdote jovem; um dia fui visitar as sobrinhas do Senhor Raimundo Alabart, onde morava o Servo de Deus. Ele estava a conversar com os senhores da casa e ao dar-se conta de que nós subíamos (éramos então jovens) escapou-se a toda a pressa escadas acima, e isto fazia-o muitas vezes... Perguntando nós às senhoras da casa, disseram-nos: <ao senhor Henrique não o vereis nunca nem lhe falareis>*". PIB, Summarium (VI Testis, Ad. 25 Proc. fol. 184), p. 279. O mesmo Henrique que via a mulher como ocasião de perigo, depois escreverá frases de elogio, mesmo sem se livrar de a considerar como símbolo de tentação: "*Atevemo-nos a assegurar que, sem o concurso da mulher, o homem pouco de bom poderá fazer em todos os seus trabalhos... Desde que Satanás se valeu da mulher para seduzir o homem, desde que Deus se valeu também [dela] para o salvar, já não existe dúvida para os que desejam expandir o Reinado do conhecimento e amor de Jesus Cristo, sobre a linha que devem seguir nos seus trabalhos*". RT, n. 72(septiembre 1878), pp. 341-344. Teresa de Jesus foi mediação integradora.

Jesus, as fontes são os próprios escritos de Henrique, onde transparece, progressivamente, este encontro transbordante. A *Revista Santa Teresa de Jesus* nasce a partir desta vivência espiritual e por iniciativa de Henrique de Ossó. Na falta de um diário espiritual, encontramos nos seus escritos o melhor testemunho da origem do teresianismo.

Naquilo a que chamamos a *graça teresiana* há um caminho paulatino, por onde Deus o foi preparando, de forma nada extraordinária, ainda que se atinge um ponto, onde nos deparamos com uma série de factos surpreendentes; e embora não possamos fazer precisões, tão-pouco podemos negar a irrupção de Deus. Desenvolveremos a nossa visão sobre este processo, como já dissemos, a partir de textos e alusões autobiográficas, principalmente da *Revista*⁵⁴⁴.

1.1. Preparação para o encontro

O próprio Henrique conta, nos seus apontamentos autobiográficos, como Teresa de Jesus foi entrando na sua vida. Nomeia como mediações importantes o professor de latim, Dómine Sena; e diz ter-se posto em contacto, pela primeira vez, com os escritos teresianos, graças a umas obras de Santa Teresa, presente da tia Maria de Ossó⁵⁴⁵. De não menos importância é o Deserto carmelitano de Castellón, lugar onde se encontra com uma comunidade teresiana que o acolhe.

*"... Dómine Sena, muito devoto de Santa Teresa de Jesus, ele começou, sem dúvida, a despertar a devoção à Santa... A minha tia Maria deu-me as obras da Santa... Mas o que mais despertou a minha devoção... foram as viagens que fiz a Benicasim..."*⁵⁴⁶.

O "Dómine" Sena, professor de Humanidades, era uma personalidade, em Tortosa. Contagiu Henrique com o seu entusiasmo pela Santa avilesa, entre outras coisas, pela narração de anedotas de muito humanismo, em que apresentava Teresa de Jesus, além de santa, próxima e atractiva. Desde então, desenvolve-se em Henrique uma simpatia para com aquela mulher tão acessível, ao mesmo tempo que modelo da perfeição que busca. Começou a ver nela uma figura que reunia "*graça e doutrina*"⁵⁴⁷, cabeça e coração, santidade e sabedoria.

Maria de Ossó, aquela piedosa tia que Henrique quis associar a essa primeira missão mariana de aproximar a sua família aos bens eternos, e lhe encomendou que transmitisse o convite a colocar-se sob a protecção da Virgem Mãe de Deus, oferece-lhe uma edição, recente na altura, das obras de Santa Teresa de Jesus, publicadas pela Livraria Religiosa de Barcelona; e enquanto ela as não entende, o jovem penetra-as, goza com elas e vai fazendo, como era seu costume, uma colecção

⁵⁴⁴ Pareceu-nos que o melhor modo de nos aproximarmos do acontecimento teresiano é ir seguindo a sequência de testemunhos pessoais intercalados nos artigos da *Revista Teresiana*. Alguns estão assinados por Henrique, noutros aparecem os pseudónimos que utilizava. Outros não assinados são inconfundíveis pelo uso de expressões genuinamente suas. A *Revista Teresiana* oferece uma ordem cronológica que guia, face à impossibilidade de situar com exactidão as suas experiências espirituais. Henrique não escreve um diário, comunica as suas vivências a um vasto público, ao qual pretende contagiar o amor a Teresa de Jesus, formá-lo para Cristo.

⁵⁴⁵ A cronologia destes factos não se pôde precisar. Há quem opine que Henrique, já em Reus, antes do ingresso no seminário, em 1854, leu Santa Teresa de Jesus; outros situam a leitura de Santa Teresa no primeiro ano de seminarista, em Tortosa. O testemunho histórico que prova a assimilação que Henrique tinha da Santa, em idade tão precoce, é uma das chamadas *Cartas de despedida*, escrita à tia Maria, saturada de sentenças teresianas. Datada, sem especificar o ano, prestou-se a interpretações diversas. Não se confirmou se a escreveu em 1854 ou em 1855. Se esta carta tivesse sido escrita por Henrique com o propósito de *despedir-se* da tia, antes de ir para o seminário (Cfr. AMS, EEO III, p. 11), como parece, pelo tom de despedida, então o dia da data (*quarta-feira*) não concorda com o ano da sua partida, segundo o calendário. Se se toma como referência principal o calendário, então teria que corresponder ao ano seguinte, que é o primeiro de seminarista; nesse caso, não concorda com o tom de despedida. Cada biógrafo apresentou uma hipótese diferente. *No nosso caso, pensamos que o importante é a capacidade de compreensão espiritual que Henrique demonstra nessa etapa, seja em 1854 ou um ano depois.*

⁵⁴⁶ AMS, EEO III, p. 12-13.

⁵⁴⁷ AMS, EEO III, p. 12.

dos pensamentos com que mais vibrava, para os aprender e converter em normas de vida.

O interesse de Henrique por Teresa de Jesus cresce a partir dessa leitura, que o impele a buscar tudo aquilo que se refira à Santa. Quando vai veranear com os tios, Rafaela e Justo, em Benicasim, encontra, na casa solarenga, uma biblioteca teresiana. Alegra-se muito com a descoberta e, ao saber que os tios frequentavam a comunidade carmelitana do Deserto das Palmas⁵⁴⁸, toma a decisão de se aproximar:

*"Tinha muitos livros da Santa; e lendo a Vida Meditada, sobretudo, cresceu-me mais o desejo de subir ao Deserto"*⁵⁴⁹.

1.2. O lugar do encontro

A comunidade carmelitana do Deserto, providencialmente, era o "único lar que aos filhos de Santa Teresa tinha deixado de pé a tempestade de trinta e cinco"⁵⁵⁰. Henrique "apresentou-se ao prior do Deserto, familiarizou-se com os solitários, e pouco a pouco, foi admitido como hóspede de excepção"⁵⁵¹. Participava nos horários comunitários da vida monacal e, assim, foi conhecendo, por experiência, a forma de vida proposta pela Reformadora do Carmo.

*"Comia no refeitório com os frades e da mesma comida, e ia ao recreio depois do almoço, e ao passeio pelas tardes, com eles"*⁵⁵².

Era um contacto vivo com o qual completava e amadurecia, no silêncio, as coisas que aprendia na leitura de Santa Teresa. A partir desta descoberta, não houve, para o seminarista, outro lugar de descanso senão o Deserto:

*"Repetia, quase todos os anos, sendo estudante, a dita visita, de que gostava mais do que ir para a casa dos meus pais, pois a minha mãe tinha morrido; e foi assim que a revolução de Setembro de 1868 me apanhou no dito Deserto..."*⁵⁵³.

Dissemos que "a ligação Deserto das Palmas- Henrique de Ossó não é apenas, nem principalmente, um dado histórico, mas antes de mais, um acontecimento espiritual de grandiosas proporções"⁵⁵⁴. Pelo facto de se ter tornado "exigência do seu espírito, espaço e âmbito de expansão e profundidade, auscultação e lançamento da própria vida...; lugar inevitável de encontro com a graça e frágua de um compromisso cada vez maior"⁵⁵⁵, podemos afirmar que foi um *lugar teológico*.

Dentro do recinto do Deserto, ainda houve um espaço mais preferido de Henrique de Ossó: a ermida de Santa Teresa, que, a par de Montserrat, seria um lugar da experiência de Deus. Assim como Montserrat era a casa da Mãe, a quem visitava para estar com ela, consultar e lhe oferecer as primícias do seu apostolado, a ermida de Santa Teresa seria o lugar do amor. O que ali viveu só podia exprimir-se com frases do *Cantar dos Cantares* ou com as palavras pronunciadas por Pedro no Tabor. A ermida de Santa Teresa era:

⁵⁴⁸ A primeira visita ao Deserto foi em 1860 ou 61: Cfr. ALTÉS Y ALABART, J. B., *Op. cit.*, p. 30: "Tenemos noticias seguras de que ya por el año 1860 ó 1861, cuando nuestro Enrique tenía veinte o veintiún años, empezó a ir..."

⁵⁴⁹ AMS, EEO III, p. 13.

⁵⁵⁰ ÁLVAREZ, TOMÁS, *El apóstol teresiano del s. XIX*, p. 24.

⁵⁵¹ *Id.*

⁵⁵² AMS, EEO III, p. 13.

⁵⁵³ *Id.*

⁵⁵⁴ HERRAIZ, M., *El Desierto de las Palmas y Don Enrique de Ossó*, en: *MO*, p. 363.

⁵⁵⁵ *Id.*

*"uma branca pomba, de rosadas asas, que fugindo do bulício..., fora descansar na solidão, à vista do mar que se espraia a seus pés, qual tapete prateado."*⁵⁵⁶.

...nela havia uma imagem que o "encantava, enamorava e extasiava". A tal ponto, que só a consciência de que era pecado, o impedira de a roubar. Ao contemplá-la, repetia:

*"Que formosa és, amada minha, que formosa és, e fazia-lhe versos, que me inundavam de devoção"*⁵⁵⁷.

Quando nos perguntamos, porque lhe parecia tão formosa, que via nela para pôr em movimento a expressão lírica do seu coração, ele próprio responde:

*"é tão formosa, devido à TRANSVERBERAÇÃO"*⁵⁵⁸.

Consideremos estes elementos: uma imagem pintada num quadro, exposta num lugar onde se conjugam excepcionais qualidades para o silêncio e a contemplação, evocadora de uma experiência mística: será estranho que ganhe vida, na alma de um jovem com uma finíssima sensibilidade artística e espiritual, que tem, além disso, há uns anos, Teresa de Jesus, gravada, no seu íntimo, pela meditação familiar dos seus escritos? Houve algo mais do que o local, a pintura e os antecedentes...?

1.3. Que sucedeu em 1872?

Não sabemos o quê, nem como aconteceu, nem o momento preciso, mas há dados que nos dizem muito.

No verão de 1872, durante o mês de Julho, Henrique estava no Deserto. Algo dissemos, já, sobre o modo como costumava passar esses dias e como eram os lugares das suas preferências. Também recordamos que, desde o princípio da sua formação, teve contacto com Teresa de Jesus; mas esclareçamos que não era um contacto diferente do que tinha com outros santos patronos ou mestres espirituais, como S. Francisco de Sales ou Frei Luis de León.

Outra observação é que, até 1872, todas as suas actividades apostólicas, preferentemente catequéticas e jornalísticas, tiveram apenas um selo *mariano*⁵⁵⁹. Outro tanto sucedia com os seus escritos e a correspondência pessoal. Antes de 1872, inicia-os com a epígrafe "*Jesus*", e, na despedida das cartas, "*teu em Jesus e Maria*"⁵⁶⁰. Quer dizer que, até então, encontramos uma relação "normal" com Santa Teresa de Jesus, entendendo por isso, a semelhança com a devotada aos outros santos seus preferidos⁵⁶¹.

No entanto, a partir do verão do 72, Teresa de Jesus irrompe na sua vida, com tal força que, mesmo para ele, se revela inexplicável⁵⁶². Começa a assinar: "*Teu em Jesus de Teresa*". Nesse

⁵⁵⁶ RT, n. 23(agosto 1874), p. 317.

⁵⁵⁷ AMS, EEO III, p. 13.

⁵⁵⁸ Id. E noutro lugar dirá: "*Neste lugar privilegiado é onde se venera a graciosa pintura da transverberação do coração de Santa Teresa de Jesus*", RT, n. 23(agosto 1874), p. 316.

⁵⁵⁹ Atesta-o sobretudo o primeiro biógrafo: ALTÉS Y ALABART, J. B., *El trabajo con labradores, reuniéndolos bajo el nombre de María, el reparto de imágenes, cuadros, poesías que hacía en la catequística eran preferentemente de la Inmaculada*.

⁵⁶⁰ Cfr. Cartas anteriores a 1872, especialmente correspondência com o Dr. Sardá y Salvany, Pbro., *Cartas (inéditas)*, em AGSTJ.

⁵⁶¹ Por exemplo com S. Tomás, com S. Miguel Arcanjo, com S. Luis Gonzaga, com S. João da Cruz, ou mesmo com S. Francisco de Sales.

⁵⁶² Em EEO I, providencialmente se reproduziu um exemplar de GC de excepção (p. 169-70). Contém o primeiro texto

verão, apresenta o projecto da *Revista Santa Teresa de Jesus*, suficiente para mostrar que, a partir daí, tudo quanto executa e diz é, e será teresiano. Três anos depois, admirado com a constatação, analisará, retrospectivamente, os factos, sentindo que fora possuído por uma actividade que pareceria febril, se não tivesse por centro a devoção a Santa Teresa de Jesus, nascida da conversão do coração. E questionar-se-á, dizendo:

"Quantas vezes me perguntei: Que acontece no meu interior? Que observo no meu coração? Donde me nasceu essa força irresistível, nunca sentida, que veemente me impele a conhecer e seguir o caminho da virtude, arrimado à forte coluna da oração? Donde provém que me sinta tão vivamente impelido a professar mais carinho a tudo o que, na nossa pátria, é belo e grande, e seja verdadeira jóia religiosa nacional? O que é isto? Donde dimana? E depois de alguma meditação, respondo-me: Tudo é obra da Virgem avilesa"⁵⁶³.

1.3.1. Antes, um trato de amizade

Certamente que, *antes* de 1872, durante o período de seminarista, Henrique tinha encontrado, em Santa Teresa de Jesus, uma guia para a sua oração pessoal. A imagem de Deus fora-se-lhe agigantando na alma, pela meditação do evangelho. No trajecto, Teresa de Jesus estivera ao seu lado. Dela aprendera a tratar de amizade com Deus, através da Humanidade de Jesus Cristo e, pela oração de recolhimento, tinha chegado à contemplação⁵⁶⁴. Começou a amar Teresa de Jesus *como Mestra*; e decerto, tinha entrado em relação com ela, com a familiaridade e comunhão próprias de quem partilha dos mesmos interesses.

O amor a Maria, expresso na devoção à Mãe de Jesus, tinha dado a Henrique a experiência de uma relação viva e próxima com os amigos de Deus, que já o contemplam face a face. Desde seminarista, elegera a Santa como protectora, porque a nomeia na lista dos seus Santos patronos, a seguir a S. José⁵⁶⁵, e dedica-lhe as segundas-feiras, todas as semanas.

Por um testemunho avalizado, em Henrique de Ossó, o amor aos Santos, enquanto pessoas concretas da Igreja triunfante, é um facto que, considerado, tanto psicológica como asceticamente, era "singularíssimo, pessoalíssimo e humaníssimo; indício claro de que constituíam um aspecto normal da sua afectividade interior e [o carinho para com eles] lhe brotava do espírito de fé"⁵⁶⁶.

Para Henrique, a protecção de um santo significava relacionar-se com ele, tratá-lo com a confiança de um amigo, e traduzir esse amor por obras. Implicava honrá-los, prestar-lhes culto, oferecer-lhes algo próprio, também do agrado do santo; portanto de tipo espiritual, como por exemplo, a preparação especial para receber a comunhão, ou um tempo de oração, ou dar a conhecer algum episódio da sua vida e virtudes, através de algum pensamento ou máxima, para que

teresiano de Henrique. Este texto foi substituído nas edições regulamentadas por uma observação do censor, Félix Sardá y Salvani, que o tinha julgado demasiado exaltado. Henrique mudou-o, ainda que, por amizade pessoal, lhe respondeu dizendo que mesmo assim ficara aquém, para expressar o que lhe parecia de Teresa de Jesus em relação à regeneração de Espanha. Textualmente: "*Pecar os espanhóis por excesso de espanholismo!!! Se terei sido eu o primeiro a falar de Santa Teresa? Venha V. mercê descansar por esta sua casa e falaremos*". Barcelona, 28 de agosto de 1872: *Cartas* (inéditas), cópia em AGSTJ.

⁵⁶³ RT, n. 38 (noviembre 1875), p. 35.

⁵⁶⁴ O testemunho escrito costuma ser posterior à experiência. Henrique, já em 1874, ao escrever *O Quarto de hora de oração*, aparece, não só como um estudioso de Teresa de Jesús, mas como conhecedor experimentado.

⁵⁶⁵ Cfr. ALTÉS Y ALABART, J. B., Pbro., *Don Enrique de Ossó y Cervelló*, p. 74. Trata-se do seu "Plano de Vida" de 1865, onde diz: "*Cada dia elegerei um Santo Patrono desse dia com a oração própria, e será: domingo, S. José; segunda, Santa Teresa; terças, S. Francisco de Sales; quarta, Santo Rei David; quinta, S. João Evangelista e S. Luis Gonzaga; sexta, S. Tomás de Aquino e Santa Catarina de Sena, e sábado, S. Bernardo*". (Não se conservam as orações).

⁵⁶⁶ PAT, Summarium, (IX Testis, E Proc. fol. 377), p. 495.

outras pessoas, conhecendo a excelência da sua santidade, se despertassem para essa devoção.

Assim o fazia com Jesus, com Maria, com José, com S. Francisco de Sales. Era uma forma de personalizar a devoção, de corresponder ao amor. Assim o fez, também, com Teresa de Jesus. Foi entusiasta e delicado nos seus obséquios.

1.3.2. “O amor é uma seta”

Desta relação familiar com Deus e com os santos, entendida como intercâmbio afectuoso, na qual Henrique implicou a fé, com todo o coração, se entende que interprete sempre as graças recebidas, como *experiências de gratidão*. Muito mais com Santa Teresa de Jesus, que era agradecida, *de condição*.

Mais tarde, com a certeza de ter experimentado a bondade de Deus, através da Santa, e movido pelo desejo de que muitos outros experimentassem *o mesmo processo* que ele vivera, começará a animar a todos a conhecerem Teresa de Jesus, para que, *conhecendo-a, a amem e, amando-a, a obsequiem* e, obsequiando-a, se disponham a receber dela grandes bens, porque lhes assegura, ela é de condição agradecida, e saberá pagar até...

"um suspiro, um erguer os olhos ao céu, por seu amor..."⁵⁶⁷.

No ano de 1873, convidando os leitores da *Revista*⁵⁶⁸ a obsequiar Teresa de Jesus, escreve:

"... àquele coração gigante, talvez o mais parecido com o de Jesus, depois da Mãe de Deus, era natural o agradecimento... Se não saboreaste os frutos do seu agradecimento, é decerto, porque não lhe fizeste nenhum obséquio. E, mesmo assim, se reflectires bem, antes de a conhecer e amar, ela, levada pelos impulsos do seu coração amoroso, concedeu-te bênçãos do céu"⁵⁶⁹.

A seguir, diz de si mesmo:

"De mim o posso assegurar: antes de conhecer e amar Teresa, experimentei as suas bondades... Sei, por consoladora experiência, que Teresa de Jesus é de condição muito agradecida. Quem isto escreve pode dar e dá testemunho disso, e Deus sabe que não mente"⁵⁷⁰.

Henrique testifica ter experimentado as bondades de Deus, pela mediação de Teresa de Jesus, como resposta *agradecida* aos obséquios do seu generoso coração. Iniciou assim o dinamismo recíproco do amor, tal como tinha sido explicado tão graficamente pela Santa com a imagem de uma *seta*⁵⁷¹. O amor, dirá, é como uma seta que, partindo da vontade, fere o amado e volta, enriquecida, para quem a lançou, para o cumular de imensos lucros.

O amor nasce do agradecimento. Henrique dirá que a Santa não só feriu⁵⁷², como *roubou o*

⁵⁶⁷ RT, n. 1 (outubro 1873), p. 26.

⁵⁶⁸ Sempre que dizemos "*la Revista*", referimo-nos à *Revista Santa Teresa de Jesús* ou *Revista Teresiana*.

⁵⁶⁹ RT, n. 1 (outubro 1873), pp. 26-27.

⁵⁷⁰ *Id.*

⁵⁷¹ SANTA TERESA DE JESÚS, *Conceptos del amor de Dios*, cap. 6, citado por Henrique em RT, n. 183 (diciembre 1887), p. 66-67.

⁵⁷² O tema do amor, entendido como *seta*, é muito rico em Henrique de Ossó. Ele interpreta o início do amor de Deus a Teresa de Jesús, dizendo que foi a Santa quem primeiro feriu o Senhor com os seus desejos de martírio. Cfr. RT, n. 183 (diciembre 1887), pp. 65-68. Em *Siete Moradas en el Corazón de Jesús*, EEO III, p. 429, volta a escrever a mesma definição, falando do amor ao Coração de Jesus: "*O amor... repara e pondera bem, o amor é como uma seta que, vibrada da vontade, fere fortemente o meu Coração e retorna do meu Coração ol teu com enorme proveito. Os actos de amor são estas*

seu coração. A história diz-nos que, antes desta experiência, foi Henrique quem enviou *setas* à Santa com a predileção que tinha por ela.

1.3.3. "Roubaste-me o coração"

Ao buscar a origem do teresianismo em Henrique, parece-nos encontrar a chave num testemunho pessoal em que ele retoma a sua experiência:

*"Santa Teresa de Jesus, Roubadora de corações! Eu não sei quando roubaste o meu, nem quando despontou a devoção e o carinho da minha alma para contigo: só sei que a tua GRACIOSA IMAGEM E a LEITURA DAS TUAS OBRAS... despertaram no meu peito um veemente amor por ti, e que logo que te conheci, te amei com paixão"*⁵⁷³.

Estas palavras, à primeira vista, parecem desmentir os apontamentos autobiográficos, onde Henrique referiu algumas mediações por onde tinha entrado no contacto com Santa Teresa de Jesus, desde a adolescência⁵⁷⁴. Ou tratava-se de um *conhecimento novo*? Por este testemunho e pelos restantes, no seu conjunto, pensamos que a *graciosa imagem* e a *leitura espiritual* são os dois filões por onde lhe foi comunicada a *graça teresiana*, inseparável da sua resposta apostólica.

1.3.4. "Converti-me com teus escritos..."

Em Setembro de 1873, com a intenção de mover os subscritores da *Revista*, a iniciarem-se na leitura dos escritos teresianos, Henrique relata o que parece ser a sua própria *conversão*, a partir da meditação de um fragmento da *Vida* de Santa Teresa de Jesus, onde a Santa narra uma vivência pessoal. É um artigo onde Henrique transforma o relato da sua experiência em exortação e *se oculta* na personagem principal. Trata-se de uma jovem de nome Inês. Dela refere que, graças à leitura de Santa Teresa, experimentou uma conversão radical.

*"Ah! Se soubesses... como eu, os tesouros de graça que Jesus encerrou na sua enamorada Esposa, e a generosidade com que a Santa os reparte com os que a amam!"*⁵⁷⁵.

Como a intenção do escritor é pedagógica, ao contar a *graça* recebida, busca persuadir a todos que conheçam Santa Teresa de Jesus.

Assegura que bastará ler as suas obras, *durante quinze dias ou, ao menos, uma semana* e amá-la-ão, e depois de a amar, experimentarão maravilhas como aconteceu com a Inês⁵⁷⁶:

"Vou referir-te..., leitor querido, a graça que Teresa de Jesus dispensou àquela jovem...Ouvia ler o artigo do coração de Teresa de Jesus e o de Jesus de Teresa, e ao ver retratada a ruindade do seu coração, que quase se achava contente a respi-

setas disparadas, e a alma absorta, embebida nessas feridas, sente-se toda desfalecer, engolfada no oceano do amor, e sente-se morrer por viver uma vida toda divina". Daí nascia a prática das *jaculatórias*. Cada uma é uma seta destinada a ferir a Deus. Recomendava fazer cada dia *"ao menos cinquenta... porque acendem e enternecem a alma"* (*Id.*, p. 431). Uma testemunha afirma de Henrique: *"As jaculatórias que mais frequentemente repetia foram sempre, mas especialmente nos últimos anos de vida, verdadeiros dardos de amor... Jesus meu e todas as minhas coisas ou amar-te ou morrer; quereria amar-te como Tu mesmo te amas. Dá-me o teu amor que isto me basta; que eu viva e morra, inflamado no vosso divino amor..."*. PAT, Summarius (II Testis, E. Proc. fol. 175), p. 24.

⁵⁷³ RT, n. 180(septiembre 1887), p. 356. Desde la soledad. A la Santa de mi corazón.

⁵⁷⁴ Cfr. AMS, EEO III, pp. 12-13.

⁵⁷⁵ RT, n. 12(septiembre 1873), p. 331.

⁵⁷⁶ Reproduzimos o artigo, pensando no seu valor autobiográfico.

rar o ar infectado do mundo, sem sentir falta das delícias puríssimas do espírito, exalando um profundo suspiro, exclamou: Ai dor! Esta miserável sou sou. Quando, minha Santa, o meu coração, à semelhança do teu, suspirará tão só pelas coisas celestiais! ...O seu coração comoveu-se sobremaneira e os seus olhos arrasaram-se de lágrimas, ao ouvir relato tão formosamente descrito pela Santa da transverberação do seu coração seráfico. Aquelas sublimes expressões com que nos pinta a enorme dor que lhe fazia soltar fortes queixumes..., deixando-a abrasada no amor de Deus; aquele requebro suave que passa entre a alma e Deus... que não se deseja que acabe; e, por fim, a súplica de que O FAÇA SABOREAR A QUEM PENSAR QUE ESTÁ A MENTIR, CONVERTERAM a distraída jovem, achando-se mudada, subitamente, no coração: amando o que aborrecia... e aborrecendo o que até ali tinha amado... Passou... aquela noite sem quase dormir e, no dia seguinte, mal se conhecia a si mesma, nem sabia explicar aquela mudança, obra da mão de Teresa de Jesus. Desde então não cessa... de se encomendar à agradecida Teresa e de apregoar os seus louvores e bondades. A vida cristã que leva, o mais exacto cumprimento dos seus deveres, a sua obediência aos superiores, a sua modéstia e o seu amor ao retiro e à oração são provas inequívocas da sinceridade da sua conversão. A leitura dos escritos... alenta-a, sustém-na e anima-a..., meio de que Deus se valeu para a sua conversão... Experimente-o quem não o crer, e verá por experiência que grande bem é encomendar-se a tão grande Santa e ter-lhe especial devoção ⁵⁷⁷.

Mesmo que o nosso desejo de conhecer Henrique nos impulse a querer saber mais, acerca dos pormenores da graça recebida, o relato é, já de si, muito eloquente. Consistiu em *escutar* a experiência teresiana, rever-se nela e deixar-se tocar, nas fibras do espírito.

Na narração, aprecia-se a chamada à perfeição, a exemplo de Santa Teresa de Jesus. O autor fala do coração de Teresa de Jesus e do próprio, opondo-os: o da Santa, um coração transverberado, cujo efeito é *não se contentar com menos do que Deus*; quanto a ele, é uma situação de "*quase satisfação*", sem se querer recordar das delícias oferecidas pelo espírito purificado... A seguir, uma expressão revela a forte tomada de consciência: "*Eu sou esse miserável*". A frase vai unida ao desejo de receber um coração novo: "*Quando, minha querida Santa, será o meu coração semelhante ao teu, a suspirar somente pelas coisas celestiais...?*" Este reconhecimento simples e verdadeiro, próprio do coração contrito e do espírito humilde, comove-o até às entranhas e os "*seus olhos arrasaram-se de lágrimas*"... A solução é uma súplica esperançada, formulada com a mesma petição da Santa: "*O Senhor mo dê a saborear*"; *não por pensar que mente*, mas porque "estou certo" de que o pode conceder... E o Senhor, em atenção à sua fé, deu-lhe um coração novo, um coração como o de Teresa de Jesus⁵⁷⁸. De tal modo, que ele começa a perceber-se diferente. A prova foi o seu crescimento na vida cristã e nas obras de zelo.

Através do relato da transverberação, pela luz do entendimento, recebe a experiência da *bondade* de Deus, e a força para viver conforme a esse dom, como o relata a sua personagem, Inês:

"Ao falar... do meio de que Deus se valeu, para a sua conversão, ouve-se exclamar, com os olhos rasos de lágrimas e o coração cheio de alegria: Que boa é santa Teresa de Jesus! Que boa é!"⁵⁷⁹.

⁵⁷⁷ O artigo está assinado por "C", uma das siglas empregues por Henrique fazendo alusão ao seu apelido materno. Está publicado em duas partes: *RT*, n. 12 (septiembre 1873), pp. 331 y 332, e o n. 1 (octubre 1873), p. 25.

⁵⁷⁸ A semelhança e comunhão do coração de Henrique com o de Santa Teresa será progressiva, porque... "*Quando o amor se apodera de um coração, obrigado pe las finezas recebidas do objecto amado, comuns são a ambos as penas, comuns as alegrias, e comuns também as honras e glórias a que algum deles é elevado*". *RT*, n.74(noviembre 1878), p. 38.

⁵⁷⁹ *RT*, n. 1(octubre 1873), p. 25.

1.3.5. "Enamorei-me ao ver teu coração..."

Além da experiência da *bondade*⁵⁸⁰ e misericórdia divinas, que transformaram o seu coração, saboreadas pela mediação de Santa Teresa de Jesus, Henrique experimentará algo da *beleza de Deus*, e o chamamento a um amor mais puro⁵⁸¹. Vive tudo isto, diante da *imagem do coração transverberado*, na ermida do Deserto⁵⁸².

Quando Henrique quer dar a conhecer aos seus leitores a ermida de Santa Teresa, em vez de descrever o lugar físico, coloca uma comparação: a ermida é como o lar cálido, que acolhe e oferece segurança ao viajante cansado, que chega fatigado e perturbado, depois de ter percorrido terras inimigas, e passado toda espécie de calamidades: incêndios, roubos, assassinatos ou prisões⁵⁸³. Quem puder imaginar o sentimento de *gratidão* desse viajante, não só por se encontrar a salvo, mas por se ver acompanhado, saberá o que significa, para Henrique, a ermida de Santa Teresa.

Na imagem do *viajante*, faz certamente alusão à quebrantada situação política e religiosa do país; no entanto, não só fala do lugar como refúgio, durante a guerra; a ermida é, sobretudo, "*a pomba no côncavo da rocha*", isto é, espaço propício para a elevação, onde o amor não permite perturbação e onde há paz, e as melhores condições para o encontro. A situação do viajante sugere que, na experiência, desde o primeiro momento, haverá combate e dor, como selo do amor.

Na ermida, interessa-lhe a *imagem* da Santa. Tal como a pinta nos seus escritos, transparece-nos algo do que percebeu através daquele quadro:

*"Nunca parastes a deleitar-vos na contemplação alegre, daquela passagem consoladora em que um Serafím alado... parte o coração da nossa Amada?... Pois é esse o quadro que se mostra à vossa vista assombrada, quando se corre a dupla porta e cortina..., depois de ter entrado na sua... ermida"*⁵⁸⁴.

*"Quão formosa és! Quão divina! Eis a expressão que se escapa, sem advertência, de todos os lábios de quantos a contemplam. Até os respeitáveis anciãos se extasiam à sua vista e, quando dela se afastam, depois de lhes ter roubado o coração, obrigam os a exclamar, com a candura de um adolescente apaixonado: "A Deus, Formosa"..."*⁵⁸⁵.

Vê-a e chama-lhe "*Formosa*", porque *endeusada e inflamada*..., e prolonga com o olhar e com as palavras a visão daquele quadro, pintando-o com os cantares dos Cânticos⁵⁸⁶:

"Que formosa és, amiga minha, amada minha, Teresa de Jesus, que formosa és! Ajoelhada aos pés de Jesus crucificado, apoiada sobre o reclinatório ou mesa de estudo e oração, abismada em êxtase..., as tuas mãos caídas pelo próprio peso, o teu coração, arrojando um Vesúvio de chamas..., o teu rosto reverberando formosura...: faces cor de fogo, lábios escarlates, fronte resplandecente, pela luz da

⁵⁸⁰ Assim intitula o artigo: "*Qué buena es Santa Teresa de Jesús!*".

⁵⁸¹ Provavelmente foram experiências simultâneas, ou uma só. Poderíamos dar-lhe o título: a leitura do relato da transverberação e a conversão à vista do quadro com a imagem da transverberação de Santa Teresa de Jesus no silêncio da ermida.

⁵⁸² Por não poder precisar datas, buscamos aproximar-nos. Os relatos publicados são de 1873; a mudança radical de Henrique de Ossó para com Santa Teresa é em 1872 e a estada no Deserto foi durante o mês de Julho desse ano.

⁵⁸³ RT, n. 23 (agosto 1874), p. 316. "*Un día memorable*".

⁵⁸⁴ *Id.* p. 311, "*¡Cuán hermosa eres, amada mía!*"

⁵⁸⁵ *Id.*, pp. 311-312.

⁵⁸⁶ *Cantar de los cantares*.

*glória, os olhos erguidos..., fixos no Amado da tua alma...; auréola de glória e raios..., enviados pelo Espírito do Senhor, por entre um céu de Anjos...⁵⁸⁷.
"Quão formosa és, amiga minha, amada minha! Quão formosa és! Quanto mais te olho, mais beleza em ti descobro!... Que bom estarmos aqui...!"⁵⁸⁸.*

Descobria as grandezas de amor e graça com que Deus colmatou a Santa. Essa sublimidade "com todos os seus encantos" e em todas as suas criaturas... Como se a *visão* da Santa transverberada imprimisse, no seu ser, a Beleza, já que o efeito foi que, a partir dessa experiência, nada, *fora do amor de Deus*, lhe parecia belo ou admirável. Ou, dito de outra forma: a partir daquele momento, em toda a beleza e muito especialmente na natureza, encontrava Teresa de Jesus:

"Por toda a parte onde ponha os olhos, ali a vejo. Se olho os vales, ali a vejo retratada. Se olho os montes, ali está representada. Se observo as flores, ali está encarnada. Se os mares, ali fotografada. Se as flores, ali esculpida. E se a terra inteira, ali gravada"⁵⁸⁹.

Explica-se:

"Isto é, onde vejo Jesus e Maria, ali vejo Teresa. E como Jesus, enquanto Deus, está em toda a parte, em toda a parte vejo a sua amada e querida Teresa"⁵⁹⁰.

À vista da Transverberação já se não sentia dono de si, pois confessava que lhe *tinha roubado o coração*. Era a experiência de sentir, submetidos *a um só*, todos os seus afectos. Experimentar todas as forças do coração em harmonia, sob o império da caridade.

Por isso, ele, por seu turno, desejava "roubar" aquele quadro ou, ao menos, trazer ante ele os jovens, com a esperança de que lhes sucedesse o mesmo:

"Quanto daria para ter aqui, na presença deste quadro... os... jovens apaixonados, para que se apaixonassem, através dos aspectos sensíveis!... Creio, fundamentalmente, que o exemplo deste incêndio de amor divino, mitigaria não pouco, e talvez extinguisse, por completo, as chamas do amor profano ou sensual, que arde nas suas entranhas..."⁵⁹¹.

1.3.6. O coração dilata-se

Encontramos grande valor autobiográfico nos artigos comentados: "*Quão formosa és, Amada minha!*"⁵⁹², e "*Quão boa é Santa Teresa de Jesus!*"⁵⁹³. É possível que façam parte da mesma experiência, que designámos por *graça teresiana*. Entendemo-la como o processo que abrange a conversão, chamamento, identificação e a resposta de Henrique de Ossó ao teresianismo; explicitamente, a conversão à perfeição, pela mediação de Santa Teresa de Jesus⁵⁹⁴, através da interpretação e vivência da transverberação. É a identificação com o espírito da Santa, convertendo

⁵⁸⁷ RT, n. 23(agosto 1874), p. 312.

⁵⁸⁸ *Id.*, pp. 312-313.

⁵⁸⁹ RT, n. 38(noviembre 1875), p. 35.

⁵⁹⁰ *Id.*

⁵⁹¹ *Id.*, p. 312.

⁵⁹² *Id.*, p. 312.

⁵⁹³ RT, n. 12(septiembre 1873), p. 331[1a. parte] y, n. 13(octubre 1873), p. 25[2a. parte].

⁵⁹⁴ É o chamamento universal à plenitude da consagração baptismal.

a própria Santa, na resposta apostólica que ele via necessária para o seu tempo.

É uma graça onde está presente o amor à humanidade. Quando a narra, fá-lo pensando na sociedade e, como é seu costume, desemboca na oração⁵⁹⁵:

*"Porquê, oh Jesus da minha alma, não revelas a todos os cristãos os tesouros de amor e graça que derramaste na tua agraciada esposa Teresa? Olha, bem meu, que os corações não podem viver sem amar. Multiplica, pois, o conhecimento e devoção a Teresa de Jesus... para que todos... amem a virtude e a piedade com as suas graças, o amor de Deus com os seus encantos, em todas as criaturas"*⁵⁹⁶.

Acreditamos que a graça teresiana não lhe foi dada de uma vez por todas, mas que o coração de Henrique se foi intensificando e dilatando, porque encontramos testemunhos seus de outros encontros na ermida. A visão⁵⁹⁷ da imagem tinha significado para ele uma presença; a sua contemplação evocava a força de um amor purificado, virginal, correspondido por Deus.

*"O que fez sentir no nosso coração [recordar] o modo como foi desposada com Jesus a seráfica Virgem, transverberado o seu coração... diante do quadro mais belo que jamais admirámos..."*⁵⁹⁸. *"Passo... a contemplar a sua arrebatadora imagem e digo-lhe mil galanteios... suporta-me tudo... porque é o amor que fala"*⁵⁹⁹.

Convidava-o a orar e suplicar:

*"Pedi ser ferido, abrasado em chamas vivas do amor divino, que sejam bastantes para abrasar o mundo, no amor de Jesus e sua Teresa"*⁶⁰⁰.

É uma graça que deseja comunicar. Em outras ocasiões, desloca-se ao Deserto na companhia dos amigos, que costumava convidar, com a intenção de que também gozassem de Deus e estivessem com Santa Teresa de Jesus, nesse lugar de expansão para o espírito. Em 1879, escrevendo a outra pessoa amiga⁶⁰¹, relata a experiência ocorrida diante do quadro⁶⁰²:

"...vinha de visitar a ermida de Santa Teresa; mas ainda não lhe disse o que ali senti o meu coração. Mas, existirão palavras que saibam traduzir os mais profundos e delicados sentimentos da alma?"

À vista daquela encantadora imagem de Teresa, que se vê a desfalecer de divino amor, quando um Serafim lhe atravessa o coração com um dardo..., o meu peito sentiu-se estremecer, deliciosamente, no mais íntimo recôndito. Centrou-se em si mesmo o meu pensamento, e pareceu-me que um raio escapado do coração chagado de Teresa veio iluminar as sombras de meu passado, do meu presente e do meu futuro. Depois, senti necessidade de me rodear de vós, oh corações a quem amo! E vendo como entre outros se encontrava o Vosso, minha querida Madre, sentia melhor o significado destas palavras: Quão doce coisa é amar-nos sob a influência do Coração de Teresa!

Aos meus excelentes e teresianos amigos, contemplava-os eu com inveja, pelas

⁵⁹⁵ Observe-se a qualidade de trato com Jesus nesta oração.

⁵⁹⁶ RT, n. 23(agosto 1874), p. 312. *"¡Cuán Hermosa eres, Amada mía!"*.

⁵⁹⁷ O relato de Inês parece referir-se a uma graça intelectual, palavras ouvidas no coração e a experiência da imagem da ermida sugere que esta graça foi recebida através de uma visão.

⁵⁹⁸ RT, n. 23(agosto 1874), p. 318.

⁵⁹⁹ *Id.*, p. 59.

⁶⁰⁰ RT, n. 23(agosto 1874), p. 319.

⁶⁰¹ A destinatária é a Madre Teresa de Jesus, priora de Alba de Tormes, com quem Henrique tinha travado amizade, pelas suas visitas ao berço e sepulcro de Santa Teresa. Cfr. RT, n. 57(junio 1877), p. 252.

⁶⁰² Trata-se de uma *intencional* revelação dos sentimentos espirituais de Henrique, coisa pouco frequente nele. Dá-se no contexto de uma carta chamada *"íntima"*, embora esteja publicada em RT n. 84(septiembre 1879), p. 363.

emoções profundas de piedade e terníssimo amor, que não podiam ocultar...Que bom e doce é Jesus de Teresa!"⁶⁰³.

Com a Madre Teresa de Jesus, prioresa de Alba de Tormes, sente-se capaz de partilhar a intimidade vivida, nos seus encontros com a Santa⁶⁰⁴. Neste caso, diz ter sentido, com deleite, uma luz, mediante a qual recebeu uma compreensão nova e totalizante da sua vida; refere-o com palavras, que exprimem o que sentiu ao dilatar-se-lhe o coração, feito para a amizade, sob a influência de Santa Teresa. É também notório que, nessa ocasião, Henrique não estava sozinho, mas rodeado de amigos, a partilhar com eles. A expressão final, "*JESUS DE TERESA*", denota o carácter cristocêntrico, presente em todas as suas experiências teresianas.

1.4. "Amor para que nasçam obras"

Depois de situar a experiência da graça teresiana, no verão de 1872, Henrique desenvolverá uma série de acções, em cascata,⁶⁰⁵ com o fio condutor da transverberação. Todas elas, como se fossem apenas um acto, pelo qual celebra a entrega do *seu coração* e a de muitos "*CORAÇÕES*", a quem o incendiou com o seu fogo.

O primeiro fruto da graça é a *Revista Santa Teresa* de incalculável valor para difundir o seu espírito, a que nos vimos referindo. Observemos as datas indicadoras dos começos. A solicitação da licença ao seu Bispo para o lançamento, tem a data de *22 de Setembro, no Deserto das Palmas*. A resposta é de 6 de Outubro e, ainda no mês da Santa, aparece já o primeiro número, como obséquio para o dia da sua festa. Tanto a apresentação da *Revista* por Henrique ao Bispo, como a resposta do prelado e a notícia ao público, para dar a conhecer a identidade da futura publicação, são documentos preciosos, que confirmam quanto dissemos sobre o seu teresianismo.

Uma testemunha da época atesta o valor pastoral dessa obra: "O apostolado teresiano, característico do Servo de Deus, inaugurou-se de facto, esplêndida e organizadamente, com a aprovação da revista *Santa Teresa de Jesus*. Nela, logo desde o princípio, deixa ver o seu firme propósito de se consagrar, de modo muito especial, a propagar os escritos e a devoção a Santa Teresa de Jesus; pelo que os frutos admiráveis desta propaganda foram um movimento popular de amor à Santa, como jamais se tinha visto, em Espanha, após a sua canonização"⁶⁰⁶.

1.4.1. Poucas palavras e muitas obras

No ano seguinte, 1873, o obséquio de Henrique à Santa, no dia da Transverberação, será o chamamento às jovens católicas de Tortosa, para formarem a *Associação* teresiana. Este acontecimento também é fruto da graça, porque foi preparado por ele, com muita antecedência,

⁶⁰³ RT, n. 84(septiembre 1879), p. 363. "*Cartas íntimas*".

⁶⁰⁴ Com o título "*Cartas íntimas*", aparecem oito artigos ao longo de toda a revista: RT, n. 57(junio 1877), pp. 252-255; n. 58(julio 1877), pp. 282-285; n. 62(noviembre 1877), pp. 46-52; n. 65(febrero 1878), pp. 147-152; n. 71(agosto 1878), pp. 319-320; n. 74(noviembre 1878), pp. 41-45; n. 84(septiembre 1879), pp. 360-363. Na primeira delas, Henrique diz: "*Junto do sepulcro de sua santa Madre Teresa de Jesus e à sombra do seu Coração seráfico, quis o Senhor fortificar o meu pobre e frágil coração com vínculos de amizade, cujo valor e excelência não podem ser-me desconhecidos*".

⁶⁰⁵ Ver em *MO*, o *Guião cronobiográfico de Don Enrique de Ossó*, de MARÍA ECHEVERRÍA, s.t.j., las actividades y obras realizadas por Enrique de Ossó a partir del verano de 1872.

⁶⁰⁶ *PIB*, Summarium (I Testis, E proc. Ad art. 63), p. 214.

amadurecendo-o na oração e silêncio.

A confirmação está em que, no mês de Dezembro de 1872⁶⁰⁷, aparece já na *Revista*, na secção das petições, entre a lista das "graças", a súplica pela "*Associação das jovens católicas sob a protecção de Maria Imaculada e Teresa de Jesus*". Nos meses seguintes, não volta a mencionar-se qualquer outra palavra referente à Associação. Nomeia-se, ao publicar a convocatória das jovens, no mês de Agosto, e depois, faz-se uma resenha da sua instalação, com todos as honras, precisamente em Outubro, como *obséquio* pela festa da Santa.

Quanto à reserva de Henrique, até que a obra fosse um facto, é singular a queixa colocada por ele mesmo, na boca do Solitário e publicada, em Janeiro de 1874, sem dúvida, com finalidade pedagógica:

*"Se não fosse por estar de parabéns e agradecer, ralharia com o fundador de tão transcendente Associação; eu, que julgava estar honrado por conhecer os seus segredos... não me apercebi de nada, até que foi feita a obra. Embora vá entendendo a razão. A minha Mãe Teresa de Jesus revelou-me o segredo desse procedimento..., quando nos ensina que, nas coisas de Deus, convém poucas palavras e muitas obras"*⁶⁰⁸.

Ao pôr por escrito a organização da Associação teresiana, Henrique vai *formulando a sua espiritualidade*:

*"Penetrar-vos, pois, do espírito da vossa humilde Associação, que não é outro senão o espírito de oração, de zelo pelos interesses de Jesus, de amor; numa palavra, o espírito apostólico da vossa grande padroeira, Teresa de Jesus"*⁶⁰⁹.

As obras que Henrique promove seguem a dinâmica de um círculo amoroso: nascem de uma inspiração obtida pela mediação de Santa Teresa; inspiração essa que é confiada a Deus, na oração, para ser amadurecida no coração e no silêncio. Discerne, numa atitude de desprendimento. Uma vez tomada a decisão, leva-as a cabo, com entusiasmo e esperança, vencendo, com fortaleza e sem desânimo, as dificuldades que vão surgindo. As obras são enaltecidas e celebradas, procurando honrar Santa Teresa.

1.4.2. "Obras como dívida de gratidão"

O apostolado de Henrique também pode interpretar-se como *comunicação de bens* e como *agradecimento*. Na verdade, o bem é expansivo, e ele pretende que todas as pessoas, de qualquer classe e condição, se convertam; comunica as suas vivências, levando muitos a conhecerem Jesus Cristo, por meio de Teresa de Jesus. A sua missão transformou-se em dá-la a conhecer. Por outro lado, as suas acções apostólicas nascem do agradecimento pelas graças recebidas. Apresenta-as também como *obséquios*, por meio dos quais quer corresponder a Deus, por tudo quanto lhe concedeu, através da Santa, como no caso da Arquiconfraria.

As obras são chamadas *de zelo*, porque todas se encaminham para a *salvação das almas*. Esta é uma forma de amar o próximo e, ao mesmo tempo, agradecer à Santa. Henrique inspira-se num simples raciocínio. Quando pensa no que deverá fazer para agradar à Santa, ciente de que ela

⁶⁰⁷ RT, n. 3(diciembre 1872), p. 84.

⁶⁰⁸ RT, n. 16(enero 1874), p. 102."Desde la soledad".

⁶⁰⁹ Id.

teria dado *mil vidas para salvar uma só alma*, está certo de que conservará a mesma *afeição* e, por conseguinte, considerará como o melhor obséquo, que se procure esse amor ao próximo traduzido em obras pela sua salvação.

Por estes motivos, empenha-se no que chamará *ganhar corações* para que, amando Santa Teresa, ela os conduza a Jesus Cristo. No seu trabalho apostólico, Teresa é o *chamariz*⁶¹⁰ para os atrair.

*"Roubaste-me o coração, sem dívida para o oferecer como dádiva, conquistada ao teu fino amante Jesus e à tua querida Mãe a Virgem Santíssima!... Tenho contigo uma dívida de gratidão... Que oferenda apresentarei que vos seja agradável? Já sei, corações para os apresentar a Jesus e Maria...; perdoa... se o primeiro coração que te vou apresentar é o meu..."*⁶¹¹.

1.5. "A maior honra de Teresa de Jesus"

Em 1874, Henrique de Ossó vai ao Deserto, no verão, para festejar a Santa. Apesar das dificuldades do momento político e religioso, organiza, a 15 de Julho, uma celebração sem precedentes no lugar⁶¹². Baste saber que conseguiu fazer subir um pesado harmónio, num dia de chuva até à ermida, para que a Santa tivesse, ali, missa cantada.

Nesse mesmo ano de 1874, Henrique, ao comemorar a transverberação, não se contenta com a contemplação da imagem do coração de Teresa de Jesus, no Deserto. Quer ir venerá-lo pessoalmente a Alba e oferecer-lhe o seu⁶¹³. Simultaneamente, preparou setecentas jovens associadas, de Tortosa, para que consagrem o coração a Teresa de Jesus, no dia da festa, e organizou com elas uma solene celebração. Tanto a viagem teresiana que realiza, por conta própria, como a cerimónia, são acontecimentos que merecem atenção.

1.5.1. "Irei venerar o coração da minha Amada"

O motivo da viagem a Ávila e a Alba era unicamente:

*"venerar o coração da minha Amada... ver com os nossos olhos e palpar com as nossas mãos tão raro prodígio"*⁶¹⁴.

Confessa que só *"uma vontade de ferro"* lhe pôde dar forças, para levar a cabo viagem de tal envergadura. No primeiro dia de Outubro, sai de Madrid, com vontade de estar três dias em Ávila; teve, porém, que modificar os planos, devido à finalidade da viagem

⁶¹⁰ "Añagaza".

⁶¹¹ RT, n. 38(noviembre 1875), pp. 34-37.

⁶¹² A crónica está publicada com o título *"Un día memorable"*, RT, n. 16(enero 1874), p. 102.

⁶¹³ Ainda que os biógrafos afirmem que a primeira viagem de Henrique ao berço e sepulcro da Santa foi em 1875, os artigos intitulados *"Una visita al corazón de Santa Teresa de Jesús"*, dizem-nos que ele esteve em 1874. Foi com o único desejo de oferecer o seu coração à Santa e deixá-lo junto ao dela.

⁶¹⁴ Esta viagem é narrada na *Revista* em duas partes com o título: *"Una visita al corazón de Santa Teresa de Jesús"*. A primeira aparece no n. 30(marzo 1875), pp. 174-177, e a segunda no mês seguinte: n. 31(abril 1875), pp. 203-205. Assina "X", certamente pelo carácter autobiográfico. Introduce o texto dizendo que se trata da publicação da carta de um cavalheiro, entusiasta devoto da Santa, recebida por meio das carmelitas de Zaragoza. Ao terminar a primeira parte da resenha desculpa-se por não a completar com esta frase: *"para que tudo seja uma carta não assino hoje, pois terminou-se o papel"*. Na segunda parte, finaliza com uma oração como as do costume, sem a menor alusão aos supostos destinatários. A linguagem está cheia de expressões que lhe são próprias.

"Como todo o meu desejo era venerar o coração...às três da madrugada do dia dois, saí de Ávila..."

...rumo a Alba de Tormes. Chegado ali, encontrou a igreja fechada, facto que contribuiu para aumentar, ainda mais, o seu desejo e para se preparar, para a visita do dia seguinte com confissão e comunhão. No dia seguinte, chegou no preciso momento em que se abria a igreja. Conta que, primeiro, esteve ante o sepulcro e venerou a relíquia do braço da Santa, esperando, impaciente que abrissem para poder ver o coração. Chegado o momento, era tanto o desejo, que, diz com graça: *"Quis ver tanto, que nada vi."* Apesar disto, nota-se que observou detidamente o tamanho, a forma e cor do coração. Reparou na existência de uns espinhos de que tivera notícia e, para ele, de muito significado. Seguidamente, submergiu-se na vivência da fé:

"Nada mais quis ver: entreguei a tão santo Coração o coração de todos Vós com o meu".

Absorto, admirava a grandeza de Deus nos seus santos. A comprovação do tamanho da ferida corroborava o milagre de amor que tinha compreendido, ao contemplar o quadro da Transverberação; *significava a graça de viver morrendo, para amar à medida de Deus.* Diante do Coração, passou a manhã e a tarde, sem sentir as horas. Experimentou, em todo o ser, a necessidade de expressar o amor que experimentava, fê-lo assim:

"Considerando-me sozinho, entreguei-me à expansão dos mais ternos afectos de que é capaz a minha pobre alma, dedicando-os a santa Teresa de Jesus. Encaminhei-me para junto do túmulo...estendi-me por terra...; tudo me parecia nada, pois o meu delírio estava no seu santo coração. Assim, pois, prostrei-me diante da porta... [e] peguei no meu coração, com toda a força que pude..., e entreguei-lho... e também os Vossos, com todas as expressões de amor e carinho que podia...; nada me teria importado morrer, se santa Teresa me tivesse arrancado o coração"⁶¹⁵.

No dia seguinte, antes de partir, quis despedir-se, mas a igreja estava ainda fechada, então...

"Ajoelhei-me, na rua, a despedir-me de santa Teresa...; mas, embora me separasse, corporalmente, do coração... a Santa não se separou de mim, pois com só recordá-la ou falar dela, o coração salta-me, de amor. Ela no-lo conserve e aumente até vê-la no céu"⁶¹⁶.

A Santa deu a Henrique o seu coração no Deserto, ele quis ir a Alba para lhe entregar o dele; era uma *dívida de gratidão*, que nos foi relatada do modo mais expressivo. Na proximidade física, buscava significar o desejo de que o seu coração se fizesse semelhante ao de Santa Teresa, porque sabia bem que as pessoas se transformam naquilo que amam⁶¹⁷, e Teresa era aquela a quem...

"basta com o seu Jesus, para mover o coração, de modo agradável, para tudo o que é grandioso e perfeito"⁶¹⁸.

1.5.2. Todos cabem no coração de Santa Teresa

Notemos, porém, que, mesmo nos momentos de maior comunicação e intimidade com Jesus ou com a Santa, Henrique de Ossó nunca está sozinho. Na sua oração, sempre estão "todos". Às vezes assomam os rostos dos leitores da Revista, outras vezes o das crianças, ou das jovens da

⁶¹⁵ RT, n. 31(abril 1875), p. 204. *"Una visita al corazón de Santa Teresa"*.

⁶¹⁶ *Id.*

⁶¹⁷ RT, n. 95(agosto 1880), p. 282; n. 167(agosto 1886), p. 326.

⁶¹⁸ "A Santa do nosso coração", expressão que adoptará repetidas vezes, tomada de Fr. Fernando Blanco, Obispo de Ávila. Veja-se em RT, n. 42(marzo 1876), pp. 158-159.

Associação, ou de todo o povo espanhol, e mesmo a humanidade inteira. São *todos*, e ao mesmo tempo, pessoas muito concretas. Em cada um, vê a pessoa redimida por Jesus, com a possibilidade de viver conforme uma altíssima dignidade, e daí, sente uma grande proximidade e liberdade para exprimir o seu afecto entranhável, e o seu zelo. É o afecto de um coração sacerdotal que, pensando nos outros, põe os seus nomes na patena, ora por eles, oferece-os e trabalha, de modo incansável, para que sejam consagrados a Deus por Jesus, Maria, José e Teresa de Jesus.

1.5.3. Dar-lhe muitos corações

Em 1874, depois de se ter oferecido, junto do coração de Teresa de Jesus, procurou que as jovens da Associação pudessem fazer o mesmo. E, para isso, as preparou. Na Novena, celebrada em Tortosa, em honra da Santa, promoveu a consagração das jovens da Associação, num acto cheio de simbolismo⁶¹⁹. Mandou lavar um coração de prata, do exacto tamanho e proporção do da Santa. Preparou as jovens, entusiasmando-as a levar, como Teresa de Jesus, uma vida de perfeição⁶²⁰. Sugeriu-lhes que escrevessem o nome, acompanhado de súplicas e oferecimentos, e que os colocassem dentro do relicário de prata. Organizou um concurso de dedicatórias, para as unir ao oferecimento⁶²¹.

No último dia da novena, celebrada com todo o povo, fez que o entregassem a Deus, pela mediação de Santa Teresa, na presença do Bispo, num solene acto de consagração. Rodeou toda a cerimónia do máximo esplendor que pôde, convencido de que, assim, deveria ser honrada Teresa de Jesus⁶²². A sobrecarga de detalhes, própria do barroco, era valorizada como *protesto de fé*, no meio de uma sociedade que se envergonhava das manifestações públicas⁶²³ da Igreja. O coração de prata tinha o significado de "*habitar*", no Coração de Teresa de Jesus; e levar "*escritos*" os nomes das jovens, era expressão do desejo e compromisso de uma vida cristã, capaz de arder no amor de Jesus Cristo⁶²⁴. Assim, naquele dia, Henrique o expressou, na oração final:

*"Roubadora de corações... tu, que roubaste o nosso, não no-lo devolvas até que seja semelhante, igual ao teu: com a chaga de amor divino, com espinhos que nos desapeguem das coisas criadas, com a chama de amor celestial, que inflame o mundo no amor de Jesus e da sua Teresa para sempre"*⁶²⁵.

Aquele acto culminaria, no ano seguinte 1875, quando Henrique, noutra viagem teresiana,

⁶¹⁹ "*Consagração dos corações*" das Filhas de Maria Imaculada e Teresa de Jesus à sua excelsa Madre, a seráfica Doctora, no último dia da Novena, 18 de Outubro de 1874, na cidade de Tortosa. Em *RT*, n. 26(nov. 1874), pp. 42-46.

⁶²⁰ Vejamos este testemunho: "Observei no Servo de Deus o dom extraordinário, e de grande eficácia, de exercer uma atracção que, em certos casos, notei ser irresistível, para levar as almas a vivos desejos de perfeição. E sobretudo, posso assegurar que quando dava os exercícios espirituais, deixava tão profunda marca nos espíritos que, estou certo, ao calor da sua apostólica palavra, se deviam muitas vocações religiosas". *PIB*, Summarius (XI Testis, E proc. Ad. 27), p. 338.

⁶²¹ *Id.*, p. 44.

⁶²² "*Como a honra de Teresa é a mesma de Jesus, e honrando Teresa, isto é, trabalhando por fazê-la conhecer e amar, cremos dilatar a honra e glória de Jesus, Filho de Deus, não perdoamos nem perdoaremos sacrifício algum, enquanto o favor do céu não nos faltar, para fazer que Teresa de Jesus seja honrada por todos os espanhóis e por toda a cristandade*". *Em ¡Todo por Jesús de Teresa y por Teresa de Jesús!*" *RT*, n. 12(septiembre 1873), p. 311.

⁶²³ Veja-se a resenha das festas do ano anterior da Revista em n. 14(noviembre 1873), pp. 44-52. "*Tortosa obsequiando a Santa Teresa de Jesús*".

⁶²⁴ Com factos se mostra essa correspondência entre graça recebida pela oração e resposta apostólica. As peregrinações organizadas ao sepulcro de Santa Teresa, os preparativos do centenário, em 1882, são acções do mesmo género. Aparece nelas um ar *combativo* de luta pela fé. A estratégia é mostrar com a beleza da virtude, a falsidade do vício. A intenção é que o inimigo não ganhe terreno "por negligência dos bons".

⁶²⁵ *RT*, n. 26(noviembre 1874), p. 46. "*Consagración de los corazones...*".

se apresenta, em Alba, acompanhado do amigo Juan B. Altés, levando o coração de prata, para o colocar junto ao da Santa. A promessa de *lhe conquistar corações*, sem deixar passar nenhuma ocasião, começava a cumprir-se; com efeito, aproveitando a viagem, deixou instalada a Associação, em Ávila, precisamente na igreja de S. José⁶²⁶.

1.6. Amor a toda prova

Fazer que todos conhecessem e amassem Santa Teresa de Jesus, passou a ser o eixo dos seus empreendimentos. Para isto, declara-se *o primeiro*, nos desejos e no amor.

*"Que havemos de fazer...? Que tendes de fazer, perguntais-me...! Mas então! Não vo-lo diz já o coração? Não escutais, no segredo... da vossa alma, uma voz... que vos inspira grandes projectos, resoluções heróicas, propósitos santos, obras gloriosas, em obséquio da grande Enamorada de Jesus? Porventura o coração não é o melhor conselheiro...? Ah! Amai a Teresa de Jesus, como o merece; amai-a com paixão, até ao delírio, e este apaixonado, amoroso amor... vos ditará o que deveis fazer... Ouve-a, e não resistas às inspirações da graça"*⁶²⁷.

Henrique encontrava sempre formas engenhosas, para fazer amar Santa Teresa de Jesus e, também, dificuldades e contradições que suportava com bom humor, por carinho para com a Santa:

*"Quantas coisas vergonhosas têm de ouvir os meus ouvidos, ao fazer propaganda Teresiana! Uns chamam-me impertinente, outros maçador; há quem me chame beato, perturbador de consciências, e outras lindezas piores, impróprias para que a modéstia cristã as repita... e a todas estas coisas, que dizer?... Já só repito: Valha-me Santa Teresa de Jesus!... se conhecêsseis o dom de Deus, os tesouros de bênção e graças que Jesus encerrou na devoção da sua amada Teresa, como vos enamorariéis dela, e vos queixariéis, sentidamente, do vosso coração, porque é demasiado pequeno, para a amar como merece..."*⁶²⁸.

Longe de desanimar, é capaz de desafiar, apaixonadamente, os seus opositores:

*"Se Vós, minha Mãe querida, santa Teresa de Jesus, estais comigo, quem contra mim?"*⁶²⁹. *"Digo-o por amor... e por gratidão; não o posso ocultar nem calar... Digo-o com verdade... gritaria, empenhadamente, e chegar-me-ia aos ouvidos dessa multidão de corações metalizados, orgulhosos e vacilantes, que tão ufanos se passeiam pela nossa desgraçada terra, e lhes diria:"*⁶³⁰ *Amai Teresa de Jesus! Dirigir-me-ia a essa falange de falsos irmãos, que ofuscados, resistem, indirectamente, à autoridade da Igreja... dir-lhes-ia: Amai Teresa de Jesus! E, se isto fizessem...Que rápido cessaria essa guerra cruel que, pública ou hipocritamente, o inferno levantou contra a Esposa do Cordeiro"*⁶³¹.

1.6.1. O amor só descansa na união

⁶²⁶ Veja-se o artigo de Henrique: "*¡Viva Santa Teresa de Jesús! Alba de Tormes, en el día de la Transverberación del corazón de santa Teresa de Jesús de 1875*". RT, n. 36(septiembre 1875), pp. 358-361. As suas impressões pessoais em "*Morreremos já gozosos!*", no mesmo número, pp. 356-357.

⁶²⁷ "Preparai-vos, amantes de Teresa de Jesus", RT, n. 12(septiembre 1873), p. 320.

⁶²⁸ RT, n. 26(nov. 1874), p. 58.

⁶²⁹ RT, n. 45(junio 1876), p. 255.

⁶³⁰ "Afogar o mal com a abundância do bem" era uma das suas máximas.

⁶³¹ RT, n. 38(noviembre 1875), p. 36.

Reconhece o seu apostolado teresiano como um envio; vê nele uma força transformadora, capaz de o ir assemelhando à Santa, comparável a um desposório:

*"Tendo-nos escolhido sua Divina Majestade, para fazer amar a sua querida esposa Teresa de Jesus, quer que gravemos, nos corações de seus devotos, as afeições e perfeições desta alma excepcionalmente bela; e empreendê-lo com grande complacência, assim, para cumprir a vontade expressa do Senhor Jesus, que quer que seja conhecida e honrada a sua amada esposa Teresa, por todo o mundo; esperamos que, ao gravá-la na alma dos outros, talvez a nossa, fique santamente enamorada; e estamos certos de que, se Jesus de Teresa chega a ver-nos, vivamente prendados com as afeições puras da sua Teresa, no-la dará em eterno desposório"*⁶³².

2. O CORAÇÃO DE SANTA TERESA

A *transverberação* de Santa Teresa de Jesus será, para Henrique de Ossó, fonte de inspiração para o caminho de santidade⁶³³. Como vimos, é a *mística* que acompanha as obras teresianas, empreendidas por Henrique, a partir de 1872⁶³⁴. Ele pedirá para si e para todos, uma vida conforme ao que entendeu sobre o coração transverberado e, à volta deste centro, desenvolverá uma teologia espiritual, que se identifica com a devoção a Jesus, ao seu Coração. No coração transverberado de Teresa de Jesus, encontra uma expressão *espanholada*, e portanto mais acessível à devoção por excelência do século XIX, que é ao Coração de Jesus. A semelhança, até física, entre o coração de Teresa e o de Jesus Cristo é o fundamento no qual apoia o apostolado da devoção ao coração de Santa Teresa de Jesus⁶³⁵. Por esta semelhança, proporá um caminho formativo, de imitação.

⁶³² RT, n. 42(marzo 1876), pp. 161-163. "Aficiones de Santa Teresa de Jesús" - I.

⁶³³ O tema dessa *identificação* entre Henrique de Ossó e Teresa de Jesus, exigiria um seguimento dos acontecimentos que Henrique vai vivendo *em paralelo* com o que vai "lendo" de Teresa de Jesus. Intuímos que se dá uma correspondência entre as experiências de Teresa de Jesus percebidas por Henrique e as graças que recebe pessoalmente por sua mediação. Os relatos das experiências apostólicas de Henrique, antes, foram desejos expressos como graças que pede na oração. E ao mesmo tempo, o que contempla admirado, em Teresa de Jesus, depois será contado como experiência pessoal. Em RT, n. 93(junio 1880), p. 224, Henrique, para exemplificar o combate que tem que travar em alguns momentos da vida, refere com as próprias palavras, a experiência de Teresa de Jesús, narrada por ela em V. 39,17. Explica que essa sensação de solidão e perseguição da que fala a Santa é comum a toda a pessoa que queira fazer de Deus o seu descanso. Quatro anos depois, em RT, n. 143(agosto 1884), p. 299, descreverá uma experiência de todo simbólica, mas na primeira pessoa, fazendo referência à mesma passagem de V. 39,17. Os subtítulos do artigo são sugestivos: *a visão e a palavra do coração*. Por este relato, de todo enigmático, nos parece que está a refirir uma experiência de purificação, onde se realiza nele o que tantos anos antes pediu: *viver com o coração feito uma fogueira, morrendo e vivendo de amor*, fruto da entrega do coração ("*Quando o coração lhe dei...*").

⁶³⁴ Henrique continuará a aprofundar na Santa e falará da *Mulher forte*. Em torno a ela criará uma imagem de todo original A *Nova Débora*. Posteriormente desenvolverá outros aspectos sob: *O Serafim do Carmelo*.

⁶³⁵ Com o título "*O Coração de Teresa de Jesús e o de Jesus de Teresa*" há uma série de artigos: RT, n. 11(agosto 1873), pp. 284-288; n. 12(septiembre 1873), pp. 325-327; n. 13(octubre 1873), pp. 13-15; n. 14(noviembre 1873), pp. 43-44. Todos estão dedicados a mostrar a semelhança física e verificar com documentos a presença dos espinhos no coração incorrupto de Santa Teresa, conservado em Alba. Outros que também tratam da *semelhança* de ambos os corações encontram-se em RT. n. 92(mayo 1880), pp. 199-201; n. 95(agosto 1880), pp. 280-283; n. 167(agosto 1886), pp. 326-327. Em torno do *tema do coração de Santa Teresa ou a transverberação*: RT, n. 47 (agosto 1876), pp. 301-304; n. 71(agosto 1878), pp. 313-316; n. 83(agosto 1879), pp. 325-326; n. 107(agosto 1881), pp. 315-316; n. 131(agosto 1883), pp. 318-320; n. 191(agosto 1888), pp. 335-336; n. 215(agosto 1890), pp. 321-323; n. 227 (agosto 1891), pp. 321-322; n. 263(agosto 1894), pp. 289-290.

2.1. Jesus e Teresa, um só coração

A teologia espiritual sobre o coração de Santa Teresa tem como finalidade tornar acessível a espiritualidade do Coração de Jesus.

*"Para que, se a representação deste amor e dor no Coração de Jesus não mover o coração humano, o mova, ao menos, vê-lo assim manifestado no coração da sua Esposa, encarregada de zelar a sua honra"*⁶³⁶.

No alicerce, está a união alcançada pelo coração de Santa Teresa de Jesus com o Coração de Cristo. Por causa do amor, ambos os corações se identificaram; de modo que honrar um, é honrar o outro. Henrique chega a afirmar que, entre o coração de Teresa e o de Jesus existe uma identidade tal, que *"eram um só coração"*⁶³⁷. A partir desta afirmação, vai deter-se a explicitar as qualidades do coração teresiano, em correspondência com as do Coração de Jesus, segundo a devoção mais divulgada e intensa do século XIX.

2.1.1. Amor e sacrifício

O Coração de Jesus caracteriza-se pelo *amor* e o *sacrifício*, e do mesmo modo, o coração de Teresa de Jesus se distingue pela *magnanimidade* e pela capacidade de *padecer* por amor.

A *magnanimidade* ou grandeza de coração, que se reconhece a Teresa de Jesus, está compendiada num *zelo universal*. Isto é, toda a humanidade cabe no coração de Teresa, como no de Jesus, especialmente os pecadores e os inimigos:

*"Entraí, amigos meus; não temais os apertos da multidão. Todos tendes lugar aqui. É o coração universal do mundo! Todos cabem nele: católicos fervorosos e túbios, judeus e hereges, idólatras e selvagens, mouros e cristãos, justos e pecadores... a todos ama, a todos abraça, pelo bem de todos suspira, qual terna Mãe que morre pelo bem dos seus filhos. A solicitude de todas as Igrejas está nele"*⁶³⁸.

A capacidade de sacrifício é equiparável ao maior grau de amor e prova-se no *padecer* por quem se ama. Quando Henrique fala de *padecer* refere-se à dor que acompanha sempre o amor, seja porque não pode ver-se colmatado no desejo de Deus nesta vida, seja porque está sujeito a sofrer a ingratidão⁶³⁹.

Esta consideração entronca no tema da *reparação*, que também era tão específico, na devoção ao Coração de Jesus.

*"Amor e dor: eis as duas fases de todo o coração que ama. Porque ama, padece, e padecendo, ama"*⁶⁴⁰.

"Tudo é amor e dor, no coração de Teresa. Ama e padece pelo Amado, e todas as suas ânsias são padecer e amar". "Ou morrer ou padecer"... "Que morro porque

⁶³⁶ RT, n. 131(agosto 1883), p. 320. "El Corazón de Santa Teresa de Jesús".

⁶³⁷ RT, n. 11(agosto 1873), p. 284.

⁶³⁸ "Desde la Soledad". "El Corazón de Jesús de Teresa y el de Teresa de Jesús". RT, n. 95(agosto 1880), p. 281. Veja-se a mesma ideia em RT, n. 11(agosto 1873), p. 285.

⁶³⁹ *O benefício é uma ingratidão em flor, que quase sempre dá um fruto amarguíssimo, não pode outra coisa o coração que ama, de si difusivo e comunicativo,...senão estar sempre penetrado de dor, porque o está de ingratidões. Quem semeia benefícios recolhe abundante colheita de ingratidão. Eis aqui por que no amor não se vive sem dor".* RT, n. 167(agosto 1886), p. 326.

⁶⁴⁰ RT, n. 131(agosto 1883), p. 319. "El Corazón de Santa Teresa de Jesús".

não morro...⁶⁴¹.

2.2. "Dá-me um coração semelhante ao teu"

Esta petição era o pano de fundo da oração de Henrique. Recorda-nos também o preceito evangélico: "*Aprende de Mim*,⁶⁴² interiorizado como programa de vida. Daí que a descoberta da identidade do coração de Santa Teresa de Jesus com o de Jesus, tenha nele tanta força espiritual.

Além do amor e sacrifício, Henrique fixa-se nas semelhanças físicas dos dois Corações. Chama, chaga, cruz e espinhos são as *insígnias* com que explicita o caminho da imitação do coração transverberado de Teresa de Jesus.

*"Ferida e chaga de amor, espinhos de dor, chamas de amor, cruz de dor"*⁶⁴³.

Estes símbolos são, para ele, tão emblemáticos que aparecerão em quase todos os artigos onde trata do tema dos corações de Jesus e Santa Teresa. Também formarão as imagens do escudo, que atribuirá à futura *obra predilecta*, a Companhia de Santa Teresa de Jesus. Vejamos, agora, a interpretação que dá, de cada um, e como relaciona os símbolos com as experiências teresianas.

2.2.1. "Viver e morrer de amor"

A *chaga* significa a abertura ou alargamento da capacidade do coração humano, para amar à medida do dom de Deus. Foi feita no coração de Teresa de Jesus pelo dardo do Serafim, para que se expandisse o amor divino que não podia conter. O coração de Teresa apresenta-se aberto, como o Coração de Jesus, lacerado no Calvário. Quando Henrique fala da chaga, quer indicar esse amor universal pelo qual convida cada pessoa a *entrar* no coração de Teresa, tal como no de Jesus. A chaga é também uma prova do amor de Deus, que susteve, *milagrosamente*, a vida de Teresa de Jesus, ainda por mais de vinte anos. Essa ferida, por ser fisicamente comprovável, manifesta a intervenção divina, sem a qual teria sido impossível que se mantivesse viva. Nela, encontra a síntese paradoxal que será a sua máxima aspiração: *VIVER MORRENDO*, que significa: "*Morrer de amor e por amor: viver de amor e pelo amor do Amado*"⁶⁴⁴.

2.2.2. "Fogo vim trazer ao mundo"

As *chamas* nascem do fogo do zelo, são tão intensas que formam esse incêndio do Coração de Cristo, pela salvação da humanidade:

*"O Coração de Jesus ardia em tão vivas chamas de amor, que exclamava muitas vezes: Fogo vim trazer a este mundo, e que quero Eu senão que arda? Teresa de Jesus exclamava, em transportes de amor: Oh amor, que me amas mais do que eu me posso amar e entender! Quero ser a primeira nos desejos e no amor, para que não haja uma só alma que eternamente vá para a região do desamor"*⁶⁴⁵.

As chamas derretem o gelo da indiferença que o século padece. Quando Henrique sente dor

⁶⁴¹ RT, n. 191(agosto 1888), p. 335. "*Desde la Soledad*".

⁶⁴² (Lc. 12, 49) Vejam-se os Exercícios Espirituais do Subdiaconado, no capítulo 4.

⁶⁴³ RT, n. 95(agosto 1880), p. 282.

⁶⁴⁴ RT, n. 191(agosto 1888), p. 336.

⁶⁴⁵ RT, n. 92(mayo 1880), p. 199.

por um mundo *gélido*, faz suas as palavras de Cristo: “*Que quero Eu senão que arda?*”.

2.2.3. “O Amor não é amado”

Com o tema dos *espinhos*, Henrique refere-se, em primeiro lugar, aos espinhos, encontrados no coração incorrupto de Santa Teresa de Jesus. Escreve uma série de artigos, a fim de mostrar que há dados onde verificar a sua existência⁶⁴⁶. Depois de fazer isto, interessar-se-á somente pela significação do fenómeno. Os espinhos representam a dor: “*ferem continuamente*”, são feitos de “*ingratidão*”, são a “*cerca que guarda a entrada dos maus afectos*”, “*molhito de mirra do Amado*”⁶⁴⁷. A ingratidão é falta de correspondência à graça da redenção. É uma clara alusão à devoção *reparadora*, compreendida também na do Coração de Jesus. Henrique sofre verdadeiramente, ao comprovar que *o Amor não é amado*.

*“Mostra eloquentíssima de dor são estes espinhos, que brotam do coração da Santa, ao ver a nossa pátria, aberta às heresias, assaltada e presa por quase todos os erros e vícios”*⁶⁴⁸.

2.2.4. “Morrer ou padecer”

O amor é a energia que move todos os corações. A força que em tudo põe ordem. Daí que a maior semelhança entre os corações há-de estar no amor. É um amor que supera todas as provas, até a própria morte. Henrique associa a cruz à prova do amor, entendida como capacidade de padecer ou *paciência*. O Coração de Jesus amou e ama imensamente a humanidade; por isso encarnou, *padeceu*, viveu e morreu⁶⁴⁹. Amou Deus, porque o seu alimento, respiração e vida foi, em tudo, fazer a vontade do Pai e buscar unicamente a sua glória⁶⁵⁰. Do mesmo modo, a vida de Teresa de Jesus também se sintetiza numa palavra: *amou*. Amou Jesus, como Esposo, cuja honra devia zelar. Trabalhou, afanou-se, padeceu, viveu e morreu por Ele. A sua vida foi toda, vida de amor.

A *cruz* é a capacidade de padecer, a medida do amor, a *paciência*:

*[é] “a coroa que sela os afectos, as obras do coração amante”, “a mortificação”, o que “adoça as amarguras”*⁶⁵¹.

2.3. Caminho da imitação

Quem ama Teresa, ama Jesus, quem dá a conhecer Teresa, ver-se-á impellido a dar a

⁶⁴⁶ No coração incorrupto de Santa Teresa, no século XIX, apareceu algo semelhante a espinhos. Ele toma o facto como algo sobrenatural, depois de conhecer o caso e das verificações de um grupo de médicos de Salamanca. Quando toma conhecimento de que num jornal inglês: “*The tablet*”, certo sacerdote o negou, dizendo ter sido testemunha ocular, Henrique sairá em defesa da Santa de forma assombrosa: em menos de um mês, apresenta oito documentos contra: 1) o testemunho verbal de Pio IX, com alusão aos espinhos, 2) a relação assinada pela comunidade de Alba, em 1870, dirigida ao Procurador de Roma para dar fé do facto, 3) publica os nomes dos médicos que o atestaram, a 7 de Junho de 1870, 4) consegue uma fotografia dos espinhos, autenticada por la Priora e o Bispo, e publica-a no Calendario Teresiano, 5) publica o texto completo da perícia dos médicos, 6) escreve uma contestação ao periódico *The Tablet*, 7) consegue que essa contestação se publique a 18 de Outubro de 1873, e 8) consegue um testemunho francês a favor da existência dos espinhos. Estes factos são mostra desse amor à Santa, traduzido em obras.

⁶⁴⁷ “*Espinhas, llaga y cruz*”, en RT, n. 167(agosto 1886), p. 327.

⁶⁴⁸ “*El Corazón de Santa Teresa y nuestro corazón*”, RT, n. 215(agosto 1890), p. 322.

⁶⁴⁹ RT, n. 92(mayo 1880), p. 200.

⁶⁵⁰ RT, n. 11(agosto 1873), p. 284.

⁶⁵¹ RT, n. 167(agosto 1886), p. 327.

conhecer Jesus. A partir desta reciprocidade, Henrique oferece a imitação das virtudes de Teresa de Jesus, como caminho de conversão contínua:

*"Oh coração de serafim da minha amada Teresa de Jesus! Quem pudesse imitar-te! Quem pudesse amar como tu amaste, sentir como tu sentiste, merecer como tu mereceste! Quão bem empregue estaria a minha vida se pudesse dá-la por tão divino motivo! Ninguém melhor do que tu conhece as misérias e as necessidades do meu ruim coração, já que és a Santa, a amada do meu coração. Na terra, longe das tuas glórias, dos teus amores e interesses, que posso pretender...? Amando-te a ti, amo Jesus; glorificando-te, a Ele glorifico; zelando a tua honra, estou a zelar a de Jesus, e aumentando os teus interesses, aumento os seus, também. Que falta, pois? Que tu sejas conhecida, sejas mais amada, mais glorificada, pois tens uma graça especial, para promover os interesses de Cristo Jesus; e assim, todos os corações se tornem, por teu intermédio, conformes ao Coração de Jesus, para que em todos os fiéis haja um só coração e uma só alma, e no mundo um só Pastor e um só redil"*⁶⁵².

Henrique vê que, se Teresa vive uma *identificação* com Jesus pelo amor, com maior razão viverá essa identidade, no *zelo* missionário:

*"A tua missão neste mundo, oh Serafim do Carmelo, foi a mesma que a do teu Jesus; vieste ao mundo para introduzir fogo nos corações e fazer que ardam. Abrasa, pois, os nossos corações, e consome tantas misérias; derrete tão grandes gelos, acaba com tanta frieza, abrandas tanta dureza, destrói tanta indiferença, e dá-nos um coração como o teu, que viva por Jesus, suspire só por Jesus, seja, numa palavra, todo de Jesus"*⁶⁵³.

Um coração que se *assemelha* aos de Jesus e Teresa pelo amor e o sacrifício, por aceitar na sua vida as *insígnias*, é um coração que desembocará no *zelo missionário*. É um apostolado nascido da experiência amorosa e autenticado, com o exemplo de vida, capaz de atrair os corações.

Muitas páginas estão dedicadas a contar em que consiste essa parecença entre o coração transverberado de Teresa de Jesus e o Coração do Salvador, promovendo um caminho espiritual de cristificação pela *imitação*.

2.4. "Quem pudesse ser transverberado!"

Esta frase bem poderia ser textual, porque Henrique, pela espiritualidade do coração transverberado de Santa Teresa, conduz à *imitação das suas virtudes*, como caminho de santidade, cujo pólo de atracção é o *desejo de ser transverberado*. Neste desejo, há um anelo de união, juntamente com o amor à humanidade.

Conhecendo a graça teresiana, podemos compreender por que o desejo de ser transverberado era uma súplica de Henrique de Ossó, que lhe saía das entranhas:

*"Ah se o nosso peito se achasse transverberado..."*⁶⁵⁴.

Era a tensão para um amor maior, estreitamente unido ao ardor apostólico:

*"... se o nosso peito se achasse transverberado... ansiaríamos morrer mil mortes para salvar uma só alma das inumeráveis que se perdem..."*⁶⁵⁵.

⁶⁵² "Desde la Soledad". El Corazón de Jesús y el corazón de Teresa. RT, n. 92(mayo 1880), pp. 200-201.

⁶⁵³ "El Corazón de Santa Teresa de Jesús", RT, n. 47(agosto 1876), p. 304.

⁶⁵⁴ "La Transverberación del corazón de Santa Teresa de Jesús", RT, n. 83 (agosto 1879), p. 326.

⁶⁵⁵ Id.

Do desejo passará à súplica em que expressa a finalidade última:

*"... Teresa de Jesus, abrasa o nosso coração no fogo do divino amor..., fere, com esse fim, os nossos corações... e todos amaremos como tu amaste, viveremos como tu viveste e morreremos como tu morreste, de amor e por amor a Jesus"*⁶⁵⁶.

Pela reiteração desta súplica, ao longo de tantos anos, pela coerência entre o que pede e o que realiza, pela sinceridade da fé e a firmeza da confiança com que Henrique faz esta oração, não estranha que, nos últimos anos, o encontremos plenamente identificado com o coração de Teresa de Jesus, vivendo os efeitos de um espírito purificado, no amor e na dor: é que a graça lhe foi concedida.

À luz do mesmo assombro que experimentou naquele princípio de conversão, ao escutar o relato da Santa, que depois de transverberada nenhum contentamento encontrou fora de Deus, lemos as seguintes palavras:

*"...há mais de vinte anos te saúdo no teu dia, desde as humildes páginas desta Revista...; quando poderei saudar-te cara a cara? Quando poderei felicitar-te presencialmente...? Quando será isto, quando...? Ai de mim! que se prolonga... Alcança, pois, Santa minha do meu coração, esta graça ao menor dos teus filhos: que seja..., em breve, se é possível; tarde, se assim convier à maior honra e glória de Jesus, Maria, José e Teresa de Jesus. Ai de mim! Amada minha, ai de mim! ... passo, com grandes aflições, pelo desejo do meu Deus e teu... Que remédio dais a este padecer? Oh! nenhum existe, dizeis Vós, Santa minha, a não ser que se padeça por Deus... Oh Jesus de Teresa! Oh Teresa de Jesus!"*⁶⁵⁷.

3. TERESIANISMO

Henrique de Ossó acolheu, na experiência pessoal, o dom de Deus, fundamentado na reflexão e no estudo, e iluminado pela sabedoria do Espírito, confirmado pela autoridade no processo de discernimento; convencido da vontade de Deus, na sua vida, dedicar-se-á à tarefa específica: propagar a devoção a Teresa de Jesus, como caminho de *regeneração* espiritual de Espanha.

*"Com a devoção a Santa Teresa de Jesus, mestra insigne de oração, derramará o Senhor, sobre a Espanha indiferente, o espírito de oração, com o qual chegam todos os bens às almas; o espírito de fé prática, que fortalece e revigora; o espírito de amor, que suaviza todas as aflições..."*⁶⁵⁸.

No apostolado de Henrique de Ossó, o principal testemunho é a integridade da sua pessoa *enteresianada*. Persuade pela presença e a pregação, expande-se com a escrita. A *Revista* foi, naquele tempo da imprensa liberal nascente, o melhor meio pelo qual deu a conhecer Teresa de Jesus a um público mais amplo, e que hoje nos permitiu seguir-lhe os movimentos, através dos quais deu vida às suas organizações apostólicas. Em todas elas, há um denominador comum, explicitamente declarado, quando começa a publicação da *Revista*:

⁶⁵⁶ *Id.*

⁶⁵⁷ "A la amada de mi alma Santa Teresa de Jesús", *RT*, n. 229 (octubre 1891), p.4.

⁶⁵⁸ *RT*, n. 1 (oct. 1872), p. 4.

"Beneficiar... a favor dos nossos irmãos, que o são todos os espanhóis, este tesouro de virtudes e exemplos da nossa compatriota Santa Teresa de Jesus; popularizar os seus escritos e ensinamentos, cheios de celestial sabedoria; aproveitar dos seus méritos, orações e poderosa intercessão, a favor de todo o mundo..."⁶⁵⁹.

3.3. "Com o espírito de Teresa"

Como é consciente de que esta missão há-de ser obra do Espírito, não quer confiar nas suas qualidades, nem sequer no amor que tem à Santa. O que deseja é corresponder a Deus e trabalhar pela conversão do seu povo, como o fizera Teresa de Jesus, no século XVI. Por isso, antes de escrever, sente o temor duma empresa que o transcende, devido à grandeza das suas pretensões, e reage humildemente. Ao mesmo tempo que reconhece a sua pequenez, pede ousadamente, e espera receber, *O MESMO ESPÍRITO DE TERESA DE JESUS:*

"Santa minha, perdoa o meu atrevimento em pretender mostrar ao mundo a tua incomparável grandeza, pois disse tu tens a culpa, porque nos teus escritos e nas tuas acções aprendi, e sempre alentou... o meu pobre coração aquela verdade..., segredo, que engrandece as almas: Deus é amigo de almas animosas... Confesso que sem a graça de Deus nada podemos, mas também reconheço que com ela podemos tudo; E QUE NÃO SERIA IMPOSSÍVEL ESCREVER E ACTUAR COMO TU O FIZESTE, SE O SENHOR NOS FAVORECER COM O ESPÍRITO QUE GUIOU A TUA PENA E TE AJUDOU NAS TUAS OBRAS...

Alcança-nos, pois, do teu Esposo Jesus...; o teu espírito, para encher totalmente o desejo vivíssimo de Cristo, que veio ao mundo para inflamar as almas, e não anseia outra coisa, senão que todas ardam neste fogo divino"⁶⁶⁰.

3.2. Quem é Teresa de Jesus?

Para dar a conhecer Teresa de Jesus e popularizar os seus escritos, Henrique começa por motivar o público com uma apresentação da Santa, a fim de despertar o interesse. Para isso propõe-se destacar a figura, apontando o que considera ser o *seu distintivo ou carácter particular*. É uma apresentação que abre a pista para conhecermos a leitura que Henrique fez de Teresa de Jesus.

Entre todas as qualidades da Santa, ele destacará o coração. Vai caracterizá-lo como um coração grande e forte. Por *grande*, entenderá um coração universal, capaz de abarcar a humanidade e o mundo inteiro, e de mostrar o amor, com *generosidade*. São qualidades que têm a origem no reconhecimento dos dons recebidos, isto é, num coração *agradecido*. A fortaleza é entendida como a capacidade de actuar, com *grandeza de horizontes*, isto é, apontando ao valor mais elevado que é a salvação da pessoa humana. Coração forte é o que se arrisca, confiando em Deus. Daqui se explicam as *afeições* de Teresa e o seu *zelo ardente*.

3.2.1. A Santa do coração grande

Escreve, dizendo que, entre todos os dons que Deus concedeu a Teresa de Jesus, entre todas as suas virtudes, existe algo que...

"arrebata sempre a minha atenção, com preferência [e é] a amplidão do seu coração, a sua magnanimidade assombrosa, a sua incalculável grandeza de

⁶⁵⁹ *Id.*, p. 5.

⁶⁶⁰ *RT*, n. 2(noviembre 1872), p. 30. "*Santa Teresa de Jesús*".

*alma*⁶⁶¹.

E para comprovar a *grandeza* da Santa, coloca à vista dos leitores três factos da biografia teresiana, que o comovem profundamente: o desejo do *martírio*, o *voto* heróico de perfeição e o aspirar a *ser a primeira no amor de Deus*. Teresa é a santa do *coração grande* e essa qualidade cativou-o:

*"Eu não sei se será defeito, em mim, este assombro e espanto que me causa a sua grandeza; talvez seja efeito da pequenez do meu coração, que como não é grande, se compraz, ao menos, e trata de se engrandecer, inclinando-se, respeitosamente, perante tanta grandeza. Sucede, ao querer examinar as virtudes e excelências de Teresa de Jesus, como ao rústico aldeão que, não tendo visto outra coisa além dos modestos albergues da sua povoação, ao ver-se transportado, pela primeira vez, junto de um desses soberbos palácios..., só pode exclamar, no meio do seu assombro...: Que magnífico, que grande é tudo isto!"*⁶⁶².

Depois de mostrar a grandeza de coração da Santa, Henrique perguntar-se-á como pôde dilatar-se um coração a tão grandiosas dimensões, sendo *"formado com o mesmo molde do nosso"*⁶⁶³. Qual o segredo que permitiu a Teresa de Jesus superar essas minudências que costumam estreitar o coração humano? E responde:

*"O segredo que elevou a alma da Santa a tão grande perfeição... e a obrigou a emprender coisas, aparentemente impossíveis, levando-as a glorioso fim, foi a confiança ilimitada que tinha em Deus. Esta foi a alavanca que, nas mãos da humilde Teresa de Jesus, operou maravilhas nunca vistas, nos séculos precedentes"*⁶⁶⁴.

Aprofundando, acrescentará que, quem quiser ter essa confiança, há-de fazer o mesmo que Abraão...

*"... saia da sua casa e parentela... isto é, desprenda-se da sua miséria e debilidade, e apoie-se somente em Deus..."*⁶⁶⁵.

Porque, como diz Teresa, só a cruz e quem nela se colocou, se não quebra com o peso da contradição. Todos os demais apoios humanos se quebram como *pauzinhos de alecrim seco*.

Para robustecer essa confiança, o ponto de partida está em *reconhecer os benefícios* que Deus nos concedeu. Isto é o que tem de estar presente na memória; pois, só quem reconhece que tem algum presente de Deus pode sair da própria miséria e possuir um coração *agradecido e generoso*. Este ensinamento também se torna experiência, manifesta na seguinte confissão pessoal:

"Esta reflexão moveu, muitas vezes, uma pessoa devota da Santa [ele mesmo?] a emprender e levar a cabo não poucas obras do serviço de Deus, sem quase nenhum auxílio humano. Discorria deste modo: É certo que Deus ama a quem o ama, e é auxiliador, nas oportunidades, fazendo a vontade aos que o temem. Nestes dias, em que todos buscam os seus interesse e não os de Jesus Cristo, o Senhor está, mais de vontade, a mostrar o seu poder; pois tem muito poucos a quem possa confiar os seus tesouros, porque não lhos solicitam. Ora bem, se o Senhor está a

⁶⁶¹ *Id.*

⁶⁶² *RT*, n. 2 (noviembre 1872), p. 30.

⁶⁶³ *RT*, n. 5 (febrero 1873), p. 113. "*Santa Teresa de Jesús*".

⁶⁶⁴ *Id.*, p. 114.

⁶⁶⁵ *Id.*

*buscar e não encontra, a chamar e não há quem oiça a sua voz, a emprestar, e oferecer a sua ajuda e socorro, para que o façam conhecer e amar; de certeza que, se uma alma se apresenta ao Senhor, e com sinceridade, lhe oferece a sua débil cooperação, interpretando os seus desejos, o Senhor, agradecido, fará com esta alma ostentação do poder do seu braço, exaltará este humilde, operando, por seu intermédio, grandes maravilhas; e deprimirá os orgulhosos e presumidos que, sem contar com a protecção do céu, querem fazer coisas grandes, ruidosas*⁶⁶⁶.

Henrique costuma terminar os seus artigos com exortações de carácter moral ou com orações por onde introduz os leitores no caminho proposto. Ao apresentar Teresa de Jesus como *mulher grande*, pretende mover à devoção teresiana, dilatando o coração. Um coração grande traz consigo a *generosidade*.

*"Confiemos em Deus... Apoiemo-nos n'Ele com confiança...Oiçamos... a nossa... Teresa de Jesus, que nos anima: o amor, oh amigos meus! Faz que a minha boca se abra e se dilate o meu coração. Não estão fechadas para vós as minhas entranhas ... Dilatai o vosso coração apoucado; porque atais, deste modo, as mãos de Deus, que quer repartir convosco, generosamente, os seus dons?... Porque andais mesquinhos com Deus, dando-lhe somente parte do coração? Estas divisões miseráveis angustiam-vos, amesquinham-vos, aniquilam-vos. Se buscais a minha intercessão, imitai o meu exemplo. Ninguém será meu verdadeiro devoto, se não aspirar a ter com o seu Deus um coração generoso e magnânimo*⁶⁶⁷.

É esta a arte de Henrique: ir *formando* gente com um espírito generoso e forte, como Teresa de Jesus. Para tal, expõe a sublimidade da doutrina teresiana, de modo inteligível; tem a capacidade de fazer próxima e acessível, sem a diluir; e, assim, vai reunindo um grupo de leitores que denominará: *os amantes ou os devotos de Santa Teresa de Jesus*.

Ao apresentar a grandeza de Teresa de Jesus, pôs a primeira pedra do edifício espiritual: confiança em Deus, nascida do reconhecimento desse amor gratuito. O desprendimento de tudo o criado, ou subordinação de todos os afectos ao querer de Deus, é a consequência, que vai de mão dada, com a generosidade de um grande coração.

3.2.2. A Santa atractiva

Nesse desejo de perfilar a identidade de Santa Teresa, Henrique pergunta-se: que é o que a caracteriza e a torna diferente dos outros santos? Este questionamento responde a uma inquietação humana, presente em todos os tempos. Henrique escreve, dizendo que onde...:

*"... todos se afanam por ser especialistas em alguma carreira ou ramo do saber humano; que a maior glória a que se aspira é ser especialista em algo e o que não chega a tanto é vulgar; muito a propósito será considerar qual é a graça especial de Santa Teresa, a sua santa especialidade..."*⁶⁶⁸.

A especialidade da Santa é a sabedoria e o ânimo esforçado, responde como primeira reacção e, seguidamente, aprofunda dizendo:

"meditando, mais detidamente, pareceu-me descobrir que tem a sua especialidade

⁶⁶⁶ *Id.*, p. 116.

⁶⁶⁷ *RT*, n. 5(febrero 1873), p. 117.

⁶⁶⁸ *RT*, n. 157(octubre 1885), p. 25. "*Imán de los corazones*".

*no rasgo notável da fisionomia moral: a virtude de atrair, a atracção*⁶⁶⁹.

Teresa de Jesus é como o *íman* para o ferro; porque se o íman tem força para atrair o metal, quanto mais poderá atrair a alma *tocada por Deus*, que é o "*íman onnipotente das almas*". Teresa é *atractiva*, porque é *de Jesus*; sempre esteve unida a Ele, daí lhe vem essa energia com que tudo avassala e subjuga, à vontade. Por consequência, se um coração é teresiano, *atrairá* também muitos corações ao amor de Jesus⁶⁷⁰.

As provas da capacidade de atracção de Teresa de Jesus, encontra-as Henrique nos frutos que vão dando as obras que iniciou. Ele nunca se atribuirá a propriedade daquilo que tão amorosa e incansavelmente vai semeando⁶⁷¹. E a colheita ultrapassa, de tal maneira, o que poderia ter esperado, que reconhece, gozoso, ser obra da graça, obtida por Teresa de Jesus:

*"Porquê tantas pessoas sábias e ilustradas se sentiram "impulsionadas a falar e escrever na Revista Teresiana"...? [Porquê, em circunstâncias nada favoráveis para os escritos espirituais, as pessoas tinham dado mostras de acolher os teresianos? Porque tinha sido tão rápida a propagação da Associação teresiana...?] "Donde provém isto? Não há qualquer dúvida, [dirá Henrique], este caso extraordinário emana de que... Teresa está mancomunada com Jesus, e o que é de Jesus é de Teresa, e o que é de Teresa é de Jesus"*⁶⁷².

O teresianismo de Henrique é cristocentrismo: se Teresa é tudo, é porque é *de Jesus*. O atractivo de Teresa de Jesus está relacionado com a virtude da *mansidão* do Coração de Cristo. É a forma de amar o próximo, suave e docemente, com o maior respeito pela liberdade e o irresistível atractivo da verdade e do bem. É a qualidade de que se reveste o *zelo ardente*, pela salvação de cada pessoa humana.

3.2.3. As afeições de Teresa de Jesus

No seu afã por dar a conhecer, amar e imitar Teresa de Jesus, Henrique escreve três artigos, com este fim. Intitula-os "*Afeições de Santa Teresa de Jesus*". No caminho de formação espiritual que empreendeu, pretende que os "*amantes de Teresa de Jesus*" tenham as mesmas afeições que a Santa. Assim também vai chegando, por todos os ângulos, à convergência num ponto: o *zelo pelos interesses de Jesus*.

Na apresentação das afeições teresianas, começa a explicitar a intenção formativa:

*"Queremos... surpreender, descobrir, sobretudo, as afeições desta alma grande, para que, pouco a pouco, rectifiquemos as nossas..., à vista de tão belo e perfeito modelo...; [com elas] o nosso coração..., purificado das afeições terrenas ou más, palpitará com os seus impulsos e será feliz com a felicidade de Deus,*⁶⁷³.

É um tema que reflecte, claramente, o humanismo teresiano:

"Neste coração seráfico, nas moradas da alma de Teresa, há lugar para toda huma-

⁶⁶⁹ *Id.*, p. 26.

⁶⁷⁰ *Id.*, cfr. pp. 26-27.

⁶⁷¹ Muitas vezes dirá também que, se Teresa de Jesus trabalhou tanto pelas almas em vida, muito mais fará quando já não tem limitações ao seu amor.

⁶⁷² *RT*, n. 45 (junio 1876), p. 254

⁶⁷³ *RT*, n. 42(marzo 1876), p. 162-163.

*na afeição, contanto que não seja desordenada*⁶⁷⁴.

Ao tratar das *afeições*, Henrique menciona também os gostos de Teresa de Jesus, essas coisas a que era especialmente sensível: campo, água, flores, solidão e silêncio... enfim, tudo o que fosse belo e nobre. Porém, entre todas, destaca duas afeições, que podemos reconhecer como mais específicas suas. Para ele, são:

*"as mais profundas, íntimas e enérgicas...[e consistem em] salvar almas e engrandecer a Igreja: numa palavra, fomentar os interesses de Jesus, nas duas coisas que lhe podem dar mais glória*⁶⁷⁵.

3.2.4. Fortaleza e grandeza de ideais

Explicando as preferências da Santa, afirma:

*"descobre-se, em todas as coisas desta incomparável Virgem, uma grandeza de ideais que espanta...; os negócios que rendiam pouco para os interesses de Jesus não lhe despertavam a atenção. Só os grandes e difíceis empreendimentos e, ao parecer de alguns, impossíveis*⁶⁷⁶.

Com tais afeições, Teresa de Jesus confunde a nossa cobardia e pusilanimidade. Estes são dois males, que injuriam a bondade e o poder de Deus, nosso Pai. Sente que, no seu tempo, faz falta gente da mesma categoria de Teresa de Jesus e, por isso, terminará a sua reflexão com a súplica:

*"Quando enviarás almas reais a esta terra...? Jesus de meu coração! Quando farás reviver o espírito da tua magnânima esposa Teresa...? Ao menos... uma dúzia... de almas reais, que ardam nos desejos de promover, e por fim, promovam em grande escala, na maior escala possível, os teus divinos interesses, formando uma companhia de preferência, na Congregação Teresiana?"*⁶⁷⁷.

Esta petição foi publicada, em Maio de 1876. Desde 1872, nota-se que Henrique vai dando passos no teresianismo. Ao princípio pretendia dar a conhecer Teresa de Jesus. Que todos pudessem beneficiar-se das suas mercês, da sua oração, e imitar o seu exemplo. Após quatro anos de trabalho, quer também que *haja pessoas que reproduzam sobremaneira esse espírito, com a fortaleza das "almas reais", que sejam OUTRAS TERESAS DE JESUS: ao menos uma dúzia, como o colégio apostólico com o que Jesus renovou a terra.*

No último artigo sobre "as afeições de Santa Teresa de Jesus"⁶⁷⁸, aplica a grandeza de ideais da Santa, fazendo dela *o critério para zelar* directamente os interesses de Jesus. Todos os santos, diz, têm em comum trabalhar pela salvação das almas. Teresa de Jesus diferencia-se em...

*"... a sublimidade dos seus ideais"*⁶⁷⁹.

Teresa de Jesus conquistou, segundo Henrique de Ossó, o título de Negociadora, porque ninguém como ela é capaz de *"elear os valores divinos"*, tão em baixo, por toda a parte. Isto significava não só empenhar-se com fortaleza nos negócios difíceis, como uma capacidade selectiva para eleger...

⁶⁷⁴ RT, n. 44(mayo 1876), p. 220.

⁶⁷⁵ Id., p. 221.

⁶⁷⁶ Id.

⁶⁷⁷ Id., p. 222.

⁶⁷⁸ RT, n. 45(junio 1876), pp. 249-251.

⁶⁷⁹ Id., p. 249.

*"empregar toda a sua actividade não em salvar, converter e aperfeiçoar quaisquer almas, mas as que via que, pelo talento ou posição social, podiam dar maior glória a Deus e fomentar, à máxima escala, os interesses de Jesus"*⁶⁸⁰.

O seu modo de proceder era detectá-las e suplicar a graça da conversão, para tais pessoas. A sua intenção era, já que Jesus tinha tão poucos amigos, que ao menos estes fossem bons, com o seguinte critério:

*"Mais a intensidade do que a extensão, a qualidade mais do que o número...; não porque não suspirasse pela salvação de todas, mas porque, considerando que era impossível trabalhar por si só, directa e imediatamente, na conversão e santificação de muitas, que era a finalidade última dos seus afãs, escolhia, como meio, aperfeiçoar umas poucas, boas, para com estas conseguir o que não podia por si só..."*⁶⁸¹.

Para os interesses de Jesus, é melhor formar...

*"bons mestres, do que discípulos; aguerridos capitães, mais que bons soldados; mães, do que filhas; cabeças, do que membros"*⁶⁸².

Com isto, Henrique buscava formar *mestres de espírito*, multiplicadores, considerando que deveria optar por aquilo que desse, como resultado prático, a promoção dos interesses de Jesus, à máxima escala. Vai concretizando e pontualizando: consiste na afeição pela oração e no zelo pelo amor a Jesus.

3.3. "Espírito de oração e zelo "

O conhecimento e amor a Teresa de Jesus e a imitação das suas virtudes devem desembocar num espírito, que Henrique de Ossó sintetiza, no espírito de *oração e zelo*. Este é o núcleo do seu carisma, que tomará forma, de várias maneiras, e se matizará, em desenvolvimentos sucessivos, tanto na compreensão como na expressão.

Existem muitas provas disto, porque Henrique é reiterativo. Uma, muito explícita, surge em 1878, na ambientação da festa de Santa Teresa, ao motivar os leitores da Revista. O *Solitário* escreve:

"O Solitário, pela sua condição e missão especial, propõe apenas dois pontos para o exame da vida, pois só quer... prestar-vos auxílio...: ORAÇÃO E ZELO pelos interesses de Jesus, pois, se nestes pontos de nada nos repreender a consciência, é prova certa de que tudo anda bem, rumo à perfeição... Que zelo... reina no nosso coração?...; que obra santa tomamos entre as mãos, com empenho, a fim de propagar, entre os nossos amigos e conhecidos, fazendo valer, para este fim, os talentos, a posição social, numa palavra, todos os recursos...? Somos, com isso, constantes...? Talvez nos pareça que o cansaço ou a preguiça, ou o respeito humano, ou algum desengano, ou calúnia tenham sido mais que suficientes, para nos fazer desistir e retroceder do bom caminho, iniciado com tanto entusiasmo, ao princípio... Qual é a causa deste mal gravíssimo? Refere-o... a nossa seráfica

⁶⁸⁰ *Id.*, p. 250.

⁶⁸¹ *Id.*, p. 251

⁶⁸² *Id.*

Doutora: tudo provém de que deixamos de nos arrimar à coluna da oração...⁶⁸³.

Continuará, dizendo que nos tornamos nas coisas que amamos; pelo que, é preciso orar, porque só a oração eleva o coração, aviva o zelo e permite a perseverança nos empreendimentos.

"Peçamos o espírito de oração, peçamos o zelo ardente, eficaz, pelos interesses de Cristo, e ofereçamos um coração dócil, generoso; uma vontade pronta, decidida, inquebrantável, para fazer tudo o que der como resultado prático a maior glória de Deus, o aumento da Igreja e a salvação das almas... A fim de ganhar almas para Jesus, por meio do conhecimento e amor da sua Teresa, propagando a sua devoção e os seus escritos, e deste modo, o ano próximo será mais fecundo, nos resultados santos"⁶⁸⁴.

3.4. Sentido do teresianismo

Explicitámos um pouco o que significou, para Henrique de Ossó, o encontro com Teresa de Jesus bem como as graças recebidas, em torno da transverberação. É uma experiência fortemente cristocêntrica, que entronca com a sua vocação pessoal e com a sensibilidade espiritual do tempo.

No coração transverberado de Teresa de Jesus, encontra uma expressão "espanholada" e por conseguinte muito acessível: a devoção por excelência do século XIX, que é a do Coração de Jesus. No entanto, isto não significa que toda a contemplação teresiana de Henrique se limite à imagem do coração de Santa Teresa; quer, antes dizer que *daí partiu e este é o seu centro*, porque é o símbolo do amor, e para ele, Teresa é, antes de mais, a Santa do amor divino, aquele que dá resposta ao problema existencial e social. Este é o amor que, verdadeiramente satisfaz as aspirações de realização da pessoa humana; e quando este amor divino regenera a pessoa, curando-lhe o coração, transcende-a e torna-a capaz de regenerar e salvar a sociedade e o mundo.

3.4.1. Dimensão pessoal

Ao encontro com a Santa na ermida, Henrique respondeu com uma apaixonada reflexão e um tal aprofundamento de Teresa de Jesus, que se identificou com o seu espírito. Agradecido, soube traduzir a *graça teresiana*, no desenvolvimento das acções realizadas, e todas orientadas para fomentar um caminho espiritual de transformação em Cristo, pela *imitação* das virtudes de Teresa de Jesus.

Henrique de Ossó desenvolverá um apostolado teresiano, tendo como centro de atenção o *coração* de Santa Teresa. Promoverá a sua veneração, como símbolo de uma forte espiritualidade: a do amor divino, cultivado pela *oração pessoal*. Por este meio, irá formando um coração eclesial e universal, capaz de grandes coisas por Deus. A força difusiva do amor, que denominará *zelo pelos interesses de Jesus*, é um rasgo do coração teresiano. Através desta espiritualidade, Henrique vive e alenta a esperança de que se conseguirá a regeneração de Espanha e do mundo, isto é, a instauração do *reinado social de Jesus Cristo*.

Levar a todos, através da leitura, ao contacto directo com os escritos inspirados de Teresa de Jesus e ensinar a orar à maneira teresiana, são os meios pelos quais alimentará esta espiritualidade

⁶⁸³ RT, n. 72(septiembre 1878), p. 345.

⁶⁸⁴ Id., pp. 345-346.

eminentemente apostólica. Constituem, também, a *estratégia* por onde pretende reproduzir, no povo espanhol, a *imagem de Jesus, identificada com essa outra imagem de Teresa de Jesus*, mais próxima de todos.

3.4.2. Dimensão social

Henrique dá a conhecer a Santa e alimenta a piedade do povo, criando um verdadeiro movimento. Intui que, através da devoção a Santa Teresa, o povo espanhol reviverá a sua religiosidade, e chegará a um contacto vivo e sensível com Jesus Cristo.

*"Abundando a impiedade, vai arrefecendo o amor a Deus; era preciso que o Senhor, que a cada época e a cada mal oferece um remédio particular, reservasse, para estes últimos, suscitar a devoção à Santa do amor divino, refrescando, para isso, esta recordação e prodígio inaudito do seu Transverberado coração"*⁶⁸⁵.

Por outras palavras: pensa que a Santa, pelo conjunto de qualidades com que está enriquecida, tem elementos para se aproximar de todos os estratos sociais, onde a fé se encontra sufocada. Teresa de Jesus pode ser o denominador comum, para unir todas as fracções, divididas por motivos sociais, políticos, económicos e religiosos: Com efeito, Deus elegeu-a, no seu tempo, como remédio para *os males do mundo*. Confia que, através dela e *pela sua intercessão*, se possa reconstruir, *na fé*, a unidade católica de Espanha, pois a Santa continua a ser de coração agradecido, e não deixou de orar por aqueles a quem ama.

Neste sentido, entrevemos a dimensão política. Henrique de Ossó crê que a Santa, pelo seu carácter *católico e espanhol*, é capaz de unificar o sentimento *religioso e pátrio*, e de recuperar a paz e a unidade perdidas. Está convencido de que Teresa de Jesus, pela sua simpatia e atractivo, é o meio estratégico para se infiltrar tanto nos meios populares, como aristocratas ou intelectuais, sempre como modelo de santidade. A partir da fundação da Companhia, vai crescendo também o conhecimento e amor de Jesus, através de Santa Teresa. Purificada a sua experiência pessoal, foi-se identificando, cada vez mais, com *Jesus de Teresa e com Teresa de Jesus*, realizando o seu desejo.

4. A COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS

Depois de nos assomarmos à vocação de Henrique de Ossó, de contemplarmos aquela infância semeada pela fé, ou de ver a fidelidade com que assumiu a sua formação para o sacerdócio, chegamos à fundação da Companhia. Desejaríamos continuar a explorar o modo como Henrique foi comunicando o seu espírito à Companhia, obra de Deus e obra sua. A tarefa fica inacabada e aberta. Aqui, deixaremos alguns textos, a fim de motivarem a continuação do caminho.

Vejamos como Henrique formula o fim dessa *obra de zelo*:

"O fim da Companhia de Santa Teresa de Jesus é não só procurar, com todo o empenho, a própria salvação e perfeição, com o favor de Deus, mas também zelar, com sumo interesse, pela maior honra de Cristo Jesus, promovendo o reinado do

⁶⁸⁵ RT, n. 47(agosto 1876), pp. 301-302.

seu conhecimento e amor, por todo o mundo, por meio do apostolado da oração, ensino e sacrifício”⁶⁸⁶

Este texto sugere um enquadramento, por onde se contempla Jesus e o mundo. Henrique vai-o concretizando, ao apontar, a seguir, as coordenadas geográficas a que se refere:

*“A Companhia de Santa Teresa de Jesus consagra-se, preferencialmente, ao apostolado do ensino, para procurar a regeneração do mundo, e em especial da nossa Espanha, educando a mulher, segundo o espírito da Heroína espanhola, Santa Teresa de Jesus. À Companhia de Santa Teresa de Jesus, Jesus diz como à Santa: zelarás a minha honra como minha verdadeira Esposa. A minha honra é a tua honra, e a tua, minha...”*⁶⁸⁷.

Quando Henrique traça o perfil daquelas que formarão a Companhia, aparece a figura inspiradora de Teresa de Jesus:

*“As escolhidas, para formar a Companhia de Santa Teresa de Jesus, devem aspirar, com firmeza, a ser santas e sábias, tomando por modelo a sua seráfica Mãe e Doutora Santa Teresa de Jesus, para poder atrair todos os corações ao amor de Jesus, Maria e José, por meio da astuciosa Teresa. As da Companhia de Santa Teresa de Jesus aspiram, nada menos, que a ocupar o lugar de preferência no coração e amor de Jesus e sua Teresa”*⁶⁸⁸.

Vejamos algumas linhas da apresentação, que Henrique de Ossó faz aos leitores da Revista, mostrando a Companhia, na continuação da Arquiconfraria e servindo-se de uma imagem militar:

*“...nos grandes exércitos [refere-se à Arquiconfraria] deve haver e há sempre alguma divisão, ou ao menos companhia, superior às restantes, onde se admitem apenas os sujeitos que, de entre todos, se distinguem pela virtude, valor ou perícia. Esta Companhia escolhida, de entre os fiéis do seu tempo, quis a Santa que fosse a Reforma carmelitana, os seus filhos do Carmelo; os quais, devido ao talento, virtude e generosidade para com Deus, tinham de ajudar muito à Reforma dos costumes e à salvação das almas, ganhando para Jesus, através da oração e da penitência, muitas das que os protestantes lhe roubavam com a falsa reforma”*⁶⁸⁹.

Aparece, desde o início, uma imagem de Companhia, com grande sentido, dentro da sua cosmovisão:

“Hoje, que os dias são maus, piores que no tempo de Teresa de Jesus, pois, então, os inimigos estavam fora, ao passo que, hoje, os temos em casa; forçoso era também que a bendita Santa, que não dorme quando se trata de promover os interesses de Cristo, pois está encarregada de zelar pela sua honra, despertasse, do mesmo modo, entre tantos milhares de filhas suas, algumas que fossem almas reais e esforçadas; que, ao verem como Lúcifer vai ganhando almas, dêem a cara por Jesus, e se exercitem e disponham, com grande preparo, na oração, na virtude e no saber, para conseguirem tão elevado fim. Numa palavra, trabalhem no meio do mundo, para tornar fecundo, à máxima escala possível, o Apostolado da mulher; e não se contentem com...a observação de como os maus abrem brechas no reino de Cristo Jesus; mas, cingindo-se de fortaleza, e com uma grandeza de ânimo, superior à debilidade do seu sexo, sejam tão varonis que espantem os próprios homens,

⁶⁸⁶ Sumário das Constituições da Companhia de Santa Teresa de Jesus, EEO II, p. 14.

⁶⁸⁷ Id.

⁶⁸⁸ Id., pp. 14 y 16.

⁶⁸⁹ RT, n. 47(agosto 1876), p. 304-307. Citado en EEO III, p. 795-797

capitaneadas pela nova Débora, Teresa de Jesus, assim designada pelo Papa Gregório XV...⁶⁹⁰.

Há, aqui, uma intuição de fundo, que em conexão com o passado, se torna inovadora. Segundo Henrique de Ossó, o milagre operado por Teresa de Jesus, pode repetir-se no século XIX. Quem fizer parte do exército escolhido de Teresa de Jesus tem que ser como ela, porém, em vez de utilizar as estratégias do século XVI, terá que recorrer às que o século em que vive, o presente lhe exige...

"Disse-se, e é uma verdade, que educar um menino é educar um homem, mas educar uma mulher é educar uma família. Se Teresa de Jesus vivesse agora, por certo que haveria de prestar atenção, principalmente, à educação da juventude, pois os pais, hoje em dia, ou a descuidam, ou dirigem-na mal. Não se ocultaria, ao olhar perspicaz da grande Santa, que a questão capital de hoje se joga, entre a Religião e a impiedade; que o campo onde se trava a batalha mais feroz é o do ensino. Pretende-se expulsar, do mundo, Deus. Os discípulos do filho da perdição... entenderam que só, apoderando-se do ensino e tornando-o ateu, era como eles e as suas doutrinas de perversão podiam entronizar-se no mundo. Daqui o seu afã em corromper o ensino com livros de texto;... Por isso, se vão sucedendo tantos desastres, na nossa Espanha e no mundo todo, de que mal percebemos a causa. E aí de nós, se dormimos o sono do descuido!..."⁶⁹¹

A missão da Companhia fica determinada, na origem, devido a uma situação histórica comprometida com umas finalidades religioso-sociais e congruente com a sua mentalidade:

"Não é de admirar, pois, que a árvore frondosa da nossa Congregação Teresiana, não só procure guiar as donzelas mais crescidas pelo caminho do céu, mas que procure, preferencialmente, preservar os corações inocentes, dos perigos das falsas doutrinas e perversos costumes, por meio de uma educação cristã e de um sólido ensino, segundo o espírito da grande Teresa de Jesus; e, através disto, regenerar a Espanha e o mundo todo, imitando as virtudes da Santa do nosso coração, modelo cabal de perfeita mulher, católica e espanhola..."⁶⁹².

As palavras do Fundador comunicam o fogo do Espírito com que foram escritas. No entanto, a sua referência histórica liga-se ao passado. Em 1876, decretava-se, em Espanha, a liberdade de ensino, tarefa até então, confiada à Igreja. A regeneração, que propõe, leva implícito um modo de enfocar a fé, a partir de uma mentalidade anhistórica, própria do espírito da *devoção* em que fora formado e em que exprimiu a sua experiência de Deus. Atingido este ponto, perguntamo-nos: Como se deverão reler estes textos no século XXI, num mundo globalizado, perante os desafios do presente e os novos horizontes culturais? Poderá compaginar-se, por exemplo, uma visão da mulher como sexo débil, de natureza inconstante, com a consciência e a sensibilidade femininas emergentes? Como esta, surgem muitas outras interrogações, que nos mergulham na questão hermenêutica.

A Companhia, para se entender a si mesma, tem de recorrer à experiência de Henrique de Ossó, vista em toda a amplitude do seu contexto. Assim como a nossa família religiosa, nas suas origens, esteve relacionada com uma visão de Cristo, vinculada à experiência espiritual de Henrique de Ossó, também se enlaça com elementos que brotam de situações históricas ou ambientais muito

⁶⁹⁰ *Id.*

⁶⁹¹ *Id.*

⁶⁹² *Id.*

concretas. Para um trabalho de actualização, será necessário identificar essas circunstâncias, pelo que entrevemos a tensão que acompanha todo o carisma e toda a instituição, entre a tradição e a novidade.

~

Da experiência espiritual do Fundador ao carisma da família teresiana

Esta terceira parte inicia-se com uma síntese dos elementos do caminho espiritual de Henrique de Ossó, a partir da releitura das páginas precedentes.

A família teresiana está chamada a recriar o carisma, em cada época da história e nas diversas culturas, através de um diálogo aberto, entre o presente e a memória recebida.

A reflexão sobre o que significa reler o carisma, que se desenvolveu, permite ver o alcance e os limites destas páginas que passam, necessariamente, pela nossa experiência, e que permitem vislumbrar outros horizontes, em fidelidade criadora.

Com o título *a nossa experiência*, referimo-nos ao olhar retrospectivo, que neste capítulo, fazemos sobre todos os anteriores, e também à vivência que tivemos ao tratar desta releitura, acrescentando algumas pistas, a fim de deixar aberto o caminho. Ao longo destas páginas, quisemos que falasse Henrique de Ossó, o Fundador, pelo que tivemos especial interesse em destacar as *suas palavras*. Ao finalizar, podemos dizer que, também o Fundador quis falar, utilizando as nossas, pois passou pela *nossa experiência*. Nesta dinâmica, surgiram algumas aprendizagens. Relatamo-las, na esperança de que iluminem outras releituras, através das quais, a família teresiana volte às suas fontes, as reinterprete e continue a procurar viver, em fidelidade criadora.

A experiência espiritual do fundador é um dom gratuito do Espírito, comparado à *primeira pedra* na construção de uma família religiosa⁶⁹³. Afirmar a gratuidade do dom, não significa diminuir o contributo humano, num projecto fundacional, porque se trata de uma acção de Deus, encarnada. Nesta segunda versão, preferimos comparar o carisma com alguma analogia mais dinâmica, como por exemplo, a semente que cresce ou o vento que transporta a fecundação, e renova, sem se deixar agarrar. Este vento é quem nos impeliu, agora, a perceber os limites e os horizontes deste trabalho. Temos mais consciência de que todo o carisma é experiência e, portanto, culturalmente *situado*.

Continuar a reler a experiência do Fundador e da primeira comunidade, é fonte de vida, para a família teresiana. O critério é realizá-la, conjugando a conexão da origem com a novidade surgida dos contextos presentes. Ser fiéis ao carisma é ser criativas, porque é deixar-se guiar pelo mesmo Espírito, inesgotável fantasia criadora.

1. UMA RELEITURA DO CARISMA

Ao iniciar o nosso trabalho, esperava-se que identificássemos os elementos ou traços diferenciadores da espiritualidade de Henrique de Ossó. Na meditação dos seus livros devocionais, procurámos, mais que analisar, sintonizar com um coração que palpita, e captar o sentido daquelas palavras que se vão repetindo, como estribilhos. São frases que dão tom e cor aos conteúdos. Ao

⁶⁹³ Cfr. CIARDI, F., *Los fundadores, hombres del espíritu. Para una teología del carisma de fundador*, Madrid 1983, p. 126.

longo da leitura, fomos percebendo quais as relações, quais as constantes, até encontrarmos os eixos estruturantes do que ele pretendia comunicar.

No final, tendo-nos inspirado nessa lógica sugerida por Henrique de Ossó, enlaçámos alguns elementos, que oferecemos, agora, como uma síntese linear⁶⁹⁴, conscientes de que poderia ter sido organizada de forma diversa. Ao oferecê-la, pensamos que facilitará a compreensão dessas frases carregadas de sentido e das suas relações, especialmente para quem as escutou, sem ter tido a oportunidade de se aproximar das fontes. Que pretendia afirmar, Henrique de Ossó, quando, na vida quotidiana, ia repetindo que tudo deveria clamar: “*Viva Jesus!*”? Que significa esse “*aspiremos sempre ao mais perfeito*”? - expressão sua, facilmente interpretável com outro sentido... Qual é o contexto em que lhe surge o desejo de querer formar *outras Teresas de Jesus*? A pergunta de fundo, que nos acompanhou, neste trajecto, é: *Como compreendeu Henrique de Ossó o significado e a relação das virtudes que configuraram o caminho espiritual que propôs*? Confiamos que, apesar das limitações, esta aproximação funcione como uma ferramenta útil, para reduzir a distância histórico-cultural, e motive a entrar em contacto directo com os textos originais e a descobrir muito mais.

1.1. O Caminho espiritual de Henrique de Ossó

A pedagogia divina vai formando, progressivamente, o Fundador, tornando-o sensível, especialmente, a certos aspectos do mistério de Cristo e a determinadas situações sociais. A atracção que experimenta, face ao Mistério encarnado, entretece-se com a liberdade das próprias opções e, assim, vai-se configurando um caminho que, pela novidade, suscita um grupo de seguidores e seguidoras. Aquele a quem Deus elegeu, para formar uma família religiosa, antes de se converter em fundador, assume o dom, e vive-o, como algo pessoal. Não é porta-voz, mas o primeiro a empreender, apaixonadamente, um itinerário, pelo qual atrai.

Vimos que o caminho espiritual de Henrique de Ossó está configurado, pela contemplação de Cristo e pela meditação da sua Palavra. Ele quis conformar-se com Cristo, viver radicalmente o evangelho na sua totalidade, se bem que, na leitura evangélica, priorizasse os aspectos que mais sintonizavam com a própria personalidade, a sua história. Por meio deles, aproximou-se do mistério e foi construindo a sua identidade. Expressou-os a partir da sua cultura.

Henrique de Ossó inspirou-se nas grandes escolas espirituais da Igreja do seu tempo. Quando se propõe entrar por um caminho de *imitação das virtudes de Jesus Cristo* e formar-se com um coração teresiano, entra, em cheio, na *devoção católica*. Com os seus escritos não pretendeu fazer tratados, mas *atrair*, com um sentido evangelizador, que não escapa às fronteiras do seu tempo. Forma parte da espiritualidade do século dezanove, que consiste na imitação de um *modelo de perfeição*. A sua originalidade está no modo de traduzir o evangelho, na experiência pessoal. A autenticidade da sua vivência é que constituiu escola.

1.1.1. “Conformar a minha vida com Cristo”

Henrique de Ossó recorda, com S. Paulo, que o *único negócio e ocupação essencial*, no peregrinar da vida, está em “*conformá-la com a de Cristo*”⁶⁹⁵. O itinerário espiritual gera-se na

⁶⁹⁴ A fidelidade não há-de ser linear, mas criadora. Uma fidelidade plana leva a transpor o passado para o presente. Uma fidelidade criadora envolve a situação presente dentro do passado e pode actuar, por causa da mesma fidelidade, com uma lógica diversa.

⁶⁹⁵ MCJ, EEO, III, p. 456

aceitação do convite de Jesus Cristo, para imitar as suas virtudes: “*Vinde a Mim todos... e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração*”⁶⁹⁶.

Um coração *humilde* é o coração contrito que, acolhendo a chamada à conversão, renuncia ao pecado, entrando pela porta do “*negue-se a si mesmo*”. Com uma determinada determinação, faz seu, o lema: “*MORRA O PECADO!*”. E, para ser fiel, busca cada dia, viver *em verdade*, deixando entrar, no seu interior, a luz de Jesus que o ilumina no *conhecimento próprio*.

A *mansidão* é amar o próximo como o amou Jesus, com um coração de *pai e pastor*: suportando-o nas suas debilidades, acolhendo-o, com *delicadeza*, e entregando a vida, para que tenha vida.

Humildade e mansidão de coração são virtudes que vão configurando os que contemplam a vida de Jesus e buscam parecer-se com Ele. Levar à prática o que contemplou passa por um *vencimento* contínuo, que vai regulando o interior. O exterior vai-se tornando, também, *modesto*. É a consequência de orientar toda a vida para Jesus, atitude onde o autodomínio joga um importante papel.

De um coração *manso e humilde*, nasce o *zelo ardente pela glória do Pai*, buscada, em todas as coisas, como *obediência* à sua Vontade. Sinal disso é a disposição de empregar *todos os dons da natureza e da graça*, para a salvação das pessoas, que são o que mais interessa a Deus. “*VIVA JESUS!*”⁶⁹⁷ é a exclamação de um coração modelado, para ir querendo o que Deus quer, com todo o seu ser.

Quem entrou por este caminho, vive, habitualmente, num clima de *silêncio*, propício ao crescimento. A sua inspiração é a *vida oculta de Jesus de Nazaré*, que significa a comunicação com *Jesus, Maria e José e fazer todas as coisas*, em *união* com tão grata companhia: “*Tudo seja para a maior honra e glória de Jesus, Maria e José*”... “*E Teresa de Jesus*”. Porque, junto de Jesus, Maria e José está, também, Teresa. Onde está Jesus, há-de estar Teresa, já que está unida a Ele, de modo inseparável.

1.1.2. “Com Teresa de Jesus”

Teresa de Jesus possui um *coração magnânimo, forte e generoso, agradecido* aos benefícios de Deus. Possuir um *coração forte*, significa afrontar grandes empreendimentos pela glória de Deus, superando a *debilidade e inconstância*⁶⁹⁸, com uma *confiança* a toda a prova, *em Deus, que “basta e não muda”*. O amor desperta a audácia e a grandeza de ideais, para se lançar na realização de obras de zelo, apoiando-se naquele que “*é Amigo de almas animosas, desde que vão com humildade e nenhuma confiança em si mesmas*”.

Teresa de Jesus é *mestra de oração* e de *zelo pelos interesses de Jesus*. Porque ela experimentou, na relação com o seu Deus, o maior amor possível a uma criatura e foi designada, pelo mesmo Jesus, para *zelar pelos seus interesses*, quando lhe disse: “*zelarás a minha honra como minha verdadeira esposa*”.

⁶⁹⁶ *Id.*

⁶⁹⁷ TFS, EEO III, p. 659

⁶⁹⁸ Henrique de Ossó, segundo a mentalidade do seu tempo atribuía a debilidade e inconstância à condição de mulher.

1.1.3. “Era este o meu estilo de oração”

O atalho que Henrique de Ossó recomenda, para chegar a essa relação pessoal, é a oração de recolhimento, aprendida com Teresa: “*O meu estilo de oração era procurar trazer Jesus Cristo, presente dentro de mim*”. A oração, que Henrique de Ossó recebeu como missão para o mundo, é a mesma, ensinada por Santa Teresa de Jesus. É a oração *pessoal*, o “*trato de amizade*” com a Humanidade de Jesus Cristo, conhecido e amado nos seus mistérios, especialmente *a encarnação, a paixão e a eucaristia*. “*É esta a vida eterna: que Te conheçam a Ti...*”

1.1.4. “Conhecer e amar Jesus Cristo...”

A relação com Jesus é vida fecunda: “*Conhecer-Te, para amar-Te, e fazer-Te conhecer e amar*”.

Quem é Jesus Cristo? *Jesus Cristo* é o nosso *Senhor e Salvador*, porque Lhe pertencemos, porque nos redimiou, com a sua paixão, e porque *O elegemos*, por amor, ao aceitar o dom gratuito que nos faz de Si. *Ele amou-nos primeiro, até ao extremo*. Reconhecer essa pertença move a devolver amor por amor: “*Vossa sou... Que quereis, Senhor, de mim?*”.

Jesus Cristo é *Rei*, porque vai adiante no *combate da vida* e venceu todos os inimigos. Este Rei faz um convite: “*Segue-Me...*” em *pobreza e humildade*. O *caminho* é o próprio Jesus Cristo, *Mestre, verdade e vida*.

Jesus é *Amigo*, conhecido e amado no trato quotidiano, na partilha da mesa Eucarística, na escuta dos segredos que só revela aos próximos, numa relação ininterrupta, em *presença amorosa*. A sua amizade saboreia-se, quando o coração está atento e desprendido, livre.

Jesus quer ser *Esposo* e unir a sua Vontade à nossa. Pode realizá-lo, quando o aceitámos como *Ecce Homo*. Optar por este Rei escarnecido, significa entrar no mais profundo do seu mistério e preparar-se para a *união*. Ao entregar o centro dos afectos a este Rei: “*Quando o coração Lhe diz...*”, recebe-se um selo: “*Que morro, porque não morro*”. Viver unido a Jesus Cristo é tê-lo gravado no coração e *viver morrendo, viver e morrer de amor*. É o “*TUDO POR JESUS!*”.

Este selo abre à participação na *missão* do *Mestre*, porque só com esta maneira de viver, que é a *união*, se *zelam os interesses de Jesus*. Também significa começar a viver a vida eterna, *aquela vida verdadeira* que Jesus conquistou, com a morte e ensinou, com a vida. Quem O conhece e vive pode dar a *conhecer Jesus e fazê-Lo conhecer e amar*. Quem passou por um processo de conhecimento próprio inseparável do conhecimento e amor de Jesus: “*Já não vivo eu, porque Jesus é quem vive em mim*”.

1.1.5 “...para O fazer conhecer e amar”

A experiência do *conhecimento e amor de Jesus* é difusiva, fundamento da missão apostólica: “*Fogo vim trazer à terra...*” Realiza-se, em *todo o tempo e lugar*, e é *universal*, porque nada impede amar e orar, incessantemente, e por todas as pessoas. O modo de realizar esta missão é seguir as pegadas do Mestre: *ORAR, ENSINAR E SACRIFICAR-SE*.

A missão apostólica tece-se com a *oração* pessoal e, muitas vezes, converte-se em *oração de intercessão: lugar onde se negociam os interesses de Jesus*.

O *ensino* consiste, antes de mais, no modo de viver, porque *a palavra deve ser precedida pelo exemplo. Também é informar em que consiste a vida verdadeira, ensinando sobretudo a orar*. Na *missão*, têm preferência os mais necessitados: *crianças, pobres e pecadores*. São os mais dignos de compaixão, porque, aos pequenos, é possível arrebatá-lhes a *inocência*, e *faltar-lhes-á a fé, se ninguém os ensinar*. À obra apostólica, tem que ser associada *a mulher*. É um tempo muito bem empregue, o dedicado à *catequese de meninos e meninas*, futuras *mães*, que serão as *catequistas dos seus filhos e filhas*.

O *sacrifício* é a atitude de *entrega radical, por amor*. Quando uma pessoa está *consagrada – sacrificada –*, é capaz de sofrer qualquer trabalho, por causa da missão apostólica, como o fez Jesus, na sua paixão. O seu significado é a entrega radical, porque quem já não tem vontade própria, por estar consagrado, dedicado inteiramente e rendido à Vontade de Deus, nenhum sacrifício lhe parece grande. A *obediência*, como submissão profunda de toda a pessoa ao único absoluto, é a atitude *religiosa* por excelência. Este modo de viver e de amar resume toda a *lei*: "*Amarás a Deus com todo o teu coração, com toda a tua mente, com todas as tuas forças e ao próximo, como a ti mesmo*". É um amor delicado, que atrai e santifica, porque não nasce somente da sensibilidade ou das paixões não vencidas, mas da integração de todo o ser, numa vontade unida à de Deus, que é o seu Bem.

Teresa de Jesus ensina o modo de viver essa síntese de *oração e zelo*. Henrique de Ossó aprende, com ela, uma mística que se resume no desejo de: "*Ser o primeiro...*"⁶⁹⁹ Alude à experiência de Teresa de Jesus, que buscou o mais agradável a Deus, comprometendo-se com voto. Quando não é possível fazer esse voto⁷⁰⁰, ao menos pode-se pretender, como Teresa: "*ser o primeiro*" no amor e nos desejos. Este é o cenário da expressão: "*aspiremos sempre ao melhor, ao mais santo, ao mais perfeito*". Quem tal fizer, como Teresa, *não achará alegria em menos do que Deus*, isto é, encontrará a verdadeira satisfação do coração.

Para viver esta mística, cultivará uma atitude consciente de atenção amorosa a Deus e exprimi-la-á, de forma concreta, através de contínuos actos de amor: as *jaculatórias* são exemplo de uma *oração activa*. As *jaculatórias* são setas, que partem da nossa vontade, até Deus, e regressam, ferindo com o amor de Deus a quem as lançou. Deus corresponde aos desejos, nascidos de um coração *livre- agradecido e desprendido-*, que de verdade o deseja, dilatando-lhe a capacidade de amar, e habilitando-o para actuar, em favor dos outros. Pelos impulsos do amor, um coração débil transforma-se num *coração magnânimo*. Uma pessoa enamorada de Deus terá, para com Ele, uma *generosidade sem limites*, pureza de coração e a mais perfeita obediência.

1.1.6. "Meu único desejo: servir e louvar..."

Teresa de Jesus fez o que muitos outros tinham tentado, sem o conseguir: *reformou a sua ordem e a Igreja, começando por se reformar a si mesma*. E se uma Teresa de Jesus – pensava Henrique de Ossó - pôde ser o remédio para os males do século XVI, *outras Teresas de Jesus* remediariam os do século XIX. Bastaria *formar*, na fé e na oração, para o remédio do mundo. A situação era grave, mas não estava perdida, porque há vida e santidade na Igreja e, além disso, Deus "*fez saneáveis as nações*".

⁶⁹⁹ C, EEO II, p. 17; p. 27

⁷⁰⁰ C, EEO, II, p. 16

Henrique de Ossó ama a Igreja, porque dela recebeu a vida de fé. Como Teresa de Jesus, experimenta o desejo de que: “*o Senhor fosse servido e louvado, e aumentada a sua Santa Igreja*”. Entrega-se à Igreja, em fidelidade à graça baptismal, e colabora na sua missão de salvação, entregando a vida, para que toda a pessoa seja iluminada com a luz de Jesus Cristo. Realiza-o, diligentemente, convencido de que, se existem tão graves males na Igreja, não é, unicamente, pela acção dos opositores, mas devido à negligência dos seus.

1.1.7. “Determinado a vencer ou morrer”

Para tal, é necessário dispor-se a passar pela *perseguição* e a lutar, sem temor. Anima saber que Cristo vai adiante, e já venceu o mal. O *combate* trava-se, em todas as frentes, no interior e no contexto externo. Por isso, convém distinguir bem quem é o *inimigo*, como se apresenta, o modo como ataca, e quais são as suas armas. Ensina que pessoa alguma, por errada ou viciosa que seja, há-de ser considerada *inimiga*. O verdadeiro inimigo é o *espírito do mal*, que sabe enganar, de mil formas; revestido com a aparência *do mundo*, mete-se, na própria *carne*, e toma posse de todo o ser. O espírito sabe aproveitar a desordem das paixões e não pára, até que, livremente, cedemos na batalha e abandonamos o campo. Por isso, há que ser *vigilante*, formando parte do grupo das *almas reais*⁷⁰¹, isto é, aquelas que, como Teresa, viveram a experiência de serem *desenganadas* e *estão determinadas a não se deixarem vencer*. Neste grupo das *almas reais*, Teresa é a *primeira*, como capitã ou *Nova Débora*. Assim se compreende por que esta guerra só se vence *com a oração*.

Reafirma-o a experiência de Jesus. Ele ensinou que o modo de combater e sair vitorioso da tentação é a oração, acompanhada pelo *vencimento*⁷⁰², *vigilância* e *silêncio*. Estes são os sinais, para reconhecer uma oração enganosa. Sem oração, toda a acção apostólica é inútil, porque não brotará da obediência a Deus e da confiança na sua misericórdia, mas estará fundada na organização humana, e cairá, ao menor vento de contradição, *como se quebra um pauzito de alecrim seco*. O estilo de acção apostólica é como o que Jesus escolheu para si: pobre, apoiado na bondade e fidelidade de Deus, isto é, animado pelo *espírito de fé viva*.

1.1.8. “Confiado na tua Palavra”

Esta espiritualidade é fonte de uma atitude optimista perante a vida. Nasce da esperança na promessa de Jesus, avalizada pela sua palavra: *Tu o disseste... e a tua palavra não pode faltar...* Apoia-se na imagem de Deus, revelada por Jesus, no evangelho. Suscita a fé em que *tudo é graça e tudo concorre para o nosso bem*. Traduz-se numa atitude de serenidade interior e exterior ou *igualdade de ânimo*, que supera, com paz, qualquer contradição, inclusivamente, a *contradição de bons*, que é a mais difícil de suportar. A fé, nesse Deus, sustenta o ânimo para *perseverar* nos empreendimentos começados, sofrendo, com *paciência* e *fortaleza*, as adversidades.

1.1.9. Com Maria e José

Neste caminho, *MARIA é Mãe, Rainha* e protectora. Todo o nosso ser tem que ser consagrado a Jesus, pelas suas mãos; e entregamos-Lhe toda a pessoa, e com mais razão, todas as nossas coisas. A Ela, confiamos os projectos, consultamos, amamos e honramos. Venera-A, especialmente, no mistério da sua Conceição Imaculada, cuja contemplação anima a viver a pureza da consciência e

⁷⁰¹ C, EEO, II, p. 17

⁷⁰² Cfr. Lc. 9, 23 citado em: C, EEO, II, p. 21

uma entrega a Deus, capaz de dar frutos de caridade. É uma atitude que se pede com um coração, que anda em verdade e vive vigilante, com pureza e modéstia, como homenagem à presença de Deus. Maria é o modelo da *humildade, pureza, modéstia e caridade*.

S. JOSÉ É pai, protector, provisor e mestre de oração. É-o, porque nisto se resume a missão que Deus lhe encomendou na vida e que desempenhou, maravilhosamente, em Nazaré. Teresa de Jesus experimentou o seu patrocínio e não ficou defraudada. *Que o experimente quem não o crer e conhecê-lo-á, por experiência.*

1.1.10. Como Jesus

Devido ao amor e sacrifício, Henrique sintoniza com a devoção ao Coração de Jesus. Ele ofereceu a versão teresiana desta devoção, tão popular no século XIX, apresentando o coração transverberado de Teresa de Jesus, como caminho a imitar. A imagem de Santa Teresa, nessa passagem, recorda-lhe a graça da sua conversão, e é evocadora da *mística do amor*, onde se insere o *espírito de oração e zelo*.

É um amor, que parte do desejo do coração, manifestado a Deus com obras, a que Deus responde, dilatando a capacidade de amar. O trabalho apostólico, *através da devoção ao Coração de Cristo*, é o empenho em procurar, através deste mesmo amor, *que todos entrem nesse Coração*, centro de todos os corações, onde a pessoa humana encontra a sua plena realização. É o lugar onde, reunidos, alcançaremos a meta universal, de *ser um com Deus em Cristo, para a sua maior glória*, como é desejo de Jesus: *Que todos os homens se salvem e que cheguem à plenitude, em Cristo.*

2. FIDELIDADE CRIADORA

Fabio Ciardi define a problemática hermenêutica, aplicada à leitura do fundador, dizendo: “O Fundador tem um carácter próprio, um temperamento particular, que o influenciou certamente, nas opções concretas, e sobretudo no modo de se exprimir. Além disso, é um homem do seu tempo; e a sua acção apresenta-se como uma resposta válida, às urgências do mundo e da Igreja que o rodeia, precisamente porque pertence ao seu tempo... Consequentemente, formulou o seu pensamento, segundo uma mentalidade histórica determinada, com categorias que lhe foram sugeridas pelo século em que viveu. É, finalmente, filho da sua terra, da qual herdou uma sensibilidade e umas atitudes características”⁷⁰³. Talvez por isso mesmo, o autor se pergunta: “É possível, além de se aproximar com objectividade do fundador, conseguir também captar o seu pensamento genuíno, abstraindo-o das formas contingentes em que se exprimiu, devido aos condicionamentos psicológicos, sociais e ambientais?”⁷⁰⁴.

Assim pensávamos, quando iniciámos o nosso trabalho: que era possível *aproximar-se, com objectividade, e abstrair um pensamento*; no entanto, pela reflexão partilhada destes anos, a nossa opinião mudou. Temos mais consciência de que só podemos aproximar-nos de qualquer texto, através da *subjectividade*. Fazer essa abstracção, de que fala Ciardi, introduz-nos num mundo de conceitos, cujo sentido dependerá do sistema de pensamento em que se movem. Assim como o

⁷⁰³ CIARDI, FABIO, *Op. cit.*, p. 13.

⁷⁰⁴ *Id.*

carisma nasce num contexto, a sua releitura também terá que ser culturalmente situada. Este é o aspecto do diálogo com o Fundador que, no nosso trabalho, ficou incompleto e lhe aponta o limite. Sempre será uma questão em aberto.

O esquema de Carlos Mesters ajuda-nos a explicar melhor o que agora queremos dizer. Ao tratar da hermenêutica bíblica, Mesters afirma que, numa releitura, entram em jogo três elementos: TEXTO, PRÉ-TEXTO e CONTEXTO. Na releitura do Fundador, como na Bíblia, o TEXTO é fundamental. Há de ser abordado, no seu sentido óbvio e literal, a partir da língua e da situação histórico-social em que foi produzido. Ora, este TEXTO, para quem tenta a releitura, a partir de outra época, só terá sentido, se for uma resposta a perguntas prévias. Por isso, se diz que, *antes* do TEXTO está o PRÉ-TEXTO, formado por essas interrogações. As perguntas não são de tipo especulativo, mas antes, deverão emergir da vida dos que fazem a releitura, isto é, de uma comunidade de fé, situada dentro de um CONTEXTO⁷⁰⁵.

Com estes pressupostos, podemos afirmar que, com o nosso trabalho, demos um passo na releitura; porque nos aproximámos do texto do Fundador, com uma atitude de acolhimento, com a simplicidade de quem pretende escutar, com a mesma fé, buscando compreender o momento histórico e o horizonte cultural em que esse texto se inscreve. Não se buscava, somente, captar o núcleo de um pensamento, mas de conectar com um espírito. Também existiu um pré-texto, porque o diálogo com o Fundador se estabeleceu, a partir de questionamentos existenciais, partilhados, em comunidade. Descuidámos, todavia, o contexto. O cenário não era formado pelos desafios das situações presentes, na altura, mas por um quadro teórico, anhistórico, de vida espiritual.

Na nossa experiência, descobrimos muitas respostas de sentido, se bem que, ao fim da leitura, tenham surgido outros questionamentos. Naquele momento, deixámos essas questões, em aberto. Percebíamos um certo desfasamento. Pensávamos que a explicação estaria no estilo, na linguagem. Fomos um pouco além, conscientes da diferença de categorias e perguntávamo-nos que acções ultrapassariam esses escolhos, acreditando que deveríamos fazer uma transposição. As diferenças históricas não bastavam como explicação, porque no fundo, queríamos resgatar o essencial. Vemos, agora, mais claramente, que não se trata de transpor, porque o essencial, em determinado tempo, tem sentido numa cosmovisão e dentro de uma situação histórico-cultural. Necessita-se do elemento criativo, que proporciona o contexto presente, para que ganhem vida. O que necessitamos não é de trazer o passado para o presente, mas de ler a nossa realidade, com as nossas cosmovisões actuais e, daqui, recorrer ao Fundador. Não é questão de extrapolar elementos, mas de problematizar o diálogo, de outro modo: pôr em jogo perguntas nascidas da situação real vivida pela comunidade, que relê e partilha o carisma, e que, necessariamente também passa por subjectividades.

Com as reflexões realizadas nestes anos, compreendemos melhor o que significa reler o carisma em fidelidade criativa. A contemplação do passado, unida ao sentido de admiração que suscita, é o trampolim para nos perguntarmos sobre a Vontade de Deus, no presente. A herança espiritual recebida é a força que nos impele a superá-la, porque partilhamos o mesmo Espírito, que deu vida ao Fundador, e torna novas todas as coisas. Situado no seu momento histórico, o nosso Fundador soube recriar Santa Teresa. Uma vez feita a releitura do seu contexto do século XIX, e tendo no coração a síntese que apresentou sob o título *os males de Espanha*, Henrique de Ossó aproxima-se da Santa e pede a Deus uma graça: não de a copiar, mas de escrever e agir como ela, apoiado em Deus, com a confiança de que o pode favorecer, com *o mesmo Espírito* que guiou

⁷⁰⁵ O esquema de releitura proposto abarca: texto, contexto e pretexto. Cfr. Carlos Mesters, *Por trás das palavras. (Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia)*, Petrópolis, Vozes, 1975, 2ª. ed., citado em: TABORDA, FRANCISCO, *Evangelización para el Tercer Milenio*, Bogotá, 1994, CLAR n. 65, p39 y ss.

aquela pena e sustentou aquelas obras⁷⁰⁶. Quando assumimos a nossa responsabilidade histórica, é iniludível prosseguir o diálogo, a partir *do interior* e do presente, como obediência ao Espírito. Este é o elemento *crítico*, dialogante, que se deverá juntar à compreensão da releitura.

A fonte é activa, se a ela levarmos a sede. Esta sede é a nossa. Beber da reserva de sentido, que nos oferece o Fundador, ajudar-nos-á a assumir o risco e a recriar, com a novidade que vai exigindo cada tempo e cada contexto. Deter-nos-emos, um pouco, nestes aspectos, aplicando-os à nossa experiência, com a intenção de que, ao fechar estas páginas, se abram outras. Para tal, relacionamos os elementos da releitura: texto, pré-texto e contexto, com as suas acções, isto é: compreender e dialogar, situando-nos entre o presente e a memória do passado, no desejo de apontar para essa fidelidade criativa.

2.1. Horizontes culturais

Na releitura do carisma, falámos não só da importância de reconhecer o significado do texto, mas também do seu horizonte cultural, abarcador das condições históricas e do horizonte de compreensão. Na nossa experiência, a tentativa de compreender os textos esteve acompanhada da aproximação ao horizonte histórico do Fundador. A intenção foi compreendê-lo, através dos seus olhos. No final do trabalho, emergiam também as diferenças que nos separavam. Vamos descrevê-las, a seguir, como as vimos naquele momento, acrescentando a atitude que pensamos que deverá acompanhar as nossas descobertas.

Pensemos, por exemplo, que a experiência espiritual de Henrique de Ossó está condicionada por uma cosmovisão estática do mundo. Ele desenvolveu-se na passagem de uma cultura agrícola, pré-científica e sacra, e assistiu ao nascimento de uma outra cultura, técnico-científica e secular. Viveu dentro de uma sociedade classista, pensando que as estruturas sociais eram imutáveis, queridas por Deus. Não tinha surgido a consciência de que a pobreza é resultado de umas relações humanas injustas das quais somos responsáveis e nas quais podemos intervir para as transformar.

A filosofia do século XIX situa-se dentro de um racionalismo, ausente de sentido histórico e existencial. A antropologia que Henrique de Ossó aprende está influenciada pelo dualismo platónico. O seu horizonte de compreensão era somente o mundo dos objectos, a realidade considerada como algo em si. Tudo isto dava lugar a uma perspectiva dogmática, própria de uma sociedade marcada por relações e ritmos estáveis, onde inquietava a questão sobre as essências. Este horizonte mudou com a modernidade, pela descoberta do sujeito autónomo, que se pergunta não só pelas essências, mas também pelo sentido, começando a perceber a dialéctica entre o sujeito e o objecto, e a reconhecer que nesta relação se criam mundos. Estes mundos chegam a influenciar as pessoas, e por esta consciência, surge a inquietação, não apenas pelos sentidos, mas também pela sua transformação.

Henrique de Ossó, dentro dessa concepção teocêntrica da vida, participava da visão religiosa, em que a devoção, como forma de relação com o divino, se exprimia em práticas e celebrações, preferencialmente, em lugares sagrados. Nesse mundo, a Escritura interpreta-se, sobretudo, de forma moralizante e a ela só os eclesiásticos têm acesso. Está dentro de uma Igreja sociedade-perfeita, na qual o importante é a submissão absoluta à autoridade, que representa Deus. O leigo tem um papel passivo e o determinante, na sua vida, é estar em conformidade com a

⁷⁰⁶ Cfr. RT, n. 2(noviembre 1872), p. 30 “*Santa Teresa de Jesús*”, cita em cap. 7 “Con el espíritu de Teresa”

instituição. A Boa Nova, identificada com a doutrina, comunica-se, independentemente do mundo subjectivo e cultural de quem a recebe.

Existem, indubitavelmente, muitos elementos do horizonte cultural vivido por Henrique de Ossó, que hoje em dia, são vistos sob diferentes perspectivas. No caso da releitura do carisma, quando se não reconhece a contingência de qualquer situação, o perigo está em sacralizar a figura do fundador, e se o sacralizamos, também o desumanizamos. Este risco está presente, quando trasladamos os textos, sem mais, ou quando deixamos de lado aqueles que correspondem a outra sensibilidade. Ora, a capacidade de reconhecer os limites do passado, que hoje vemos, tem a ver com a capacidade de reconhecer os próprios limites, e desemboca numa atitude de *não absolutização*, de abertura e conversão contínua.

2.1.1. Compreender

Numa releitura, convém reparar nas pré-compreensões que nos acompanham, no momento de a realizar. Compreender-nos para compreender, a partir de onde relemos. Ficou dito algo sobre o quadro de referência com que elaboramos este trabalho. Outra questão tem a ver com as motivações, quase sempre inconscientes. Para as descobrir, ajudou-nos o diálogo e a distância. Constituem, igualmente factores, para apreciar o valor e o limite da releitura.

Sentimos que este trabalho tem o valor de ter sido feito, mediante uma experiência de partilha comunitário e em atitude de fé. Depois de algumas semanas de tentativas diversas de abordagem e de pedir assessorias, compreendemos que se tratava de uma obra que questionava, não apenas a intelectualidade, mas também a própria experiência espiritual. Desde então emergiu uma atitude consciente de querer sintonizar com o espírito do padre Henrique. Entramos em contacto e em diálogo com ele. As nossas perguntas supunham um interesse vital. No fundo, buscávamos segurança e encontrar nas palavras e no encontro com o Fundador, pistas para *reproduzir* um caminho.

Os questionamentos serviam de guia e eram apresentados ao Fundador, como pai, esperando que as suas respostas fossem reveladas e descobertas, que ressoassem, na escuta, na meditação e na oração. Era uma aproximação, sem esquemas prévios. O mapa estava na sua mão. Não era trabalho de um analista, nem sequer de quem classifica as fotografias de um álbum de família. Era a oportunidade de travar um diálogo com uma pessoa viva, com a certeza de que responderia, interiormente; e, munidas de paciência, por saber que, não entenderíamos à primeira e que deveríamos esperar, até que fosse surgindo a luz. À medida que se recebia e partilhava a luz, experimentava-se alegria; a relação estreitava-se, pois contagiava-nos a mesma paixão patente na escrita.

Pouco a pouco, fomos familiarizando mais com a sua linguagem e identificando os significados que ele mesmo atribuía às palavras e expressões. Através da observação dos seus questionamentos de fundo e da origem donde procediam, o facto de recorrermos às suas fontes, fomos revelando o núcleo espiritual, escondido no invólucro da roupagem cultural. Nessa tentativa de compreender o padre Henrique nas suas opções, de o observar no seu contexto, não de forma crítica, mas do modo como ele o via, independentemente de estar ou não de acordo, foi aflorando o mais belo, o mais sentido, isto é, o ideal. Não por ter pretendido silenciar coisa alguma, mas porque a abordagem foi a relação amorosa com Deus e daí brotou. Por isto mesmo, o trabalho tem muito de idealidade. O ideal desperta o mais nobre das pessoas e reveste-se de importância, sempre e quando se tome como tal, isto é, como inspirador. A idealização é tentar copiá-lo para uma realidade

diversa. Isso seria negar a novidade do Espírito ou rejeitar a necessidade da mudança, quando necessária; não por seguir a moda, mas por reconhecer a mesma verdade, que se vai encontrando, no avanço da humanidade.

Outro limite, do ponto de vista do que foi alcançado na compreensão, já ficou dito, é ter problematizado a aproximação, através de uma interpretação da vida espiritual descontextualizada, numa perspectiva unicamente teórica, ainda que as perguntas tivessem passado pela subjectividade. Compreender um projecto que se recebeu como um tesouro é um passo muito importante, mas não significa estar em presença de outro projecto, histórica e culturalmente situado no momento em que se relê. A identidade constrói-se e não pode permanecer petrificada. Uma identidade situada é a que se configura, a partir dos questionamentos do contexto e do sujeito. O carisma também não é definível de forma anhistórica ou aculturada. Outra questão é que nos aproximemos da experiência de um testemunho da fé que nos anima com a vida a assumir a nossa.

E isto já fora intuído, porque, junto com a alegria do ideal, ao pensar no modo de pôr em prática tudo o que encontráramos, aí emergia a percepção de desfasamento. Como o encaixar nas necessidades do presente? Como é que essa carga energética poderia entrar num contexto, em nada parecido ao que viveu o Fundador, e ao qual se dirigiu com as suas palavras? O primeiro movimento foi prosseguir na busca, sem abandonar a ideia de fazer transposições. Uma vez que tínhamos reparado na diferença entre os questionamentos filosóficos do Padre Henrique, perguntávamo-nos se a questão residiria em tentar a *actualização*, a partir daí. Pensou-se que poderia ser questão de aprofundar nas categorias antropológicas, por onde se compreendia muito bem o caminho espiritual proposto pelo Padre Henrique, inspirado num dos seus livros de cabeceira⁷⁰⁷. A hipótese era que, se o Padre Henrique tinha proposto um caminho, fundamentado no ordenamento das faculdades de determinado conceito de *homem*; se essa lógica fosse actualizada, talvez se pudesse chegar ao que hoje se necessitava. Era um caminho impossível. Além do mais, continuava-se dentro do mundo idealizado e do desejo de seguranças.

Na busca, por anos sucessivos e com a abertura a outros diálogos, foi-se clarificando o que agora vemos. Trata-se de voltar à vida e continuar a descobrir as interrogações mais profundas que ressoam, de quotidiano, no próprio contexto e que se confrontam em comunidade. É o “*dentro*” do chamamento pessoal que permanece a vibrar e é o “*abaixo*” que se refere à terra, à realidade que interpela, é a comunicação com os que partilham o carisma, e possibilitam uma nova aproximação⁷⁰⁸. É voltar a Jesus, por meio da escuta da Palavra, não como a leu para nós Henrique, mas como o faria hoje, como se pode fazer na leitura orante. É a integração de uma *crítica* não menos amante. É a contextualização, não só do horizonte cultural do Padre Henrique, mas também do nosso.

2.2. Memória do passado e escuta do presente

O passado teve um sentido e ajuda-nos a compreender o presente, porque sem memória não existe futuro. A crítica serve para relacionar o passado com o presente. Não se trata de julgar o passado com o presente, nem de continuar a *repetir* um passado. A compreensão necessita da crítica para pôr, em diálogo, o presente com o passado. Trata-se de uma crítica que é também inacabada,

⁷⁰⁷ Referimo-nos ao *Combate espiritual*, de Lorenzo Escupoli, livro de bolso que formava parte de sua biblioteca pessoal e que diz ter sido também um dos preferidos de S. Francisco de Sales. Traduzido do italiano por Damian González e publicado pela Librería Religiosa de Barcelona, em 1850. Em AGSTJ.

⁷⁰⁸ “*Desde abajo y desde adentro*”, movimento de Jesus encarnado, citado em *A seiva que circula, Releitura da espiritualidade teresiana*, Ed. Enrique de Ossó, outubro, 2003, p.33. Em tradução da Prov. Port. STJ, Braga, 2004.

limitada, devido à situação, a partir de onde se faz. As interrogações, com que dialogamos, surgem da experiência, que nos capacita para perceber aspectos novos, porque somos capazes de ver, sentir e pensar, sob o ponto de vista de onde nos situamos. O nosso olhar não só pode ver realidades diversas, como também o pode fazer com uma lógica alheia àquela com que se compreendeu a primeira experiência do carisma. Quando Henrique de Ossó fala de *honra*, fá-lo dentro de um mundo cultural, que lhe dava sentido. Poderá transladar-se, sem mais, este valor a outros mundos culturais? Só a tradução ou transplantação não seria respeitá-lo, na sua diferença. Este é o desafio da inculturação do carisma. E se nos tornámos sensíveis para não realizar transladações entre diferentes tempos históricos, também as não podemos fazer entre diversos mundos culturais.

A capacidade de diálogo admite a verdade inacabada, a relatividade do ponto de vista, o reconhecimento da dignidade de um ser humano diferente, que pensa, sente e vê de modo diferente, segundo a sua própria experiência. Entrar em diálogo supõe estar disposto a buscar, em comum, a verdade. Podemos dialogar, quando não absolutizamos a própria compreensão. A nossa visão oferece-se como inspiradora, não como universalizável. Servirá aos que se situam ou estão chamados a situarem-se, no mesmo lugar. Desde esta perspectiva, é valioso ver o contraste entre a nossa situação e a do Fundador. O seu testemunho é um incentivo. É a voz do pai que nos chama, não só a vibrar com a sua palavra, mas a pronunciar a nossa.

2.2.1. Contextualizar e dialogar

A fidelidade é criadora, não linear⁷⁰⁹. Não se trata de restaurar um passado, mas de o tomar em consideração, para explicar o presente e assumir a realidade relida, com a sua novidade e movimento. O testemunho do Fundador será, sempre, um estímulo para agir, no presente, com o mesmo Espírito que o animou. De algum modo, foi esta a intuição que levou o Padre Henrique a dizer que sonhava, no século XIX, com *outras Teresas de Jesus*. O mais certo é que, hoje, o salto tenha que ser maior, porque quando Henrique de Ossó pretende a formação, segundo o molde de Teresa de Jesus, as mudanças, relativamente ao século XVI, ocorriam a menor velocidade do que agora. Tanto no século XVI como no XIX, evangelizar estava associado a *civilizar* e, portanto, não havia um reconhecimento da igualdade cultural.

Entrar em diálogo, a partir do nosso contexto, seria perguntar-nos: Da experiência de Teresa de Jesus, o que pode ser resposta para a sede da sociedade do século XXI? Por fidelidade, realizaremos, com ela, um novo encontro. Talvez nos peça que deixemos essa imagem combativa de Teresa, que tão inspiradora foi, no século XIX, para voltarmos os olhos à Teresa mística, com resposta para a sede do nosso tempo. A paixão que Henrique e Teresa tinham *pelos almas*, far-nos-á vibrar *pelos vidas* que hoje morrem. Quando o carisma se vai revelando, *carismaticamente*, dá lugar a uma nova vida. Abrir-se-ão novos rostos para o teresianismo e estes serão diversificados.

Henrique de Ossó não pôde ser crítico, em relação à instituição eclesiástica do seu tempo. Colocou-se ao seu serviço, para a manter em vigor. Através dessa visão, temos de ler a sua preferência pelos pobres, as mulheres, as crianças. O horizonte histórico, a partir donde se relacionava com eles, era a época restauradora, que o levava a oferecer umas catequeses onde existiam destinatários, mas não interlocutores que dialogassem ao mesmo nível. Oferecia a Boa Nova como doutrina, com profunda devoção, com atitudes cordiais, maternas. Perguntemo-nos, agora: Como oferecer a Boa Nova a mulheres, pobres e a crianças, com o mesmo zelo que moveu

⁷⁰⁹ Recordamos que no início oferecemos uma leitura “linear”. Terá que ser abordada com a circularidade do contexto.

Henrique de Ossó, de maneira que seja *Boa Notícia para eles, na sua situação concreta?* A atitude crítica incorpora, na evangelização, a realidade do interlocutor. As preferências de Henrique de Ossó podem ser também as nossas, no entanto, também são susceptíveis de outras releituras, através de sensibilidades e descobertas que hoje se possuem. Quiçá sejam esses os aspectos que necessitem mais diálogo, a fim de serem recriados pela família teresiana.

2.3. As fontes e a Fonte

Podemos correr o risco de nos determos na origem da nossa família religiosa, mas esquecer que a nossa referência última é o Evangelho. O regresso às fontes não pode deter-se na primeira encarnação do carisma. O nosso carisma tem a sua fonte no Evangelho. Daí que o regresso às fontes será fecundo, na medida em que ajudar a remontar à Fonte. Para quem está disposto a fazer caminho, terá sentido, porque é necessário que essa luz, que vem da memória do passado, enlace com as vozes que ressoam, nas entranhas da realidade presente. A atenção à voz d'Aquele que nos chama do mais profundo, fará que conectemos com a experiência do Fundador. A aproximação à experiência do Fundador pode ser o impulso para voltar a fazer memória do chamamento. É a mesma sede do coração que tende para a Fonte inesgotável de vida em abundância.

2.3.1. Recriar

A espiritualidade do Fundador é, no seu núcleo fundamental, a própria experiência cristã, isto é, a experiência de Jesus Cristo, no grito que vem dos irmãos e irmãs e da sociedade, e que ressoa no íntimo das pessoas e comunidades que o querem escutar. *Como e onde é que o Fundador reconheceu Jesus Cristo? Como e onde o vamos reconhecendo, através do diálogo com ele, a partir do presente?* Podemos sentir-nos à intempérie de um modelo tradicional, mas isto mesmo permitirá o redimensionamento do modo de articular a relação com um Deus encarnado no quotidiano. O Fundador precede-nos, com a radicalidade da entrega e o amor apaixonado a Jesus Cristo e à Igreja, a vertente mística, a quotidiana aproximação à Palavra e a congruência de vida, a descentração e a caridade. Isto não significa que tenhamos que reproduzir, agora, as mesmas formas. Teremos de escutar o chamamento de Cristo e estar onde, hoje, Cristo quer ser encontrado. Reinterpretamo-nos de *dentro*, o interior do nosso contexto, na *comunidade de fé*, em *fidelidade criadora* ao mesmo Espírito, a partir do qual, o nosso Fundador escreveu o texto da sua vida.

~

BIBLIOGRAFIA

1. Fuentes

Cartas del Siervo de Dios, Enrique de Ossó, Ediciones STJ, Barcelona 1969, 592 p. (513 cartas).

Cartas (inéditas), AGSTJ.

Escritos de don Enrique de Ossó y Cervelló, fundador de la Compañía de Santa Teresa de Jesús. Altés, s.l., 1er. vol. 1347 p.; 2º vol., 855 p.; 3^{er} vol., 929 p., Barcelona 1977; 4º vol., Índices, 1076 p. Barcelona 1993.

Revista Santa Teresa de Jesús. ENRIQUE DE OSSÓ, Dir. Barcelona, Tipografía Católica, 1872-Año I a 1896-Año XXIV.

OSSÓ, ENRIQUE DE, *El Cuarto de Hora de Oración, según las enseñanzas de la Seráfica Virgen y Doctora Santa Teresa de Jesús*, 1a. Edición. Tipografía Católica. Barcelona 1874, 219 p.

OSSÓ, ENRIQUE DE, *La familia modelo. Una católica y española*. Escrito inédito, AGSTJ.

OSSÓ, ENRIQUE DE, *Práctica del examen particular y general*. Tipografía Teresiana, Barcelona 1891, 44 p.

OSSÓ, ENRIQUE DE, *Rudimentos de la Historia de España*. Tipografía Teresiana, Barcelona 1893, 68 p.

OSSÓ, ENRIQUE DE, *Rudimentos de Historia Sagrada*, 2ª. Ed. Tipografía Teresiana. Barcelona 1896, 96 p.

OSSÓ, ENRIQUE DE, *Rudimentos de Religión y Moral*, 3ª. Ed. Tipografía Teresiana. Barcelona 1905, 144 p.

SACRA CONGREGATIO PRO CAUSIS SANCTORUM, *Relatio et vota Congressus peculiaris super virtutibus, Tipografía Guerra e Belli. Roma 1975, 90 p.*

SACRA CONGREGATIO PRO CAUSIS SANCTORUM, *Derthusen seu Barcinonen. Beatificationes et Canonizationis Servi Dei Henrici de Ossó y Cervelló. Positio super virtutibus. Summarium. Roma 1975. 620 p.*

2. Estudios

• Sobre HENRIQUE DE OSSÓ

ALTÉS Y ALABART, J. B., Pbro., *Cuentos estudiantiles... y otros que no lo son*. Imprenta de F. Altés y Alabart. Barcelona 1911, 219 p.

ALTÉS Y ALABART, J. B., Pbro., *Don Enrique de Ossó y Cervelló, Pbro.* Ed. Altés, Barcelona 1926, 227 p.

ÁLVAREZ, TOMÁS, *Un inédito de Enrique de Ossó seminarista*, en *Mano de oro. Enrique de Ossó, sacerdote y teresianista*. Editorial Monte Carmelo, Burgos 1979, pp. 439-443.

ARTOLA, Ma. DOLORES, s.t.j., *Transformación e identificación con Cristo, según Rom. 8, 29; Ga. 4, 19 y 2, 20a, en los escritos de Don Enrique de Ossó*. Tesis para el Magisterio de Ciencias Religiosas. Roma 1978, 83 p. En AGSTJ.

A.A.V.V., *Mano de oro. Enrique de Ossó, sacerdote y teresianista*. Editorial Monte Carmelo. Burgos 1979, 560 p.

CRUZ, TOMÁS DE LA, *El Apóstol Teresiano del siglo XIX*, [s/editorial y s/fecha], 64 p.

GABERNET, JOAN, *Un contestatario leal*. Trad. del catalán por Ma. Victoria Molins, s.t.j., y Mercè Basté, s.t.j. Sociedad de Educación Atenas y Ediciones STJ, Barcelona 1987, 373 p.

GABERNET, JOAN, *Tres amigos insignes. Presentes en la Revista Teresiana*, en *Mano de oro. Enrique de Ossó, sacerdote*

- y *teresianista*. Editorial Monte Carmelo, Burgos 1979, pp. 379-386.
- GABERNET, JOAN, *Los amigos del Beato Enrique de Ossó*, en *Mano de oro*. Editorial Monte Carmelo, Burgos 1979, pp. 289-323.
- GASPAR, LAURINDA, *Don Enrique de Ossó, hombre de fe*. Tesis para la licenciatura en Ciencias Religiosas. Roma 1977, 86 p. En AGSTJ.
- GONZÁLEZ MARTÍN, M., *Enrique de Ossó. La fuerza del sacerdocio*. Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), Madrid 1983, 486 p.
- JIMÉNEZ DUQUE, BALDOMERO, *El escritor, en Mano de oro. Enrique de Ossó sacerdote y teresianista*. Editorial Monte Carmelo, Burgos 1992, pp. 83-95.
- MORENO, CARIDAD, *La Persona de Jesucristo en el carisma de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*, Tesis para la Licenciatura en Ciencias Religiosas. Roma 1977, 105 p. En AGSTJ.
- RUBIO CASTRO, ÁNGEL, *Pensamiento y obra catequética de Enrique de Ossó*. Tau, Ávila. Toledo 1992, 258 p.
- STJ, Editor, *Historia de la Compañía de Santa Teresa de Jesús, 1876-1932*. Ediciones STJ. Barcelona 1969, 760 p.
- VALSANZIBIO, SILVESTRO DA, *Il Servo di Dio Don Enrico de Ossó. Il martello del laicismo*. Padova 1965, 18 p.
- VALSANZIBIO, SILVESTRO DA, *Don Enrico de Ossó e la vita occulta di Gesù*, En la Rivista di pastorale *Perfice Munus*, JOSE COTTINO, dir. Padova, mayo 1967, pp. 265-272.
- VALSANZIBIO, SILVESTRO DA, *La devozione a S. Giuseppe nell'opera di Don Enrico de Ossó (1840-1896)*. Editorial Miscellanea Franciscana, Roma 1967, 51 p.
- VALSANZIBIO, SILVESTRO DA, ofmc, *Los intereses de Jesús en el Beato Enrique de Ossó y Cervelló*. Trad. del italiano por Benjamín Civera. Ediciones STJ, Barcelona 1981, 68 p.
- VOLPE VELLACICH, GLORIA, *Enrique de Ossó y Cervelló. Educador y Pedagogo*. Tesis. Instituto Universitario Pareggiato di Magistero Maria SS. Assunta, Roma 1974 (Capítulo I, pp. 1- 24).

• Sobre ESPIRITUALIDADE

- BERNARD, CHARLES A., *Teologia spirituale*. Edizione Paoline, Roma 1983, 542 p.
- BORRIELO, L., CROCE, G. DELLA, SECONDIN, B., *La spiritualità cristiana nell'età contemporanea*, en Storia della spiritualità, Vol. 6. Edizioni Borla, Roma 1985, 503 p.
- CIARDI, FABIO, *Los fundadores hombres del Espíritu*, Ediciones Paulinas. Madrid 1983, 375 p.
- FIORES, S. DE, GOFFI, T., GUERRA, A., dir. *Nuevo diccionario de espiritualidad*, 4ª. Ed. Ediciones Paulinas, Madrid 1991, 1987 p.
- GUIBERT, JOSEPH, *La spiritualità della Compagnia di Gesù*. Città Nuova Editrice. ROMA 1992, p. 543.
- HERRÁIZ GARCÍA, M., ocd, *La oración, historia de amistad*. Editorial de espiritualidad. Madrid 1981, 204 p.
- JIMENEZ DUQUE, BALDOMERO, y LUIS SALA BALUST, dir., *Historia de la Espiritualidad, A. Espiritualidad católica. Vol. II. Espiritualidades del Renacimiento, barroca e ilustrada, romántica y contemporánea*. Barcelona, JUAN FLORS, Editor, 1969.
- JIMENEZ DUQUE, BALDOMERO, *La espiritualidad en el siglo XIX español*. Editores: Universidad Pontificia de Salamanca, Fundación Universitaria Española. Madrid 1974, 232 p.
- JIMÉNEZ DUQUE, BALDOMERO, *Espiritualidad y apostolado*, en: GARCÍA VILLOSLADA, R., dir., *Historia de la Iglesia en España*, Tomo V, *La Iglesia en la España contemporánea (1808-1975)*, dir., CÁRCEL ORTÍ, V. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1979, pp. 395-474.
- MACCISE, C., ocd, *El camino cristiano en la historia*. CEVHAC, Apuntes, México 1989, 354 p.
- MACCISE, C., ocd, *La espiritualidad de la nueva evangelización*. Centro de reflexión teológica, A.C. México 1990, 93 p.
- MARTÍN HERNÁNDEZ, FRANCISCO, *1. Situación religiosa de la Iglesia en el siglo XIX*, en: JIMENEZ DUQUE, B., y LUIS SALA B, dir., *Historia de la Espiritualidad, Vol. II*, pp. 449- 479.
- MATANIC'ATANASIO G., *La spiritualità come scienza. Introduzione metodologica allo studio della vita spirituale*

cristiana. Edizione Paoline, Torino 1990, 194 p.

- MIDALI, MARIO, sdb, (a cura di), *Spiritualità dell'azione. Contributo per un approfondimento*, LAS-Roma, 1977, 302 p.
- MOIOLI, GIOVANNI, *L'esperienza spirituale. Lezioni introduttive*. A cura di CLAUDIO STERCAL del Centro Giovanni Moioli. Milano, Glossa, 1992.
- RÚZ SALVADOR, FEDERICO, *Caminos del espíritu. Compendio de teología espiritual*. Madrid, Editorial de Espiritualidad, 1974, 534 p.
- STJ, *Savia que circula... Relectura de la Espiritualidad Teresiana*, Guadalajara, Editorial Enrique de Ossó, octubre 2003, 90p.
- TABORDA, FRANCISCO, sj, *Evangelización para el Tercer milenio*. CLAR, Bogotá, 1994, 166p.
- TONELLI, R., sdb, *Una spiritualità per la vita quotidiana*. Editrice Elle di ci, Torino 1990, 173 p.

• Sobre HISTÓRIA

- ARTOLA, MIGUEL, *La burguesía revolucionaria (1808-1874)*, en: *Historia de España*, Miguel Artola, dir. Alianza Editorial Alfaguara, Madrid 1977, 446 p.
- CÁRCEL ORTÍ, VICENTE, *El liberalismo en el poder (1833-1868)*, en: GARCÍA VILLOSLADA, R., dir., *Historia de la Iglesia en España*, Vol. V. BAC, Madrid 1979, 805 p.
- DÍAZ PLAJA, FERNANDO, *Otra historia de España*. Plaza & Janes, S.A. Editores, Barcelona 1973, 630 p.
- GARCÍA VILLOSLADA, RICARDO, *Historia de la Iglesia en España. La España contemporánea (1808-1975)*, Vol. V, dir. por Vicente Cárcel Ortí. BAC, Madrid 1979.
- LORTZ, JOSEPH, *Historia de la Iglesia*, Ediciones Guadarrama, Madrid 1962, 739 p.
- VALVERDE, CARLOS, *Los católicos y la cultura española*, en GARCÍA VILLOSLADA, R., dir., *Historia de la Iglesia en España*, Vol. V, *La Iglesia en la España contemporánea (1808-1975)*, p. 475-573.
- QUINTÍN ALDEA VAQUERO, dir., *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, V Tomos. Instituto Enrique Flórez. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1972.

Consultados

- A.A.V.V., *Don Bosco en la Historia*, PRELLEZO GARCÍA, J. M., dir. de la edición en castellano. LAS-Roma, Editorial CCS- Madrid 1990, 568 p.
- A.A.V.V., *Vida religiosa apostólica: fundamento y notas esenciales*, en: *Vida Religiosa*, vol. 56, n. 3, mayo 1984.
- A.A.V.V., *San Francesco di Sales e i Salesiani di Don Bosco*, a cura di J. Picca e J. Strus. LAS-ROMA, 1992, 342 p.
- ALDEA, Q., *Ossó y Cervelló, Enrique de*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 1849-1850.
- ALDEA, Q., *Patrimonio*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 1888-1897.
- ÁLVAREZ, T., y CASTELLANO, J., *Teresa de Jesús nos enseña a orar*, Editorial Monte Carmelo, Burgos 1981, 247 p.
- BORREGO, J., *Balmes, Jaime*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 179-180.
- CABALLERO, J., *Corazón de Jesús en España (Devoción)*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 612- 614.
- CABALLERO, J., *Apostolado de la oración*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 73-74.
- CUENCA, J.M., *Iglesia y Estado. Siglos XVIII-XX(1789-1903)*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 1160-1174.

- CUENCA, J.M., *Integrismo*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 1203-1206.
- FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M., *Sociedades Secretas en España*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 2497-2498.
- FERRER, J.A., *Masonería española*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 1145-1146.
- FERRER, J.A., *Regalismo*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 2066-2067.
- GRZESZCZYK, THADEE, cc, *El carisma de los fundadores*. Traducido al español por STJ. Roma 1974, 62 p.
- HOZ, FRANCISCO DE LA, sdb, *Obras selectas de San Francisco de Sales*, BAC. Vol. I, Madrid 1953, 798 p. Vol. II, Madrid 1954, 961 p.
- HUERGA, A., *Escolástica. (La restauración: Del Concilio Vaticano I al Concilio Vaticano II, siglos XIX y XX)*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 840-849.
- JAVIERRE, JOSÉ MARÍA, *Reportaje a Mosén Sol. Un hombre bueno y audaz*. Madrid, Sociedad de Educación Atenas, 1987. 354 p.
- LEÓN, FR. LUIS DE, *Los nombres de Cristo*, Ed. XVIII. Apostolado de la Prensa. Madrid 1923, 478 p.
- MÁRQUEZ, A., *Inquisición*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 1194-1199.
- MÁRQUEZ, A., *Catolicismo social*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 387-399.
- MARRERO, D., *Teresianas (Compañía de Santa Teresa de Jesús, STJ)*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 2556-2557.
- MARTÍN TEJEDOR, J., *Concilio Vaticano I*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 496-515.
- ROMÁN, JOSÉ M., *San Vicente de Paúl*, I Biografía. BAC, Madrid 1981, 707 p.
- SALAZAR, J. DE, *Concordato de 1851*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 581-595.
- SANTA TERESA DE JESÚS, *Camino de Perfección*, en *Obras completas*. Texto revisado y anotado por Fr. Tomás de la Cruz, ocd. 2ª. ed. Editorial Monte Carmelo. Burgos 1977, 1756 p.
- SILVA, R., *Cristología (III. Período Moderno)*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 640-643.
- SIMÓN, F., *Desamortización religiosa en el siglo XIX*, en: *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid, 1972, pp. 743-746.

~